STEPHEN KING
RICHARD BACHMAN
BLAZE
Exilado dos livros

STEPHEN KING

Escrevendo Como

RICHARD BACHMAN

BLAZE

Tradução livre de: **Boni**
Isso e muito mais em http://www.KingOfMaine.com.br O melhor site sobre Stephen King do Brasil.

Para Tommy e Lori Spruce

E Pensando em James T. Farrell

“Estas são as escórias do coração.”

John D. MacDonald

TRANSPARÊNCIA ABSOLUTA

Querido Leitor Constante,

Esta é uma novela de baú, certo? Eu quero que você saiba disso enquanto ainda tem o recibo de compra, e antes de manchá-la com molho de carne ou sorvete, assim tornando as coisas difíceis ou impossíveis se você quiser devolver[1]*. Esta é uma novela de baú revisada e atualizada, mas isso não muda o fato básico. O nome Bachman*

está na capa porque é a última novela de 1966 a 1973, que foi o período de grande produtividade daquele cavalheiro.

Durante esses anos eu era na verdade dois homens. Eu era Stephen King que escrevia (e vendia) histórias de terror a revistas atrevidas como a Cavalier e a Adam[2]*, mas era Bachman quem escrevia as novelas que ninguém comprava.*

Elas incluem Fúria[3]*, A Longa Marcha, A Auto-Estrada, e O Concorrente*[4]*.*

Todas as quatro foram publicadas em brochuras originais.

Blaze foi a última destas novelas primordiais... a quinta quarta parte, se você preferir. Ou apenas mais uma novela de baú de um escritor conhecido, se você insistir. Ela foi escrita no fim de 1972 e começo de 1973. Eu achei que era incrível enquanto eu escrevia, e uma droga quando eu a li. Minha recordação é de que eu nunca a mostrei para uma única editora—nem mesmo a Doubleday, de onde eu tinha feito um amigo chamado William G. Thompson. Bill era o cara que mais tarde descobriria John Grisham, e foi Bill quem franziu o cenho para o livro a seguir, Blaze, um retorcido, mas razoavelmente divertido

conto de noite de baile no centro do Maine[5].

Eu me esqueci de Blaze por alguns anos. Então, depois que outros Bachmans primordiais haviam sido publicados, eu o peguei e dei uma olhada.

Depois de ler as primeiras vinte páginas, mais ou menos, eu decidi que meu primeiro julgamento estava correto, e o recoloquei atrás das cortinas. Eu achei que a escrita estava legal, mas a história me lembrava de algo que Oscar Wilde dissera uma vez. Ele clamou que era impossível ler A Velha Loja de Curiosidades sem despejar rios de lágrimas de risos[6].

Então Blaze foi esquecido, mas nunca realmente perdido. Estava apenas enfiado em algum canto da Biblioteca Fogler na Universidade do Maine com o resto de suas coisas de Stephen King/Richard Bachman.

Blaze acabou passando seus próximos trinta anos na escuridão[7]*. E então eu publiquei uma fina brochura original chamada O Rapaz do Colorado em uma editora chamada Hard Case Crime. Esta linha de livros, idéia original de um cara muito legal e esperto chamado Charles Ardai, se dedicou a reviver as velhas novelas "noir" e hardboiled*[8]*, e publicar novas. O Rapaz foi decididamente um livro leve, mas*

Charles decidiu publicar assim mesmo, com uma daquelas velhas e incríveis capas de brochura[9]. *O projeto inteiro foi um estouro... tirando o fato dos baixos pagamentos de direitos autorais*[10].

Mais ou menos um ano depois, eu achei que talvez devesse seguir pela estrada da Hard Case novamente, possivelmente com algo que fosse mais pesado.

Meus pensamentos se direcionaram a Blaze pela primeira vez em anos, mas no vagão traseiro vinha a maldita frase de Oscar Wilde sobre A Velha Loja de Curiosidades. O Blaze da qual eu me lembrava não era nem noir ou

hardboiled, mas um chorão de primeira. Ainda assim, eu decidi que não machucaria dar uma olhada. Se, é claro, o livro pudesse ao menos ser achado. Eu me lembrava da caixa, eu me lembrava da máquina quadrada (a velha máquina de escrever de faculdade de minha esposa Tabitha, uma Olivetti portátil, impossível de se matar), mas eu não tinha idéia do que tinha acontecido ao manuscrito que supostamente estava dentro da caixa. Pelo que eu sabia, ele se fora, querida, se fora[11].

Mas ele não se fora. Marsha, uma de minhas duas assistentes valorosas, o achou na Biblioteca Fogler. Ela não

me confiou o manuscrito original (eu, hã, perco coisas), mas ela fez uma Xerox. Eu deveria estar usando uma máquina de escrever quase morta quando compus Blaze, porque a cópia estava escassamente legível, e as notas nas margens não eram mais do que borrões. Ainda assim, eu sentei com ele e comecei a ler, pronto para sofrer as dores da vergonha que apenas um eu mais jovem e metido a espertalhão pode providenciar.

Mas eu pensei que certamente era melhor do que A Auto-Estrada, que eu tinha, na época, considerado um pensamento corrente da ficção Americana. Não era apenas uma novela

noir. Era, ao invés disso, uma punhalada na veia de naturalismo-com-crime que James M. Cain e Horace McCoy praticavam nos anos trinta[12]. Eu pensei que os flashbacks eram na verdade melhores do que a história central. Eles me lembraram da trilogia do Jovem Lonigan de James T. Farell, e da esquecida (mas deliciosa) Gas-House McGinty. É certo de que eram três Ps nos lugares[13], mas haviam sido escritos por um jovem (eu tinha vinte e cinco) que estava convencido de que estava ESCREVENDO PARA ENTRAR NA HISTÓRIA.

Eu achei que Blaze poderia ser

reescrito e publicado sem muita vergonha, mas provavelmente seria errado fazê-lo pela Hard Case Crime. Não era, em certo ponto, uma novela de crime. Eu achei que poderia ser uma pequena tragédia da classe baixa, se a reescrita fosse impiedosa. Para esse fim, eu adotei os tons achatados e secos que parecem ser parte das melhores ficções noir, até mesmo usando uma fonte chamada "American Typewriter" para lembrar a mim mesmo o que eu estava fazendo. Eu trabalhei rápido, sem nunca olhar para frente ou para trás, também querendo capturar a corrida precipitada desses livros (eu estou pensando mais em Jim Thompson e Richard Stark aqui do que

em Cain, McCoy, ou Farrell). Eu pensei em fazer minhas revisões no final, com uma caneta, ao invés de editar no computador, como é moda agora. Se o livro seria uma viagem no tempo, eu queria brincar com isso ao invés de intimidá-lo e espantá-lo. Eu também estava determinado a me despir de todos os sentimentos que poderia ter da própria escrita, eu queria que o livro finalizado fosse rígido como uma casa vazia sem nem ao menos um tapete no chão. Minha mãe teria dito "Eu queria que sua cara vazia estivesse para o lado de fora". Apenas o leitor poderá julgar se eu tive sucesso.

Se você se importar (não deverá ser o caso—felizmente você veio atrás de uma boa história, e felizmente você terá uma), todos os direitos autorais e lucros subsidiários gerados por Blaze irão para a Fundação Haven, que foi criada para ajudar artistas free-lancers que estão sem sorte[14].

Outra coisa, eu acho, enquanto eu ainda te tenho preso pela lapela; Eu tentei manter o tempo em que se passa a história de Blaze o mais vago possível, para que não parecesse datado demais[15]. *Era impossível tirar todos os materiais datados, entretanto; manter alguns deles era importante para a trama*[16]. *Se você pensar no*

tempo desta história como "América, Não Muito Tempo Atrás", acho que você ficará bem.

Posso fechar o assunto circulando de volta para onde eu comecei? Esta é uma novela velha, mas eu acredito que eu estava errado em minha avaliação inicial de que era uma novela ruim. Você pode discordar, mas Pequena Vendedora de Fósforos, não é. Como sempre, Leitor Constante, eu lhe desejo tudo de bom, e obrigado por ler esta história, e eu espero que você goste dela. Eu não direi que espero que você fique com os olhos molhados, mas—é. É, eu vou dizer isso. Apenas enquanto estas lágrimas não forem de risos.

Stephen King (por Richard Bachman)

Sarasota, Flórida,

30 de Janeiro de 2007.

CAPÍTULO 1

GEORGE ESTAVA EM ALGUM LUGAR na escuridão. Blaze não podia vê-lo, mas a voz chegou alta e clara, grosseira e um pouco rouca. George sempre soava como se estivesse gripado. Ele tivera um acidente quando criança.

Ele nunca disse o que foi, mas havia uma extraordinária cicatriz em seu pomo de Adão.

— Esse não, seu boboca, ele tem adesivos pregados em toda a parte. Pegue um Chevy ou um Ford. Azul escuro ou verde. Dois anos de idade.

Nem mais, nem menos. Ninguém se lembra deles. E sem adesivos.

Blaze passou pelo pequeno carro com adesivos no pára-choque e continuou a andar. A fraca batida do baixo o alcançou mesmo aqui, no canto mais longínquo do estacionamento do bar. Era noite de sábado e o lugar estava apinhado. O ar estava amargamente frio. Ele havia lhe dado carona para a cidade, mas agora ele já estava no ar aberto por quarenta minutos, e suas orelhas estavam dormentes. Ele havia esquecido seu chapéu. Ele sempre se esquecia de alguma coisa. Ele havia começado a tirar suas mãos dos bolsos de sua jaqueta, e colocá-las em cima das orelhas, mas George o proibiu. George

disse que suas orelhas poderiam congelar, mas suas mãos não. Você não precisava de suas orelhas para fazer uma ligação direta em um carro. Fazia três graus acima de zero.

— Ali. — George disse. — À sua direita.

Blaze olhou e viu um Saab. Com um adesivo. Ele não parecia o tipo certo de carro, afinal de contas.

— Essa é a sua esquerda. — George disse. — À sua direita, boboca. O lado da mão com que você tira caraca.

— Me desculpe, George.

Sim, ele estava sendo boboca novamente. Ele poderia tirar caraca do nariz com qualquer uma das mãos, mas

ele conhecia a direita, a mão com que você escreve. Ele pensou nessa mão e olhou para o outro lado. Havia um Ford verde escuro lá.

Blaze andou até o Ford, elaboradamente casual. Ele olhou por cima dos ombros. O ponto de cerveja era um bar universitário chamado O Saco. Esse era um nome idiota, um saco era como você chamava suas bolas. Era um bar de rua.

Lá havia uma banda nas noites de sexta-feira e sábado. Estaria cheio de gente, e quente lá dentro, várias garotinhas de saias curtas dançando como uma tempestade. Seria bom entrar, dar uma olhada em volta.

— O que você acha que está fazendo? — George perguntou. — Passeando pela Avenida Commonwealth? Você não poderia enganar minha velha avó cega. Apenas faça o trabalho, tá?

— Certo, eu estava apenas…

— É, eu sei o que você estava fazendo. Mantenha sua cabeça em seu trabalho.

— Certo.

— O que você é, Blaze?

Ele baixou a cabeça, puxou catarro.

— Eu sou um boboca.

George sempre disse que não havia vergonha nisso, mas era um fato e isso você tinha que reconhecer. Você não

poderia enganar ninguém os fazendo achar que você era esperto. Eles olhavam para você e viam a verdade: as luzes estavam acesas, mas não havia ninguém em casa. Se você era um boboca, você tinha apenas que cumprir seu trabalho e dar o fora. E se você fosse pego, você iria confessar tudo, exceto os caras que estavam com você, porque eles arrancariam todo resto de você no final, de qualquer forma. George dizia que as mentiras dos bobocas não valiam merda.

Blaze tirou as mãos dos bolsos e as flexionou duas vezes. O nós estalaram no ar gelado.

— Está pronto, grandão? — George perguntou.

— Sim.

— Então eu vou tomar uma cerveja. Cuide disso.

Blaze começou a sentir pânico. A coisa subiu pela sua garganta.

— Ei, não, eu nunca fiz isso antes. Eu apenas te via fazer.

— Bem, desta vez você vai fazer mais do que ver.

— Mas…

Ele parou. Não havia sentido em continuar, a não ser que ele quisesse gritar. Ele pôde ouvir o som triturado de neve esmagada enquanto George seguia na direção do ponto de cerveja. Logo suas pegadas estavam perdidas nas

batidas de coração do baixo.

— Jesus. — Blaze disse. — Oh, Jesus Cristo.

E seus dedos estavam ficando frios. A esta temperatura eles ficariam bem por apenas cinco minutos. Talvez menos. Ele deu a volta para chegar à porta do motorista, achando que a porta estaria fechada. Se a porta estivesse fechada, o carro era inútil porque ele não tinha o "Jim Fino", George tinha o Jim Fino. Só que a porta estava destravada. Ele abriu a porta, entrou, achou a trava do capô, e o puxou. Então ele deu a volta, procurando pela segunda trava, a achou, e içou o capô.

Havia uma pequena lanterna em seu

bolso. Ele a pegou. Ele a ligou e jogou a luz sobre o motor.

Para achar o fio da ignição.

Mas aquilo parecia um espaguete. Cabos de bateria, mangueiras, fios e plugues, a mangueira de gasolina– Ele ficou lá parado com o suor descendo pelos lados de seu rosto e congelando em suas bochechas. Isso não era bom. Isso nunca seria bom. E de súbito ele teve uma idéia. Não era uma idéia muito boa, mas ele não tinha muitas, e quando ele tinha uma, ele tinha que persegui-la. Ele voltou ao assento do motorista e abriu a porta de novo. A luz acendeu, mas ele não pôde evitar isso. Se alguém o visse ali, apenas pensariam que ele estava tendo problemas para ligar o

carro. Claro, em uma noite fria como esta, isso fazia sentido, não fazia? Nem mesmo George poderia magoá-lo por essa. Não muito, de qualquer forma.

Ele abaixou a viseira acima do volante, esperando que uma chave pudesse cair de lá, às vezes as pessoas a guardavam lá, mas não havia nada exceto um velho raspador de gelo. Isso caiu. Ele tentou o porta-luvas em seguida. Estava cheio de papéis. Ele os jogou no chão do carro, ajoelhando-se no assento para fazê-lo, sua respiração estava ofegante. Havia papéis, e uma caixa de pastilhas de chocolate com menta, mas nada de chaves.

Está vendo, seu maldito boboca, ele

ouviu George dizer, *está satisfeito agora? Pronto para ao menos tentar fazer uma ligação direta agora?*

Ele supôs que estivesse. Ele supôs que poderia romper alguns fios e os juntar como George fazia e ver o que acontecia. Ele fechou a porta e começou a andar para frente do Ford novamente com sua cabeça abaixada. Então ele parou.

Uma nova idéia o atingira. Ele voltou, abriu a porta, se abaixou, levantou o tapete do carro, e lá estava. A chave não dizia FORD nela, não dizia nada porque era falsa, mas ela tinha a cabeça quadrada e tudo mais.

Blaze a pegou e beijou o metal frio.

Abri o carro, ele pensou. Então ele pensou: *Abri o carro e a chave embaixo do tapete do caro*. Então ele pensou: *Eu num sou o cara mais burro hoje à noite, afinal de contas, George*.

Ele sentou atrás do volante, fechou a porta, colocou a chave no buraco da ignição—ela entrou bem—então ele percebeu que não conseguia ver o estacionamento porque o capô ainda esta içado. Ele olhou em volta rapidamente, primeiro para um lado, depois para o outro, se certificando de que George não havia decidido voltar e ajudá-lo. George nunca deixaria barato se ele visse que o capô ainda estava içado daquele jeito. Mas George não estava lá. Ninguém estava lá. O estacionamento era uma

tundra de carros.

Blaze saiu e fechou o capô. Então ele voltou para dentro do carro e parou no ato de tocar a maçaneta da porta. E quanto a George? Ele deveria entrar naquela fazenda de cerveja e pegá-lo? Blaze ficou sentado, franzindo a testa, com a cabeça abaixada. A lâmpada jogava uma luz amarela em suas grandes mãos.

Adivinha só, ele pensou, levantando a cabeça finalmente. *Foda-se ele*.

— Foda-se, George. — ele disse. George o havia deixado para que ele pegasse uma carona, apenas para encontrá-lo aqui, e então deixara novamente. O deixou para fazer o

trabalho sujo, e foi apenas pela mais idiota das sortes idiotas que Blaze encontrara uma chave, então que George se fodesse. Deixe-o usar o polegar para pegar uma carona a três graus acima de zero.

Blaze fechou a porta, engatou a primeira, e saiu do estacionamento. Assim que chegou na pista, ele pisou forte e o Ford saltou, zigue-zagueando como uma cauda de peixe na neve dura. Ele pisou no freio, rígido com o pânico. O que ele estava fazendo? No que ele estava pensando? Ir sem George? Ele seria pego antes de dirigir nove quilômetros. Seria pego provavelmente no primeiro sinal.

Ele não poderia ir sem George.

Mas George estava morto.

Isso era besteira. George estava bem ali. Ele havia entrado para tomar uma cerveja.

Ele está morto.

— Oh, George. — Blaze gemeu. Ele estava curvado por cima do volante.

— Oh, George, não esteja morto.

Ele ficou ali sentado por um tempo. O motor do Ford soava bem. Não estava engasgando ou coisa assim, mesmo no frio. O medidor de gasolina dizia que ainda tinha três quartos. O exaustor refletido no retrovisor estava branco e congelado.

George não saiu do ponto de cerveja.

Ele não poderia sair porque ele nunca entrara. George estava morto. Estava morto há três meses. Blaze começou a tremer.

Depois de um tempinho ele se controlou. Ele começou a dirigir. Ninguém o parou no primeiro sinal, nem no segundo. Ninguém o parou durante todo o trajeto para fora da cidade. Na hora em que ele chegara ao cume da cidade, ele estava indo a cinqüenta. Às vezes o carro deslizava um pouco nos caminhos de gelo, mas isso não o preocupava. Ele apenas virava com o deslize. Ele dirigia por estradas cobertas de gelo desde que era adolescente.

Fora da cidade ele forçou o Ford a

sessenta e o deixou correr. Os faróis altos cutucavam a estrada com dedos reluzentes e ressaltavam brilhantemente os bancos de neve nas laterais. Cara, haveria um universitário surpreso quando ele levasse sua namorada de volta para o estacionamento vazio. Ela olharia para ele e diria "Você é um boboca, eu num vou sair com você de novo, nem aqui, nem em lugar nenhum".

— "Não". – Blaze disse. — Se ela fosse uma universitária, ela diria "não", ao invés de "num".

Isso o fez sorrir. O sorriso mudou totalmente seu rosto. Ele ligou o rádio.

Estava sintonizado em uma rádio de rock. Blaze girou o botão até achar a

estação que tocasse country. No momento em que ele chegava à cabana, ele estava cantando junto com o rádio o mais alto que podia, e havia esquecido tudo sobre George.

CAPÍTULO 2

MAS ELE SE LEMBROU na manhã seguinte.

Essa era a maldição de ser um boboca. Você era sempre surpreendido pela tristeza porque você nunca conseguia se lembrar das coisas importantes. As únicas coisas que ficavam grudadas eram coisas idiotas. Como aquele poema que a Sra. Selig os fez decorar na quinta série: Sob a ampla castanheira, o ferreiro da vila está. O que havia de bom nisso? O que havia de bom em se pegar descascando batatas para dois sabendo que você não precisava

descascar batata para dois, porque o outro cara nunca mais iria comer uma batata?

Bem, talvez não fosse tristeza. Talvez essa palavra não fosse a palavra certa. Não se isso significasse chorar e bater a cabeça contra a parede. Você não faria isso por gentalha como George. Mas havia solidão. E havia medo.

George diria: “Jesus, quer fazer o favor de trocar de cueca? Essas coisas estão prontas para se levantarem sozinhas. Elas são nojentas”.

George diria: “Você amarrou apenas um, bobalhão”.

George diria: “Ah, porra, vire-se, que eu ajeito. E como cuidar de um bebê”.

Quando ele se levantou na manhã seguinte após ter roubado o Ford, George estava sentado na outra sala. Blaze não podia vê-lo, mas ele sabia que ele estava sentado na cadeira de balanço quebrada, como sempre, com sua cabeça abaixada, de modo que seu queixo quase tocasse seu peito. A primeira coisa que ele disse foi, “Você fodeu tudo de novo, Gorilão. Meus para-foda-béns”.

Blaze chiou quando seus pés tocaram o chão frio. Então ele colocou os sapatos. Pelado, exceto por eles, ele correu e olhou pela janela. Nenhum carro.

Ele suspirou de alívio. O suspiro saiu em um pequeno vapor que ele pôde ver.

— Não, eu não. Eu o coloquei na oficina, bem como você me disse.

— Você não se livrou das malditas marcas de pneus, não é? Por que você não põe uma placa, Blaze? POR AQUI PARA ACHAR A CARANGA. Você poderia até cobrar ingressos. Por que você simplesmente não faz isso?

— Ah, George…

— "Ah, George, ah, George". Vá lá pra fora e limpe as marcas.

— Certo. — ele foi em direção à porta.

— Blaze?

— O que é?

— Primeiro ponha a porra da sua calça, não é?

Blaze sentiu seu rosto queimar.

— Como uma criança. — George disse, soando conformado. — Uma que já pode se barbear.

George sabia como ser grudento, tudo bem. Só que ele finalmente havia se grudado ao cara errado, constante e longe demais. Era assim que você terminava morto, sem nada de inteligente para dizer. Agora George estava simplesmente morto, e Blaze estava imaginando sua voz em sua cabeça, dando a ele as boas frases. George estivera morto desde aquele lance de merda no armazém.

Eu estou louco apenas por tentar seguir em frente com isso, Blaze

pensou.

Um demente como eu.

Mas ele colocou sua cueca (checando-a cuidadosamente em busca de manchas primeiro), então uma camisa térmica, e então uma blusa de flanela, e um par de calças de veludo cotelê pesada. Suas botas das Sears estavam embaixo da cama. Sua jaqueta do Exército estava pendurada na maçaneta da porta. Ele caçou suas luvas e finalmente as achou na prateleira acima do forno à lenha dilapidado, na combinação cozinha-sala de estar. Ele pegou seu boné xadrez com abas para orelhas e o colocou, cuidadosamente para dar ao visor uma pequena entortada de boa sorte para esquerda. Então ele saiu e pegou a

vassoura encostada contra a porta.

A manhã estava brilhante e amarga. A umidade em seu nariz crepitou imediatamente. Um sopro de vento jogou neve, tão fácil quanto açúcar, em seu rosto, fazendo-o estremecer. Estava tudo bem para George dar ordens. George estava lá dentro bebendo café ao lado do forno. Como na última noite, saindo para tomar uma cerveja, deixando Blaze para tentar descobrir como pegar o carro. E lá ele ainda estaria se não houvesse tido a sorte idiota de achar as chaves em algum lugar, sob o tapete ou no porta-luvas, ele se esquecera de onde. Às vezes ele achava que George não era um amigo muito bom.

Ele varreu as marcas com a vassoura,

pausando vários minutos para admirá-las antes de começar. Como o chão se erguia ao lado das marcas, jogando sombras, na maior parte, pequenas coisas perfeitas. Era engraçado como pequenas coisas poderiam ser tão perfeitas, e ninguém nunca as via. Ele olhou para isso até se cansar de olhar (não havia George para lhe apressar), e então continuou a trabalhar até a pequena entrada na estrada, varrendo as marcas. O limpa-neve havia passado por lá à noite, empurrando as dunas de neve, que o vento fazia por estas estradas do interior, onde havia campos abertos nos dois lados, fazendo todas as outras marcas de pneus desaparecerem.

Blaze voltou para a cabana pisando

firme. Ele entrou. Agora ele se sentia aquecido lá dentro. Ao sair da cama ele havia sentido frio, mas agora ele estava aquecido. Isso era engraçado também—como sua percepção das coisas poderia mudar. Ele tirou seu casaco e suas botas, sua blusa de flanela, e sentou à mesa com sua camisa e suas calças de veludo. Ele ligou o rádio e ficou surpreso quando ele não tocou o rock que George gostava, mas um country animador.

Loretta Lynn cantava que sua boa garota iria ficar má. George teria rido e dito algo como "Isso mesmo, querida—você pode ficar má em cima da minha cara."

E Blaze riria também, mas no fundo aquela canção sempre o fazia se sentir

triste.

Várias músicas country faziam isso.

Quando o café ficou quente, ele se levantou e serviu dois copos. Ele cobriu um com creme e chamou.

— George? Aqui está seu café, chefão! Não o deixe esfriar!

Nenhuma resposta.

Ele olhou para o café branco. Ele não bebia café assim, mas e daí?

Simplesmente e daí? Alguma coisa subiu sua garganta e ele quase vomitou o maldito café branco de George pela sala, mas então ele não o fez. Ele conseguiu entornar e engolir ao invés disso. Isso era controlar seu

temperamento. Quando você era um cara grande, você tinha que fazer isso, ou poderia se meter em encrencas.

Blaze ficou na cabana até depois do almoço. Então ele dirigiu o carro roubado para fora da oficina, parando perto da cozinha, tempo o suficiente para sair e jogar bolas de neve na placa do carro. Isso foi muito esperto. Vai fazer com que a placa fique difícil de ler.

— Mas o quê em nome de Deus você está fazendo? — George perguntou de dentro da oficina.

— Não importa. — Blaze disse. — Você está apenas dentro de minha cabeça, de qualquer forma. — ele pegou

o Ford e dirigiu até a estrada.

— Isso não é muito inteligente. — George disse. Agora ele estava no assento traseiro. — Você está dirigindo por aí com um carro roubado. Sem pintura nova, sem placa nova, nada. Onde você está indo?

Blaze não disse uma palavra.

— Você não vai para Ocoma, vai?

Blaze não disse uma palavra.

— Ah, porra, você vai. — George disse. — Puta que pariu. Já não basta a vez em que você teve que ir?

Blaze não disse uma palavra. Sua cabeça estava nas nuvens.

— Escute-me, Blaze. Dê a volta. Se

você for pego, já era. Tudo. O negócio todo.

Blaze sabia que isso estava certo, mas ele não voltaria. Por que era sempre George quem deveria dar as ordens? Mesmo morto, ele não parava de dar ordens.

Certo, era o plano de George, aquele grande golpe que os peixes pequenos sonham. "Apenas nós poderemos fazer isso acontecer", ele teria dito, geralmente quando estava bêbado ou chapado, e ele nunca acreditava realmente nisso.

Eles haviam passado a maior parte do tempo aplicando pequenos golpes em dupla, e na maioria das vezes George

parecia satisfeito com isso, não importava o que ele havia dito enquanto estava bêbado ou soltando fumaça.

Talvez o golpe de Ocoma Heights fosse apenas um jogo para George, ou o que ele às vezes chamava de masturbação mental, quando ele viu caras em ternos falando sobre política na TV. Blaze sabia que George era esperto. Mas era de sua coragem que ele nunca tivera certeza.

Mas agora que ele estava morto, que escolha sobrava? Blaze sozinho não era uma coisa boa. Na única vez em que ele tentou comandar um golpe depois da morte de George, ele teve que correr como um filho da puta para escapar de ser preso. Ele pegou o nome da mulher

na coluna do obituário do mesmo modo que George fazia, havia começado o lengalenga de George, havia mostrado a nota de crédito (havia um saco inteiro delas na cabana). Ele disse como estava triste de ter que ir até lá em tal triste hora, mas negócios eram negócios, e ele tinha certeza de que ela entenderia isso. Ela disse que entendia. Ela o convidou a aguardar no saguão enquanto ela pegava sua bolsa. Ele nunca suspeitou de que ela houvesse ido chamar a polícia. Se ela não tivesse voltado e apontado uma arma para ele, ele provavelmente ainda estaria lá esperando quando a polícia chegasse. Seu senso de tempo nunca foi bom.

Mas ela voltou com uma arma apontada

para ele. Era uma arma prateada de uma dama com pequenas rusgas nos lados e o cabo perolado.

— A polícia está a caminho. — ela disse. — Mas antes que eles cheguem aqui, eu quero que você se explique. Eu quero que você me diga que tipo de escroto baixo tenta roubar uma mulher cujo marido ainda nem esfriou em sua cova ainda.

Blaze não se importava com o que ela queria que ele dissesse. Ele se virou e correu para a porta, descendo a varanda. Ele poderia correr muito bem assim que começasse, mas ele era devagar em começar, e o pânico o fez ficar mais lento naquele dia. Se ela houvesse puxado o gatilho, ela teria posto uma

bala na parte de trás de sua grande cabeça, ou teria arrancado uma orelha, ou errado completamente. Com um cano pequeno como aquele, você não podia dizer com certeza. Mas ela nunca atirou.

Quando ele voltou para a cabana, ele estava meio que gemendo de medo e seu estômago estava amarrado em nós. Ele não estava com medo da cadeia ou da penitenciária, nem mesmo da polícia—embora ele soubesse que eles o fariam ficar confuso com suas perguntas, eles sempre faziam isso—mas ele estava com medo do fato do quão facilmente ela vira através dele. Como se não fosse nada para ela. Eles dificilmente viam através de George, e quando faziam, ele sempre sabia o que estava acontecendo

e se livrava deles.

E agora isto. Ele não iria escapar ileso, ele sabia, mas continuou assim mesmo. Talvez ele quisesse voltar lá para a cadeia. Talvez isso não fosse tão ruim, agora que George estava acabado. Deixe que outra pessoa faça os planos e arranje a comida.

Talvez ele estivesse tentando ser pego agora mesmo, dirigindo sua caranga no meio de Ocoma Heights. E logo depois, para a casa dos Gerard.

Dentro da geladeira do Inverno da Nova Inglaterra, ela parecia um palácio congelado. Ocoma Heights era dinheiro velho (foi o que George disse), e as casas eram muito chiques. Elas eram

cercadas de grama no Verão, mas agora os gramados estavam envidraçados de neve. Foi um Inverno difícil.

A casa dos Gerard era a melhor de todas. George a chamava de A Merda Quente da Antiga América, mas Blaze achou que era linda. George disse que os Gerards havia feito sua grana no mar, que a Primeira Guerra Mundial os fizera ricos, e a Segunda Guerra Mundial os fizera divinos. Neve e sol golpeavam com um fogo gelado nas várias janelas. George disse que havia mais de trinta quartos.

Ele havia feito um trabalho preliminar como Contador da Companhia Elétrica de Central Valley. Isso havia sido em Setembro. Blaze havia dirigido o

caminhão, que foi tomado emprestado, ao invés de roubado, embora ele supusesse que a polícia chamasse de roubado se eles fossem pegos. Pessoas jogavam cróquete no jardim. Algumas eram garotas, colegiais, talvez universitárias, bem bonitas.

Blaze as assistiu e começou a sentir tesão. Quando George voltou e mandou que ele dirigisse, Blaze lhe contou sobre as garotas bonitas, que a essa altura haviam ido para o quintal.

— Eu as vi. — George disse. — Acham que são melhores do que todo mundo. Acham que suas merdas não fedem.

— Mas eram bonitas.

— E quem liga? — George perguntou mal-humorado, e cruzou os braços sobre o peito.

— Você nunca sente tesão, George?

— Por bebês como aquelas? Seu brincalhão. Agora cale a boca e dirija.

Agora, se lembrando disso, Blaze sorriu. George era como uma raposa que não conseguia alcançar as frutas e dizia a todos que elas estavam podres. A Srta. Jolison havia lido essa história para eles na segunda série.

Era uma grande família. Havia o velho Sr. Gerard e a Sra. Gerard—ele tinha oitenta anos, mas ainda era capaz de tomar um quarto de Jack Daniels por dia, era o que George dizia. Havia o Sr.

e Sra. Gerard do meio. E então havia os jovens Sr. e Sra. Gerard. O jovem Sr. Gerard era Joseph Gerard III, e ele era realmente jovem, tinha apenas vinte e cinco. Sua esposa era uma Armênia.

George disse que isso fazia dela uma boçal. Blaze achou que apenas os Italianos poderiam ser boçais.

Ele virou na rua e passou pela casa mais uma vez, imaginando como era ser casado aos vinte e dois. Ele seguiu em frente, indo para casa. Já era o bastante.

Os Gerards do meio tinham outras crianças além de Joseph Gerard III, mas elas não importavam. O que importava era o bebê. Joseph Gerard IV. Nome grande para um bebezinho. Ele tinha

apenas dois meses quando Blaze e George fizeram seu serviço de Contagem em Setembro. Isso significava que agora ele tinha—hm, um-dois-três… quatro meses entre Setembro e Janeiro—seis meses de vida. Ele era o único bisneto de Joe.

— Se vai pegar alguma coisa, você tem que pegar o bebê. — George disse. — Um bebê não pode te identificar, então você pode devolvê-lo vivo. Ele não vai tentar te foder escapando, ou mandando bilhetes, ou qualquer merda assim. Tudo o que um bebê pode fazer é ficar deitado. Ele nem mesmo sabe que foi roubado.

Eles estavam na cabana, sentados à frente da TV e bebendo cerveja.

— Quanto você acha que eles pagarão? — Blaze perguntou.

— O bastante para que você nunca mais tenha que gastar outro dia de inverno congelando seu rabo, enquanto vende falsas assinaturas de revista, ou pedindo contribuições para Cruz Vermelha. — George disse. — Como isso soa?

— Mas quanto você vai pedir?

— Dois milhões. — George disse. — Um para você e um para mim. Por que ser ganancioso?

— Porque gananciosos são pegos. — Blaze disse.

— Gananciosos são pegos. — George concordou. — Foi isso o que eu te

ensinei. Mas o que é mais importante sobre um trabalhador, Blazinho? O que eu te ensinei sobre isso?

— Seu salário. — Blaze disse.

— Isso mesmo. — George disse, e tomou um gole da cerveja. O mais importante sobre um trabalhador é a porra do seu salário.

* * *

Então, aqui estava ele, dirigindo de volta para sua cabana miserável, onde ele e George viviam desde que haviam saído do Norte de Boston, realmente planejando seguir em frente. Ele pensou

que seria pego, mas… dois milhões de dólares! Você poderia ir para algum lugar e nunca mais sentir frio. E se eles te pegassem? O pior que poderiam fazer era te colocar na cadeia para o resto de sua vida.

E se isso acontecesse, ainda assim você nunca mais sentiria frio novamente.

Quando o Ford roubado estava de volta na oficina, ele se lembrou de apagar as marcas dos pneus. Isso faria George feliz.

Ele fez para si mesmo uns dois hambúrgueres para almoçar.

— Você realmente vai seguir em frente com isso? — George perguntou da outra sala.

— Você está deitado, George?

— Não, estou em cima da minha cabeça batendo uma punheta. Eu te fiz uma pergunta.

— Eu vou tentar. Você vai me ajudar?

George suspirou.

— Eu acho que terei que ajudar. Eu estou preso a você agora. Mas, Blaze?

— O que foi, George?

— Peça um milhão. Gananciosos são pegos.

— Certo, apenas um milhão. Você quer um hambúrguer?

Nenhuma resposta. George estava morto novamente.

CAPÍTULO 3

ELE ESTAVA SE aprontando para o seqüestro naquela noite, quanto mais cedo melhor. George o impediu.

— O que está fazendo, bestalhão?

Blaze estava se aprontando para dar a partida no Ford, então parou.

— Me preparando para fazer, George.

— Fazer o quê?

— Pegar o bebê.

George riu.

— Por que está rindo, George? — *como se eu não soubesse*, ele pensou.

— Por sua causa.

— Por quê?

— Como você vai pegá-lo? Diga-me isso.

Blaze franziu o cenho. Isso fez seu rosto, já feioso, parecer o de um ogro.

— Do modo como planejamos, eu acho. Pelo quarto dele.

— E que quarto seria esse?

— Bem…

— Como você vai entrar?

Ele se lembrou desta parte.

— Por uma das janelas do andar superior. Elas têm aquelas travas simples nelas. Você viu isso, George.

Quando estava fingindo trabalhar para a companhia elétrica, lembra-se?

— Você tem uma escada?

— Bem…

— Quando pegar aquela criança, onde vai colocá-la?

— No carro, George.

— Oh, cacete. — George apenas dizia isso quando havia chegado ao fundo do poço, e já não sabia mais o que dizer.

— George…

— Eu sei que você vai colocá-la na porra do carro, eu nunca pensei que você fosse trazê-lo de volta para casa como um canguru. Eu quis dizer quando você voltar aqui. O que vai fazer? Onde

vai colocá-la?

Blaze pensou na cabana. Ele olhou em volta.

— Bem…

— E quanto às fraldas? E as mamadeiras? E a comida de bebê! Ou você achou que ele comeria hambúrgueres e beberia cerveja na porra do jantar?

— Bem…

— Cale a boca! Diga isso mais uma vez e eu vou vomitar!

Blaze sentou-se na cadeira da cozinha com a cabeça abaixada. Sua face estava quente.

— E desligue essa música de merda!

Essa mulher soa como se estivesse parindo a própria boceta!

— Certo, George.

Blaze desligou o rádio. A TV, uma velha japonesa que George pegara em uma feira de quintal, estava quebrada.

— George?

Nenhuma resposta.

— George, vamos lá, não suma. Eu sinto muito. — ele conseguia ouvir o quão assustado estava. Quase chorando.

— Tudo bem. — George disse, quando Blaze estava quase desistindo. — Veja o que tem que fazer. Você terá que fazer um pequeno assalto. Não um grande. Apenas um pequeno. Aquela lojinha

onde costumávamos parar para comprar umas cervejas na Rota 1 provavelmente vai servir.

— É?

— Você ainda tem a Colt?

— Embaixo da cama, em uma caixa de sapatos.

— Use-a. E use uma meia para cobrir o rosto. De outro modo o cara que trabalha de noite vai te reconhecer.

— É.

— Vá na noite de sábado, quando estiver para fechar. Digamos, de uma e dez da madrugada. Eles não aceitam cheques, portanto pegue duzentas ou trezentas pratas.

— Claro! Isso é ótimo!

— Blaze, mais uma coisa.

— O que é, George?

— Tire as balas da arma, certo?

— Claro, George, eu sei disso, é como nós trabalhamos.

— É como nós trabalhamos, certo. Bata no cara se precisar, mas certifique-se de que ele não ganhe mais do que a página três no jornal quando isso virar notícia.

— Certo.

— Você é um cuzão, Blaze. Sabe disso, não sabe? Você nunca vai conseguir fazer isso dar certo. Talvez fosse melhor se você fosse preso nesse

pequeno assalto.

— Eu não vou ser, George.

Nenhuma resposta.

— George?

Nenhuma resposta. Blaze se levantou e ligou o rádio. Na hora do jantar, ele esqueceu e fez mesa para dois.

CAPÍTULO 4

CLAYTON BLAISDELL, JR., nasceu em Freeport, Maine. Sua mãe foi atropelada por um caminhão três anos depois, enquanto cruzava a Rua Principal com um saco de compras. Ela foi morta instantaneamente. O motorista estava bêbado e dirigindo sem carteira. No tribunal ele disse que sentia muito. Ele chorou. Ele disse que voltaria ao AA. O juiz o multou e o sentenciou a sessenta dias. O pequeno Clay seguiu sua vida com o Papai, que sabia muito sobre beber e nada sobre o AA. O Sr. Clayton trabalhava para o Superior Mills em Topsham onde ele manejava o

apanhador e o selecionador. Colegas de trabalho clamaram tê-lo visto trabalhar sóbrio uma vez.

Clay já sabia ler e quando entrou na primeira série, compreendeu o conceito de duas maçãs mais três, sem problemas. Ele era grande para seu tamanho mesmo naquela época, e embora Freeport fosse uma cidade dura, ele não teve problemas na hora do recreio, mesmo sendo raro vê-lo lá sem um livro na mão ou embaixo do braço. Seu pai era bem maior, entretanto, e as outras crianças sempre achavam interessante ver onde estaria enfaixado e machucado quando Clay Blaisdell viesse para a escola na segunda-feira.

— Será um milagre se ele chegar à

vida adulta sem ser machucado seriamente ou morto. — Sarah Jolison havia observado certo dia na sala dos professores.

O milagre não aconteceu. Em uma manhã de ressaca em um sábado, quando não muito acontecia, o Sr. Clayton cambaleou para fora do quarto no apartamento do segundo andar que ele dividia com seu filho, enquanto Clay estava sentado com as pernas cruzadas no chão da sala de estar, assistindo desenho e comendo cereais.

— Quantas vezes eu te disse para não comer essa merda aqui? — o Sênior perguntou ao Júnior, então o pegou e o jogou escada abaixo. Clay aterrissou de cabeça.

Seu pai desceu, o pegou, o arrastou escada acima, e o jogou lá embaixo de novo. Da primeira vez, Clay permaneceu consciente. Da segunda vez, as luzes se apagaram. Seu pai desceu, o pegou, arrastou-o para cima, e olhou para ele.

— Fingido filho da puta. — ele disse, e o jogou escada abaixo mais uma vez. — Aí está. — ele disse à massa desfalecida no pé da escada que era agora seu filho comatoso. — Talvez você pense duas vezes antes de comer essa porra na sala de estar de novo.

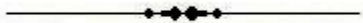
Infelizmente, Clay nunca pensou duas vezes sobre muito de nada novamente. Ele permaneceu inconsciente no Hospital Geral de Portland por três

semanas. O doutor no comando de seu caso disse que ele ficaria assim até morrer, uma cenoura humana. Mas o menino acordou. Ele estava, infelizmente, com a cabeça lesionada. Seus dias de carregar livros sob o braço estavam acabados.

As autoridades não acreditaram no pai de Clay quando ele disse a eles que o menino havia se machucado daquele jeito ao cair da escada uma vez. Também não acreditaram nele quando ele disse que as quatro queimaduras de cigarro quase curadas no peito do menino haviam sido resultado de "algum tipo de doença de pele".

O menino nunca mais viu o apartamento no segundo andar de novo.

Ele ficou sob a custódia do estado, e foi diretamente do hospital para um lar para órfãos, onde sua vida sem pais começou por ter suas muletas chutadas de suas mãos no parquinho por dois garotos que correram, rindo como ogros. Clay se levantou e recolocou as muletas. Ele não chorou.

Seu pai fez algum protesto na estação policial de Freeport, e muitos outros em vários bares de Freeport. Ele ameaçou ir à justiça para recuperar a guarda de seu filho, mas ele nunca o fez. Ele dizia amar Clay, talvez ele o amasse, um pouco, mas se assim fosse, seu amor era do tipo que machucava e queimava. O menino estava melhor fora de seu alcance.

Mas não muito melhor. O Lar Hetton em South Freeport era pouco mais do que uma pobre fazenda para garotos, e a infância de Clay lá era miserável, embora um pouco melhor quando seu corpo estava ileso. Então, pelo menos, ele conseguiu fazer o pior dos valentões ficar longe dele no parquinho; ele e algumas crianças mais jovens que vieram procurá-lo para terem proteção. Os valentões o chamavam de Gorila, Ogro, e Demente, mas ele pouco se importava com estes nomes, e ele os deixava em paz se eles o deixassem em

paz. A maioria deles deixava, depois que ele venceu o pior deles. Ele não era malvado, mas quando provocado poderia ser perigoso.

As crianças que não tinham medo dele o chamavam de Blaze, e foi assim que ele passou a pensar em si mesmo.

Uma vez ele recebeu uma carta de seu pai. *Querido filho*, ela dizia. *Bem, como você vai. Eu estou bem. Trabalhando muito ultimamente como serralheiro em Lincoln. Seria bom se aqueles p**** não roubassem todas as horas extras, HÁ! Eu vou arranjar um lugarzinho e escreverei para você assim que eu chegar lá. Bem, escreva para mim uma cartinha e diga a seu*

velho pai como está indo.

Se puder mande uma foto. Estava assinado *Com Amor, Clayton Blaisdell*.

Blaze não tinha foto para mandar para seu pai, mas ele escreveria—o professor de música que vinha nas terças o ajudaria, ele tinha certeza—mas não havia endereço de remetente no envelope, que estava sujo e simplesmente endereçado a Clayton Blaisdell, Jr., “O Lar de Órfãos”, em FREEPORT, MAINE.

Blaze nunca mais ouviu falar dele.

Ele foi mandado para várias famílias diferentes durante seu tempo no Lar Hetton, todas as vezes durante o Outono. Eles o mantinham tempo o bastante para

que ele ajudasse a fazer a colheita e manter seus telhados e portas consertadas. Então, quando chegava a Primavera, eles decidiam que ele não estava muito bem, e o mandavam de volta. Às vezes não era tão ruim. E às vezes—como com os Bowies e seu cachorro horrível—era muito ruim.

Quando ele e a LH estavam quites, Blaze saiu pela Nova Inglaterra por conta própria. Às vezes ele ficava feliz, mas não do modo como ele queria estar feliz, não do modo como ele via as pessoas estarem felizes. Quando ele finalmente se arranjou em Boston (mais ou menos; ele nunca criava raízes em lugar algum), foi porque no campo ele estava solitário. Às vezes quando ele

estava no campo, ele dormia em um celeiro e acordava durante a noite e saía para olhar as estelas, e havia tantas, e ele sabia que elas estavam ali muito antes dele, e que elas permaneceriam depois dele. Isso era meio que horrível e meio que maravilhoso. Às vezes, enquanto ele caminhava à espera de carona, e Novembro se aproximava, o vento sopraria ao seu redor, e agitaria suas calças, e ele choraria por algo que estava perdido, como a carta que havia chegado sem endereço. Às vezes, ele olhava para o céu durante a Primavera e via um pássaro, e isso podia fazê-lo feliz, mas quando isso acontecia, quase sempre ele sentia que algo dentro dele estava diminuindo e começando a

quebrar.

É ruim essa sensação, ele pensaria, e se eu me sentir assim, eu não deveria estar observando os pássaros. Mas, às vezes, ele olhava para o céu de qualquer modo.

Boston era razoável, mas às vezes ele ficava assustado. Havia um milhão de pessoas na cidade, talvez mais, e ninguém dava a mínima para Clay Blaisdell.

Se eles olhassem para ele, era apenas porque ele era grande e tinha uma cavidade na testa. Às vezes, ele se divertia um pouco, e, às vezes, ele apenas ficava apavorado. Ele estava tentando se divertir em Boston quando

conheceu George Rackley. Depois que ele conheceu George, as coisas melhoraram.

CAPÍTULO 5

A PEQUENA LOJA DE CONVENIÊNCIA era a Tim & Janet’s Quik-Pik. A maior parte das prateleiras do fundo estava lotada de vinho e cerveja empilhados em caixas de papel. Um ventilador gigante funcionava na parede do fundo. Dois dos corredores eram dedicados a salgados. Ao lado da caixa registradora estava uma garrafa de ovos em vinagre do tamanho de uma criança pequena. A Tim & Janet’s também estocava algumas necessidades como cigarros, papel higiênicos, cachorro-quente, e revistas pornôs.

O cara do turno da noite era um rapaz coberto de espinha que estudava na filial da Universidade do Maine em Portland durante o dia. Seu nome era Harry Nason. E ele estava cursando medicina veterinária. Quando o homem grande com a testa afundada entrou à uma e dez da madrugada, Nason estava lendo um livro da estante de brochuras. O nome do livro era “Grande e Duro”. A grande agitação da madrugada havia se reduzido a gotas. Nason decidiu que depois que o homenzarrão comprasse suas cervejas ele iria fechar e ir para casa. Talvez levar o livro junto e dar no pé. Ele estava pensando que a parte sobre o Pregador viajante e as duas viúvas taradas poderia ser boa, quando

o homenzarrão colocou uma pistola sob seu nariz e disse, “Tudo da registradora”.

Nason deixou o livro cair. Pensamentos pulsavam em sua mente. Ele engoliu seco ao ver a arma. Ele abriu a boca para dizer algo inteligente. O tipo de coisa que um cara sendo roubado em uma série de TV diria, se o cara sendo roubado fosse o herói da série. O que saiu foi um “Aaahh”.

— Tudo da registradora. — o homenzarrão repetiu. Sua testa afundada era aterrorizante. Parecia fundo o bastante para abrigar uma lagoa.

Harry Nason se lembrou—de um modo meio que congelado—o que seu chefe

havia dito que ele deveria fazer no evento de um assalto: dar ao ladrão tudo sem discutir. Ele tinha seguro completo. O corpo de Nason de repente ficou frágil e vulnerável, como se cheio de sacos de água. Sua bexiga afrouxou. E de uma vez só ele pareceu ter o rabo cheio de merda.

— Você me ouviu, cara?

— Aaahh. — Harry Nason concordou, e socou o botão de abrir da caixa registradora.

— Ponha o dinheiro em uma sacola.

— Certo. Sim. Claro. — ele tateou entre as sacolas embaixo do contador e derrubou a maioria delas no chão. Finalmente ele conseguiu segurar uma.

Ele levantou as travas que seguravam as notas no caixa, e começou a colocar o dinheiro na sacola.

A porta abriu e um cara e uma garota, provavelmente universitários adentraram. Eles viram a arma e pararam.

— O quê é isso? — o cara perguntou. Ele estava fumando um cigarro e tinha um button que dizia MACONHA É DEMAIS.

— É um assalto. — Nason disse. — Por favor, não, hm, antagonizem este cavalheiro.

— Muita grana. — o cara do button MACONHA É DEMAIS disse. Ele começou a sorrir. Ele apontou para

Nason. A unha estava suja. — O cara está te tirando tudo, bicho.

O assaltante se virou para MACONHA É DEMAIS.

— Carteira. — ele disse.

— Cara. — MACONHA É DEMAIS disse, sem perder o sorriso. — Eu estou do seu lado. Os preços que esse lugar cobra… e todo mundo sabe que Tim e Janet Quarles são, tipo, são os maiores conservativos desde Adolf— — Me dê sua carteira, ou eu estouro seus miolos.

MACONHA É DEMAIS de repente percebeu que poderia estar em algum tipo de encrenca; com certeza ele não estava em um filme. O sorriso sumiu e ele parou de falar. Várias espinhas

brilharam em suas bochechas, que subitamente estavam pálidas. Ele tirou uma Lord Buxton preta do bolso de seu jeans.

— Nunca há um tira quando você precisa de um. — a namorada disse friamente. Ela estava vestindo um longo casco marrom e botas de couro pretas.

Seu cabelo combinava com as botas, ao menos nesta semana.

— Jogue a carteira na sacola. — o assaltante disse. Ele estendeu a sacola.

Harry Nason sempre pensou que poderia se tornar um herói naquele ponto ao acertar a garrafa gigante de ovos no vinagre na cabeça do assaltante. Só que o assaltante parecia ter uma

cabeça dura. Muito dura.

A carteira pousou dentro da sacola.

O assaltante passou por eles e foi na direção da porta. Ele se movia bem para um homem de seu tamanho.

— Seu porco. — a garota disse.

O assaltante estacou onde estava. Por um momento a garota teve certeza (assim ela disse mais tarde à polícia) que ele iria se virar, abrir fogo, e acabar com todos eles. Mais tarde, com a polícia, eles iriam divergir sobre a cor do cabelo do assaltante (castanho, ruivo, ou loiro), a cor da pele (claro, corado, ou pálido), e suas roupas (japona, blusão, ou camisa de lã), mas todos concordavam em seu tamanho grande e

suas palavras finais antes de ir. Elas aparentemente foram endereçadas à inexpressiva porta escura, quase em um gemido: – Jezuus, George, eu me esqueci da meia!

Então ele se fora. Houve um rápido vislumbre dele correndo pela luz branca e fria da grande placa da Schlitz que estava pendurada na entrada da loja, e então um motor rosnou pela rua. Um momento depois ele saiu dirigindo. O carro era um Sedan, mas nenhum deles conseguia identificar o modelo. Estava começando a nevar.

— Eu preciso de uma cerveja. — MACONHA É DEMAIS disse.

— Vai lá atrás no refrigerador e tome

uma por conta da casa. — disse Harry Nason.

— Sério? Tem certeza?

— Claro que tenho. Sua garota também. Mas que porra, nós temos seguro.

— ele começou a rir.

Quando a polícia o perguntou, ele disse que nunca havia visto o assaltante antes. Foi só mais tarde que ele começou a pensar se realmente não já havia visto o assaltante no Outono anterior, na companhia de um homem magro com cara de rato, que estava comprando vinho e comida.

CAPÍTULO 6

QUANDO BLAZE SE LEVANTOU na manhã seguinte, a neve havia se acumulado na calha da cabana e o fogo estava apagado. Sua bexiga se contraiu no segundo em que seu pé tocou o chão. Ele se apressou para o banheiro na ponta dos pés, estremecendo e expirando vapor branco. Sua urina saiu em um forte arco por talvez trinta segundos, então lentamente diminuiu o fluxo. Ele suspirou, se sacudiu, prendeu a respiração.

Uma respiração bem maior estava gritando e lamentando ao redor da casa.

Os pinheiros do lado de fora da janela da cozinha estavam balançando de um lado para o outro. Para Blaze eles pareciam mulheres magras em um funeral.

Ele se vestiu, abriu a porta dos fundos, e fez seu caminho até a pilha de madeira abaixo da calha sul. As marcas do carro haviam desaparecido. A visibilidade havia diminuído para um metro e meio, talvez menos. Isso o animou.

A chuva granulada de neve em seu rosto o animou.

A madeira era pedaços sólidos e grossos de carvalho. Ele juntou um monte, parando apenas para limpar os pés antes de voltar. Ele fez o fogo

vestido em seu casaco. Então encheu o pote de café. Ele carregou dois copos para a mesa.

Ele parou, franzindo o cenho. Ele havia se esquecido de alguma coisa.

O dinheiro! Ele não havia contado o dinheiro.

Ele começou a seguir para o outro quarto. A voz de George o paralisou.

George estava no banheiro.

— Cuzão.

— George, eu…

— George, eu sou um cuzão. Pode dizer isso?

— Eu…

– Não. Diga "George, eu sou um cuzão que se esqueceu de colocar a meia.

— Eu peguei o d…

— Diga.

— George, eu sou um cuzão. Eu esqueci.

— Esqueceu-se do quê?

— Esqueci-me de cobrir o rosto com a meia.

— Agora diga tudo.

— George, eu sou um cuzão que se esqueceu de cobrir o rosto com a meia.

— Agora diga isso. Diga "George, eu sou um cuzão que quer ser pego".

— Não! Isso num é verdade! Isso é

mentira, George!

— É a verdade. Você quer ser pego e ir para Shawshank e trabalhar na lavanderia. Essa é a verdade, a verdade completa, e nada mais do que a verdade.

É a verdade servida no espeto. Você é um medroso. Essa é a verdade.

— Não, George. Num é. Eu prometo.

— Eu vou embora.

— Não! — o pânico pareceu congelar sua respiração. Era como a manga da camisa de flanela que seu velho havia enfiado em sua goela para fazê-lo parar de gritar. — Não vá, eu me esqueci, eu sou um boboca, sem você eu nunca vou me lembrar do que comprar…

— Divirta-se, Blazer. — George disse, e embora sua voz ainda viesse do banheiro, ela parecia estar desaparecendo. — Divirta-se sendo pego. Divirta-se cumprindo pena e engomando aquelas cuecas.

— Eu farei tudo o que você me disser. Eu não vou foder as coisas novamente.

Houve uma longa pausa. Blaze achou que George se fora.

— Talvez eu volte. Mas eu acho que não.

— George! George?

O café estava pronto. Ele serviu um copo e foi para o quarto. A sacola marrom com o dinheiro estava embaixo do colchão de George. Ele a abriu no

lençol, que ele continuava a se esquecer de mudar. Aquele lá estivera posto durante os três meses em que George estivera morto.

Havia duzentos e sessenta dólares da lojinha. E mais oitenta da carteira do universitário, Mais do que o bastante para comprar…

O quê? O que ele deveria comprar?

Fraldas. Esse era o tíquete. Se você iria roubar um bebê, você teria que ter fraldas. Outras coisas também. Mas ele não conseguia se lembrar dessas coisas.

— O que era mesmo além das fraldas, George? — ele disse com um ar de casualidade, esperando surpreender George e fazê-lo falar. Mas George não

caiu na armadilha.

Talvez eu volte. Mas eu acho que não.

Ele colocou o dinheiro de volta na sacola marrom e trocou a carteira do universitário pela sua, que já estava esfrangalhada, arranhada, e cheia de moedas.

Sua própria carteira guardava duas notas, de um dólar, gordurosas, uma foto apagada de seu pai e sua mãe com os braços envoltos um no outro, e uma pequena foto dele com seu único amigo de verdade no Lar Hetton, John Cheltzman. Também havia uma moeda de meio dólar da sorte com a cara do Kennedy, um velho anúncio de amortecedores (que ele arranjara

enquanto ele e George corriam naquele irado Pontiac Bonneville), e uma foto de Polaroid.

George olhava da Polaroid e estava sorrindo. Estava meio vesgo, porque o sol estivera em seus olhos. Ele vestia jeans e botas de trabalhador. Seu boné estava virado para a esquerda, como ele sempre o usava. George disse que esse era o lado da sorte.

Eles fizeram muitos golpes, e a maioria deles—os melhores deles—eram fáceis de trabalhar. Alguns dependiam de um

erro de direção, outros de ganância, e outros de medo. Eles eram o que George chamava de golpes rápidos. E ele chamava os golpes que dependiam do medo de “golpes rápidos cardíacos”.

— Eu gosto da merda simples. — George dissera. — Por que eu gosto da merda simples, Blaze?

— Não há muitas partes arriscadas. — Blaze disse, — Correto pra caramba! Não há muitas partes arriscadas.

No melhor dos golpes rápidos cardíacos, George se vestiu com uma roupa que ele chamava de “golpista exagerado”, e então passeava por alguns bares de Boston que ele conhecia. Estes não eram bares homossexuais, e não

eram bares heterossexuais. George os chamava de “bares suspeitos”. E a mosca sempre era atraída até George. George nunca tinha que fazer um único movimento. Blaze havia ponderado sobre isso uma ou duas vezes (do jeito que ele sabia ponderar), mas nunca chegou a nenhuma conclusão sobre isso.

George tinha um faro para as bichas mais próximas e os praticantes de swing que saiam uma ou duas vezes ao mês com suas alianças bem guardadas em suas carteiras. Os atacadistas, os homens do seguro, os administradores de escolas, os brilhantes e jovens executivos de banco. George disse que eles têm um odor. E ele era gentil com eles. Ele os ajudava quando estavam

tímidos e não encontravam as palavras certas. Então ele diria que estava hospedado em um bom hotel. Não um grandioso hotel, mas um hotel bom. Um hotel seguro.

Era o Imperial, não muito longe de Chinatown. George e Blaze tinham um acordo com o atendente do segundo turno e com o supervisor dos carregadores de malas. O quarto que usavam poderia mudar, mas era sempre no fim do corredor, e nunca perto demais de outro quarto ocupado.

Blaze sentou no salão de espera das três às onze, vestido roupas chiques.

Seu cabelo estava lambuzado de óleo. Ele lia gibis enquanto esperava por

George. Ele nunca percebia o tempo passando.

O verdadeiro indicador da genialidade de George era o fato de que quando ele e a “mosca” chegavam, a “mosca” dificilmente parecia nervosa. Ansiosa, mas não nervosa. Blaze lhes dava quinze minutos, e então subia.

— Nunca pense nisso como entrar em um quarto. — George disse. — Pense nisso como entrar em um palco. O único que não sabe que é hora do show é a “mosca”.

Blaze sempre usava sua chave e adentrava o palco dizendo sua primeira fala: “Hank, querido, estou tão feliz de ter voltado”. Então ele ficava furioso, o

que ele interpretava bem, embora provavelmente não tão bem para os padrões de Hollywood: “Jesus, não! Eu vou matá-lo! Eu vou matá-lo!”.

Com isso ele jogaria seus cento e trinta e seis quilos na cama, onde a “mosca” estaria tremendo de horror, a este ponto geralmente usando apenas meias. George se jogaria entre a “mosca” e seu “namorado” enlouquecido no último segundo. Uma fraca barreira no máximo, a “mosca” pensaria. Se ele fosse capaz de pensar. E a novela começaria.

George: Dana, escute, isso não é o que parece.
Blaze: Eu vou matá-lo! Saia do

meu caminho e deixe-me matá-lo! Eu vou jogá-lo pela janela!

(Gritinhos aterrorizados da “mosca”—haveria uns oito ou dez ao todo).

George: Por favor, deixe-me explicar.
Blaze: Eu vou arrancar as bolas dele!

(A “mosca” começa a implorar por sua vida e por seu equipamento sexual, não necessariamente nesta ordem).

George: Não, você não vai. Você

vai descer calmamente comigo ao saguão e esperar por mim.

Neste ponto, Blaze tentaria fazer outra investida contra a “mosca”. George conseguiria impedi-lo—por pouco. Blaze então arrancaria a carteira das calças da “mosca”.

Blaze: Eu peguei seu nome e endereço, vadia! Eu vou chamar sua esposa!

Neste ponto, a maioria das “moscas” esquecia-se de suas vidas e seu equipamento sexual e, ao invés disso,

começavam a se concentrar em sua honra sagrada e na permanência de uma vizinhança. Blaze achava isso estranho, mas sempre parecia ser verdade. Mais da verdade seria encontrado na carteira da “mosca”. A “mosca” não diria a George que ele era Bill Smith, de New Rochelle.

Ele era, é claro, Dan Donahue, de Brookline.

A peça, enquanto isso, seguia; o show tinha que continuar.

> *George: Desça as escadas, Dana—seja um doce e desça as escadas.*
> *Blaze: Não!*

George: Desça as escadas, ou nunca mais falarei com você novamente. Estou farto de sua petulância, e sua possessividade. Eu falo sério!

Neste ponto, Blaze sairia, apertando a carteira contra o peito, murmurando ameaças, e fazendo um belo contato ocular com a "mosca".

No momento em que a porta era fechada, a "mosca" pulava em George.

Ele tinha que recuperar sua carteira. Ele faria qualquer coisa para recuperar sua carteira. O dinheiro não importava, mas a identificação sim. Se Sally descobrisse… e o Júnior! Oh, Deus,

pense no pequeno Júnior…

George acalmava a “mosca”. Ele era bom nesta parte. Talvez, ele diria, Dana pudesse ser razoável. Na verdade, era quase certo de que Dana seria razoável. Ele apenas precisava de alguns minutos para acalmá-lo, para que, então, George pudesse falar com ele a sós. Para fazê-lo enxergar. E adulá-lo um pouco, aquele grande bobalhão.

Blaze, é claro, não estava no saguão. Blaze estava em um quarto no segundo andar. Quando George descesse até lá, eles iriam fazer a contagem. Seu pior lucro foi quarenta e três dólares. Seu melhor, tirado de um executivo de uma grande empresa de comida, foi quinhentos e cinqüenta.

Eles deram à “mosca” tempo o bastante para suar e fazer promessas inúteis a si mesmo. George deu à “mosca” tempo o bastante. George sempre sabia a quantidade certa. Era incrível. Era como se ele tivesse um relógio dentro da cabeça, e fosse ajustado diferentemente para cada “mosca”. Finalmente ele voltaria ao quarto com a carteira e diria que Dana finalmente ouvira a voz da razão, mas que ele não devolveria o dinheiro, George fizera tudo o que podia para que ele devolvesse os cartões de crédito. Sinto muito.

A “mosca” não dava a mínima para o dinheiro. Ele tateava sua carteira febrilmente, certificando-se de que ele ainda tinha sua carteira de motorista,

cartão da Blue Cross, Seguro Social, fotos. Estava tudo lá. Graças a Deus, estava tudo lá. Agora mais pobre, porém mais sábio, ele se vestiria e daria no pé, provavelmente desejando nunca ter tirado as bolas da cueca em primeiro lugar.

Durante os quatro anos antes da segunda queda de Blaze, este era o golpe a qual eles sempre apelavam, e nunca falhava. Eles nunca tiveram problemas com a atuação, tampouco. Embora não brilhante, Blaze era um bom ator. George era apenas o segundo amigo de verdade que ele já tivera, e era apenas necessário fingir que a "mosca" estava tentando persuadir George de que Blaze não era coisa boa. Que Blaze era

uma perda de tempo e talento para George. Que Blaze, em adição a ser boboca, era um pateta e um fodido. Assim que Blaze se convencia dessas coisas, sua fúria se tornava genuína. Se George não se interpusesse, Blaze quebraria os dois braços da "mosca". Talvez até o matasse.

Agora, revirando a Polaroid entre os dedos, Blaze se sentiu vazio. Ele se sentiu como quando olhava para o céu e via as estrelas, ou um pássaro em um fio telefônico, ou chilreando com suas asas

batendo. George se fora, e ele ainda era estúpido. Ele estava em um dilema, e não havia saída.

A não ser que ele talvez mostrasse a George que ele ao menos era esperto o bastante para fazer essa coisa funcionar. A não ser que ele pudesse mostrar a George que não queria ser pego. O que queria dizer o quê?

O que queria dizer fraldas. Fraldas e o quê mais? Jesus, o quê mais?

Ele caiu em um transe de pensamentos. Ele pensou nisso a manhã toda, que passou com neve apupando a garganta dela.

CAPÍTULO 7

ELE ESTAVA TÃO DESLOCADO na loja de bebês da Loja de Departamentos da Hager's Mammoth quanto um pedregulho no meio de uma sala de estar. Ele vestia seu jeans e suas botas de trabalhador com os cadarços de couro, uma camisa de flanela, e um cinto de couro preto com a fivela apertada para a esquerda—o lado da sorte. Ele se lembrou do chapéu dessa vez, aquele com abas para as orelhas, e ele o carregava em uma mão. Ele estava no meio de um quarto, em sua maior parte róseo, que estava repleto de luz. Ele olhou para a esquerda, e havia mesas

para trocar fraldas. Ele olhou para a direita e viu carrinhos de bebê. Ele se sentiu como se tivesse aterrissado no Planeta Bebê.

Havia várias mulheres ali. Algumas tinham barrigas grandes, e algumas pequenos bebês. A maioria deles chorava e todas as mulheres olhavam para Blaze com cautela, como se ele pudesse de repente enlouquecer a qualquer momento e detonar o Planeta Bebê, rasgando almofadas, e fazendo ursinhos de pelúcia voarem. Uma vendedora se aproximou. Blaze se sentiu agradecido. Ele não tinha medo de falar com as pessoas. Ele sabia quando as pessoas tinham medo, e ele sabia dos lugares a qual não pertencia. Ele era

idiota, mas não tão idiota.

A vendedora perguntou se ele precisava de ajuda. Blaze disse que sim. Ele não conseguia se lembrar de tudo o que precisava, não importava o quanto ele tentasse, e então ele recorria à única forma de subterfúgio que conhecia: um golpe.

— Eu estou meio deslocado. — ele disse, e mostrou os dentes para a vendedora em um sorriso que teria posto um leão da montanha pra correr. A vendedora sorriu de volta bravamente. O topo da cabeça dela quase alcançava o meio da caixa torácica dele. — Eu acabei de descobrir que minha cunhada teve uma criança… um bebê… enquanto eu estava fora, entende, e eu queria

comprar uns apetrechos para ele. Tudo o que for necessário.

Ela se acendeu.

— Eu entendo. Como você é generoso. Que doce. Do que você gostaria em particular?

— Eu não sei. Eu não sei nada… qualquer coisa… sobre bebês.

— Qual a idade de seu sobrinho?

— Hã?

— A criança de sua cunhada?

— Oh! Saquei! Seis meses.

— Mas que gracinha. — ela piscou profissionalmente. — Qual o nome dele?

Blaze ficou em branco por um momento. Então ele disse abruptamente, “George”.

— É um nome adorável! É grego! Significa “trabalhar a terra”.

— Sério? Isso é bem longe.

Ela continuou a sorrir.

— Não é? Bem, o que ela tem para ele atualmente?

Blaze estava pronto para essa.

— Nenhuma das coisas que eles têm agora é muito boa, esse é o problema. Eles estão realmente curtos de dinheiro.

— Eu entendo. Então você quer… começar do chão, como se assim fosse.

— Sim, você entendeu.

— Muito generoso de sua parte. Bem, o lugar para se começar seria no fim da Avenida Pooh, no Canto do Berço. Nós temos muitos berços bons de madeira firme…

Blaze estava espantado com o quanto era necessário para cuidar de um pedaço de gente. Ele havia considerado seu roubo na loja de conveniência um tanto respeitável, mas ele deixou o Planeta Bebê com a carteira quase vazia.

Ele comprou um berço Dreamland, uma

armação da Seth Harney, uma cadeira alta de bebê da Happy Hippo, uma mesa para se trocar fraldas da E-Z

Fold, uma banheira de plástico, oito pijaminhas, oito pares de calças de borracha da Dri-Day, oito camisetas com uns ganchos que ele não entendia a razão de estarem lá, três lençóis que pareciam lenços de mesa, três cobertores, e um jogo de elevadores de berço que supostamente deveriam evitar que a criança amassasse seu cérebro se ele ficasse hiperativo, um suéter, um chapéu, botinas, um par de sapatos vermelhos com sinos na lingüeta, dois pares de calças com camisa que combinavam, quatro pares de meias que não eram grandes o bastante para caber

em seus dedos, um jogo de mamadeiras da Playtex (os copinhos de plástico pareciam com os sacos que George usava para comprar seus bagulhos), uma caixa de coisas chamada Similac, uma caixa de Junior Fruits, uma de Junior Dinners, outra de Junior Desserts, e uma maior que tinha o desenho dos Smurfs nela.

O gosto da comida de bebê era uma merda. Ele provou quando chegou em casa.

Enquanto os pacotes eram empilhados no canto da loja de bebês, os olhares das jovens matronas envergonhadas ficavam maiores e mais especulativos. Isso se tornou um evento, um marco na memória—o grande homem desleixado

de roupas de lenhador seguindo uma vendedora baixinha para todos os lugares, escutando, então comprando o que ela dizia para ele comprar. A vendedora era Nancy Moldow. Ela estava na comissão, e enquanto a tarde progredia, seus olhos tomavam um brilho quase sobrenatural. Finalmente tudo foi juntado e quando Blaze contou o dinheiro, Nancy Moldow colocou mais quatro caixas da Pampers.

— Você fez meu dia. — ela disse. — Na verdade, você pode ter feito minha carreira em vendas infantis.

— Obrigado, senhora. — Blaze disse. Ele estava muito feliz sobre as Pampers. Ele havia se esquecido das fraldas no fim das contas.

E enquanto ele carregava dois carrinhos de supermercado (um rapaz da estocagem levava as caixas da cadeira alta e do berço), Nancy Moldow gritou: — Certifique-se de trazer o bebezinho para tirar uma foto!

— Sim, senhora. — Blaze murmurou. Por alguma razão a memória de sua primeira foto tirada na delegacia apareceu em um clarão em sua mente, e um policial dizendo, “Agora vire de lado e ajoelhe-se de novo, puta que pariu, como você ficou tão grande?”

— A foto é um agradecimento da Hager’s!

— Sim, senhora.

— Vários produtos, cara. — o rapaz da

estocagem disse. Ele tinha talvez vinte anos, e estava acabando de superar sua fase adolescente de acnes. Ele usava uma pequena gravata borboleta vermelha. — Onde seu carro está estacionado?

— No estacionamento dos fundos. — Blaze disse.

Ele seguiu o rapaz, que insistiu em empurrar um dos carrinhos e então reclamou em como ele era difícil de guiar na neve acumulada.

— Eles não jogam sal aqui atrás, sabe, e então as rodas ficam grudadas com a neve. Então os malditos carrinhos começam a deslizar. Você dará um belo escorregão se não prestar atenção.

Realmente uma droga. Não estou reclamando, mas…

“Então o que você está fazendo, esportista?” Blaze podia ouvir George perguntar. “Comendo comida de gato na tigela do cachorro?”

— É este aí. — Blaze disse. — Este é o meu.

— ‘Tá bem. O que quer pôr mala? A cadeira, o berço, ou ambos?

Blaze subitamente se lembrou de que ele não tinha a chave da mala.

— Vamos pôr tudo na parte de trás.

Os olhos do rapaz se alargaram.

— Oh, caramba, cara, eu não acho que vai caber. Na verdade, tenho certeza–

— Podemos colocar algumas coisas na frente também. Podemos colocar essa caixa dentro do berço no sopé do banco do passageiro. Eu vou afastar o assento para trás.

— Por que não na mala? Não seria, tipo, mais simples?

Blaze pensou, vagamente, e começou uma história de como a mala estava cheia de coisas, mas o problema com as mentiras é que elas sempre tendem a trazer outra. Em breve seria como se você estivesse viajando por estradas desconhecidas. Você se perdia. Eu sempre digo a verdade quando posso, George gostava de dizer. É como dirigir por perto de casa.

Então ele seguiu na enrolação.

— Eu perdi a chave. — ele disse. — Até que eu a ache, tudo o que eu tenho é isso.

— Oh. — o rapaz da estocagem disse. Ele olhou para Blaze como se pensasse que ele fosse idiota, mas estava tudo bem; ele já havia sido olhado assim antes. — Que chato.

No fim, eles conseguiram colocar tudo. Foi necessária uma arte em empacotamento, mas ficou bem apertado, mas eles conseguiram. Quando Blaze olhou no espelho retrovisor, ele até conseguia ver um pouco do mundo na janela traseira. A caixa, que trazia a mesa desmontada para trocar fraldas,

cortava o resto da visão.

— Belo carro. — disse o rapaz. — É velho, porém tem valor.

— Certo. — Blaze disse. E porque era algo que às vezes George dizia, ele adicionou: — Fora dos catálogos, mas não de nossos corações. — ele ficou imaginando se o rapaz estava esperando por alguma coisa. Parecia que sim.

— O que ela tem, um 302?

— 342. — Blaze disse automaticamente.

O rapaz assentiu. Ele permaneceu lá.

De dentro do banco traseiro do Ford, de onde não havia espaço para ele, mas onde ele estava, de algum modo George

disse: — Se não quiser que ele fique ali pelo resto do século, dê uma gorjeta a esse idiota e livre-se dele.

Gorjeta. É. Certo.

Blaze tirou sua carteira, olhou para a seleção limitada de notas, e relutantemente tirou uma de cinco. Ele deu ao rapaz. O rapaz a fez desaparecer.

— Beleza, meu chapa, faça a paz.

— Tanto faz. — Blaze disse. Ele entrou no Ford e deu a partida. O rapaz da estocagem estava levando os carrinhos de compra de volta para a loja. Na metade do caminho, ele parou e olhou para trás, na direção de Blaze. Blaze não gostou daquele olhar. Era um olhar de alguém que se lembra de

alguma coisa.

— Eu deveria ter me lembrado de dar gorjeta para ele mais rápido. Certo, George?

George não respondeu.

De volta em casa, ele estacionou o Ford na garagem de novo e levou todas aquelas porcarias de bebê para dentro da casa. Ele colocou o berço no quarto, e montou a mesa de trocar fraldas ao lado dela. Não havia necessidade de olhar as instruções; ele apenas olhava para as figuras nas caixas e suas mãos faziam o resto. A armação foi para a cozinha, próximo ao fogão a lenha… mas não tão próximo. O resto das coisas ele empilhou no guarda-roupa do quarto,

fora de vista.

Quando tudo estava feito, uma mudança chegara ao quarto que foi mais notável do que a mobília adicionada. Algo mais havia sido adicionado. A atmosfera estava mudada. Era como se um fantasma houvesse sido libertado para andar. Não o fantasma de alguém que se fora, de alguém que havia morrido, mas o fantasma de alguém que ainda estava para chegar.

Isso fez Blaze se sentir estranho.

CAPÍTULO 8

NA NOITE SEGUINTE, Blaze decidiu que deveria arranjar placas para seu carrão Ford, então ele roubou dois Volkswagens no estacionamento da Grande Mercearia Jolly Jim em Portland. Ele substituiu as placas do VW pelas do Ford. Poderia levar semanas ou meses antes do dono do VW percebesse que ele tinha as placas erradas, porque o número no pequeno adesivo era 7, significando que o cara não teria que registrá-lo novamente até Julho. Sempre cheque o número do registro. George lhe havia ensinado isso.

Ele dirigiu a uma loja de descontos, sentindo-se seguro com suas novas placas, sabendo que se sentiria mais ainda quando o Ford estivesse com outra cor. Ele comprou quatro latas de Auto Paint azul-cotovia, e uma pistola de spray.

Ele voltou para casa falido, mas feliz.

Ele jantou próximo ao fogão, batendo os pés no linóleo enquanto Merle Haggard cantava "Okie from Muskogee". O velho Merle realmente sabia como lidar com aqueles malditos hippies.

Depois que os pratos foram lavados, ele levou a extensão aderente para a garagem e acendeu a lâmpada. Blaze

adorava pintar. E azul-cotovia era uma de suas cores favoritas. Você tinha que gostar do nome. Significava azul como um pássaro. Como uma cotovia.

Ele voltou para dentro e pegou uma pilha de jornais velhos. George lia os jornais todo dia, e não apenas as tirinhas de comédia. Às vezes ele lia os editoriais para Blaze e se irritava com os Republicanos. Ele dizia que os Republicanos odiavam gente pobre. Ele se referia ao presidente como Aquele Maldito Mijão na Casa Branca. George era um Democrata, e dois anos antes eles haviam colocado adesivos de candidatos Democratas em três diferentes carros roubados.

Todos os jornais eram bem velhos, e

normalmente isso teria feito Blaze se sentir triste, mas hoje à noite ele estava excitado demais em pintar o carro. Ele colocou os jornais nas janelas e rodas. Ele colocou fitas adesivas nas partes cromadas.

Pelas nove da noite, uma fragrância de banana da tinta em spray encheu a garagem, e pelas onze, o trabalho estava terminado. Blaze tirou os jornais e retocou alguns lugares, então ficou admirando seu trabalho. Ele achou que havia sido um bom trabalho.

Ele foi para a cama, um pouco chapado pela tinta, e acordou na manhã seguinte com dor de cabeça.

— George. — ele disse

esperançosamente.

Nenhuma resposta.

— Estou falido, George. Estou completamente quebrado.

Nenhuma resposta.

Blaze lamentou-se pela casa o dia todo, imaginando o que deveria fazer.

O rapaz do turno da noite estava lendo uma brochura intitulada “Assassino de Bailarinas” quando um revólver Colt foi metido em seu roso. A mesma Colt.

A mesma voz dizendo rispidamente,

“Tudo da registradora”.

— Oh, não. — Harry Nason disse. — Oh, Cristo.

Ele olhou para cima. À sua frente estava um horror chinês de nariz amassado em uma meia de nylon de mulher, que descia até suas costas como a cauda de uma touca de esquiador.

— Não você. De novo não.

— Tudo da registradora. Ponha tudo na sacola.

Ninguém entrou desta vez, e porque era uma noite da semana, havia menos dinheiro na caixa.

O assaltante parou no caminho e se virou. Agora, Harry Nason pensou, “eu

vou levar um tiro”. Mas ao invés de atirar nele, o assaltante falou.

— Desta vez eu me lembrei da meia.

Por trás do nylon, ele pareceu estar sorrindo.

Então ele se foi.

CAPÍTULO 9

QUANDO CLAYTON BLAISDELL, JR. Chegou ao Lar Hetton, havia uma diretora. Ele não se lembrava do nome dela, apenas de seus cabelos grisalhos, seus grandes olhos cinzentos atrás de seus óculos, e que ela lia para eles a Bíblia, e acabava toda Assembléia Matinal dizendo “Sejam Boas, Crianças, e Vocês Prosperarão”. Então um dia ela não estava mais no escritório, porque ela havia tido um AVC. A princípio Blaze achou que as pessoas estavam dizendo que ela havia “lido o ABC”, mas finalmente entendeu: AVC. Um tipo de dor de cabeça que nunca ia embora.

Seu substituto foi Martin Coslaw. Blaze nunca se esqueceu do nome dele, e não era apenas porque as crianças o chamavam de A Lei. Blaze nunca se esqueceu dele porque A Lei ensinava Aritmética.

As aulas de Aritmética aconteciam na Sala 7, no terceiro andar, onde era frio o bastante para congelar as bolas de um macaco no Inverno. Havia fotos de George Washington, Abraham Lincoln, e a Irmã Mary Hetton nas paredes. A Irmã Hetton tinha uma pele pálida e os cabelos negros puxados para trás de seu rosto e embolados em uma forma tipo de maçaneta na parte de trás de sua cabeça. Ela tinha olhos escuros que às vezes voltavam para acusar Blaze de coisas,

depois que as luzes eram apagadas. A maior parcela disso por ser idiota.

Provavelmente idiota demais para o ensino médio, exatamente como A Lei disse.

A sala 7 tinha o chão velho e amarelado, e sempre cheirava à verniz, era um cheiro que fazia Blaze ficar com sono mesmo se estivesse bem acordado quando entrasse lá. Havia nove lâmpadas redondas que jogavam finas e tristes luzes em dias chuvosos. Havia um velho quadro negro na frente da sala, e sobre ele estava placas verdes de onde o alfabeto marchava em letras do Método Palmer—tanto as letras maiúsculas como as minúsculas. Depois do alfabeto vinham os números de 0 a 9,

tão bonitos e legais, eles o faziam se sentir mais estúpido e desajeitado do que nunca, só de olhar para eles. As mesas estavam arranhadas com frases e iniciais, agora apenas fantasmas depois de repetidos usos da lixa e envernizados, mas nunca apagadas completamente. Eles eram aparafusados ao chão em discos de ferro. Cada mesa tinha um tinteiro. Os tinteiros eram cheios de tinta Carter. Se derrubasse a tinta, você passaria algum tempo no lavatório. Manchas negras no chão amarelo fariam você ficar de castigo. Bagunçar na classe faria você ficar de castigo, só que bagunçar na classe era chamado de Mau Comportamento. Havia outros castigos para ofensas; Martin

Coslaw acreditava em castigo e n'O Remo. O remo da Lei era mais temido no Lar Hetton do que qualquer coisa, até mesmo que o bicho-papão que se escondia embaixo da cama das criancinhas. O Remo era uma espátula de madeira, bem fina. A Lei havia furado quatro buracos nele para reduzir a resistência do ar. Ele era um jogador de boliche e tinha um time chamado Os Pedregulhos de Falmouth, e, às vezes, nas sextas-feiras, ele usava sua camisa do boliche na escola. Era azul-marinho e tinha seu nome, Martin, escrito nela em dourado no bolso do peito. Para Blaze aquelas letras pareciam quase (mas não tanto) com o Método Palmer. A Lei disse que no boliche e na vida, se uma

pessoa se concentrasse nos pinos, o strike viria naturalmente. Ele tinha um braço direito forte de tanto fazer aqueles strikes, e quando ele dava a alguém o castigo com O Remo, doía pra caramba. Ele era conhecido por prender a língua entre os dentes enquanto aplicava O Remo em um garoto por um Mau Comportamento especial.

Algumas vezes ele a mordia com força o bastante para fazer sangrar, e durante um tempo houve um menino no Lar House que o chamava de Drácula, como também A Lei, mas então o menino escapou, e eles não o viram mais. Escapar era como eles chamavam quando alguém ia embora com uma família, sendo talvez até adotado.

Martin Coslaw era odiado e temido por todos os garotos no Lar Hetton, mas ninguém o odiava e o temia mais do que Blaze. Blaze era muito ruim em Aritmética. Ele conseguiu a proeza de somar duas maçãs mais três, mas apenas com um grande esforço, e um quarto de maça mais meia maçã sempre estaria além de suas capacidades. Tanto quanto ele entendia, maçãs sempre vinham inteiras.

Foi durante Aritmética Básica que Blaze fez seu primeiro golpe, ajudado por seu amigo John Cheltzman. John era magro, feio, desengonçado, e cheio de ódio. O ódio raramente se mostrava. A maior parte dele estava escondida por trás de seus óculos grossos, emendado

com fita adesiva, e daquela risada idiota freqüente de caipira. Ele era um alvo natural para os meninos mais velhos, o mais fortes. Eles o batiam bem por aí. Seu rosto era esfregado na lama (da Primavera ou do Outono) ou lavado na neve (Inverno). Suas camisas eram geralmente rasgadas. Ele raramente emergia do chuveiro comunal sem levar umas chicotadas de toalha na bunda. Ele sempre limpava a sujeira ou a neve, enfiava a parte rasgada da camisa na calça, ou começava a rir enquanto esfregava as nádegas avermelhadas, e o ódio raramente se mostrava. Ou seu cérebro. Ele era bom nas aulas—bom mesmo, ele não podia evita— mas qualquer coisa acima de B era raro. E

não bem-vindo. No Lar Hetton, A significa Anta. Sem mencionar Acéfalo.

Blaze estava começando a ganhar sua altura nessa época. Ele não era assim, não aos onze ou aos doze, mas ele estava começando a crescer. Ele era tão grande quantos alguns dos garotos grandes. E ele não se juntava nos espancamentos do parquinho, ou as chicotadas de toalha. Um dia John Cheltzman andou na sua direção enquanto Blaze estava encostado na grande no fim do parquinho, sem fazer nada, mas assistindo aos corvos pousando nas árvores e levantando vôo logo depois. Ele ofereceu a Blaze um acordo.

— Você terá que encarar A Lei de

novo em matemática. — John disse. — As frações continuam.

— Eu odeio frações. — Blaze disse.

— Eu farei seu dever de casa se você não deixar aqueles trogloditas me baterem mais. Não será tão bom a ponto de fazê-lo suspeitar—não bom o bastante para fazer você ser pego—mas será bom o bastante para você passar. E você não vai ficar de burro depois.

Ficar de burro não era tão ruim quando ser castigado, mas era ruim. Você tinha que ficar no canto da Sala 7, com o rosto virado para a parede. Você não poderia olhar para o relógio. Blaze considerou a idéia de John Cheltzman, então balançou a cabeça.

— Ele vai saber. Eu vou ser chamado para recitar, e então ele vai saber.

— Apenas fique olhando em volta da sala, como se estivesse pensando. — John disse. — Eu cuido de você.

E John cuidou. Ele escreveu as respostas do dever de casa, e Blaze as copiou em sua própria letra que tentava imitar os números do Método Palmer acima do quadro negro, mas nunca parecia a mesma coisa. Às vezes A Lei o chamava, e então Blaze se levantava, e olhava em volta—para qualquer lugar, exceto para Martin Coslaw, e estava tudo bem com isso, era assim que todos se comportavam quando eram chamados. Durante sua olhada em volta, ele olhava para Johnny Cheltzman, atolado em seu

assento perto da porta com o livro fechado e as mãos na mesa. Se o número que A Lei queria era dez ou menos que isso, o número de dedos à vista seria a resposta. Se fosse uma fração, as mãos de John estariam fechadas em pinhos. Então elas se abririam. Ele era muito rápido nisso. A mão esquerda era o numerador. A mão direita o denominador. Se o denominador fosse maior do que cinco, Johnny soltava os punhos, e abria as duas mãos. Blaze não tinha problemas com esses sinais, que muitos achariam muito mais complexo do que as frações que eles representavam.

— Bem, Clayton? — A Lei diria. — Nós estamos esperando.

E Blaze responderia.

— Um sexto.

Ele nem sempre tinha que estar certo. Quando ele contou para George, George assentiu em aprovação.

— Um bonito e pequeno golpe. Quando foi descoberto?

Ele foi descoberto três semanas depois no semestre, e quando Blaze pensou sobre isso—ele podia pensar, só levava tempo e era difícil—ele percebeu que A Lei deveria estar suspeitando da incrível virada matemática de Blaze o tempo todo. Ele apenas tinha deixado a coisa seguir. Estivera fornecendo a corda que Blaze precisava para se enforcar.

Houve um teste surpresa. Blaze tirou

zero. Era porque era um teste de frações. O teste havia sido aplicado por um razão, por uma única razão, e ela era pegar Clayton Blaisdell, Jr. Abaixo do zero uma nota estava escrita em letras brilhantes e vermelhas. Blaze não entendeu, então a levou para John.

John a leu. No começo ele não disse nada. Então disse a Blaze.

— A nota diz "*John Cheltzman vai continuar a ser espancado*".

— O quê? Hã?

— Diz "*Apresente-se ao meu gabinete às quatro da tarde*".

— Para quê?

— Porque nos esquecemos do teste. —

John disse. Então ele continuou. – – Não, você não esqueceu. Eu esqueci. Porque tudo o que eu pensava era escapar de ser machucado por aqueles trasgos super-crescidos. Agora você vai me bater e A Lei vai me castigar, e então os trasgos vão começar a pegar no meu pé de novo. Jesus Cristo, eu queria estar morto. — e ele realmente parecia querer estar.

— Eu não vou te bater.

— Não? — John olhou para ele com os olhos de alguém que quer acreditar, mas sem muito sucesso.

— Você não poderia fazer o teste por mim, poderia?

O gabinete de Martin Coslaw era uma sala bem larga com um DIRETOR

escrito na porta. Havia um pequeno quadro negro nela, perto da janela. A janela olhava para o quintal miserável do Lar Hetton. O quadro negro estava empoeirado de giz e nele estavam escritas—as algozes de Blaze—frações.

Coslaw estava sentado atrás de sua mesa quando Blaze entrou. Ele estava com o cenho franzido por nada. Blaze lhe deu algo mais para franzir.

— Bata. — ele disse.

— Hã?

— Volte e bata na porta. — disse A Lei.

— Oh. — Blaze se virou, saiu, batei, e entrou de novo.

— Obrigado.

— Claro.

Coslaw franziu para Blaze. Ele pegou o lápis e começou a bater com ele na mesa. Era um lápis vermelho.

— Clayton Blaisdell, Jr. — ele disse. Ele meditou. — Um nome tão longo para um intelecto tão curto.

— As outras crianças me chamam de…

— Eu não me importo como as outras crianças te chamam, um garoto é um bebê de cabra, um garoto é um pedaço

de gíria inventado por idiotas, eu não me importo com isso ou com aqueles que as usam. Eu sou um instrutor de Aritmética, meu dever é preparar jovens como você para o ensino médio—se eles puderem ser preparados—e também ensinar a diferença entre o certo e o errado.

Se minhas responsabilidades fossem apenas ensinar Aritméticas—e às vezes desejo que assim fosse—esse não seria o caso, mas eu também sou o Diretor, por isso a instrução do certo e o errado, quod erat demonstrandum. Você sabe o que isso significa, Sr. Blaisdell?

— Não. — Blaze disse. Seu coração estava afundando, e ele podia sentir a água subindo em seus olhos. Ele era grande para sua idade, mas agora ele se

sentia pequeno. Pequeno e ficando menor ainda. Sabendo que era assim que A Lei queria que ele se sentisse não mudava isso.

— Não, e nunca saberá, porque mesmo que você alcance o segundo ano— o que eu duvido que você consiga—você vai chegar tão perto da Geometria quanto o bebedouro no fim do corredor. — A Lei batucou os dedos, e se balançou em sua cadeira. Sua camisa de boliche estava pendurada na cabeceira de sua cadeira, e ela balançou com ele. — Significa "aquilo que estava para ser demonstrado", Sr. Blaisdell, e o que eu demonstrei com meu pequeno teste foi que você é um trapaceiro. Um trapaceiro é uma pessoa que não conhece a

diferença entre o certo e o errado. QED, quod erat demonstrandum. E conseqüentemente, punição.

Blaze lançou os olhos para o chão. Ele ouviu uma gaveta sendo aberta.

Algo foi removido e a gaveta foi fechada. Ele não teve que olhar para cima para saber o que A Lei estava segurando na mão.

— Eu tenho nojo de trapaceiros. — Coslaw disse. — Mas eu entendo sua deficiência mental, Sr. Blaisdell, e por isso eu entendo que há outra pessoa pior do que você nesta pequena trama. Essa seria aquela que primeiro pôs a idéia em sua cabeça obviamente oca e então te instigou. Você está me acompanhando?

— Não. — Blaze disse.

A língua de Coslaw rastejou para fora um pouco e seus dentes a agarraram firmemente. Ele apertou O Remo com igual ou maior firmeza.

— Quem fez o seu dever?

Blaze ficou em silêncio. Você não dedurava. Todas as revistinhas, programas de TV, e filmes diziam a mesma coisa. Você não dedurava.

Especialmente não seu único amigo. E havia algo mais. Algo que se debatia por uma manifestação.

— Você não pode me castigar. — ele disse finalmente.

— Oh? – Coslaw parecia espantado.

— É mesmo? E por que, Sr. Blaisdell? Esclareça. Eu estou fascinado.

Blaze não conhecia aquelas palavras grandes, mas ele conhecia aquele olhar. Ele o havia visto a vida inteira.

— Você não se importa nada em me ensinar. Você apenas quer fazer com que eu me sinta pequeno, e machucar quem quer que tenha te impedido de fazê-lo por um tempo. Isso é errado. Você não pode me castigar quando você é quem está errado.

A Lei já não mais parecia espantada. Agora ele parecia irado. Tão irado que uma veia estava pulsando bem no meio de sua testa.

– Quem fez sua tarefa?

Blaze nada disse.

— Como você conseguiu responder na sala? Como isso funcionou?

Blaze nada disse.

— Foi Cheltzman? Eu acho que foi Cheltzman.

Blaze nada disse. Seus punhos estavam cerrados, trêmulos. Lágrimas saiam de seus olhos, mas ele não achava que essas eram lágrimas de inferioridade agora.

Coslaw girou O Remo e atingiu Blaze acima de um braço. Fez um barulho como o de uma pequena arma. Era a primeira vez que Blaze era atingido por um professor em qualquer lugar, exceto na bunda, embora às vezes, quando ele

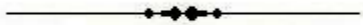
era menor, sua orelha fora torcida (e uma ou duas vezes, seu nariz).

— Responda seu alce acéfalo!

— Vá se foder! — Blaze berrou, a coisa inominável finalmente se libertando. — Vá se foder, vá se foder!

— Venha cá. — A Lei disse. Seus olhos estavam enormes, quase pulando para fora da cara. A mão segurando O Remo estava branca. — Venha cá, seu saco de lixo de Deus.

E com a coisa inominável, que era a fúria, agora libertada, e porque afinal de contas ele era uma criança, ele foi. Quando ele saiu do gabinete d’A Lei vinte minutos depois, com a respiração soando áspera em sua garganta e com o

nariz sangrando—mas ainda assim sem chorar e com a boca fechada—ele se transformou em uma lenda no Lar Hetton.

Ele estava farto de Aritmética. Durante Outubro e a maior parte de Novembro, ao invés de ir para a Sala 7, ele ia para o salão de estudos da Sala 19.

Isso era bom para Blaze. Isso aconteceu duas semanas antes dele poder se deitar de costas confortavelmente, e então isso foi bom também.

Um dia no fim de Novembro, ele foi convocado uma vez mais ao gabinete do Diretor Coslaw. Sentados lá na frente do quadro negro estavam um homem e uma mulher de meia idade. Para Blaze, eles pareciam secos. Como se eles pudessem ser soprados no fim do Outono ao vento, como folhas.

A Lei estava sentado atrás da mesa. Sua camisa de boliche não estava à vista. A sala estava fria porque a janela havia sido aberta para deixar o pobre sol de Novembro entrar. Além de ser doido por boliche, A Lei era um inimigo do ar fresco. O casal visitante não parecia se importar. O homem seco estava vestindo um terno cinza com os ombros acolchoados e uma gravata

country. A mulher seca vestia um casaco xadrez e uma blusa branca sob ele. Ambos tinham mãos rígidas e cheias de veias. As dele eram calejadas. As dela eram rachadas e vermelhas.

— Sr. e Sra. Bowie, este é o garoto da qual lhes falei. Tire seu boné, jovem Blaisdell.

Blaze tirou seu boné dos Red Sox.

O Sr. Bowie olhou para ele criticamente.

— Ele é grande *dimais*. Tem só onze, *'cê* diz?

— Faz doze, mês que vem. Ele será de grande ajuda em sua casa.

— Ele não tem nada, tem? — Sra.

Bowie perguntou. Sua voz era alta e débil. Soou estranho vindo daquele peito de mamute, que se escondia atrás do casaco xadrez como uma penteadeira na Higgins Beach. — Nada de tuberculose ou *quarquer otra* coisa?

— Ele foi examinado. — disse Coslaw. — Todos os nossos garotos são examinados regularmente. Requerimento do Estado.

— Ele pode cortar lenha? É disso que eu preciso saber. — o Sr. Bowie disse. Seu rosto era fino e abatido, o rosto de um pastor de TV que não fez sucesso.

— Tenho certeza que sim. — disse Coslaw. — Tenho certeza de que ele é capaz de fazer trabalho pesado.

Trabalho físico pesado, eu quero dizer. Ele é ruim em Aritmética.

A Sra. Bowie sorriu. Foi apenas lábios, nada de dentes.

— Eu farei o cheque. — ela se virou para o marido. — Hubert?

Bowie pensou no assunto, então assentiu.

— Tudo bem.

— Saia, jovem Blaisdell. — A Lei disse. — Falarei com você mais tarde.

E então, sem uma palavra dita por ele, Blaze ficou sob a guarda dos Bowies.

— Eu não quero que você vá. — ele estava sentado no alpendre próximo a Blaze, assistindo enquanto Blaze arrumava uma mochila com seus poucos pertences. A maioria deles, como a própria mochila, havia sido providenciada pelo Lar Hetton.

— Sinto muito. — Blaze disse, mas ele não sentia, ou não inteiramente— ele apenas desejava que Johnny pudesse ir com ele.

— Eles vão começar a pegar no meu pé no momento em que você pôr o pé na estrada. Todos irão. — os olhos de John se moveram rapidamente em suas órbitas, e ele cutucou uma espinha nova

na lateral de seu nariz.

— Não, não vão.

— Sim, eles vão, e você sabe disso.

Blaze não sabia. Ele também sabia que não havia nada que ele pudesse fazer.

— Eu tenho que ir. Eu sou menor de idade. — ele sorriu para John. — Mineiro, quarenta e nove anos, terrivelmente envergonhado, Clementina.

Para Blaze, esse era quase um humor juvenil, mas John nem mesmo sorriu. Ele se aproximou e apertou forte o braço de Blaze, como se para guardar enternamente sua textura em sua memória.

— Você nunca mais voltará.

Mas Blaze voltou.

Os Bowies vieram buscá-lo em uma velha picape Ford que havia sido pintada de um branco grotesco alguns anos antes. Havia espaço para três na cabine, mas Blaze foi atrás. Ele não se importou. A vista do LH diminuindo à distância, e então desaparecendo, o encheu de alegria.

Eles viviam em uma enorme fazenda decrépita em Cumberland, que ficava na fronteira de Falmouth em um lado e na

de Yarmouth no outro. A casa ficava em uma estrada não pavimentada que erguia milhares de cortinas de poeira na estrada. A pintura estava descascada. Na frente uma placa dizia COLLIES DOS BOWIE. À esquerda da casa havia um grande canil onde vinte e oito Collies corriam, latiam e ladravam constantemente. Alguns tinham sarna. O cabelo deles caia em grandes mechas, revelando um rosa cru escondido sob ele, para que os insetos remanescentes da temporada mordessem. À direita da casa estavam os pastos. Atrás deles estava um velho celeiro gigantesco onde os Bowies mantinham as vacas. A casa se estendia por quarenta acres. A maioria estava coberta de feno, mas

também havia sete acres de uma mistura agradável, e madeira de lei.

Quando chegaram, Blaze pulou para fora do caminhão com sua mochila na mão. Bowie a tomou.

— Eu vou guardá-la pra você. Você vai cortar lenha.

Blaze piscou para ele.

Bowie apontou para o celeiro. Uma série de barracões a conectava com a casa, zigue-zagueando, formando algo que era quase um jardim a frente da porta da casa. Uma pilha de troncos cortados estava contra uma parede do barracão.

Alguns eram de carvalho silvestre, outros de pinho, com a seiva coagulando

nas falhas da madeira. Em frente à pilha estava um velho cepo de madeira cheio de cortes onde se cortava lenha, com um machado enterrado nele.

— Você vai cortar a lenha. — Hubert Bowie disse novamente.

— Oh. — Blaze disse. Era a primeira palavra que ele dizia a qualquer um deles.

Os Bowies assistiram enquanto ele ia até o cepo de madeira e libertava o machado. Ele olhou para ele, então o pousou no chão sujo ao lado do bloco.

Cachorros corriam e latiam incessantemente. Os latidos dos Collies menores eram os mais estridentes.

— Bem? — Bowie perguntou.

— Senhor, eu nunca cortei lenha.

Bowie largou a mochila no chão. Ele andou até lá e colocou um naco do carvalho silvestre no cepo de cortar lenha. Ele deu uma cuspida em uma palma, esfregou as duas mãos juntas, e pegou o machado. Blaze assistiu atentamente.

Bowie desceu a lâmina. O naco caiu em dois pedaços.

— Aí está. — ele disse. — Agora é lenha para fogão. — ele ofereceu o machado. — Sua vez.

Blaze o pousou entre suas duas pernas, então cuspiu em uma palma, e esfregou as duas mãos. Ele foi pegar o machado,

e então se lembrou de que não havia colocado qualquer naco de madeira no cepo. Ele colocou um, ergueu o machado, e o desceu. Sua obra caiu em um par de lenhas de fogão quase idêntico ao de Bowie. Blaze ficou radiante. No momento seguinte, ele estava de quatro no chão sujo, seu ouvido esquerdo latejando de uma tapa que Bowie dera nele com uma de suas mãos secas e marcadas pelo trabalho.

— Por que fez isso? – Blaze perguntou, olhando para cima.

— Por não "sabê" como cortar lenha. — Bowie disse. — E antes que você diga que não foi sua culpa, menino, tampouco foi minha. Agora vá cortar lenha.

Seu quarto era uma pequena adição ao terceiro andar da acabada fazenda.

Havia uma cama e um birô, nada mais. Havia uma janela. Tudo o que você via através dela parecia ondulado e distorcido. Fazia frio no quarto à noite, e ficava mais frio pela manhã. Blaze não se importava com o frio, mas ele se importava com os Bowies. Ele se importava com eles cada vez mais. Importar se transformou em desgostar, e desgosto finalmente se transformou em ódio. O ódio cresceu lentamente. Para

ele era o único modo. A coisa crescia em seu próprio ritmo, e ela crescia completamente, e desabrochava flores vermelhas. Era o tipo de ódio que as pessoas inteligentes não conheciam. Era sua única coisa. Não era adulterada por uma reflexão.

Ele cortou muita lenha naquele Outono e Inverno. Bowie tentou ensiná-lo a ordenhar, mas Blaze não conseguia. Ele tinha o que Bowie chamava de mãos grossas. As vacas ficavam nervosas não importava o quão gentil ele tentasse envolver seus dedos ao redor das tetas delas. Então o nervosismo delas voltou a ele, fechando o circuito. O fluxo de leite diminuiu para gotas, e então parou.

Bowie nunca socou suas orelhas ou

estapeou a parte de trás de sua cabeça por isso. Ele não tinha máquinas de leite, ele não acreditava em máquinas de leite, disse que aqueles DeLavals usavam vacas de modo primitivo, que para ordenhar era preciso talento. E por causa disso, você não poderia punir alguém por não tê-lo mais do que você poderia punir alguém por não ser capaz de escrever o que ele chamava de "poezia".

— Mas você pode cortar lenha. — ele disse, sem sorrir. — Você tem talento pra isso.

Blaze a cortava e a carregava, enchendo a caixa de lenha na cozinha quatro ou cinco vezes ao dia. Havia um forno a óleo, mas Hubert Bowie se

recusava a ligá-lo até Fevereiro, porque o preço do Número Dois era tão caro.

Blaze também trabalhou com a pá para tirar a neve que se acumulava na estrada com quase trinta metros, aforquilhou o feno, limpou o celeiro, e esfregou o piso da Sra. Bowie.

Nos fins de semana, ele acordava às cinco para alimentar as vacas (quatro da manhã quando nevava), e ia tomar café da manhã antes que o ônibus SAD 106 amarelo viesse para levá-lo para a escola. Os Bowies o teriam impedido de ir para a escola se pudessem, mas não podiam.

No Lar Heton, Blaze ouviu boas e más histórias sobre “fugas da escola”.

A maioria delas era má, contadas por garotos grandes, que acabaram indo para o colégio Freeport. Blaze ainda era jovem demais para isso, entretanto. Ele foi para o Distrito A de Cumberland durante seu tempo com os Bowies, e ele gostava de lá. Ele gostava de seu professor. Ele gostava de memorizar poemas, de ir para frente da classe e recitar: “Pela rude ponte que arqueava a enchente…” Ele declamava esses poemas em sua jaqueta xadrez vermelha e negra de caça (que ele nunca tirava, por causa das simulações de incêndio), suas calças verdes de flanela, e suas botas verdes de borracha de goma. Ele tinha um metro e oitenta, fazendo todos os outros sextanistas parecerem anões

em sua classe, e sua altura era superada por sua cara sorridente e sua testa afundada. Ninguém nunca ria quando Blaze recitava poemas.

Ele tinha vários bons amigos, mesmo sendo um garoto do estado, porque ele não era contencioso ou chegado à *bullying*. Ele tampouco era mal-humorado.

No pátio da escola, ele era o urso de todos. Ele passeava com três primeiranistas em seus ombros. Ele nunca tirou vantagem de seu tamanho. Ele seria perseguido por cinco, seis, ou sete jogadores de uma vez só, gingando, gingando, normalmente sorrindo, seu rosto afundado virado para o céu, finalmente caindo como um prédio, para

a inevitável alegria geral. A Sra. Waslewski, que era uma Católica, o viu passeando por aí com alguns primeiranistas nos ombros um dia, enquanto ela estava vigiando o pátio e começou a chamá-lo de São Francisco das Pequenas Pessoas.

A Sra. Cheney o persuadiu a ler, escrever, e aprender história. Ela percebeu cedo que, para Blaze, matemática (a qual ele sempre chamava de Aritmética) era uma causa perdida. Na única vez em que ela tentou usar os cartões da matemática, ele ficou pálido, e ela ficou convencida de que o garoto realmente chegara perto de desmaiar.

Ele era lento, mas não retardado. Em Dezembro ele havia saído das aventuras

do primeiro ano de Dick e Jane para as histórias das Estradas para Todos os Lugares, a leitura dos terceiranistas. Ela lhe deu uma pilha de histórias clássicas que mantinha guardada, em capas duras, para que ele levasse de volta aos Bowies, com uma nota dizendo que ela era o dever de casa. Seu favorito, é claro, era Oliver Twist, a qual ele leu continuamente até decorar cada palavra.

Tudo isto continuou até Janeiro e poderia ter continuado até a primavera, se não fosse por dois eventos infelizes. Ele matou um cachorro, e ele se apaixonou.

Ele odiava os Collies, mas uma de suas tarefas era alimentá-los. Eles eram de raça pura, mas dietas pobres e vidas vividas exclusivamente no canil e na pocilga os tornaram feios e neuróticos. A maioria era covarde e tímida ao toque.

Eles investiriam em você, latindo e rosnando, apenas para recuar e se aproximar por um ângulo diferente. Às vezes eles se aproximavam furtivamente por trás.

Então poderia dar uma dentada em sua perna, ou na bunda, antes de correrem. A algazarra na hora de alimentá-los era infernal. Eles estavam fora da jurisdição

de Hubert Bowie. A Sra. Bowie era também a única para quem eles viriam. Ela os adulou em sua voz irritante. Ela sempre vestia uma jaqueta vermelha quando estava com os cachorros, e ela estava coberta com um cabelo amarelo-acastanhado.

Os Bowies vendiam poucos animais crescidos, mas os filhotes davam duzentos dólares cada um na primavera. A Sra. Bowie explicou a Blaze a importância de alimentar bem os cachorros—de alimentá-los com o que ela chamava de "uma boa mistura". Ainda assim ela nunca os alimentou, e o que Blaze colocava em suas tigelas era uma ração em desconto em uma loja de alimentos em Falmouth. Esta ração era

chamada de Mérito do Cão. Hubert Bowie às vezes a chamava de Ração-Barata, e às vezes de Peidos de Cão. Mas nunca quando sua esposa estava por perto.

Os cães sabiam que Blaze não gostava deles, que ele tinha medo deles, e a cada dia que passava, eles ficavam mais agressivos com ele. Na época em que o clima começou a realmente ficar frio, as investidas dos cães às vezes os deixavam próximos o bastante para mordê-lo pela frente. De noite, ele às vezes acordava de sonhos em que eles se juntavam, o derrubavam, e o comiam vivo.

Ele ficava deitado na cama depois destes sonhos, expirando vapor frio no

ar escuro e tateando a si mesmo, para se certificar de que ainda estava inteiro. Ele sabia que estava, ele sabia a diferença entre o que era sonho e o que era real, mas no escuro essa diferença parecia mais fina.

Várias vezes as investidas e corridas dos cães o fizeram deixar a comida cair. Então ele tinha que limpar o melhor que podia da neve acumulada e urinada enquanto eles latiam e brigavam ao seu redor.

Gradualmente, um virou o líder em sua guerra não declarada contra ele.

Seu nome era Randy. Ele tinha onze anos. Ele tinha um olho leitoso. Ele metia muito medo em Blaze. Seus dentes

eram como velhas presas amareladas. Havia uma faixa branca que descia pelo centro de seu crânio. Ele se aproximaria perfeitamente de Blaze, e às doze horas, as ancas subindo e descendo sob seu pêlo esfrangalhado. O olho bom de Randy parecia queimar enquanto o que estava ruim permanecia indiferente para todo o resto, uma lâmpada queimada. Suas garras cavavam pequenas marcas na neve amarelada no chão do canil. Ele acelerava até que parecesse impossível que pudesse fazer outra coisa a não ser se lançar para a garganta de Blaze. Os outros cães seriam tomados pelo frenesi por isto, saltando, virando e latindo para o ar. No último instante, as patas de Randy se enrijeceriam, jogando neve em

cima das calças verdes de Blaze, e ele sairia em disparada em um grande pulo, apenas para repetir a manobra. Mas ele desviava cada vez mais tarde, até que ele estivesse perto o bastante de Blaze para farejar seu calor e até mesmo seu hálito.

Então, certa noite pelo fim de Janeiro, ele soube que o cachorro não iria desviar. Ele não sabia o quão diferente era esse ataque, ou por que, mas era.

Desta vez Randy realmente pretendia ir até o fim. Ele iria saltar. E quando ele o fizesse, os outros cães viriam rapidamente. Então seria como em seus sonhos.

O cão veio, andando mais rápido,

silencioso. Desta vez não havia garras para fora. Nada de derrapagens ou retornos. Suas ancas ficaram tensas, então se contraíram. Um momento mais tarde Randy estava no ar.

Blaze estava carregando dois baldes cheios de Mérito do Cão. Quando ele viu o que Randy realmente pretendia fazer, todo o seu medo o deixou. Ele largou os baldes ao mesmo tempo em que Randy pulou. Ele estava usando luvas de couro cru com buracos para os dedos. Ele encontrou o cão no meio do ar com seu punho direito, sob a longa mandíbula. O solavanco percorreu o caminho até seu ombro. Sua mão ficou instantaneamente e completamente dormente. Houve um breve, mas

violento som de algo quebrando. Randy deu uma pirueta perfeita de cento e oitenta graus no ar frio e caiu de costas com um baque.

Blaze apenas percebeu que os outros cães haviam caído no silêncio quando começaram a latir de novo. Ele pegou os baldes, foi até o cocho e despejou a ração. Antigamente, os cães se juntavam, rosnando e mordendo nos melhores lugares, antes mesmo que ele pudesse colocar a água. Ele não podia fazer nada quanto a isso; ele era ineficaz. Agora, quando um dos Collies menores correu para o cocho com seus olhos estúpidos brilhando e sua língua estúpida pendendo pela lateral de sua boca estúpida, Blaze sacudiu suas mãos

enluvadas na direção dele, fazendo-o dar a volta tão rápido que suas patas derraparam e ele caiu de lado. Os outros se encolheram.

Blaze adicionou dois baldes de água da torneira do jardim.

— Aí está. v ele disse. — Está molhado. Vão e comam.

Ele voltou para dar uma olhada em Randy enquanto os outros cães corriam para se alimentar no cocho.

As pulgas já estavam deixando o corpo frio de Randy para morrer na neve tingida de mijo. O olho bom estava agora quase tão brilhante quanto o ruim. Isto despertou um sentimento de pena e tristeza em Blaze. Talvez o cachorro só

estivesse brincando, afinal de contas. Apenas tentando assustá-lo.

E ele estava assustado. Isso, também. Ele apanharia pra burro por isso.

Ele entrou na casa com os baldes vazios, a cabeça baixa. A Sra. Bowie estava na cozinha. Ela tinha uma tábua de lavar roupas posta na pia e lavava as cortinas nela. Ela estava cantando o hino com sua voz débil enquanto trabalhava, — Ah, não suje o meu assoalho! — ela choramingou, ao vê-lo. Era o assoalho dela, mas ele o limpou. De joelhos. Ira despertou em seu peito.

— Randy morreu. Ele pulou em mim. Eu o bati. O matei.

As mãos dela voaram da água

espumante e ela berrou.

— Randy? Randy! Randy!

Ela correu em círculos, agarrou seu suéter do cabide próximo ao fogão de lenha, então correu para a porta.

— Hubert! — ela chamou pelo marido. — Hubert, oh, Hubert! Que menino malvado! — e então, como se ainda estivesse cantando: "OooooooOOOOOOO…"

Ela empurrou Blaze para fora de seu caminho e correu para fora. O Sr. Bowie apareceu em uma das muitas portas da casa, seu rosto carrancudo alongado de surpresa. Ele caminhou até Blaze e o segurou por um ombro.

— O que houve?

— Randy morreu. — Blaze disse, impassível. — Ele pulou em mim, e eu o acertei.

— Espere aqui. — Hubert Bowie disse, e foi atrás de sua esposa.

Blaze tirou sua jaqueta rubro-negra e sentou no banquinho no canto. A neve derreteu de suas botas em fez uma poça d'água. Ele não estava se importando. O calor do fogão à lenha fez seu rosto latejar. Ele cortou a lenha. Ele não estava se importando.

Bowie havia guiado sua esposa de volta para dentro, porque ela tinha o avental cobrindo a face. Ela estava soluçando alto. O tom alto de sua voz fez o som parecer como o de uma

máquina de costurar.

— Saia e vá para o barracão. — Bowie lhe disse.

Blaze abriu a porta. Bowie o ajudou a sair com o bico de sua bota. Blaze caiu dois degraus no umbral, levantou-se, e caminhou até o barracão. Havia ferramentas lá—machados, martelos, um torno mecânico, um rebolo, uma plaina, uma lixadeira, e outras coisas das quais ele não sabia o nome. Havia peças de carro, e caixas de velhas revistas. Uma pá de neve com a extremidade de alumínio. Sua pá. Blaze olhou para ela, e alguma coisa sobre a pá fez seu ódio pelos Bowies se completar, o finalizou. Eles recebiam cento e sessenta dólares por mês por ficarem com ele, e ele fazia

as suas tarefas. A comida era ruim. Ele comia melhor no LH. Não era justo.

Hubert Bowie abriu a porta do barracão e entrou.

— Eu vou te bater agora. — ele disse.

— O cão pulou em mim. Ele ia morder meu pescoço.

— Não diga mais nada. Você só está piorando as coisas para si mesmo.

Toda primavera, Bowie cruzava uma de suas vacas com o boi de Franklin Marstellar, Freddy. Na parede do barracão estava um cabresto que ele chamava de "cabresto do amor", e um bocal. Bowie o pegou do cabide e o segurou pelo bocal, os dedos fechados ao seu redor. As correias de couro

pesadas abaixadas.

— Incline-se no banco de carpinteiro.

— Randy tentou morder meu pescoço. Estou lhe dizendo, era ele ou eu.

— Incline-se no banco de carpinteiro.

Blaze hesitou, mas não pensou. Pensar era um longo processo para ele. Ao invés disso, ele consultou seus instintos.

Não era hora ainda.

Ele se inclinou no banco de carpinteiro. Foi uma chicotada longa e dolorosa, mas ele não chorou. Ele o fez mais tarde, em seu quarto.

A garota por quem ele se apaixonou estava na sétima série da escola Cumberland A, e se chamava Marjorie Thurlow. Ela tinha cabelo amarelo, olhos azuis, e não possuía busto. Ela tinha um sorriso doce que faziam os cantos de seus olhos aparecerem. No pátio, Blaze a seguia com os próprios olhos. Ela o fazia se sentir vazio na boca do estômago, mas de um jeito que era bom. Ele se imaginou carregando os livros dela e a protegendo dos foras da lei. Estes pensamentos sempre faziam seu rosto queimar.

Certo dia não muito depois do incidente com Randy e as chicotadas, a Enfermeira do Distrito veio para a

escola para dar injeções de imunização. Foi entregue às crianças, formulários uma semana antes; aqueles pais que quisessem que suas crianças tomassem injeções os haviam assinado. Agora, as crianças com os formulários assinados se juntavam em uma fila nervosa que levava ao vestiário. Blaze era um deles. Bowie havia ligado para Geroge Henderson, que estava no conselho escolar, e perguntou se as injeções custariam dinheiro. Elas não custavam, então Bowie assinou.

Margie Thurlow também estava na fila. Ela parecia muito pálida. Blaze sentiu-se mal por ela. Ele desejou poder voltar e segurar sua mão. O pensamento fez seu rosto queimar. Ele abaixou a cabeça e

ficou olhando para os pés.

Blaze era o primeiro da fila. Quando a enfermeira acenou para que ele entrasse no vestiário, ele tirou sua jaqueta xadrez rubro-negra, e desabotoou a manga da camisa. A enfermeira pegou a agulha que estava em uma espécie de panela, olhou para sua ponta, e então disse: — É melhor desabotoar a outra manga também, garotão. Você vai levar nas duas.

— Vai doer? — Blaze disse, desabotoando a outra manga.

— Só por um segundo.

— Tudo bem. — Blaze disse, e deixou que ela injetasse a agulha da panela em seu braço esquerdo.

— Certo. Agora o outro braço e terminamos.

Blaze se virou para o outro lado. Ela injetou mais da coisa da outra agulha em seu braço direito. Então ele deixou o vestiário, voltou para sua mesa, e começou a solucionar um problema de seu livro.

Quando Margie saiu, havia lágrima em seus olhos e mais em seu rosto, mas ela não estava soluçando. Blaze sentiu-se orgulhoso dela. Quando ela passou pela sua mesa na direção da porta (alunos do sétimo ano ficavam em outra sala), ele deu a ela um sorriso. E ela sorriu de volta. Blaze embrulhou aquele sorriso, o guardou, e o manteve assim por anos.

Na hora do recreio, na hora em que Blaze estava saindo pela porta para ir ao pátio, Margie correu para dentro, passando por ele, soluçando. Ele se virou para vê-la, então andou lentamente para o pátio, com o cenho franzido, e o rosto infeliz. Ele chegou até Peter Lavoie, que espancava a bola em seu poste com uma mão enluvada, e perguntou a Peter se ele sabia o que havia acontecido com Maggie.

— Glen a acertou no lugar onde ela tomou a injeção. — Peter Lavoie disse. Ele o demonstrou com um garoto que passava, lhe acertando uma bolada primeiro e então socando o garoto três vezes, paf-paf-paf. Blaze assistiu a isso, franzindo o cenho. A enfermeira havia

mentido. Ambos os seus braços agora doíam muito das injeções. Os largos músculos estavam duros e feridos. Era difícil até mesmo dobrá-los sem fazer uma careta. E Margie era uma garota. Ele procurou por Glen.

Glen Hardy era um garoto grande do oitavo ano, do tipo que jogaria futebol, e então mais tarde ficaria gordo. Ele tinha cabelos ruivos que penteava para trás de sua testa em grandes ondas. Seu pai era um fazendeiro na ponta oeste da cidade, e os braços de Glen eram pranchas de músculos.

Alguém jogou para Blaze uma bola. Ele a largou no chão sem olhar para ela, e foi na direção de Glen Hardy.

— Oh, cara. — Peter Lavoie disse. — Blaze está indo atrás de Glen!

A novidade viajou rapidamente. Grupos de garotos começaram a se mover com descontração deliberada na direção onde Glen e outros garotos mais velhos jogavam uma versão grotesca e grossa de futebol. Glen era o lançador. Ele rolou a bola rapidamente e com força, fazendo-a quicar e deslizar no chão congelado.

A Sra. Foster, que estava vigiando o pátio naquele dia, estava do outro lado do prédio, monitorando os pequenos nos balanços. Ela não seria um fator, ao menos não agora.

Glen olhou para cima e viu Blaze

chegando. Ele largou a bola. Ele pôs as mãos na cintura. Ambos os times entraram em colapso para formar um semicírculo ao redor e atrás dele. Eram todos estudantes do sétimo e oitavo ano.

Nenhum deles era maior do que Blaze. Exceto Glen.

Os estudantes do quarto, quinto, e sexto ano se agrupavam desordenadamente atrás de Blaze. Eles se embaralharam, ajustaram seus cintos, esfregaram conscientemente suas luvas, e murmuraram uns com os outros. Os garotos em ambos os lados ostentavam expressões de absurda descontração. A luta ainda não havia começado.

— O que você quer, demente? — Glen

Hardy perguntou. Sua voz era calma. Era a voz de um jovem deus com um resfriado de inverno.

— Por que você bateu na ferida da injeção de Margie Thurlow? — Blaze perguntou.

— Porque eu quis.

— Certo. – Blaze disse, e andou até ele.

Glen o atingiu duas vezes na cara—paf-paf—antes que ele sequer chegasse perto, e o sangue começou a brotar do nariz de Blaze. Então Glen recuou, querendo manter a vantagem de seu alcance. O pessoal gritava.

Blaze balançou a cabeça. Gotas de sangue voaram, manchando a neve nos

lados e à sua frente.

Glen sorria.

— Caipira. — ele disse. — Caipira, caipira demente. — ele bateu em Blaze no meio de sua testa afundada e seu sorriso vacilou enquanto a dor explodia em seu braço. A testa de Blaze era muito dura, afundada ou não.

Por um momento ele se esqueceu de recuar, e Blaze deu seu primeiro murro. Ele não usou seu corpo; ele apenas usou seu braço como um pistão. Seu nós se conectaram com a boca de Glen. Glen berrou e seus lábios foram esmagados contra seus dentes e começaram a sangrar. A gritaria se intensificou.

Glen saboreou seu próprio sangue e se

esqueceu de recuar. E se esqueceu de xingar o garoto feio com a testa amassada. Ele apenas caminhou, girando tonto de bombordo a estibordo.

Blaze lançou seu pé e o encontrou. Debilmente, de muito longe, ele ouviu os gritos e os estímulos de seus colegas. Eles lembravam-no os Collies latindo no canil no dia em que ele percebeu que Randy não iria frear sua corrida.

Glen conseguiu dar pelo menos três bons golpes, e a cabeça de Blaze tremeu com eles. Ele engasgou, respirando sangue. Ele ouviu sinos em seus ouvidos. Seu próprio punho gritou novamente, e ele sentiu o choque subindo até seu ombro. De uma vez só, o sangue na boca de Glen estava

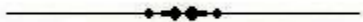
espalhado em seu queixo e bochechas também. Glen cuspiu um dente. Blaze bateu novamente, no mesmo lugar. Glen uivou. Ele soava como uma criancinha com seus dedos imprensados em uma porta. Ele parou de girar. Sua boca estava em ruínas. A Sra. Foster corria na direção deles. Sua saia voava, seus joelhos bombeavam, e ela estava soprando em seu pequeno apito prateado.

O braço de Blaze havia doído muito quando a enfermeira aplicara a injeção, e seu punho doeu, e sua cabeça doeu, mas ele socou de novo, desesperadamente com força, com uma mão que estava dormente e morta. Era a mesma mão que ele usara em Randy, e

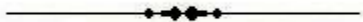
ele bateu tão forte quanto naquele dia no canil. O golpe acertou Glen em cheio no queixo. Isso provocou um audível estalido que silenciou as outras crianças. Glen estava acabado, seus olhos girando nas órbitas. Então seus joelhos cederam e ele desabou.

Eu o matei, Blaze pensou. *Oh, Jesus, eu o matei que nem Randy*.

Mas Glen começou a se mover e fazer sons do fundo de sua garganta, como as pessoas fazem enquanto estão dormindo. E a Sra. Foster estava gritando para que Blaze fosse para dentro. Enquanto ele ia, Blaze a ouviu dizendo a Peter Lavoie para que ele fosse até o escritório e pegasse o kit de primeiros socorros,

para correr.

Ele foi mandado pela escola. Suspenso. Eles estacaram o sangramento de seu nariz com um pacote de gelo, puseram um Band-Aid em sua orelha, e o mandaram para andar seis quilômetros e meio de volta à fazenda de cães. Ele caminhou um pouco pela estrada, então se lembrou de sua sacola com o almoço.

A Sra. Bowie sempre o mandava com uma fatia de sanduíche de pasta de amendoim embrulhado e uma maçã. Não era muito, mas seria uma longa marcha,

e como John Cheltzman diria, qualquer coisa é melhor do que nada em todos os dias da semana.

Eles não deixaram que ele entrasse quando ele voltou, mas Margie Thurlow pegou o saco para ele. Seus olhos ainda estavam vermelhos com o choro. Ela parecia como se quisesse falar alguma coisa, mas não sabia como.

Blaze conhecia essa sensação, e sorriu para mostrar a ela que estava tudo bem.

Ela sorriu de volta. Um de seus olhos estava inchado ao ponto de estar quase fechado, então ele olhou para ela com o outro.

Quando ele chegou ao limite do pátio da escola, ele olhou para trás para vê-la

mais um pouco, mas ela se fora.

— Vá pro barracão. – Bowie disse.

— Não.

Os olhos de Bowie se arregalaram. Ele balançou a cabeça um pouco, como se para clareá-la.

— O que foi que você disse?

— Você não deveria querer me bater.

— Eu julgarei isso. Vá para aquele barracão.

— Não.

Bowie avançou nele. Blaze recuou dois passos e ergueu os punhos inchados. Ele posicionou os pés. Bowie parou. Ele havia visto Randy. O pescoço de Randy havia sido quebrado como um galho de cedro depois de ser congelado.

— Suba para seu quarto, seu filho da puta estúpido. — ele disse.

Blaze foi. Ele sentou em um lado de sua cama. De lá ele podia ouvir Bowie berrando ao telefone. Ele adivinhou para quem Bowie estava berrando.

Ele não se importava. Ele não se importava. Mas quando ele pensou em Margie Thurlow, ele se importou. Quando ele pensou em Margie, ele quis chorar, do modo como algumas vezes

ele queria chorar quando via um passarinho sentado solitário em um fio telefônico. Ele não o fez. Ao invés disso, foi ler Oliver Twist. Ele o sabia de cor; ele até mesmo poderia citar as palavras que não conhecia. Do lado de fora, os cachorros latiam. Eles estavam com fome. Era hora de alimentá-los. Ninguém o chamou para alimentá-los, embora tivesse ido, se o pedissem.

Ele leu Oliver Twist até a perua do LH chegar para buscá-lo. A Lei dirigia. Seus olhos estavam vermelhos de fúria. Sua boca não era nada a não ser um fio entre seu queixo e seu nariz. Os Bowies permaneceram juntos nas longas sombras do crepúsculo de Janeiro, e os assistiram irem embora.

Quando chegaram ao Lar Hetton, Blaze sentiu uma terrível sensação familiar recair sobre ele. Tinha uma sensação de vestir uma camisa molhada. Ele teve que morder a língua para evitar um grito. Três meses e nada havia mudado.

O LH era a mesma pilha de merda de tijolos vermelhos e eternos. As mesmas janelas lançavam a mesma luz amarela no piso do lado de fora, só que agora o piso estava coberto de neve. Na primavera a neve desapareceria, mas a luz permaneceria a mesma.

Em seu escritório, A Lei pegou O Remo. Blaze poderia tê-lo tomado dele, mas ele estava cansado de lutar. E ele percebeu que sempre haveria um alguém maior, com um remo maior.

Depois que A Lei terminou de exercitar seu braço, Blaze foi mandado para o quarto de dormir comunal no Corredor Fuller. John Cheltzman estava parado à porta. Um de seus olhos era uma fenda de carne púrpura inchada.

E aí, Blaze. – ele disse.

— E aí, Johnny. Onde estão seus óculos?

— Destruídos. — ele disse, e então choramingou. — Blaze, eles quebraram meus óculos! Agora eu não posso ler nada!

Blaze pensou sobre isso. Ele estava triste de estar lá, mas significava muito encontrar Johnny esperando.

— Vamos consertá-los. — uma idéia o

cercou. — Ou podemos limpar neve na cidade depois da próxima tempestade, e juntamos grana para comprar novos.

— Podemos fazer isso, você acha?

— Claro. Você vai me ajudar com meu dever de casa, não vai?

— Claro, Blaze, claro.

Eles entraram juntos.

CAPÍTULO 10

A APEX CENTER era um lugar largo que possuía uma barbearia, uma casa para Veteranos de Guerras Estrangeiras, uma loja de ferramentas, a Igreja Pentecostal do Espírito Santo da Apex, um bar de cerveja, e uma lâmpada amarela. Era uma distância de caminhada da cabana, e Blaze desceu até lá na manhã seguinte após assaltar a Tim & Janet's Quik-Pik pela segunda vez. Sua meta era a Loja de Ferramentas da Apex, uma pequena loja independente onde ele compraria uma escada de extensão de alumínio por trinta dólares, mais impostos. Ela possuía uma faixa

vermelha que dizia OS PREÇOS MAIS BARATOS.

Ele a carregou estrada acima de volta, caminhando impassivelmente com ela nos ombros. Ele não olhou para nenhum dos lados. Não o ocorreu que sua compra poderia ser lembrada. George teria pensado nisso, mas George ainda estava sumido.

A escada era grande demais para caber no porta-malas, ou no banco traseiro do Ford roubado, mas coube quando ele colocou uma ponta atrás do assento do motorista e a outra se salientando à frente do assento do passageiro.

Assim que este assunto foi resolvido, ele entrou na casa, e sintonizou o rádio

na WJAB, que tocava até que o sol se pusesse.

— George?

Sem resposta. Ele fez um café, bebeu um copo, e deitou. Ele caiu no sono com o rádio ligado, tocando “Phantom 409”. Quando ele acordou estava escuro e o rádio tocava apenas estática. Era um quarto depois das sete.

Blaze se levantou e fez um jantar—um sanduíche de Bologna e uma lata de abacaxi em fatias. Ele poderia comê-las três vezes por dias e nunca enjoar. Ele engoliu a calda em três longos goles, então olhou em volta.

— George.

Nenhuma resposta.

Ele perambulou inquietamente. Ele sentia falta da TV. O rádio não era companhia para a noite. Se George estivesse aqui, eles poderiam jogar *cribbage*.

George sempre vencia, porque Blaze sempre passava batido com alguns pares, e na maioria dos quinzes (eles significavam Aritmética), mas era divertido subir e descer no tabuleiro do jogo. Era como estar em uma corrida de cavalos. E se George não quisesse fazer isso, eles sempre poderiam embaralhar quatro baralhos de cartas e jogar *War*. George jogaria *War* durante metade da noite, bebendo cerveja e falando sobre os Republicanos e como eles haviam

fodido os pobres.

(*Por quê? Eu te digo o porquê. Pela mesma razão que um cachorro lambe suas bolas-- porque eles podem*.) Mas agora não havia nada para se fazer. George o ensinara a jogar Paciência, mas Blaze não conseguia se lembrar de como jogar.

Era cedo demais para fazer o seqüestro. Ele não havia pensado em roubar alguns gibis ou revistas pornôs quando estivera na loja. Ele finalmente se acalmou com uma edição dos X-Men. George chamava os X-Men de Núcleo dos Veados, como se houvessem saído de dentro de uma maçã, Blaze não entendia o porquê.

Ele cochilou novamente às sete e quarenta e cinco. Quando ele acordou às onze, ele sentiu-se tonto e meio grogue. Ele poderia ir agora se quisesse—quando chegasse a Ocoma Heights já passaria da meia-noite—mas subitamente ele ficou indeciso. Subitamente pareceu muito assustador. Muito complicado. Ele teria que repensar. Fazer planos. Talvez pudesse pensar em um jeito de entrar na casa por si só. Dar uma espiada. Fazer de conta que ele era um trabalhador da companhia de água, ou da companhia elétrica. Desenhar um mapa.

A armação vazia ao lado do fogão desdenhou dele.

Ele adormeceu de novo e teve um

sonho inquieto em que ele corria. Ele perseguia alguém por ruas beira-mar desertas enquanto gaivotas rodopiavam pelos cais e armazéns em um bando gritante. Ele não sabia se estava perseguindo George ou John Cheltzman. E quando ele começou a se aproximar um pouco e a figura olhou para trás por cima de um ombro para sorrir zombeteiramente para ele, ele não viu nenhum desses dois. Era Margie Thurlow.

Quando ele acordou, ainda estava sentado na cadeira, ainda vestido, mas a noite havia terminado. WJAB estava no ar novamente. Henson Cargill cantava “Skip a Rope”.

Ele esteve pronto para ir novamente na noite seguinte, mas não foi. No dia seguinte ele saiu e fez um longo rastro, sem sentido, com a pá, na direção da floresta. Ele usou a pá até perder o fôlego e sua boca ficar com gosto de sangue.

Eu vou hoje à noite, ele pensou, mas o único lugar para qual ele foi naquela noite foi à loja de cerveja local, para ver se novos gibis haviam chegado.

Eles haviam, e Blaze comprou três. Ele adormeceu em cima do primeiro depois do jantar, e quando ele acordou, era meia-noite. Ele estava se levantando

para ir ao banheiro e dar uma mijada—para depois desabar na cama—quando George falou.

— George?

— Você é covarde, Blaze?

— Não! Num sou…

— Você tem perambulado por aqui como um cachorro com as bolas presas no galinheiro.

— Não! Eu não! Eu fiz várias coisas. Eu consegui uma boa escada– — É, e alguns gibis. Você tem se divertido,

sentado por aqui, ouvindo essa música de bosta e lendo sobre veados superpoderosos, Blazer?

Blaze murmurou alguma coisa.

— O que foi que disse?

— Nada.

— Acho que não, se você não tiver coragem pra falar alto.

— Tudo bem… eu disse que ninguém pediu para você voltar.

— Ora, seu filho da puta miserável e ingrato.

— Ouça, George, eu…

— Eu cuidei de você, Blaze. Eu admito que não foi por caridade, você era bom

quando era usado bem, mas era eu quem sabia como fazer isso. Você se esqueceu? Nem sempre conseguimos três pontos por dia, mas sempre tínhamos ao menos um. Era eu quem cuidava para que você trocasse de roupa e se limpasse. Quem te falou pra escovar teus dentes fodidos?

— Você, George.

— A quem você está agora negligenciando, à propósito, e você está com aquela Boca de Rato Morto novamente.

Blaze sorriu. Ele não pôde evitar. George tinha um jeito engraçadinho de dizer coisas.

— Quando você precisou de uma puta,

eu te arrumei uma também.

— É, e uma me passou gonorréia—por seis semanas, mijar foi de matar.

— Te levei ao doutor, não levei?

— Levou. — Blaze admitiu.

— Você me deve por isso, Blaze,

— Você não queria que eu fizesse isso!

— É, eu mudei de idéia. Era meu plano, e você me deve.

Blaze pensou sobre isso. Como sempre, lhe tomou um longo e doloroso tempo. Então ele explodiu.

— Como eu posso dever para um morto? Se as pessoas entrassem, elas me veriam falando comigo mesmo e

respondendo a mim mesmo, e achariam que eu estou maluco! Eu provavelmente estou maluco! — outra idéia lhe ocorreu. — Você não pode fazer nada com sua parte da grana! Você 'tá morto!

— E você 'tá vivo? Sentado aqui, ouvindo o rádio tocar essas canções de vaqueiros fodidos? Lendo gibis, e comendo?

Blaze corou e olhou para o chão.

— Esquecer tudo e roubar aquela mesma loja em toda terceira ou quarta semana até que demarquem o local e peguem seu rabo? Sentar aqui vendo aquela porra de armação, e aquele doce berço de merda doce, enquanto isso?

— Eu vou cortá-los e usá-los com

madeira para o fogão.

— Olhe pra você. — George disse, e o que estava em sua voz soou além da tristeza. Soou como sofrimento. — As mesmas calças todo dia por duas semanas? Manchas de mijo nas cuecas? Você precisa se barbear e precisa de um maldito corte de cabelo… sentado aqui nesta cabana no meio desta floresta de merda. Este não é o jeito como trabalhamos. Não vê isso?

— Você se foi. — Blaze disse.

— Porque você estava agindo como um estúpido. Mas isso é ainda mais estúpido. Você tem que arriscar, ou cairá. Você cumprirá cinco anos aqui, seis acolá, então eles te pegarão na

mosca e você ficará sentado em Shank pelo resto de sua vida. Apenas um lesado que não sabia o bastante para escovar os dentes ou trocar as meias. Apenas mais uma migalha no chão.

— Então me diga o que fazer, George.

— Siga em frente com o plano, é isso o que você deve fazer.

— Mas se eu for pego, a pena é máxima. Vida. — isso esteve à espreita em sua mente mais do que ele queria admitir.

— Isso vai acontecer com você de qualquer forma, o jeito que você vai é que– está me ouvindo? E, ei! Você estará lhe fazendo um favor. Mesmo se ele não se lembrar—o que ele não vai—

ele vai ter algo para contar em suas conversas boçais com seus amigos do country club pelo resto da vida. E as pessoas que você estará roubando, elas mesmos roubam dinheiro, só que como Woody Guthrie diria, com uma caneta-tinteiro, em vez de com uma arma.

— E se eu for pego?

— Não será. Se você se encrencar com o dinheiro—se ele estiver marcado—você vai até Boston e encontre Billy O'Shea. Mas o principal é, você tem que acordar.

— Quando eu devo fazer, George? Quando?

— Quando você acordar. Quando você acordar. Acorde. Acorde!

Blaze acordou. Ele estava na cadeira. Todos os gibis estavam no chão, e ele estava com os sapatos calçados. Oh, George.

Ele se levantou, e olhou para o relógio barato acima do refrigerador.

Marcava um quarto depois da uma. Havia um espelho manchado de sabonete em uma parede, e ele se inclinou para que pudesse ver a si mesmo. Seu rosto pareceu assombrado.

Ele pôs o casaco e um chapéu, e um par de luvas, e saiu para a garagem. A escada ainda estava no carro, mas o

carro não fora ligado durante três dias, e demorou um longo tempo até que pegasse.

Ele se pôs atrás do volante.

— Aqui vou eu, George. Eu vou mandar ver.

Não houve resposta. Blaze virou o chapéu para o lado da boa sorte, e deu a ré na garagem. Deu meia volta em três manobras e então dirigiu pela estrada. Ele estava a caminho.

CAPÍTULO 11

NÃO HOUVE PROBLEMA em estacionar em Ocoma Heights, mesmo ela sendo muito patrulhada pelos tiras. George havia coberto essa parte do plano, meses antes de morrer. Esta parte havia sido a semente.

Havia um grande condomínio do lado oposto à mansão Gerard, mais ou menos quatrocentos metros estrada acima. Oakwood tinha nove andares, seus apartamentos eram habitados por pessoas de carreiras prósperas, as mesmas cujos interesses empresariais jaziam em Portland, Portsmouth, e

Boston. Em um dos lados havia um estacionamento para visitantes. Quando Blaze encostou perto do portão, um homem saiu da pequena cabine, subindo o zíper de sua jaqueta parka.

— A quem está visitando, senhor?

— Sr. Joseph Carlton. — Blaze disse.

— Sim, senhor. — o atendente disse. Ele pareceu bem-humorado, apesar do fato de serem quase duas da manhã agora. — Precisa que ele libere o portão?

Blaze balançou a cabeça, e mostrou ao atendente do estacionamento um cartão de plástico vermelho. Havia sido de George. Se o atendente dissesse que teria que dar uma subidinha—se ele

mesmo olhasse de modo suspeito—Blaze saberia que o cartão não servia, que eles haviam trocado as cores, ou coisa assim, e que teria de dar o fora dali.

Entretanto, o atendente apenas assentiu e voltou para sua cabine. Um momento depois, a barreira do portão subiu e Blaze dirigiu para dentro do estacionamento.

Não havia um Joseph Carlton, ao menos Blaze não achava que existisse.

George disse que o apartamento no oitavo andar era um cercado arrendado por alguns caras de Boston, caras chamados de Espertinhos Irlandeses. Às vezes, os Espertinhos Irlandeses faziam

encontros lá. Às vezes, eles encontravam garotas que "faziam variedades", de acordo com George. Na maior parte das vezes, eles jogavam pôquer apostando grana. George estivera em meia dúzia desses jogos.

Ele entrou porque havia crescido com um dos Espertinhos, um cara de cabelos prematuramente grisalhos chamado Billy O'Shea, com olhos de sapo, e lábios azulados. Billy O'Shea chamava George de "Raspadeira", por causa de sua voz, ou às vezes apenas Raspa. Às vezes, George e Billy O'Shea falavam sobre as freiras e os padres.

Blaze estivera em dois destes jogos de altas apostas com George, e mal pôde acreditar no monte de dinheiro em cima

da mesa. Em uma, George ganhou cinco mil dólares. Na outra, perdeu dois. Era por Oakwood ser perto da mansão Gerard que George começara a pensar seriamente sobre o dinheiro dos Gerard, e o pequeno herdeiro Gerard.

O estacionamento dos visitantes estava escuro e deserto. Neve arada brilhava sob a única lâmpada a vapor de sódio. A neve estava empilhada contra o grande alambrado que dividia o estacionamento dos quatro acres de terras, que serviam como estacionamento, do outro lado.

Blaze saiu do Ford, deu a volta até a porta traseira, e tirou sua escada. Ele estava em ação, e isso era melhor. Quando ele estava em movimento, suas

dúvidas se dissipavam.

Ele passou a escada por cima do alambrado. Ela aterrissou silenciosamente, em um travesseiro de neve. Ele subiu com dificuldade, prendeu as calças em um pedaço de arame sobressalente e desabou de cabeçaem um monte de neve, de um metro de espessura. Foi formidável e emocionante. Ele se mexeu no chão, e deixou involuntariamente a marca de um anjo de neve ao se levantar.

Ele enganchou um braço em sua escada e começou a marchar com dificuldade em direção à estrada principal. Ele queria chegar à parte de trás da casa dos Gerard, e ele estava concentrado nisso. Ele não estava pensando nas pegadas

que estava deixando—a distinta pegada em forma de waffle de suas botas do Exército. George teria pensado nisso, mas George não estava lá.

Ele parou na estrada e olhou para ambos os lados. Não havia nada chegando. Do outro lado, uma cerca coberta de neve se interpunha entre ele e a casa escura.

Ele correu pela estrada, curvado, como se isso fosse escondê-lo, e passou a escada por cima da cerca. Ele estava para atravessar, apenas forçando o caminho, quando alguma luz—o poste mais próximo, ou talvez apenas o brilho das estrelas—refletiu um brilho prateado nas ramificações desnudas. Ele olhou com mais atenção, e sentiu seu

coração bombear. Havia um cabo amarrado à pequenas estacas de metal. A três quartos de cada estaca, o cabo atravessava um condutor de porcelana. Um fio eletrificado, exatamente igual ao que tinha no pasto de vacas dos Bowies. A coisa eletrocutaria qualquer um que a tocasse, forte o bastante para fazê-lo mijar nas calças e acionar o alarme ao mesmo tempo. O motorista ou o mordomo, ou quem quer que fosse, ligaria para os tiras, e isso seria tudo. Dito e feito.

— George? — ele sussurrou.

Em algum lugar acima na estrada, uma voz sussurrou: — Pule essa puta.

Ele recuou—a estrada permanecia

deserta em todas as direções—e correu na direção da cerca. Um segundo antes de chegar lá, suas pernas se flexionaram e o impulsionaram para cima em um longo salto bizarro. Ele passou por cima do topo da cerca e aterrissou estatelando-se na neve ao lado de sua escada. Sua perna, levemente arranhada no alambrado de Oakwood, salpicou gotas de sangue do tipo AB negativo na neve, e em vários pontos das ramificações da cerca.

Blaze se levantou e avaliou a situação. A casa estava a noventa metros de distância. Atrás dela havia um prédio menor. Talvez uma garagem ou uma casa de hóspedes. Talvez até mesmo os quartos dos serviçais. No meio havia um

vasto campo de neve. Ele seria facilmente observado de lá, se alguém estivesse acordado. Blaze deu de ombros. Se estivessem acordados, estavam acordados.

Não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

Ele agarrou a escada e trotou na direção das sombras protetoras da casa.

Quando chegou lá, ele se agachou, recuperando o fôlego e procurando por qualquer sinal de alarme. Ele não viu nenhum. A casa permanecia adormecida.

Havia dúzias de janelas nos andares de cima. Qual seria a certa? Se ele e George houvessem descoberto isto—se ele houvesse—ele havia esquecido.

Blaze apoiou a mão contra o tijolo como se esperasse que ele respirasse. Deu uma olhada na janela mais próxima e viu uma ampla e reluzente cozinha. Parecia a sala de controle da nave Enterprise. Uma leve luz sobre o fogão refletiu um suave resplendor sobre a fórmica e o azulejo. Blaze enxugou a boca com a palma da mão. A indecisão tentava se infiltrar, e ele voltou para a escada para montá-la.

Por qualquer ação, até mesmo a mais trivial, ele tremia.

Isto é perpétua! , uma voz dentro dele gritou. *Por essa eles vão te enfiar no xadrez para sempre! Ainda há tempo, você ainda pode—* — Blaze.

Ele quase gritou.

— Qualquer janela. Se você não lembra, você terá que forçar as juntas.

— Não posso, George. Eu vou derrubar alguma coisa… eles vão me ouvir, e virão e vão atirar em mim… ou…

— Blaze, você tem que fazer isso. É a única coisa a se fazer.

— Eu estou com medo, George. Eu quero ir pra casa.

Nenhuma resposta. Mas de certo modo, essa era a resposta.

Respirando em grunhidos ásperos e abafados que produziam nuvens de vapor, ele destravou as linguetas e a

estendeu em toda sua longitude. Seus dedos, entorpecidos dentro das luvas, tiveram de tatear duas vezes para segurar as lingüetas de novo. Ele já havia andado muito pela neve agora, e estava branco dos pés à cabeça—um homem de neve, um Yeti. Havia até mesmo um pouco de neve na aba de seu boné, ainda virado para o lado da sorte. Exceto pelos cliques das lingüetas, e dos leves sopros de sua respiração, estava tudo quieto. A neve abafava os ruídos.

A escada era de alumínio, e era leve. Ele a ergueu facilmente. O degrau do topo alcançava logo abaixo da janela que havia sobre a cozinha. Ele poderia alcançar a borda dessa janela com dois

ou três degraus de antecedência. Ele começou a subir, sacudindo a neve enquanto o fazia. A escada balançou uma vez, fazendo-o congelar e segurar sua respiração, até que por fim, estabilizou-se.

Começou a subir novamente. Ele assistiu os tijolos descerem à sua frente, e então o peitoril da janela. Finalmente, ele estava olhando pra dentro do quarto.

Havia uma cama de casal. Duas pessoas dormiam nela. Seus rostos não eram nada, a não ser círculos brancos. Apenas borrões, na verdade. Blaze olhou para eles, espantado. Seu medo estava esquecido. Por nenhuma razão que ele pudesse entender—ele não estava sentindo tesão, ou ao menos não

achava que estivesse—ele começou a ter uma ereção. Ele não tinha dúvidas de que estava olhando para Joseph Gerard III e sua esposa. Ele estava olhando para eles, mas eles não sabiam disso. Ele estava olhando para dentro do mundo deles. Ele conseguia ver seus móveis, o criado-mudo, a grande cama de casal. Ele podia ver um enorme espelho de onde ele se via refletido, olhando do lado de fora, onde estava frio. Ele olhava para eles, e eles não sabiam disso. Seu corpo tremeu de excitação.

Ele afastou a visão e olhou para a trava interna da janela. Era uma simples e pequena trava deslizante, fácil o bastante de se abrir com a ferramenta certa, o que George teria chamado de

“vemnimim”. É claro que Blaze não tinha a ferramenta certa, mas ele não precisaria de uma. A trava não estava fechada.

Eles são gordos, Blaze pensou. *Eles são gordos Republicanos estúpidos*.

Eu posso ser bobo, mas eles são estúpidos.

Blaze separou os pés o mais que pôde na escada, para aumentar a força, então ele começou a aplicar pressão na janela, aumentando-a gradualmente. O

homem na cama mudou de um lado para o outro em seu sono e Blaze parou até que Gerard estivesse calmo novamente na rotina de seus sonhos. Então ele voltou a pôr pressão.

Ele estava começando a achar que talvez a janela estivesse selada de alguma forma—que era por isso que a trava não estava fechada—quando a mais fina abertura surgiu. A madeira gemeu levemente. Blaze parou imediatamente.

Ele pensou no assunto.

A coisa teria de ser rápida: abrir a janela, entrar, fechar a janela de novo.

De outro modo a entrada do frio ar de Janeiro os acordaria com certeza. Mas se a janela deslizante batesse contra a madeira, isso os acordaria também.

— Vai nessa. — George disse da base da escada. — Este vai ser seu melhor golpe

Blaze enfiou os dedos na abertura entre a parte inferior da janela e o peitoril, então a levantou. A janela subiu sem qualquer som. Ele passou uma perna para dentro, seguida de seu corpo, se virou, e fechou a janela. Ela gemeu quando foi encaixada, e produziu um baque surdo. Ele congelou enquanto estava agachado, com medo de se virar e olhar para a cama, com os ouvidos atentos ao menor som.

Nada.

Mas é claro que havia. Sim, havia muitos. A respiração, por exemplo.

Duas pessoas respirando quase juntas, como se estivessem pedalando em uma bicicleta feita para dois. Tímidos

barulhos do colchão. O bater dos ponteiros do relógio. Uma leve corrente de ar—que vinha da mobília. E a própria casa, exalando. Decaindo como se tivesse cinqüenta ou setenta e cinco anos. Diabos, talvez cem. Assentando-se sobre seus ossos de tijolo e madeira.

Blaze se virou e olhou para eles. A mulher estava coberta até a cintura. O

topo de sua camisola havia sido afastado para um lado, e um seio estava exposto.

Blaze olhou para ele, fascinado enquanto ele subia e descia, com o modo como o mamilo coroava este pequeno esboço…

— Mova-se, Blaze! Cristo!

Ele andou cuidadosamente pelo quarto, como uma caricatura de um amante que estivera escondido debaixo da cama, com sua respiração presa e seu peito estufado como o de um coronel de um desenho animado.

Ouro brilhou.

Havia um tríptico em uma das cômodas, três fotos unidas em ouro e em formado de pirâmide. No fundo estava Joe Gerard III, e sua esposa armênia de pele de oliva. Acima deles estava o IV, uma criança careca coberta com um pano de bebê até o queixo. Seus olhos escuros estavam abertos para olhar o mundo em que havia recém-chegado.

Blaze alcançou a porta, girou a

maçaneta, e parou para olhar para trás. Ela havia movido um braço para frente de seu seio nu, escondendo-o. Seu marido dormia de bruços com a boca aberta, e por um momento, antes de ele roncar densamente, e enrugar o nariz, ele pareceu morto. Isto fez Blaze pensar em Randy, e em como Randy ficara deitado no chão congelado com as pulgas e carrapatos deixando seu corpo.

Além da cama, havia um pouco de neve no ressalto da janela e no chão.

Ambos já estavam derretendo. Blaze abriu a porta devagar, ele estava pronto para parar ao menor sinal de rangido, mas não houve barulho. Ele deslizou para o outro lado no instante em que a abertura lhe serviu. Do lado de fora

havia uma espécie de combinação de corredor com galeria. Um espesso e adorável carpete se estendia sob seus pés. Ele fechou a porta do quarto atrás dele, aproximou-se da escuridão da balaustrada que dava a volta na galeria, e olhou para baixo.

Ele viu uma escadaria, que subia em uma sutil espiral desde um salão de entrada amplo que ficava fora de vista. O chão polido refletia uma tênue e leve luz. Em um dos lados havia uma estátua de uma moça. Encarando-a, neste lado da galeria, havia uma estátua de um rapaz.

— Esqueça as estátuas, Blaze, ache o garoto. É aquela escada bem ali…

Um dos extremos da escada se comunicava com o primeiro andar, à direita, então Blaze virou à esquerda e subiu um andar. Aqui não havia som, exceto o fraco sussurro de seus passos no tapete. Ele sequer podia ouvir a mobília. Era estranho. Ele abriu a próxima porta com cuidado e olhou para dentro de um quarto com uma mesa no meio, e livros em estantes nas paredes, e prateleiras de livros. Havia uma máquina de escrever na mesa, e uma pilha de papéis seguras por um pedaço de pedra negra de vidro. Havia um quadro na parede. Blaze conseguia distinguir um homem com o cabelo branco fazendo uma careta que parecia estar dizendo "Seu Ladrão". Ele fechou

a porta e seguiu em frente.

A porta seguinte se abriu para um quarto vazio com uma cama com dossel, sua colcha parecia compacta demais. Ele seguiu em frente, sentindo gotas de suor brotarem em seu corpo. Ele mal estivera consciente do tempo que se passara, mas agora ele estava. Por quanto tempo ele estivera nesta casa rica e adormecida? Quinze minutos? Vinte?

O terceiro quarto estava ocupado por outro casal adormecido. Ela gemia em seu sono, e Blaze fechou a porta rapidamente. Ele virou no corredor. E se ele tivesse que subir as escadas, para o terceiro andar? A idéia o encheu de um tipo de terror que ele sentia em seus raros pesadelos (que eram normalmente

sobre o Lar Hetton, ou os Bowies). O que ele diria se as luzes acendessem agora mesmo e ele fosse pego? O que ele poderia dizer? Que veio roubar a prataria? Não havia prataria no segundo andar, até mesmo um idiota sabia disso.

Havia uma porta na dobra do corredor. Ele a abriu e olhou para dentro do quarto do bebê. Ele ficou espiando por um longo tempo, dificilmente acreditando que havia chegado tão longe. Não era um sonho. Ele poderia fazer a coisa. O pensamento o fez querer correr.

O berço era quase exatamente igual ao que ele havia comprado. Havia personagens de Walt Disney nas paredes. Havia uma mesa de trocar

fralda, uma prateleira com cremes e pomadas, e um pequeno guarda-roupa de bebê pintado com uma cor brilhante. Talvez vermelho, talvez azul, Blaze não conseguia dizer no escuro. Havia um bebê no berço.

Era sua última chance de correr e ele sabia disso. Neste momento, ele ainda poderia dar o fora como um desconhecido do mesmo modo como havia entrado. Eles nunca imaginariam o que quase acontecera. Mas ele saberia. Talvez ele entrasse e colocasse uma de suas grandes mãos na pequena testa do bebê, e então sairia. Ele subitamente imaginou a si mesmo daqui a vinte anos, vendo o nome de Joseph Gerard IV na página social do jornal, o que George

chamava de notícias de putas ricas e cornos boçais. Haveria a foto de um jovem em roupas de gala, parado ao lado de uma jovem de vestido branco. A jovem estaria segurando um buquê de flores. A história diria onde eles haviam se casado e aonde iriam passar a lua de mel. Ele olharia para a foto e pensaria: *Oh, amigo. Oh, amigo, você não tem idéia*.

Mas quando ele entrou, ele sabia que seria pra valer.

É assim que fazemos, George, ele pensou.

O bebê estava dormindo de barriga para cima, a cabeça virada para um lado. Uma pequenina mão estava enfiada

abaixo de sua bochecha, sua respiração movia o pano acima dele, para cima e para baixo, em pequenos ciclos. Sua cabeça estava coberta com alguns fios de cabelo, não muitos. Um anel vermelho de morder estava caído ao seu lado no travesseiro.

Blaze se inclinou na direção dele, e então recuou.

E se ele chorasse?

No mesmo instante ele viu algo que fez seu coração subir à boca. Era uma pequena babá eletrônica. O receptor estaria no quarto da mãe, ou no da babá. Se o bebê chorasse…

Muito gentilmente, Blaze esticou o braço e apertou o botão de ligar. A luz

vermelha apagou e morreu. Enquanto aconteceu, ele ponderou se haveria algum tipo de barulho que dispararia quando a babá fosse desligada. Como um alerta.

Atenção mamãe. Atenção, babá. A babá eletrônica está piscando porque um seqüestrador grande e burro acabou de desligá-la. Há um seqüestrador burro na casa. Venham ver. Tragam uma arma.

Vá nessa, Blaze, Faça seu melhor golpe.

Blaze respirou fundo e soltou o ar. Então ele alisou o pano e o envolveu no bebê enquanto ele o levantava. Ele o embalou gentilmente nos braços. O bebê soluçou e se espreguiçou. Seus olhos

piscaram. Emitiu um ronronado. Então seus olhos se fecharam de novo, e seu corpo relaxou.

Blaze soltou a respiração.

Ele se virou, voltou para a porta, e retornou para o corredor, percebendo que estava fazendo mais do que apenas deixar o quarto do garoto, o berçário. Ele estava cruzando a linha. Ele já não mais poderia clamar ser um simples ladrão.

Seu crime estava em seus braços.

Descer as escadas com um bebê adormecido era impossível, e Blaze sequer pensou nisso. Ele desceu as escadas. O corredor era atapetado, mas as escadas não eram. Seu primeiro

passo no primeiro degrau de madeira polido soou alto, óbvio, e nada abafado. Ele pausou, ouvindo, completamente atento pela ansiedade, mas a casa seguiu dormindo.

Entretanto, agora seus nervos começavam a se desfiar. O bebê pareceu ganhar peso em seus braços. O pânico lhe roia o juízo. Ele quase podia flagrar um movimento no canto dos olhos, primeiro de um lado, depois do outro. A cada passo ele esperava que o bebê se agitasse e chorasse. E uma vez que isso acontecesse, seu lamento acordaria a casa.

— George… — ele murmurou.

— Ande. — George disse abaixo dele.

— Que nem na velha piada. Ande, não corra. Na direção da minha voz, Blazer.

Blaze começou a descer as escadas. Era impossível ser silencioso, mas pelo menos nenhum de seus passos foi tão alto quanto o horrível primeiro. O bebê se mexeu. Ele não conseguia segurá-lo firmemente, não importava o quanto tentasse. Até agora o garoto ainda estava dormindo, mas a qualquer minuto, qualquer segundo…

Ele contou. Cinco degraus. Seis. Sete, oito, comer biscoito. Era uma escada muito longa. Feita, ele supôs, para bocetas coloridas subirem e descerem em grandes danças como em *E o Vento Levou*... Dezessete. Dezoito. Deze-Era o

último degrau, e seu pé despreparado desceu forte de novo: *Clanque!* O bebê sacudiu a cabeça. Ele soltou um único soluço. O som foi muito alto no silêncio.

Uma luz foi acesa no andar de cima.

Os olhos de Blaze se esbugalharam. Adrenalina foi injetada em seu peito e barriga, fazendo-o ficar rígido e apertar o bebê contra si. Ele se obrigou a relaxar um pouco, e se escondeu nas sombras da escadaria. Lá ele ficou parado, seu rosto retorcido de medo e horror.

— Mike? — uma voz sonolenta chamou.

O som de chinelos sendo arrastados veio logo acima.

— Mikey-Mike, é você? É você, seu malvado? — a voz vinha diretamente de cima, falando num sussurro fingido, em um tom de “os outros estão dormindo”. Era uma voz velha, rabugenta. — Vá para a cozinha e vá ver a bela vasilha de leite que a Mamãe deixou. — uma pausa. — Se derrubar um vaso, Mamãe vai te dar uma surra.

Se a criança chorasse agora…

A voz acima de Blaze murmurou algo com saliva demasiada que ele não entendeu, e então os chinelos se afastaram. Houve uma pausa—que pareceu durar cem anos—e então uma porta se fechou, encerrando a luz.

Blaze permaneceu firme, tentando

controlar sua necessidade de tremer.

Tremer poderia acordar a criança. Provavelmente acordaria a criança. Para qual lado era a cozinha. Como ele iria levar a escada e a criança juntas? E quanto ao cabo eletrificado? O quê-como-onde…

Ele se mexeu para reprimir as questões, andando com cuidado pelo corredor, curvando-se sobre a criança enrolada como uma bruxa levando um saco. Ele viu uma porta dupla de vidro entreaberta. Azulejos encerados brilhavam além. Blaze cruzou o umbral e entrou na sala de jantar.

Era uma sala rica, a mesa de mogno servia para agüentar perus de nove

quilos no Dia de Ação de Graças e assados fumegantes nas manhãs de Domingo.

Pratos chineses brilharam atrás de portas de vidros de um guarda-louça alto.

Blaze passou como um fantasma, sem parar, mas mesmo assim, a visão da grande mesa e das cadeiras com suas duras costas altas despertaram um latente ressentimento em seu peito. Certa vez ele havia esfregado chãos de cozinhas de joelhos, e George dissera que havia muitas outras pessoas como ele. E não apenas na África. George dissera que pessoas como os Gerards fingiam que pessoas como ele não existiam. Bem, deixe que eles coloquem

um boneco no berço lá em cima e finjam que é um bebê de verdade. Deixe que eles finjam isso, se eles são tão bons em fingir.

Havia uma porta vai-e-vem no fim da sala de jantar. Ele passou por ela.

Então ele chegou à cozinha. Olhando pela janela de vidro próxima ao fogão, ele pôde ver as pernas de sua escada. Ele procurou em volta por um lugar em que ele pudesse deixar o bebê enquanto abria a janela. Os balcões eram amplos, mas talvez não amplos o bastante. E ele não gostou da idéia de colocar a criança no fogão, mesmo que o fogão estivesse desligado.

Seus olhos avistaram uma velha cesta

de mercado pendurada em um gancho da porta da despensa. Pareceu espaçosa o bastante, e tinha uma alça. Ela tinha laterais altas também. Ele a pegou e a colocou em cima de um pequeno carrinho de compras com rodinhas que estava contra uma parede. Ele colocou o bebê dentro. O bebê se mexeu levemente.

Agora a janela. Blaze a levantou, e foi confrontado por outra janela, esta contra tempestades. Não houvera janelas contra tempestades no andar de cima, mas esta aqui estava aparafusada firmemente. Ele começou a abrir os armários.

Embaixo da pia, ele achou uma pilha limpa de panos de pratos. Ele pegou um.

Havia uma águia Americana nele. Blaze envolveu sua mão enluvada e socou a parte mais baixa da vidraça da janela. Ela se partiu com um silêncio relativo, deixando um largo buraco. Blaze começou a tirar os pedaços que seguiam na direção do centro como grandes flechas de vidro.

— Mike? — a mesma voz. Chamando manhosamente. Blaze enrijeceu.

Isso não estava vindo do andar de cima. Estava vindo…

— Mikey, o que você derrubou?

…direto do corredor e se aproximando…

— Você vai acordar a casa inteira, seu menino malvado.

…e se aproximando ainda mais…

— Eu vou te colocar na adega antes que você se machuque.

A porta se abriu, e a silhueta de uma mulher entrou atrás de uma luz noturna elétrica na forma de uma vela. Blaze teve a impressão de que era uma velha, tentando preservar o silêncio, andando lentamente, como se estivesse fazendo malabarismo com ovos. Ela usava bobs no cabelo; sua cabeça, em silhueta, parecia algo saído de um filme de ficção-científica. Então ela o viu.

— Quem… — Só esta palavra. Então aquela parte de seu cérebro que lidava com emergências, velha, mas não morta, decidiu que falar não era a coisa certa

nesta situação. Ela pegou ar para gritar.

Blaze a acertou. Tão forte como Randy, tão forte como Glen Hardy. Ele não pensou; teve que fazê-lo. A velha caiu no chão com sua luz noturna abaixo dela. Houve um som abafado quando o bulbo quebrou. Seu corpo permaneceu caído metade para dentro e metade para fora da porta. Houve um baixo e lamentoso miado. Blaze grunhiu e olhou para cima. Olhos verdes o observavam do topo do refrigerador.

Blaze voltou-se para a janela e tirou o resto dos estilhaços de vidro.

Quando estava feito, ele passou pelo buraco que havia feito na parte baixa da janela contra tempestade e procurou

algum som.

Nada.

Ainda.

Vidro quebrado brilhou na neve como o sonho de um criminoso.

Blaze afastou a escada da mansão, soltou as lingüetas, e a abaixou. O som foi tão aterrorizante que para Blaze pareceu um grito. Uma vez que as lingüetas foram presas novamente, ele pegou a escada e começou a correr. Ele saiu das sombras da casa e estava na metade do jardim quando percebeu que havia se esquecido do bebê. Ele ainda estava no carrinho de servir. Toda a sensação deixou o braço que segurava a escada, e ela caiu na neve. Ele se virou

e olhou pra trás.

Havia luz no andar superior.

Por um momento Blaze se dividiu em duas pessoas. Uma delas estava simplesmente correndo na direção da estrada—com as bolas na parede, George teria dito—e a outra estava voltando para a casa. Por um momento ele não conseguiu se decidir. Então ele voltou, movendo-se rapidamente, suas botas chutando pequenos montes de neve.

Ele rasgou sua luva e cortou a carne de sua palma em um pedaço de vidro que ainda estava saindo pela janela. Ele mal sentiu. Então ele estava do lado de dentro de novo, agarrando a cesta,

balançando-a perigosamente, quase deixando o bebê cair.

No andar de cima, uma descarga soou como um trovão.

Ele desceu a cesta na neve e a seguiu sem dar uma única olhada para a forma inerte no chão atrás dele. Ele pegou a cesta e simplesmente deu no pé. Ele parou por tempo o bastante para colocar a escada sob o braço. Então correu para a cerca. Lá ele parou e olhou para o bebê. O bebê dormia pacificamente. Joe IV

estava inconsciente de que acabara de ser raptado. Blaze olhou de volta para a casa. As luzes do andar de cima haviam se apagado novamente.

Ele desceu a cesta na neve e jogou a escada por cima da cerca. Um momento depois, luzes brotaram na rodovia.

E se fosse um tira? Jesus, e se fosse?

Ele permaneceu nas sombras da cerca, muito consciente de como suas pegadas de ida e vinda no jardim estavam visíveis. Elas eram as únicas lá. Os faróis cresceram, seguraram a luz por um momento, e então desapareceram sem diminuir a velocidade.

Blaze se levantou, pegou a cesta—era sua cesta gora—e andou na direção da cerca. Içando o braço do outro lado ele pôde passar a cesta e descê-la do outro lado. Ele só não conseguia abaixá-la o caminho todo. Ele teria que largá-la nos

últimos centímetros. Ela aterrissou levemente na neve. O bebê encontrou seu polegar e começou a chupá-lo. Blaze podia ver sua boca se mexendo e relaxando no brilho do poste mais próximo. Mexendo e relaxando. Quase como a boca de um peixe. O forte frio da noite ainda não havia tocado o bebê. Nada saia de seu cobertor exceto sua cabeça e uma pequenina mão.

Blaze pulou a cerca, pegou a escada, e pegou a cesta novamente. Ele cruzou a estrada, agachando-se depressa. Então cruzou o campo em seu caminho diagonal anterior. No alambrado que cercava o estacionamento Oakwood, ele apoiou a escada (não era necessário estendê-la dessa vez), e carregou a cesta

até o topo. Ele passou para o outro lado, esticando suas tensas pernas, com a cesta equilibrada, consciente de que se as pernas da escada escorregassem, suas bolas teriam a surpresa de suas vidas. Ele ajeitou a escada em um leve puxão, arquejando com o esforço adicionado às suas pernas. Ela pendeu para um lado, desequilibrou, e então pousou de volta no chão do estacionamento. Ele ponderou se haveria alguém o observando lá em cima, mas era uma coisa idiota para se ponderar. Não havia nada que ele pudesse fazer se houvesse alguém. Ele podia sentir o corte em sua mão agora. Ele estava latejando.

Ele firmou a escada, então equilibrou a cesta no degrau do topo, firmando-a com

uma mão enquanto descia cuidadosamente a um degrau mais baixo. A escada deslizou um pouco, e então pausou. Por fim, ela ficou imóvel. Ele desceu a escada com a cesta. No chão, ele botou a escada sob um braço novamente e caminhou até onde o Ford estava estacionado. Ele pôs o bebê no banco do passageiro, abriu a porta traseira, e enfiou a escada dentro. Então ele se colocou atrás do volante.

Mas ele não conseguia achar a chave. Ela não estava em nenhum dos bolsos de sua calça. Nem nos do seu casaco, tampouco. Ele estava temendo tê-la perdido, deixado-a cair, e assim tendo que voltar pela cerca para procurar, quando a viu, espetando para fora da

ignição. Ele se esquecera de levá-la junto.

Ele esperava que George não tivesse visto essa. Se George não tivesse, Blaze não lhe contaria. Nem em um milhão de anos.

Ele ligou o carro e colocou a cesta nos pés do banco do passageiro. Então ele dirigiu de volta para a pequena cabine. O guarda saiu.

— Saindo cedo, senhor?

— Cartas ruins. — Blaze disse.

— Acontece com os melhores de nós. Boa noite, senhor. Melhor sorte da próxima vez.

— Valeu. — Blaze disse.

Ele parou na estrada, olhando para ambos os lados, e então virou na direção do Apex. Ele cuidadosamente observou todos os limites de velocidade, mas ele nunca chegou a ver um carro de polícia.

Quando ele estava para estacionar em sua própria garagem, o bebê Joe acordou e começou a chorar.

CAPÍTULO 12

CERTA VEZ NO LAR HETTON, Blaze não causou problemas. Ele manteve a cabeça abaixada e a boca fechada. Os garotos que eram mais velhos, na época em que ele e John eram mais novos, conseguiram sair, ou foram trabalhar, ou saíram para escolas vocacionais, ou entraram no Exército. Blaze cresceu mais oito centímetros. Cabelo brotou de seu peito, e cresceu viçosamente na virilha. Isto o fez ser muito invejado pelos outros garotos. Ele foi para o Colégio Freeport. E tudo bem com isso, porque eles não o faziam aprender Aritmética.

O contrato de Martin Coslaw foi renovado, e ele assistiu Blaze ir e vir impassível, vigilante. Ele não chamou Blaze ao seu escritório novamente, embora Blaze sabia que ele podia. E se A Lei lhe dissesse para se inclinar, e pegasse o Remo, Blaze sabia o que ele faria. A alternativa era o Centro de Treinamento de North Windham que era um centro de formação. Ele ouvira dizer que os meninos de lá eram na verdade chicoteados—como em navios—e às vezes colocados dentro de uma caixa de metal, chamada A Lata. Blaze não sabia se essas coisas eram verdade, e não tinha qualquer desejo de descobrir. O que ele sabia é que ele estava com medo do Centro de Formação.

Mas A Lei nunca o chamou para ser "Remado", e Blaze nunca lhe de motivo. Ele ia para a escola cinco vezes por semana, e seu contato com a chefia se tornou a voz d'A Lei, cujos berros pelos interfones eram a primeira coisa da manhã e antes das luzes se apagarem à noite. No Lar Hetton o dia sempre começava com o que Martin Coslaw chamava de sermão (sermão cascata, John às vezes dizia quando se sentia engraçado) e terminava com um verso da Bíblia.

A vida seguiu em frente. Ele poderia ter se tornado o Rei dos Garotos se quisesse, mas ele não queria. Ele não era um líder. Ele era a coisa mais longe de um líder. Ele tentava ser legal com as

pessoas. Ele tentava ser legal com eles mesmo enquanto os avisava que lhes partiria a cara se não deixassem seu amigo Johnny em paz. Pouco depois de Blaze voltar, eles o deixaram em paz.

Então, em uma noite de verão quando Blaze tinha quatorze anos (e parecendo ter seis anos a mais na iluminação certa), algo aconteceu.

Os garotos eram levados para a cidade em um antigo ônibus amarelo toda sexta-feira, assumindo que como um grupo eles não havia tido muitos deméritos por tirarem nota ruim nas disciplinas. Alguns simplesmente andariam sem rumo, para cima e para baixo na Main Street, ou sentar na pracinha da cidade, ou entrar em alguma viela para fumar

cigarros. Havia um salão de jogos, mas isto estava além dos limites para eles. Havia também um cinema que passava reprises, o Nórdica, e os garotos que tinham dinheiro o bastante para comprar um ingresso, poderiam entrar e ver como Jack Nicholson, Warren Beatty, ou Clint Eastwood pareciam quando tais cavalheiros ainda eram jovens. Alguns dos garotos ganhavam dinheiro entregando jornais. Alguns cortavam grama no verão e tiravam neve no inverno. Alguns tinham empregos no próprio LH.

Blaze se tornou um desses. Ele era do tamanho de um homem—bem grande—e o custodiante chefe o empregou para fazer tarefas e trabalhos incomuns.

Martin Coslaw teria objetado, mas Frank Terriault não respondia àquele babaca. Ele gostava dos ombros largos de Blaze. Um homem quieto por si só, Therriault também gostava do modo como Blaze dizia sim, e não, e não muito mais. O garoto não se importava com trabalho pesado, tampouco. Ele arrastaria pacotes de telhas escada acima, ou sacos de cimento com mais de cinqüenta quilos, toda tarde. Ele arrastaria a mobília das salas de aula, e arrumaria os arquivos, subindo e descendo as escadas, sem dar um pio de reclamação. E ele nunca desistia. Seria a melhor coisa? Ele parecia perfeitamente feliz com um dólar e sessenta por hora, o que permitia a

Therriault embolsar umas sessenta pratas extras por semana. Eventualmente ele comprou para a esposa um suéter chique de casimira. Ele tinha uma gola larga. Ela ficou encantada.

Blaze estava encantado também. Ele estava fazendo trinta pratas por semana, o que era mais do que suficiente para pagar pelos filmes, e mais as pipocas, doces, e o refrigerante que ele podia arcar. Ele comprava o ingresso de John também, alegremente, é claro. Ele teria ficado feliz de arranjar todos os salgadinhos de sempre também, mas para John o filme era normalmente o bastante. Ele assistia ao filme avidamente, boquiaberto.

De volta ao Hetton, John começava a

escrever histórias. Eram tropeços, coisas copiadas dos filmes que ele assistia com Blaze, mas elas começaram a ganhar certa popularidade entre seus leitores. Os outros garotos não gostavam do fato de você ser esperto, mas eles admiravam um certo tipo de inteligência. E eles gostavam de histórias. Eles sempre estavam famintos por histórias.

Em uma de suas viagens, eles viram um filme de vampiro chamado *A Segundo Vinda*. A versão de John Cheltzman deste clássico terminava com o Conde Igor Yorga arrancando a cabeça de uma adorável moça semi-nua com "peitos enormes do tamanho de melancias" e pulando no Rio Yorba com a cabeça debaixo do braço. O estranho nome

patriota deste clássico *underground* era "Os Olhos de Yorga Estão Sobre Você".

Mas nesta noite John não quis ir, mesmo tendo um novo filme passando.

Ele estava com diarréia. Ele havia ido ao banheiro cinco vezes naquela manhã e pela tarde, apesar da meia garrafa de Pepto que ele tomou na enfermaria (um armário glorificado no segundo andar). Ele achou que a coisa não havia terminado.

— Vamos. — Blaze insistiu. — O Nórdica tem um ótimo banheiro no andar de cima. Eu caguei lá uma vez. Vamos ficar bem perto dele.

Uma vez persuadido, apesar dos medonhos rumores em seu intestino,

John foi com Blaze e tomou o ônibus. Eles sentaram na frente, atrás do motorista. Eles eram quase maiores agora, afinal de contas.

John ficou bem durante os trailers, mas no momento em que o selo da Warner Bros apareceu, ele se levantou, passou por Blaze, e começou pelo corredor parecendo um caranguejo. Blaze simpatizou, mas isso era a vida. Ele voltou a atenção para a tela onde uma tempestade de areia explodia em volta pelo que parecia ser o Deserto do Maine, só que com pirâmides. Logo ele estaria completamente envolvido na história, franzindo de concentração.

Quando John voltou a sentar ao seu lado, ele mal o notou até que John

começou a puxar sua manga e sussurrar “Blaze! Blaze! Puta merda, Blaze!”

Blaze saiu do filme como um dorminhoco acordando de uma soneca.

— O que foi? Está doente? Você se cagou?

— Não… não. Olhe pra isto!

Blaze olhou para onde John estava segurando logo abaixo do nível dos assentos. Era uma carteira.

— Ei! Onde você…

— Shh! — alguém na frente deles chiou.

— ….pegou isso? — Blaze finalizou em um sussurro.

— No banheiro dos homens! — John sussurrou de volta. Ele estava tremendo de excitamento. — Deve ter caído das calças de algum cara quando ele sentou pra soltar um barro! Tem dinheiro nela! Muito dinheiro!

Blaze pegou a carteira, segurando-a fora de vista. Ele abriu o compartimento de notas. Sentiu seu estômago cair. Então pareceu quicar, e se atulhar metade de sua garganta. O compartimento de notas estava cheio de grana.

Uma, duas, três notas de cinqüenta dólares. Quatro de vinte. Duas de cinco. Mais algumas.

— Eu não consigo contar tudo. — ele

sussurrou. — Quanto tem?

A voz de John aumentou com um leve triunfo, que não foi notado. O monstro estava atrás da garota de short marrom e o público estava gritando alegremente.

— Duzentos e quarenta e oito pratas!

— Jesus. — Blaze disse. — Você ainda tem aquele corte no linho de seu casaco?

— Claro.

— Ponha-a aí dentro. Eles podem nos revistar na saída.

Mas ninguém revistou. E a diarreia de John foi curada. Encontrar todo aquele dinheiro parecia tê-lo feito se cagar de medo.

John comprou uma edição do *Portland Press Herold* de Stevie Ross, que fazia a ronda de entregar jornais, na manhã de segunda-feira. Ele e Blaze se esconderam atrás do barracão de ferramentas, e o abriram na seção de classificados. John disse que esse era o lugar para se procurar. Onde havia os achados e perdidos. E lá, entre um French Poodle PERDIDO e um par de luvas femininas ACHADO, estava o seguinte item:

PERDIDA Uma carteira de couro masculina preta Com as iniciais RKF estampadas ao lado do

Compartimento de fotos. Se encontrada, ligue para 555-0928 ou escreva ao Parágrafo 595 deste jornal. RECOMPENSA OFERECIDA.

— Recompensa! — Blaze exclamou, e socou John no ombro.

— É. — John disse. Ele esfregou onde Blaze havia socado. — Então ligamos pro cara e ele nos dá dez pratas mais uma tapinha na cabeça. BMC. — isto significava Bela Merda do Caralho.

— Oh. — a palavra RECOMPENSA esteve pintada em letras de ouro de meio

metro na mente de Blaze. Logo foi derrubada e se tornou uma pilha de pedras. — Então o que devíamos fazer com ela?

Foi a primeira vez em que ele realmente mirou Johnny na liderança. Os duzentos e quarenta e oito dólares era um problema confuso. Se você tivesse duas moedas, você comprava uma Coca. Duas pratas te levavam ao cinema. Indo mais adiante, com grande esforço, Blaze supôs que poderiam entrar no ônibus até Portland e visitar a feira. Mas com uma soma deste tamanho, sua imaginação não era boa. Tudo em que ele podia pensar era em roupas. Blaze não se importava nada com roupas.

— Vamos fugir. — John disse. Seu

estreito rosto brilhava de excitação.

Blaze pensou a respeito.

— Você diz, tipo… pra sempre?

— Não, só até que a grana acabe. Vamos para Boston… comer em grandes restaurantes, em vez de no Mickey D's… ter um quarto de hotel… ver os Red Sox jogarem… e… e…

Mas ele não podia ir mais adiante. A felicidade o sobrecarregou. Ele se lançou sobre Blaze, rindo e batendo em suas costas. Seu corpo era esguio por debaixo das roupas, leve e duro. Seu rosto queimou contra a bochecha de Blaze, como a lateral de uma fornalha.

— Certo. — Blaze disse. — Isso seria

divertido. — ele pensou sobre isso.

— Jesus, Johnny, Boston? Boston!

— Não é de se mijar?

Eles começaram a rir. Blaze carregou John por todo o caminho ao redor do barracão de ferramentas, ambos rindo e dando tapinhas nas costas um do outro. John finalmente o fez parar.

— Alguém vai ouvir, Blaze. Ou ver. Ponha-me no chão.

Blaze recapturou o jornal, que começava a se espalhar pelo jardim. Ele o dobrou e o enfiou no bolso da frente de suas calças.

— Nós vamos agora, Johnny?

— Não por um tempo. Talvez não por três dias. Temos que fazer um plano, e nós temos que ser cuidadosos. Se não formos, vão nos pegar antes que alcancemos trinta quilômetros. Eles vão nos trazer de volta. Sabe do que estou falando?

— Sim, mas eu não sou muito bom em fazer planos, Johnny.

— Tudo bem, eu já sei da maior parte. A coisa mais importante é que eles pensem que nós fugimos, porque é isso o que crianças fazem quando escapam dessa fazenda de merda, certo?

— Certo.

— Só que nós temos dinheiro, certo?

— Certo!

Blaze foi sobrecarregado pela delícia da coisa novamente, e bateu nas costas de Johnny, e por pouco não o nocauteou.

Eles esperaram até a noite da quarta-feira seguinte. Enquanto isso, John ligou para o terminal Greyhound em Portland, e descobriu que havia um ônibus para Boston todo dia às sete da manhã. Eles deixaram o Lar Hetton um pouco depois da meia-noite, com John imaginando que seria mais seguro andarem vinte e quatro quilômetros até a cidade, do que chamarem atenção ao pedirem carona.

Duas crianças na estrada depois da meia-noite eram fugitivas. Ponto final.

Eles desceram pela saída de incêndio, os corações batendo a cada degrau enferrujado, e pularam da plataforma mais baixa. Eles correram pelo playground onde Blaze havia recebido suas primeiras porradas quando novato, muitos anos antes. Blaze ajudou John a escalar a cerca de arame. Eles cruzaram a estrada sob uma quente lua de Agosto, e começaram a andar, mergulhando na vala sempre que um raro carro mostrava seus faróis no horizonte à frente, ou atrás deles.

Eles chegaram à Rua Congress às seis horas, Blaze ainda estava refrescado e excitado, John tinha círculos sob seus

olhos. Blaze estava carregando a grana em seu jeans. A carteira eles haviam jogado na mata.

Quando chegaram à estação de ônibus, John caiu num banco, e Blaze sentou ao seu lado. As bochechas de John estavam coradas novamente, mas não de excitação. Ele parecia estar tendo dificuldades para respirar.

— Vá lá e compre dois bilhetes de ida e volta para o ônibus das sete. — ele disse a Blaze. — Dê a ela uma nota de cinqüenta. Eu não acho que vá custar mais, mas tenha uma nota de vinte a postos, só por segurança. Fique com elas na mão. Não a deixe ver o rolo.

Um policial se aproximou, batendo em

seu cassetete. Blaze sentiu suas tripas virarem água. Era aqui que a coisa acabava, mesmo antes de sequer ter começado. O dinheiro seria confiscado. O tira poderia entregá-lo, ou surrupiá-lo para si mesmo. Quanto a eles, seriam levados de volta para o LH, talvez algemados. Visões negras do Centro de Treinamento North Windham ascenderam ante seus olhos. E d'A Lata.

— Dia, meninos. Chegaram meio cedo, não é? — o relógio na parede da estação dizia 6:22.

— Com certeza. — John disse. Ele assentiu na direção da bilheteria. — É lá que se compra um bilhete?

— Pode apostar. — o tira disse

sorrindo um pouco. — Pra onde estão indo?

— Boston. — John disse.

— Oh? Onde estão os pais de vocês?

— Oh, ele e eu não somos parentes. — John disse. — Este camarada é retardado. Seu nome é Martin Griffin. Surdo e mudo também.

— É mesmo? — o tira sentou e estudou Blaze. Ele não parecia desconfiado; ele apenas parecia alguém que nunca vira antes uma pessoa que ganhara a trinca: surdo, mudo, e retardado.

— A mãe dele morreu semana passada. — John disse. — Ele ficou com a gente. Meus pais trabalham, mas já que estamos nas férias de verão, eles me

disseram, “você poderia levá-lo”, e eu disse que poderia.

— Grande tarefa pra um garoto. — o tira disse.

— Estou com um pouco de medo. — John disse, e Blaze apostou que ele estava dizendo a verdade nessa. Ele estava com medo também. Muito medo.

O tira assentiu para Blaze.

— Ele entende…?

— O que aconteceu a ela? Não muito bem.

O tira pareceu triste.

— Eu vou levá-lo para a casa da tia dele. É onde ele vai ficar por uns dias.

— John resplandeceu. — Quanto a mim, eu vou ver um jogo do Red Sox. Meio que uma recompensa por… você sabe…

— Bem, espero que dê certo, filho. Ventos ruins não trazem qualquer bem às pessoas.

Ambos ficaram em silêncio, pensando nisso. Blaze, recém-mudo, ficou em silêncio também.

— Ele é grandão. Acha que pode dar conta? — o tira disse.

— Ele é grande, mas obedece. Quer ver?

— Bem…

— Veja, vou fazê-lo se levantar. Veja.

— John fez um número de gestos com os dedos que não significavam qualquer coisa, na frente dos olhos de Blaze.

Quando ele parou, Blaze se levantou.

— Ora, isso é muito bom! — o tira disse. — Ele sempre te obedece?

Porque, um garotão destes em um ônibus cheio de pessoas…

— Que nada, ele sempre obedece. Não faz mais estrago do que um saco de papel.

— Certo. Vou confiar em sua palavra. — o tira se levantou. Ele ajeitou o cinto, e empurrou os ombros de Blaze. Blaze sentou de volta no banco. — Cuide-se, jovem amigo. Você sabe o telefone da tia dele, se houver encrenca?

— Sim, senhor, com certeza sei. — John disse.

— Certo, mantenha tudo em ordem, sargento. — ele deu a John uma pequena saudação, e seguiu andando para fora da estação de ônibus.

Quando ele se foi, eles se entreolharam e quase caíram na gargalhada. Mas a agente dos bilhetes agora os observava, e eles olharam para o chão, ao invés disso, Blaze mordendo o interior de seus lábios.

— Vocês têm algum banheiro por aqui? — John perguntou à agente.

— É bem ali. — ela apontou.

— Vamos, Marty. — John disse, e

Blaze teve de dar um gemido. Quando entraram no banheiro, eles finalmente caíram um nos braços do outro.

— Aquela foi muito boa mesmo. — Blaze disse quando conseguiu falar de novo sem rir. — De onde você tirou aquele nome?

— Quando eu o vi, tudo em que eu podia pensar era em como A Lei iria nos pegar de novo. E Griffin, esse é o nome de um pássaro mitológico, Grifo, sabe, eu te ajudei com isso naquela história em seu livro de Inglês…

— Sim… — Blaze disse deliciado, sem se lembrar do grifo. — Sim, com certeza, certo.

— Mas saberão que somos nós quando

descobrirem que sumimos do Lar Infernal. — John disse. Ele havia ficado sério. — Aquele tira vai se lembrar com certeza. Ele ficará furioso também. Cristo, é claro que vai ficar!

— Nós vamos ser pegos, não vamos?

— Que nada. — John ainda parecia cansado, mas a conversa com o tira lhe devolvera um brilho nos olhos. — Assim que chegarmos a Boston, vamos sair de vista. Eles não vão procurar muito por uma dupla de garotos.

— Oh. Bom.

— Mas é melhor eu comprar os bilhetes. Continue sendo um mudinho até chegarmos a Boston. Será mais seguro assim.

— Claro.

Então Johnny comprou os bilhetes e eles entraram no ônibus, que parecia estar cheio de caras com uniformes e com moças viajando com crianças. O

motorista tinha uma tremenda pança e uma bunda larga, mas seu uniforme cinzento havia sido dobrado nas calças, e Blaze achou que era realmente uma coisa inteligente de se fazer. Ele achou que gostaria de ser um motorista de ônibus Greyhound quando crescesse. As portas se fecharam. O pesado motor roncou e rugiu. O ônibus recuou da plataforma, e virou na Rua Congress. Eles estavam indo. Eles estavam indo para algum lugar. Blaze não conseguia manter seus olhos abertos.

Eles passaram por uma ponte e entraram na Rota 1. Então começaram a rodar rápido. Eles passaram por tanques de petróleo, e outdoors com comerciais de motéis, e pelo PROUTY'S, O MELHOR RESTAURANTE DE CRUSTÁCEOS DO MAINE. Eles passaram por casas, e Blaze viu um homem regando o jardim. O homem vestia uma bermuda e não estava chegando a lugar algum. Blaze sentiu pena dele. Eles passaram pela costa, com gaivotas voando acima deles. O que John chamava de Lar Infernal estava para trás deles. Era verão, e o dia estava resplandecente.

Finalmente ele se virou para John. Se ele não dissesse a alguém o quão bem

ele estava se sentindo, ele achou que se partiria ao meio. Mas John adormecera com sua cabeça em um dos ombros. Em seu sono ele parecia velho e cansado.

Blaze pensou um pouco sobre isso—com dificuldade—então se voltou para a janela. Ela o atraia como um ímã. Ele devaneou e se esqueceu de John por um tempo enquanto assistia a espalhafatosa *Seacost Strip* entre Portland e Kittery passar. Em Nova Hampshire eles entraram em uma rodovia, e então chegaram a Massachusetts. Não muito tempo depois, eles estavam cruzando uma grande ponte, e então ele imaginou que haviam chegado a Boston.

Havia quilômetros de neon, milhares de carros e ônibus, e prédios em todas

as direções. Ainda assim, o ônibus continuava a rodar. Eles passaram por um dinossauro laranja guardando um estacionamento. Eles passaram por um grande navio. Eles passaram por um pasto de vacas de plástico em frente a um restaurante. Ele viu pessoas por todos os lugares. Elas o assustavam. Ele também as adorava porque eram estranhas para si. John continuou a dormir, roncando um pouco no fundo de sua garganta.

Então subiram uma colina, e aí apareceu uma ponte ainda maior, com prédio ainda maiores do outro lado, arranha-céus apontando para o céu, como flechas prateadas e douradas. Blaze parou de olhar, como se tivesse

visto uma explosão de uma bomba atômica.

— Johnny. — ele disse, quase gemendo. — Johnny, acorde. Você tem que ver isto.

— Hã? Quê? — John acordou lentamente, esfregando os olhos. Então ele viu o que Blaze estivera vendo através da grande janela do ônibus, e seus olhos se esbugalharam. — Mãe de Deus.

— Você sabe para onde devíamos ir? — Blaze sussurrou.

— Sim, acho que sim. Meu Deus, vamos passar por aquela ponte? Temos que passar, não temos?

Era a ponte Mystic, e eles passaram

por ela. Primeiro ela os levou para o céu, e depois desceu, como uma versão gigante da Casa Louca na Feira de Topsham. E quando eles finalmente saíram para o sol novamente, ele estava brilhando entre prédios tão altos que não se podiam ver seus topos através das janelas.

Quando Blaze e Johnny finalmente saltaram no terminal da Rua Tremont, a primeira coisa que eles fizeram foi procurar por policiais. Eles não precisavam dessa chateação. O terminal era enorme. Anúncios brilhavam acima como a voz de Deus. Viajantes se aglomeravam como um cardume. Blaze e Johnny andavam juntos, ombro a ombro, como se com medo de que os viajantes

pudessem separá-los, para assim nunca mais se verem.

— Ali. — John disse. — Vamos.

Eles andaram até um banco de telefones. Estavam todos sendo usados.

Eles esperaram próximo ao último, até que o homem negro, que o usava, terminasse sua ligação, e fosse embora.

— O que era aquela coisa em volta da cabeça dele? — Blaze perguntou, olhando para o homem negro com fascinação.

— Ah, isso é pra manter o cabelo dele firme. Como um turbante. Eu acho que eles o chamam de doo-rags. Não fique olhando, você vai parecer um caipira.

Fique perto de mim.

Blaze ficou.

— Puxa vida, esta coisa precisa de uma moeda de vinte e cinco centavos.

— John balançou a cabeça. — Eu não sei como as pessoas vivem aqui. Dê-me uma moeda, Blaze.

Blaze deu.

Havia um catálogo encapado com plástico na prateleira do quiosque. John o consultou, inseriu sua moeda, e discou. Quando ele falou, ele engrossou a voz.

Quando desligou, ele estava sorrindo.

— Ganhamos duas noites no YMCA da Avenida Hunington. Vinte pratas por duas noites! Chame-me de Cristão! —

ele levantou a mão, e Blaze bateu.

— Mas não podemos gastar quase duzentas pratas em dois dias, podemos?

— Em uma cidade onde uma ligação custa vinte e cinco centavos? 'Tá de sacanagem? — John olhou em volta com os olhos brilhantes. Era igual ao que ele ostentara no terminal do ônibus. Blaze não veria ninguém com o mesmo exato olhar por um longo tempo—não até conhecer George.

— Ouça, Blaze, vamos para o futebol. O que me diz?

Blaze coçou a cabeça. Tudo estava indo rápido demais para ele.

— Como? Nós não sabemos como chegar lá.

— Todo taxista em Boston sabe como chegar ao Fenway.

— Táxi custa dinheiro. Nós não…

Ele viu Johnny sorrir, e começou a sorrir também. A doce verdade raiou numa explosão. Eles tinham. Eles tinham dinheiro. E era pra isso que o dinheiro servia: resolver problemas.

— Mas… e se não houver jogos hoje?

— Blaze, por que acha que eu escolhi o dia de hoje para vir?

Blaze começou a rir. Então eles estavam um no braço do outro novamente, como em Portland. Eles deram tapinhas nas costas um do outro, e riram na cara um do outro. Blaze nunca

se esqueceu disso. Ele agarrou John e o girou duas vezes no ar. As pessoas se viraram para olhar, a maioria sorrindo para o grande rapaz e seu amigo magrelo.

Eles foram para fora e tomaram o táxi, e quando pararam na Rua Lansdowne, John lhe deu uma gorjeta de uma prata. Era uma e quinze e a escassa população diurna começava a aumentar. O jogo foi emocionante. Boston venceu os Birds em dez, 3-2. Boston juntou um péssimo time naquele ano, mas naquela tarde de Agosto, eles jogaram como campeões.

Depois do jogo, os meninos passearam pelo centro da cidade, "turistando" e tentando evitar os tiras. As sombras já estavam se alongando então, e a barriga

de Blaze estava roncando. John havia arrumado dois cachorros-quentes no jogo, mas Blaze estivera encantado demais pelo espetáculo dos jogadores no campo— pessoas de verdade com suor descendo pelo pescoço—para comer. Ele também ficou espantado pelo tamanho da multidão, milhares de pessoas, todas no mesmo lugar. Mas agora ele estava com fome.

Eles foram a um pequeno lugar obscuro chamado Casa do Espeto do Lindy que cheirava a cerveja e bife assado. Um número de casais sentava em altas cabines cobertas de couro vermelho. À esquerda estava um longo bar, arranhado esburacado, mas ainda brilhando como se houvesse luz na madeira.

Havia tigelas de castanhas salgadas, e *pretzels* eram vistos por todo o lugar. Atrás do bar havia fotos de jogadores de futebol, algumas autografadas, e uma pintura de uma mulher nua. O homem que presidia o bar era muito largo. Ele se inclinou na direção deles.

— O que vão querer, meninos?

— Hã. — John disse. Pela primeira vez naquele dia ele pareceu travado.

— Bife! — Blaze disse. — Dois grandes bifes, e leite pra acompanhar.

O homenzarrão sorriu, mostrando dentes formidáveis. Ele aparentava poder mascar uma cabine telefônica até os fios.

— Vocês têm dinheiro?

Blaze colocou uma nota de vinte no balcão.

O homenzarrão pegou a nota e checou Andy Jackson contra a luz. Ele a envolveu entre os dedos. E aí a fez desaparecer.

— Tudo bem. — ele disse.

— Não tem troco? — John perguntou.

— Não, e você não ficará triste por isso. — o homenzarrão disse.

Ele se virou, abriu o freezer, e tirou dois dos maiores e mais vermelhos bifes que Blaze já vira na vida. Havia uma grelha no fundo do bar, e quando o homenzarrão atirou os bifes nela, quase

desdenhosamente, chamas se ergueram.

— Um Caipira especial a caminho. — ele disse.

Ele pegou algumas cervejas, pôs mais algumas tigelas de castanhas, então fez salada e a colocou no gelo. Quando já havia cuidado da salada, ele virou os bifes e voltou para John e Blaze. Ele colocou suas luvas de lavar prato vermelhas no bar.

— Vocês vêem aquele cavalheiro no fundo do bar, sentado sozinho? — ele disse.

Blaze e John olharam. O cavalheiro no fim do bar estava vestido em um terno azul, e bebericava sua cerveja, rabugento.

— Aquele é Daniel J. Monahan. Detetive Daniel J. Monahan, da polícia de Boston. Suponho que não queiram falar com ele sobre como uma dupla de caipiras como vocês tem vinte pratas para gastar com um belo bife, não é?

John Cheltzman subitamente pareceu doente. Ele titubeou em seu banquinho. Blaze pôs uma mão para firmá-lo. Mentalmente ele ficou de pé.

— Ganhamos o dinheiro de maneira justa. — ele disse.

— É mesmo? De quem vocês ganharam de maneira justa? Ou foi um roubo justo?

— Ganhamos o dinheiro de maneira justa. Nós o achamos. E se você estragar

o nosso dia, eu te acerto.

O homem atrás do bar olhou para Blaze com um misto de surpresa, admiração, e desdém.

— Você é grande, mas você é um tolo, menino. Feche um punho e eu te jogo na lua.

— Se você estragar nosso feriado, eu te acerto, senhor.

— De onde você é? Centro Correcional de Nova Hampshire? North Windham? Não de Boston, com certeza. Vocês têm feno no cabelo.

— Somos do Lar Hetton. — Blaze disse. — Não somos ladrões.

O detetive de Boston no fundo do bar

terminara sua cerveja. Ele gesticulou com o copo vazio pedindo outra. O homenzarrão viu e deu um sorriso.

— Sentem firmes, vocês dois. Não precisam ficar irritados.

O homenzarrão trouxe outra cerveja para Monahan e disse algo que fez Monahan rir. Era um som grosso, sem muito humor. O barman-cozinheiro voltou.

— Onde é este Lar Hetton? — agora era com John que ele falava.

— Em Cuberland, Maine. — John disse. — Eles nos deixam ir ao cinema em Freeport nas noites de sexta-feira. Eu achei uma carteira no banheiro masculino. Havia dinheiro dentro. Então

fugimos para curtir o feriado, como Blaze disse.

— Simplesmente encontraram uma carteira, hein?

— Sim, senhor.

— E quanto havia nesta carteira imaginária?

— Mais ou menos duzentos e cinqüenta dólares.

— Jesus careca, e aposto que vocês têm tudo no bolso também.

— Onde mais? — John parecia confuso.

— Jesus careca. — o homenzarrão disse novamente. Ele olhou para o teto curvado de estanho. Ele rolou os olhos.

— E vocês contam a um estranho. Tão fácil quanto beijar a própria mão.

O homenzarrão se inclinou no balcão com as mãos alargadas. Seu rosto havia sido cruelmente tratado pelos anos, mas não era cruel.

— Eu acredito em vocês. — ele disse. — Vocês têm feno demais nos cabelos para serem mentirosos. Mas aquele tira ali… menino, eu poderia mandá-

lo atrás de vocês como um cão atrás de um rato. Vocês ficariam atrás das grades enquanto eu e ele dividiríamos o dinheiro.

— Eu te acerto. — Blaze disse. — É nosso dinheiro. Eu e Johnny o encontramos. Olhe. Estivemos naquele

lugar, e é um lugar ruim de se estar. Um cara como você, talvez você ache que entende das coisas, mas… ah, deixa pra lá. Nós o ganhamos!

— Você será um pugilista quando crescer. — o homenzarrão disse, quase para si mesmo. Então ele olhou para John. — Seu amigo aqui, ele tem alguns parafusos a menos. Sabe disso, certo?

John havia se recuperado. Ele não disse nada, apenas encarou o olhar do homenzarrão firmemente.

— Tome conta dele. — o homenzarrão disse, e sorriu subitamente. — Traga-o de volta aqui quando ele estiver adulto. Eu quero ver como ele estará.

John não sorriu de volta—pareceu

mais solene do que nunca—mas Blaze sorriu. Ele entendeu que estava tudo bem.

O homenzarrão produziu uma nota de vinte dólares—ela pareceu vir do nada—e entregou-a para John.

— Estes bifes são por conta da casa, meninos. Peguem isso e assistam beisebol amanhã. Se não tiverem seus bolsos roubados.

— Fomos hoje. — John disse.

— Foi bom? — o homenzarrão perguntou. E agora John sorria.

— Foi a melhor coisa que eu já vi.

— É. — o homenzarrão disse. — Claro que foi. Cuide do seu amigo.

— Cuidarei.

— Porque amigos ficam juntos.

— Eu sei disso.

O homenzarrão trouxe os bifes, a salada César, ervilhas novas, um monte de batatas fritas, e grandes copos de leite. Para sobremesa ele trouxe fatias de torta de cereja com bolas de sorvete de baunilha no topo. A princípio comeram lentamente. Então o Detetive Monahan de Boston saiu (sem pagar nada, pelo que Blaze viu) e então caíram em cima da comida. Blaze comeu duas fatias da torta e bebeu três copos de leite, e na terceira vez que o homenzarrão encheu o copo de Blaze, ele riu alto.

Quando eles saíram, as placas de neon na rua estavam ligadas.

— Vão direto para o Y. — o homenzarrão disse antes disso. — Façam certo. A cidade não é lugar para duas crianças andarem durante a noite.

— Sim, senhor. — John disse. — Eu já liguei para eles, e já arrumei tudo.

O homenzarrão sorriu.

— Você é legal, garoto. Você é muito bom. Mantenha o ursão por perto, e vá pra trás dele se alguém tentar te agarrar. Especialmente os rapazes usando roupas coloridas. Você sabe, jaquetas de gangues.

— Sim, senhor.

— Tomem conta um do outro.

Essa foi sua palavra final no assunto.

No dia seguinte eles andaram de metrô, até ficar sem graça, então foram para o cinema, e aí foram para o futebol de novo. Era tarde quando saíram, quase onze, e alguém mexera no bolso de Blaze, mas Blaze colocara sua parte do dinheiro em sua cueca, do modo como Johnny havia lhe dito, e o afanador ganhou uma mão cheia de nada. Blaze nunca viu como ele era, apenas viu costas estreitas desviando das pessoas

pelo caminho, saindo pelo Portão A.

Eles ficaram por mais dois dias, e viram mais filmes e uma peça que Blaze não entendeu, embora Johnny tenha gostado. Eles sentaram em um pavilhão que era cinco vezes maior do que o balcão do Nórdica. Eles entraram em uma cabine fotográfica e tiraram fotos: algumas de Blaze, algumas de Johnny, algumas de ambos juntos. Nas que apareciam juntos, eles estavam rindo. Eles andaram um pouco mais de metrô, até Johnny ficar enjoado e vomitar em cima dos tênis.

Então um homem negro apareceu e gritou com eles sobre o fim do mundo. Ele pareceu estar dizendo que era culpa deles, mas Blaze não conseguia dizer

com certeza. Johnny disse que o cara era louco. Johnny disse que havia um monte de gente louca na cidade.

— Eles se reproduzem aqui como pulgas. — Johnny disse.

Eles ainda tinham algum dinheiro sobrando, e foi Johnny quem sugeriu o toque final. Eles tomaram um Greyhound de volta para Portalnd, então gastaram o resto do dividendo com um táxi. John abanou as notas restantes na frente de um motorista espantado—quase cinqüenta dólares amarrotados em notas de cinco e de um, algumas cheirando à fragrância da cueca de Clayton Blaisdell, Jr, e lhe disse que eles queriam ir ao Lar Hetton, em Cumberland.

O taxista baixou a bandeira. E cinco minutos após as duas horas de uma tarde de verão ensolarada, eles pararam ao portão, John Cheltzman deu meia dúzia de passos na direção da pilha de tijolos e desmaiou na hora. Ele tinha febre reumática. Ele morreu dois anos depois.

CAPÍTULO 13

QUANDO BLAZE LEVOU o bebê para dentro da casa, John berrava muito. Blaze olhou para ele, curioso. Ele estava furioso! O rosto estava corado na testa e nas bochechas, e até mesmo na ponte de seu pequenino nariz. Seus olhos estavam apertados. Seus punhos faziam pequenos círculos de fúria no ar.

Blaze sentiu um pânico repentino. E se o garoto estivesse doente? E se ele estivesse gripado ou coisa assim? Crianças pegavam gripe todos os dias. Às vezes elas morriam disso. E ele não podia levá-la ao consultório médico. O

que ele sabia sobre crianças, de qualquer forma? Ele era só um bobo. Ele mal podia tomar conta de si mesmo.

Ele teve uma vontade selvagem e repentina de levar o garoto de volta para o carro. Para dirigir até Portland e deixá-lo na porta de alguém.

— George! — ele choramingou. — George, o que eu devo fazer?

Ele estava com medo de que George tivesse sumido de novo, mas George respondeu do banheiro.

— Alimente-o. Dê-lhe algo de um daqueles potes.

Blaze correu para o quarto. Ele agarrou uma das caixas sob a cama, abriu-a, e pegou um pote aleatoriamente. Ele o

levou de volta para a cozinha, e achou uma colher. Ele pôs o pote na mesa, ao lado da cesta de vime e abriu a tampa. O que havia dentro parecia horrível, como vômito. Talvez estivesse estragado. Ele o cheirou ansiosamente. O cheiro estava bom. Cheirava a ervilhas. Então estava tudo bem.

Ele hesitou, mesmo assim. A idéia de realmente colocar comida naquela boca aberta e berrante parecia de algum modo… irreversível. E se o pequeno filho da puta engasgasse? E se ele não quisesse comer? E se, de algum modo, essa comida fosse errada para ele, e… e…

Sua mente tentou formar a palavra VENENO, e Blaze a rechaçou. Ele

enfiou meia colher de ervilhas frias na boca do bebê.

O choro parou imediatamente. Os olhos do bebê abriram, e Blaze viu que eram azuis. Joe cuspiu algumas ervilhas, e Blaze limpou a baba com a ponta da colher, sem pensar a respeito, apenas fazendo. O bebê sorveu contente.

Blaze lhe deu outra colher cheia. Ela foi aceita. E outra. Em sete minutos, o pote inteiro de Ervilhas Gerber havia sido esvaziado. Blaze estava com câimbra nas costas por ficar inclinado sobre a cesta de vime. Joe arrotou um arroio de baba verde. Blaze limpou a pequena bochecha com um pedaço da própria camisa.

— Se vomitar, vamos votar. — ele disse. Este era um dos ditados de George.

Joe piscou ao som de sua voz. Blaze o encarou de volta, fascinado. A pele do bebê era clara e imaculada. Sua cabeça estava povoada por um surpreendente pedaço de cabelo loiro. Mas foram seus olhos que capturaram Blaze. Ele achou que aqueles eram olhos velhos de algum modo, olhos sábios. Eles eram de um azul limpo, como os céus de um deserto em um filme de faroeste. Os cantos eram puxados, como os olhos do povo Chinês. Eles lhe lançaram um olhar feroz.

Quase um olhar de um guerreiro.

— Você é um lutador? — Blaze

perguntou. — Você é um lutador, homenzinho?

Um dos polegares de Joe alcançou sua boca, e ele começou a chupá-lo. A princípio Blaze achou que ele poderia querer a mamadeira (ele ainda não havia dado uma olhada no jogo de mamadeiras da Playtex), mas por ora a criança parecia contente com seu polegar. Suas bochechas ainda estavam coradas, não pelo choro, mas por sua viagem pela noite.

Suas pálpebras começaram a cair, e os cantos de seus olhos perderam aquele olhar feroz. Mas ainda assim ele encarava este homem, este gigante de dois metros, com um cabelo desarrumado, parecendo um espantalho,

que estava acima. Então os olhos se fecharam. Seu polegar caiu de sua boca. Ele dormiu.

Blaze se endireitou, e suas costas estalaram. Ele deu as costas para a cesta, e começou a andar na direção do banheiro.

— Ei, aloprado. — George disse do banheiro. — Onde pensa que está indo?

— Para a cama.

— O diabo que você vai. Você vai dar uma olhada naquelas mamadeiras e preparar quatro ou cinco, para quando ele acordar.

— O leite vai azedar.

— Não se você colocar na geladeira.

Você o esquenta quando precisar.

— Oh.

Blaze pegou o jogo de mamadeiras Playtex e leu as instruções. Ele as leu duas vezes. Isso lhe tomou meia hora. Ele não entendeu muita coisa da primeira vez, e menos ainda da segunda.

— Não consigo, George. — ele disse finalmente.

— É claro que consegue. Jogue essas instruções fora, e simplesmente faça.

Então Blaze jogou as instruções no forno, e então começou a brincar com a bugiganga, do modo como se faz com um carburador que não está funcionando muito bem. Eventualmente, ele descobriu que se devia unir o

revestimento de plástico ao bico da bugiganga, e logo deveria enroscá-la na garrafinha. Bingo.

Muito habilidoso. Ele preparou quatro garrafas, as encheu com o leite enlatado, e as guardou na geladeira.

— Posso ir para a cama agora, George? — ele perguntou.

Nenhuma resposta.

Blaze foi para a cama.

Joe o acordou à primeira luz pálida da manhã. Blaze se levantou da cama e foi

até a cozinha. Ele havia deixado o bebê na cesta, e agora a cesta se balançava para frente e para trás com a força da fúria de Joe.

Blaze o pegou e o deitou contra seu ombro. Ele viu parte do problema imediatamente. O bebê estava ensopado.

Blaze o levou para o quarto e o deitou em sua cama. Ele parecia incrivelmente pequeno, deitado lá na marca do corpo de Blaze. Ele estava usando pijamas azuis, e chutava indignado.

Blaze tirou os pijamas e o calção de plástico. Ele pôs uma mão na barriga de Joe para firmá-lo. Então ele se inclinou para observar o modo como a fralda estava feita. Ele a tirou e a jogou no

canto.

Ele observou o pênis de Joe e sentiu-se instantaneamente encantado. Não era muito maior que seu polegar, mas estava ereto. Muito bonitinho.

— É uma vara e tanto que você tem aí, colega.

Joe parou de chorar para encarar Blaze com olhos bem abertos e surpresos.

— Eu disse que é uma vara e tanto que você tem.

Joe sorriu.

— Gu-gu. — Blaze disse. Ele sentiu um irresistível sorriso idiota surgir no canto de sua boca.

Joe riu.

— Gu-gu-dá-dá. — Blaze disse.

Joe gargalhou alto.

— Gu-gu-dá-dáaaa. — Blaze disse, deliciado.

Joe mijou na cara dele.

As fraldas foram outra batalha. Ao menos elas não tinham alfinetes, apenas fitas, e elas pareciam ter seu próprio calção de plástico, na verdade, mas ele desperdiçou duas, antes de acertar como estava na foto da caixa. Quando o trabalho estava feito, Joe estava bem acordado e mascava a ponta dos dedos.

Blaze supôs que ele queria alguma coisa para se comer, e achou que uma mamadeira seria o melhor.

Ele a estava esquentando sob a torneira de água quente na cozinha, girando-a e girando-a, quando George disse: — Você o diluiu do modo como a potranca na loja te disse?

Blaze olhou para a mamadeira.

— Hã?

— Isso é leite enlatado puro, não é?

— Claro, direto da lata. Está estragado, George?

— Não, não está. Mas se você não tirar a tampa e colocar um pouco de água, ele vai vomitar.

— Oh.

Blaze usou suas unhas para arrancar o topo da mamadeira e derramou mais ou menos um quarto da mamadeira pela pia. Ele adicionou água o bastante para preencher tudo de novo, mexeu com a colher, e colocou a tampa de volta.

— Blaze. — George não soava irritado, mas ele soava terrivelmente cansado.

— O quê?

— Você tem que arranjar um livro de bebê. Algo que te diga como tomar conta dele. Como o manual de carro. Porque você continua a esquecer das coisas.

— Certo, George.

— É melhor arranjar um jornal também. Só que não o compre perto demais daqui. Compre-os em algum lugar grande.

— George?

— O quê?

— Quem vai tomar conta do bebê enquanto eu estiver fora?

Houve uma longa pausa, uma tão longa que Blaze achou que George havia sumido novamente.

— Eu tomo. — ele disse finalmente.

Blaze franziu o cenho.

— Você não pode, George. Você está…

— Eu disse que tomarei conta. Agora leve sua bunda pra lá e alimente-o!

— Mas… e se o garoto se encrencar… engasgar, ou coisa assim enquanto eu estiver fora…

— Alimente-o, droga!

— Certo, George, claro.

Ele entrou no outro quarto. Joe estava chacoalhando e chutando na cama, ainda mascando os dedos. Blaze testou a mamadeira do modo como a senhora o havia lhe mostrado, empurrando um dedo dentro do recipiente plástico até que uma gota de leite se formasse no bico. Ele sentou ao lado do bebê, e cuidadosamente removeu os dedos de Joe de sua boca. Joe começou a chorar,

mas quando Blaze colocou o bico de borracha onde seus dedos estavam, os lábios se fecharam e ele começou a sugar. As pequenas bochechas contraíram e relaxaram.

— Isso mesmo. — Blaze disse. — É isso aí, seu pestinha.

Joe bebeu tudo. Quando Blaze o pegou para fazê-lo arrotar, ele vomitou um pouco de volta, acertando um pouco em si mesmo, e na roupa térmica de Blaze. Blaze não se importou. Ele queria trocar as roupas do bebê, de qualquer forma. Ele disse a si mesmo que queria apenas ver se ela caberia.

E coube. Quando Blaze havia terminado isso, ele tirou a própria blusa

e cheirou o vômito do bebê. O aroma era de queijo. *Talvez*, ele pensou, *o leite estivesse denso demais*. Ou talvez ele devesse ter parado e feito o bebê arrotar no meio da mamadeira. George tinha razão. Ele precisava de um livro.

Ele olhou para Joe. O bebê havia pegado um pedaço do cobertor e o examinava. Ele era um merdinha bonitinho. Eles iriam ficar preocupados com ele, Joe Gerard III e sua esposa. Provavelmente pensariam que o menino havia engatinhado rumo ao mundo gelado, um arremedo de gente dando seus últimos suspiros de vapor congelado. E então seria colocado em um saco verde de lixo…

De onde ele havia tirado essa idéia?

George. George dissera isso. Ele estivera falando sobre o golpe em Lindbergh. O nome do seqüestrador era Hope-man, Hoppman, algo assim.

— George? George, não o machuque enquanto eu estiver fora.

Nenhuma resposta.

Ele ouviu o primeiro sinal no noticiário, enquanto fazia café da manhã.

Joe estava no chão, em um cobertor que Blaze havia espalhado. Ele estava

brincando com um dos jornais de George. Ele havia feito uma tenda acima da cabeça e estava chutando de alegria.

O jornalista acabara de falar sobre o Senador Republicano que havia aceitado propina. Blaze esperava que George estivesse escutando isso. George gostava dessas coisas.

— Houve um aparente seqüestro em Ocoma Heights. — o jornalista disse.

Blaze parou de assar suas batatas na frigideira e ouviu atentamente. — Joseph Gerard IV, o bebê herdeiro da fortuna Gerard, foi levado da residência dos Gerards em Ocoma Heights durante a madrugada da noite passada, ou cedo nesta manhã. A irmã de Joseph Gerard,

o bisavô do menino—uma vez conhecido como “o menino prodígio da frota Americana”—foi encontrada inconsciente no chão da cozinha pelo cozinheiro da família hoje cedo. Norma Gerard, que se diz estar na casa dos setenta, foi levada ao Centro Médico do Maine, onde sua condição é listada como crítica. Quando perguntado se ele havia requisitado assistência do FBI, o Xerife do Condado de Castle, John D. Kellahar disse que não faria comentários por ora. Ele também não comentou sobre a possibilidade de um bilhete pedindo resgate…

Ah, é, Blaze pensou, *eu tenho que mandar uma dessas*.

— Mas ele disse que a polícia tem um número de pistas que estão sendo ativamente investigadas.

Como o quê? Blaze imaginou, e sorriu um pouco. Eles sempre dizem coisas assim. Que pistas eles poderiam ter, quando a velha estava no país das maravilhas? Ele até mesmo havia levado a escada consigo. Eles diziam coisas assim, era só isso.

Ele comeu seu café da manhã no chão e brincou com o bebê.

Quando ele se aprontou para sair

naquela tarde, o garoto estava alimentado e suas roupas estavam limpas e trocadas; ele dormia no berço. Blaze havia testado a fórmula um pouco mais, e dessa vez o botara para arrotar na metade. Funcionou muito bem. Foi excelente. Ele também trocou as fraldas da criança. A princípio toda aquela merda verde o assustara, mas então ele se lembrou. Ervilhas.

— George? Eu vou indo agora.

— Certo. — George disse do quarto.

— É melhor vir até aqui e vigiá-lo. Em caso dele acordar.

— Eu vou, não se preocupe.

— Certo. — Blaze disse, sem convicção. George estava morto. Ele

estava falando com um homem morto. Ele estava pedindo a um homem morto para servir de babá. — Ei, George, talvez eu devesse…

— Talvez eu devesse, blá, blá blá. Vá, dê o fora daqui.

— George…

— Vá, eu disse! Ande!

Blaze foi.

* * *

O dia estava ensolarado e brilhante, e um pouco quente. Depois de uma semana de temperaturas ímpares, vinte graus deu

uma sensação tropical. Mas não havia prazer no brilho do sol, não havia prazer em dirigir de volta para Portland.

Ele não confiava em George com o bebê. Ele não sabia a razão, mas com certeza não confiava. Porque, veja, agora George era uma parte dele mesmo, e ele levava as maiores partes consigo quando ele ia a algum lugar, até mesmo a parte George. Isso não fazia sentido?

Blaze achou que sim.

E então ele começou a pensar no fogão à lenha. E se a casa se incendiasse?

O quadro mórbido entrou em sua cabeça e não quis sair. Fogo de chaminé graças ao fogão que ele havia acendido para aquecer o bebê se ele chutasse o

cobertor. Faíscas pululando da chaminé no telhado. A maioria se apagando, mas uma faísca encontrando uma telha seca e criando fogo, alcançando as ripas explosivamente secas abaixo. As chamas então correndo através das vigas. O bebê começando a chorar quando os primeiros fios de fumaça começassem a crescer, e ficassem cada vez mais densos…

Ele subitamente percebeu que havia aumentado a velocidade do Ford roubado para setenta. Ele tirou o pé do acelerador. Isso era muito ruim.

Ele parou no estacionamento da Rua Casco, deu duas pratas para o atendente, e deu a volta no Walgreens. Ele pegou um *Evening Express*, então foi até a

prateleira de brochuras perto dos refrigerantes. Havia um bocado de faroestes. Góticos. Livros de mistério. Ficção científica. E então, na prateleira do fundo, um livro grosso com um bebê careca e sorridente na capa. Ele leu o título rapidamente; não havia palavras difíceis nele. Cuidado com Crianças e Bebês.

Havia a foto de um cara velho cercado de crianças na capa traseira do livro.

Provavelmente o cara que o havia escrito.

Ele pagou por suas compras, e abriu o jornal ao sair. Ele parou subitamente na calçada, boquiaberto.

Havia uma imagem dele na página

frontal.

Não uma foto, ele viu com alívio, mas um retrato falado, um daqueles feitos na polícia. E não era tão bom. Eles não haviam afundado sua testa. Seus olhos estavam errados. Seus lábios nem eram tão grossos assim. Mas de algum modo, ele ainda se reconhecia.

A velha deveria ter acordado então. Apenas o subtítulo entregava essa idéia, e de uma maneira apressada.

FBI COMEÇA BUSCA POR SEQÜESTRADORES
Norma Gerard Sucumbe à Lesão na Cabeça
Enviado especial para o Evening

Press
Por James T. Mears

“O homem que dirigiu o carro de fuga no seqüestro do bebê Gerard—e possivelmente único seqüestrador—está desenhado nesta página, em exclusiva do Evening Express. O desenho foi feito pelo artista John Black do D.P. de Boston, por uma descrição dada por Morton Walsh, um atendente noturno no Oakwood, um novo condomínio construído a quatrocentos metros da residência da família Gerard.

Walsh disse à polícia de Portland, e aos representantes do Xerife do Condado de Castle, hoje mais cedo que o suspeito disse que ia visitar um homem chamado Joseph Carlton, um nome que aparentemente é fictício. O suspeito do seqüestro estava dirigindo um Ford sedan azul, e Walsh disse que havia uma escada na parte de trás. Walsh está detido como testemunha material, e há especulações sobre sua falha em questionar o motorista sobre suas intenções, dada a tardia hora (aproximadamente 2 da manhã).

Uma fonte próxima da investigação sugeriu que o "apartamento misterioso" de Joseph Carlton pode ter laços com o crime organizado, levantando a possibilidade de que o seqüestro da criança possa ter sido obra de criminosos organizados. Nem os agentes do FBI (agora em cena) ou a polícia local comentaram sobre a possibilidade.

Existem outras pistas atualmente, embora nenhuma carta de resgate ou ligação tenha sido feita. Um dos seqüestradores

deixou sangue na cena do crime, possivelmente de um corte causado pelo alambrado do estacionamento do Oakwood, que é feito de arame. O Xerife John D. Kellahar chamou isso de "mais um puxão na corda que eventualmente vai enforcar este homem, ou gangue de homens".

Em outra nota, Norma Gerard, a tia-bisavó da criança, sucumbiu durante a operação no Centro Médico do Maine para aliviar a pressão em sua (vá para a Página 2, Col 5)."

Blaze virou para a página dois, mas não havia muito lá. Se os tiras tinham outras coisas, eles estavam abafando. Havia uma foto da “Casa Seqüestrada”, e outra de “Por Onde os Seqüestradores Entraram”. Havia uma pequena caixa que dizia Apelo do Pai aos Seqüestradores, Página 6. Blaze não virou para a página 6.

O tempo sempre lhe escapava enquanto ele lia, e ele não podia se dar ao luxo disso agora. Ele estivera fora por tempo demais, levaria outros quarenta e cinco minutos para voltar para casa, e também…

E também o carro havia sido identificado.

Walsh, aquele bastardo miserável. Blaze quase tinha esperanças de que a organização pegasse aquele bastardo miserável por dedurar o apartamento deles.

Enquanto isso, entretanto…

Enquanto isso, ele teria que arriscar. Talvez ele pudesse voltar sem ser pego. As coisas iriam piorar se ele abandonasse o carro. Ele tinha suas impressões digitais por todo lugar, o que George chamava de “dedos-duros”, Talvez eles tivessem o número da placa; talvez Walsh houvesse anotado. Ele pensou nisso devagar e cuidadosamente e decidiu que Walsh não teria anotado.

Provavelmente. Ainda assim, eles

sabiam que era um Ford, e azul… mas é claro que ele fora originalmente verde. Antes ele o havia pintado. Talvez isso fizesse diferença. Talvez tudo ficasse bem. Talvez não. Era difícil saber.

Ele se aproximou do estacionamento cuidadosamente, espreitando em volta, mas não viu nenhum tira, e o atendente lia uma revista. Isso era bom. Blaze entrou, ligou o Ford, e esperou os tiras saírem de dezenas de esconderijos.

Ninguém apareceu. Quando ele saiu, o atendente pegou o tíquete amarelo de seu pára-brisa sem dar mais do que uma olhadela.

Sair de Portland, e então de Westbrook, pareceu levar uma

eternidade. Era um pouco como dirigir com um jarro de vinho entre as pernas, só que pior. Ele tinha certeza de que todo carro que se aproximava atrás dele era uma viatura disfarçada. Na verdade ele viu apenas uma viatura em sua viagem para fora da cidade, cruzando a interseção entre as Rotas 1 e 25, abrindo caminho para uma ambulância com sua sirene berrando e suas luzes piscando. Ver isso o confortou de fato. Um carro de polícia como aquele, você sabia o que era.

Depois que Westbrook ficou para trás, ele virou em uma estrada secundária, e então em uma pista dupla de asfalto que levava a uma estrada de lama congelada através das florestas, até Apex. Ele não

se sentiu inteiramente seguro mesmo ali, e quando ele virou na grande estrada que levava à cabana, ele sentiu como se tirasse um grande peso das costas.

Ele dirigiu o Ford para a garagem, e disse a si mesmo que ele poderia ficar lá até que o inferno virasse uma pista de patinação. Ele sabia que o seqüestro fora grande coisa, e as coisas pegariam fogo, mas isto era abrasador. A imagem, o sangue que ele havia deixado para trás, o modo rápido e indolor com que aquele porteiro glorificado havia dedurado o cercado de jogatinas privado da organização…

Mas todos esses pensamentos desapareceram no momento em que ele saiu do carro. Joe estava berrando.

Blaze podia ouvi-lo mesmo do lado de fora. Ele correu pelo umbral e invadiu a casa. George havia feito alguma coisa, George havia…

Mas George não havia feito nada. George não estava em nenhum lugar ali.

George estava morto, e ele, Blaze, havia deixado o bebê completamente sozinho.

O berço estava balançando com a força da fúria do bebê, e quando Blaze pegou Joe, ele viu o porquê. O garoto havia vomitado a maior parte de sua mamadeira das dez horas, um leito rançoso e fedorento, meio seco, estava grudado em seu rosto e ensopava a parte de cima de seu pijama. A cor de seu

rosto era de um arroxeado horrível. Suor descia em gotas.

Em uma espécie de quadro mental, Blaze viu seu próprio pai, um brutamonte gigante de olhos vermelhos e grandes mãos violentas. A imagem o deixou agonizado de culpa e horror; ele não pensava em seu pai há anos.

Ele tirou o bebê do berço com tanta rapidez que a cabeça de Joe rolou em seu pescoço. Ele parou de chorar mais de surpresa do que por qualquer outra coisa.

— Pronto. — Blaze ninou, começando a andar pelo quarto com o bebê no ombro. — Pronto, pronto. Eu voltei. Sim, voltei. Pronto, pronto. Não chore

mais.

Estou bem aqui. Bem aqui.

O bebê adormeceu antes que Blaze completasse três voltas ao redor do quarto. Blaze o trocou, arrumando as fraldas mais rápido do que antes, o abotoou, e o deitou de volta no berço.

Então ele se sentou para pensar. Para realmente pensar, desta vez. O que viria a seguir? Uma nota de resgate, certo?

— Certo. — ele disse.

Faça-a com letras de revistas; era assim que faziam nos filmes. Ele pegou uma pilha de jornais, revistas pornográficas, e gibis. Então ele começou a cortar as letras.

EU TENHO O BEBÊ.

Aí está. Um bom começo. Ele foi até a janela, ligou o rádio, onde Ferlin Husky cantava “Wings of Dove”. Essa era uma boa. Uma velhinha, mas boa. Ele remexeu até achar um tablete de papel que George havia comprado no Renny’s, e então misturou um pouco de pasta de farinha e água. Ele cantarolou junto com a música enquanto trabalhava. Era um som enferrujado e rude, como o som de dobradiças ruins de um velho portão.

Ele voltou à mesa e colou as letras que tinha até agora. Um pensamento o deteve: o papel deixava impressões

digitais? Ele não sabia, mas não parecia muito possível. Melhor não arriscar. Ele embolou o papel com as letras coladas, e achou as luvas de couro de George. Elas eram pequenas demais para ele, mas ele as forçou. Então caçou as mesmas letras novamente e as colou:

EU TENHO O BEBÊ.

Era hora do noticiário. Ele ouviu cuidadosamente, e viu que alguém havia ligado para a residência dos Gerard pedindo dois mil dólares de resgate. Isso fez Blaze franzir o cenho. O jornalista disse que um adolescente havia feito a ligação de um telefone

público em Wyndham. A polícia havia rastreado a ligação.

Quando eles o pegaram, ele disse que só estava fazendo um trote.

Diga a eles que era um trote a noite toda, ainda assim eles vão te enquadrar, garoto, Blaze pensou. *Seqüestro é coisa séria*.

Ele franziu o cenho, pensou, e cortou mais letras. O cara do tempo apareceu. O tempo estaria razoável e um pouco mais frio. A neve estaria a caminho em breve.

EU TENHO O BEBÊ. SE QUISEREM VÊ-LO VIVO DE

NOVO

Se quiserem vê-lo vivo de novo, o quê? O quê? Confusão ascendeu na mente de Blaze. Chamada a cobrar, operadores de prontidão? Fique na linha e comece a assobiar? Enfie duas pratas e cinqüenta centavos em moedas? Como você faria uma coisa dessas sem ser pego?

— George? Eu não consigo me lembrar desta parte.

Nenhuma resposta.

Ele pôs seu queixo em uma mão, e realmente vestiu seu boné do raciocínio. Ele tinha que ficar frio. Frio como George. Frio como John Cheltzman

estivera naquele dia na estação de ônibus quando estavam fugindo para Boston. Você tinha que usar a cachola. Você tinha que saber a manha.

Ele teria de fingir que era parte de uma gangue, isso era certo. Eles não poderiam pegá-lo quando ele fosse pegar a grana. Se pegassem, ele lhes diria que teriam de soltá-lo, ou seus parceiros matariam o garoto. Jogar um blefe. Diabos, dar um golpe.

— É assim que fazemos. — ele sussurrou. — Certo, George?

Ele prosseguiu em sua segunda tentativa, e procurou por mais letras, cortando-as em quadrados retos.

NOSSA GANGUE TEM O BEBÊ. SE QUISEREM VÊ-LO VIVO DE NOVO

Isso era bom. Isso ia bem no alvo. Blaze admirou por um minuto, então foi checar o bebê. O bebê estava dormindo. Sua cabeça estava virada, e um pequenino punho estava enfiado sob sua bochecha. Seus cílios eram muito longos, e mais escuros que seu cabelo. Blaze gostava dele. Ele nunca teria dito que um macaquinho assanhado poderia ser bonito, mas este aqui era.

— Você é o cara, Joey. — ele disse, então acariciou o cabelo do bebê. Sua mão era maior que a cabeça inteira do

bebê.

Blaze voltou para as revistas espalhadas, jornais, e recortes em cima da mesa. Ele devaneou por um tempo, mascando sua pasta de farinha e água enquanto o fazia. Então ele voltou ao trabalho.

NOSSA GANGUE TEM O BEBÊ. SE QUISEREM VÊ-LO VIVO DE NOVO ARRANJEM 1 MILHÃO $ EM NOTAS DESMARCADAS. PONHA A GRANA EM UMA MALETA. PREPAREM-CE PARA RESSEBEREM NOTÍSIAS DO BEBÊ. SINÇERAMENTE, OS SEQUESTRADORES DE JOE

GERARD 4.

Pronto. Isso lhes dizia alguma coisa, mas não muito. E lhe daria algum tempo para pensar em um plano. Ele achou um velho envelope sujo e colocou sua carta dentro dele, então cortou letras para colar na frente dizendo:

OS GERARDS — O COMA — IMPORTANTE!

Ele não sabia exatamente como iria remetê-la. Ele não queria deixar o bebê com George de novo, e não ousava usar o Ford identificado, mas ele não queria

remeter a carta em Apex, tampouco. Tudo teria sido tão mais fácil com George. Ele simplesmente poderia ter ficado em casa e dado uma de babá, enquanto George cuidava das partes complicadas. Ele não se importaria em alimentar Joe, ou trocá-lo, ou qualquer coisa assim. Ele não se importaria nem um pouco. Ele meio que gostava da coisa.

Bem, não importava. O correio não sairia até a manhã do dia seguinte, de qualquer forma, então ele tinha tempo para bolar um plano. Ou se lembrar do de George.

Ele se levantou e checou o bebê de novo, desejando que a TV não estivesse quebrada. Você obtinha idéias da TV às

vezes. Joe ainda estava dormindo. Blaze desejou que ele acordasse para que pudesse brincar com ele.

Fazê-lo sorrir. O garoto parecia com um menino de verdade quando ele sorria. E

ele estava vestido agora, então Blaze poderia bancar o palhaço com ele sem se preocupar em ser mijado.

Ainda assim, ele dormia e não havia o que se fazer quanto a isso. Blaze desligou o rádio e foi ao quarto fazer planos, mas acabou ele mesmo dormindo.

Antes de adormecer, ocorreu a ele que ele meio que se sentia bem. Pela primeira vez, desde que George

morrera, ele se sentia bem.

CAPÍTULO 14

ELE ESTAVA EM UM PARQUE DE DIVERSÕES, talvez a Feira Topsham, onde os garotos do Lar Hetton eram permitidos ir uma vez por ano em um velho e acabado ônibus azul—e Joe estava em seu ombro. Ele sentiu um terror enevoado enquanto descia pelo meio do caminho, porque muito em breve eles o veriam e estaria tudo acabado. Joe estava acordado. Quando eles passaram por um daqueles espelhos engraçados que te esticavam, Blaze viu o garoto olhar surpreso para tudo. Blaze continuou a andar, mudando Joe de um ombro para o outro quando ele ficava

pesado, ficando de olho nos tiras ao mesmo tempo.

Por toda a sua volta, o parque cintilava em uma majestade de neon doentio. Pela direita vinha a batida amplificada da voz do anunciante: “Venham até aqui, venham todos, seis lindas garotas, meia dúzia de gatinhas, todas elas vêm do Clube Diablo em Boston, estas garotas vão te excitar, te agradar, te fazer pensar que está no Paraíso!

Este não é lugar para uma criança, Blaze pensou. *Este é o último lugar do mundo para uma criancinha*.

Pela esquerda estava a Casa da Diversão com seu palhaço mecânico na frente, se balançado para frente e pra

trás em acessos de hilaridade. Sua boca estava virada para cima em uma expressão de humor tão larga que era como uma careta de dor. Seu riso lunático tocava direto sem parar vindo de um toca-fitas enterrado fundo em suas tripas. Um homenzarrão com uma âncora azul tatuada em um bíceps jogava bolas de borracha com força em garrafas de leite estocadas em forma de pirâmide; seu cabelo, lambido para trás, brilhava sob as luzes coloridas como couro de lontra. A Montanha Russa subia e descia e um mergulho ruidoso, deixando para trás os gritos de garotas caipiras vestidas de tops e saias curtas. O Foguete da Lua rolava para cima, para baixo, por todo o lado, os rostos de seus

pilotos esticados em máscaras bizarras pela velocidade da coisa. Uma Babel de odores ascendeu: batatas fritas, vinagre, tacos, pipoca, chocolate, moluscos fritos, pizza, pimentas, cerveja. O meio do caminho era uma longa língua marrom, decorada por milhares de invólucros vazios, e um milhão de bitucas de cigarros filtrados. Sob o brilho das luzes, todos os rostos eram achatados e grotescos. Um velho com uma corredeira de meleca verde pendurada em seu nariz passou andando, comendo uma maçã de amor. Um menino com uma marca de nascença roxa em uma bochecha. Uma velha senhora negra sob uma peruca loira. Um gordo de bermuda com veias varicosas, usando

uma camiseta que dizia PROPRIEDADE DOS BRUNSWICK DRAGONS.

— Joe. — alguém chamava. — Joe… Joe!

Blaze se virou e tentou identificar a voz na multidão. E então ele a viu, usando a mesma camisola com os seios praticamente caindo do top enlaçado. A jovem mãe bonita de Joe.

Terror o engolfou. Ela iria vê-lo. Não tinha jeito. E quando ela o visse, tomaria seu bebê. Ele segurou Joe com mais força, como se o abraço pudesse assegurar a posse. O corpinho estava quente e tranqüilo. Ele podia sentir a palpitação da vida da criança contra seu peito.

— Ali! — a Sra. Gerard gritou. — Ali está, o homem que roubou meu bebê! Peguem-no! Agarrem-no! Devolva-me meu bebê!

As pessoas se viraram para olhar. Blaze estava quase perto do carrossel agora, e a música de calíope estava muito alta. Ela ricocheteava e ecoava.

— Parem-no! Parem aquele homem! Parem o ladrão de bebê!

O homem com a tatuagem e cabelo lambido começou a andar em sua direção, e agora, finalmente, Blaze podia correr. Mas o caminho estava estendido. Estava esticada por quilômetros, uma eterna Estrada da Diversão. E

eles todos estavam atrás dele: o menino com a marca de nascença, a negra de peruca loira, o gordo de bermuda. O palhaço mecânico que ria e ria.

Blaze passou por outro vendedor anunciante, que estava de pé ao lado de um enorme homem vestindo o que parecia ser uma pele de animal. A placa acima de sua cabeça o identificava como o Homem Leopardo. O anunciante ergueu seu microfone e começou a falar. Sua voz amplificada rolou pelo meio do caminho como trovão.

— Depressa, depressa, depressa! Vocês chegaram bem a tempo de ver Clayton Blaisdell, Jr. O notável seqüestrador de bebês! Largue este

garoto, camarada! Ele está bem aqui, amigos, direto de Apex, onde ele vive na Estrada Parker, e o carro identificado está dentro da garagem nos fundos! Depressa, depressa, depressa, vejam o seqüestrador ao vivo, bem aqui…

Ele correu mais rápido, soluçando e respirando, mas eles estavam ganhando terreno. Ele olhou para trás e viu que a mãe de Joe estava liderando o pelotão. Seu rosto estava mudando. Estava ficando mais pálido, exceto pelos lábios. Eles estavam ficando mais vermelhos. Seus dentes cresciam abaixo e acima deles. Seus dedos se curvavam em garras com pontas vermelhas. Ela estava se tornando a Noiva de Yorga.

— Peguem-no! Peguem-no! Matem-no!

O seqüestrador de bebês!

Então George assobiou para ele das sombras.

— Aqui, Blaze! Rápido! Mova-se, maldição!

Ele virou na direção da voz e se encontrou no Labirinto de Espelhos. O caminho subitamente se quebrou em milhares de peças distorcidas. Ele se impeliu pelo estreito corredor, arquejando como um cão. Então George apareceu à sua frente (e atrás dele, e em ambos os lados) e George estava dizendo: "Você tem que fazê-los jogarem de um avião, Blaze. De um avião. Faça com que eles a joguem de um avião.

— Eu não consigo escapar. — Blaze gemeu. — George, ajude-me a escapar.

— É isso que estou tentando fazer, cuzão! Faça com que eles a joguem de um avião!

Eles estavam todos do lado de fora agora, e entrando, mas os espelhos faziam parecer que eles estavam todos à sua volta.

— Peguem o seqüestrador de bebês! — a esposa de Gerard berrou. Seus dentes estavam agora enormes.

— Ajude-me, George.

Então George sorriu, e Blaze viu que seus dentes estavam longos demais também.

— Eu vou ajudá-lo. — ele disse. — Dê-me o bebê.

Mas Blaze não deu. Blaze recuou. Um milhão de Georges avançou contra ele, esticando suas mãos para tomar o bebê. Blaze se virou e mergulhou em um novo corredor brilhante, batendo de um lado para o outro como em um jogo de *pinball*, tentando segurar Joe protetoramente. Este não era lugar para um garoto.

CAPÍTULO 15

BLAZE ACORDOU na primeira luz da manhã, a princípio não muito certo de onde estava. Então tudo lhe voltou, e ele caiu para um lado, respirando com dificuldade. Sua cama estava ensopada de suor. Cristo, que pesadelo horrível.

Ele se levantou, e andou até a cozinha para checar o bebê. Joe estava profundamente adormecido, lábios contraídos como se estivesse pensando em coisas muito sérias. Blaze olhou para ele até que olhos bateram na subida firme e lenta do peito da criança. Seus lábios se moveram, e Blaze imaginou se

Joe estava sonhando com uma mamadeira, ou com o peito da mãe.

Então ele colocou o café para ferver, e sentou à mesa em sua longa cueca.

O jornal que ele havia comprado no dia anterior ainda estava lá, exceto pelas letras que ele usou em sua nota de seqüestro. Ele começou a ler a história sobre o seqüestro novamente, e seu olho uma vez mais caiu na caixa da página 2: Apelo do Pai aos Seqüestradores, Página 6. Blaze virou para a página seis, onde ele achou um anúncio de meia página, sublinhando em preto. Ele dizia:

ÀS PESSOAS QUE TÊM NOSSA CRIANÇA!

NÓS ATENDEREMOS A QUALQUER PEDIDO, COM A CONDIÇÃO QUE VOCÊS POSSAM PROVIDENCIAR EVIDÊNCIA DE QUE JOE AINDA ESTEJA VIVO. TEMOS A GARANTIA DO SERVIÇO FEDERAL DE INVESTIGAÇÃO (FBI) DE QUE NÃO HAVERÁ INTERFERÊNCIA COM SUA COLETA DO RESGATE, MAS NÓS DEVEMOS TER PROVAS DE QUE JOE ESTÁ VIVO!

ELE COME TRÊS VEZES AO DIA, PAPINHAS ENLATADAS E

VEGETAIS SEGUIDOS POR MEIA MAMADEIRA. A FÓRMULA QUE ELE ESTÁ ACOSTUMADO É LEITE ENLATADO E FERVIDO, ÁGUA ESTERILIZADA EM UMA PROPORAÇÃO DE 1:1.

POR FAVOR, NÃO O MACHUQUEM, PORQUE NÓS O AMAMOS MUITO.

JOSEPH GERARD III

Blaze fechou o jornal. A leitura o fez ficar infeliz, como ouvir Loretta Lynn

cantar “Your Good Girl’s Gonna Go Bad”.

— Oh, puxa, buááá. — George disse tão subitamente do quarto que Blaze pulou.

— Shh, você vai acordá-lo.

— Foda-se. — George disse. — Ele não pode me ouvir.

— Oh. — Blaze disse. E imaginou que fosse verdade. — O que é uma proporção, George? Aqui diz que eu tenho que fazer as mamadeiras numa proporção de um-alguma coisa-um.

— Não importa. — George disse. — Estão realmente preocupados com ele, não é? Ele come três vezes por dia, seguido por meia mamadeira… não o

machuquem, *puquê nós o amamos buááá*. Cara, isso eleva a pilha de merda.

— Escute… — Blaze começou.

— Não, eu não vou escutar! Não me diga pra escutar! Ele é tudo que eles têm, certo? Isso e mais ou menos quarenta milhões de mangos! Exija o dinheiro, e depois mande o garoto em pedaços. Primeiro um dedo, depois o polegar, então seu pequeno…

— George, cale a boca!

Ele ergueu as mãos à boca, chocado. Ele acabara de mandar George se calar. No que ele estava pensando. O que havia de errado com ele?

— George?

Nenhuma resposta.

— George, sinto muito. É só que você não deveria dizer coisas, você sabe, como aquelas. — ele tentou sorrir. — Temos que devolver o garoto vivo, certo?

Esse era o plano. Certo?

Nenhuma resposta, e agora Blaze começava a se sentir realmente angustiado.

— George? George, o que há de errado?

Nenhuma resposta por um longo tempo. Então, tão baixo que ele quase não ouviu, tão baixo que poderia ter sido

apenas um pensamento em sua própria cabeça:

— Você terá que deixá-lo comigo, Blaze. Cedo ou tarde.

Blaze enxugou a boca com a palma de sua mão — É melhor não fazer nada com ele, George. É melhor. Estou avisando.

Nenhuma resposta.

Às nove horas, Joe já estava acordado, trocado, alimentado, e brincava no chão da cozinha. Blaze estava sentando à mesa e ouvia o rádio. Ele havia juntado os pedaços de papel e jogado fora a

massa de farinha endurecida, e a única coisa em cima da mesa era sua carta para os Gerards. Ele estava tentando descobrir como enviá-la.

Ele havia ouvido o noticiário três vezes. A polícia havia apanhado um homem chamado Charles Victor Pritchett, um grande nômade do Condado de Aroostook que trabalhara numa serraria um mês antes. Então ele fora solto.

Provavelmente aquele abridor de portas escrotos do Walsh não o identificara, Blaze raciocinou. Que pena. Um bom suspeito teria abaixado as investigações por um tempo.

Ele se revirou inquieto em sua cadeira.

Ele tinha que tirar seu seqüestro do chão. Ele tinha que bolar um plano de como mandar a carta. Eles tinham um desenho dele, e eles sabiam sobre o carro. Eles até sabiam a cor dele—aquele bastardo do Walsh de novo.

Sua mente se movia pesada e lentamente. Ele se levantou, fez mais café, então pegou o jornal de novo. Ele franziu o cenho ante o desenho da polícia de si mesmo. Grande, com uma mandíbula quadrada. Costas largas, nariz achatado.

Cabelo grosso, que não era cortado há um tempo (George o fizera da última vez, cortando indiferentemente com um par de tesouras de cozinha). Olhos afundados.

Apenas uma sugestão de seu grande pescoço, e eles provavelmente não teriam idéia do quão grande ele realmente era. As pessoas nunca faziam quando ele estava sentado, porque suas pernas eram sua parte mais longa.

Joe começou a chorar, e Blaze aqueceu a mamadeira. O bebê a empurrou, então Blaze o ninou distraidamente em seu colo. Joe se aquietou imediatamente e começou a espiar as coisas ao redor de sua nova elevação: duas fotografias de mulheres no fundo da sala, as janelas, a sujeira do lado de dentro, e a neve do lado de fora.

— Não é muito parecido com o lugar de onde você veio, hein? — Blaze perguntou.

Joe sorriu, então tentou sua risada estranha e inexperiente que fez Blaze sorrir. O rapazinho tinha dois dentes, despontando através das gengivas. Blaze imaginou se outros que estavam lutando para sair o estavam incomodando; Joe mastigava muito suas mãos, e às vezes gemia dormindo. Agora ele começava a babar, e Blaze limpou sua boca com um velho lencinho que estava guardado em seu bolso.

Ele não podia deixar o bebê com George de novo. Era como se George estivesse com ciúmes, ou coisa assim. Quase como se George quisesse…

Ele podia ter ficado irritado, porque Joe olhava para ele com uma expressão de interrogação engraçada, como “Quê

que há com tu, colega?”, Blaze mal percebia. Porque a coisa era que… agora ele era George. E isso significava que parte dele queria…

Novamente ele espantou a idéia, e quando ele fez, sua mente problemática encontrou outra coisa em que se grudar.

Se ele fosse a algum lugar, George ia a algum lugar também. Se ele era George agora, só isso fazia sentido. A leva a B, simples assim, Johnny Cheltzman teria dito.

Se ele fosse, George ia.

O que significava que George não poderia machucar Joe, não importa o quanto ele quisesse.

Algo em seu interior afrouxou. Ainda

assim ele não gostava da idéia de deixar o bebê, mas era melhor deixá-lo só do que com alguém que pudesse machucá-lo… e além disso, ele tinha de fazê-lo. Não havia ninguém mais.

Mas, com certeza, ele poderia usar um disfarce, com eles tendo o desenho dele e tudo mais. Algo como meias de nylon, só que natural. O quê?

Uma idéia veio a ele. Ela não veio em um clarão, mas lentamente.

Ascendeu em sua mente como uma bolha subindo para a superfície de uma água tão grossa que seria quase lama.

Ele colocou Joe de volta ao chão, então foi ao banheiro. Ele pegou tesoura e uma toalha. Então pegou o barbeador

Norelco de George no armário de remédios, onde ele estivera dormindo por todos esses meses com o fio envolto.

Ele cortou o cabelo em grandes e descuidados pedaços, cortou até que o que sobrara fossem pontas arrepiadas. Então ele ligou o Norelco e raspou o resto também. Ele o guiou para frente e para trás até que a lâmina elétrica estivesse quente em sua mão e seu novo escalpo nu estivesse rosa pela irritação.

Ele observou sua imagem no espelho curiosamente. A cavidade em sua testa estava mais evidente do que nunca, ela estava totalmente descoberta pela primeira vez em anos, e era meio que horrível olhar para ela—ela parecia

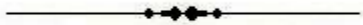
quase tão funda o bastante para acomodar um copo de café, se ele estivesse deitado— mas, de qualquer forma, Blaze não achou que ele parecia muito com o seqüestrador louco no desenho da polícia. Ele parecia com algum cara estrangeiro da Alemanha, Berlim, ou qualquer lugar assim. Mas seus olhos, eles ainda eram os mesmos. E se seus olhos o dedurassem?

— George tem maquiagem. — ele disse. — Essa é a saída… não é?

Ele vagamente percebia que estava fazendo de si mesmo mais conspícuo do que menos, mas talvez desse tudo certo. O que mais ele poderia fazer, de qualquer forma? Ele não poderia evitar ter dois metros e tanto. Tudo o que ele

poderia fazer era tentar fazer sua aparência funcionar a seu favor, ao invés de contra.

Ele certamente não percebia que havia feito um disfarce melhor do que George poderia ter feito, não mais do que percebia que George era agora uma criação de uma mente trabalhando em uma febril e queimada superfície de estupidez. Por anos ele havia se identificado como um bobo, aceitando isso como apenas mais uma parte de sua vida, como a cavidade em sua testa. Ainda assim, algo continuava a trabalhar abaixo da superfície queimada. Trabalhava com o instinto mortal das coisas vivas—toupeiras, vermes, micróbios—abaixo da superfície de um

campo queimado. Esta era a parte que lhe lembrava tudo. Cada dor, cada crueldade, cada maltrato que o mundo lhe fizera.

Ele estava andando a uma boa velocidade ao longo de uma estrada em Apex, quando um velho caminhão com uma carga acima do peso bufou ao seu lado. O homem no interior era grisalho e vestia uma camisa térmica sob um casaco de lã xadrez.

— Suba! — ele gritou.

Blaze passou para a pista e subiu na

cabine. Ele agradeceu. O motorista assentiu e disse, “Tô indo pra Westobrook”. Blaze assentiu de volta e levantou o polegar para o cara. O motorista ligou os motores e o caminhão começou a andar novamente. Não como se quisesse, em particular.

— Já te vi antes, né? — o motorista gritou contra seu motor barulhento.

Sua janela estava quebrada, e os sopros frios de Janeiro entravam, lutando contra o ar quente do aquecedor. — Vive em Palmer Road?

— Sim! — Blaze berrou de volta.

— Jimmy Cullum costumava viver lá. — o motorista disse, e ofereceu a Blaze um pacote incrivelmente velho de

biscoitos. Blaze pegou um.

— Era um cara e tanto. — Blaze disse. Sua cabeça careca não aparecia; ele usava um boné vermelho tricotado.

— Foi para o sul, foi o que Jimmy fez. Diga, seu colega ainda está por ai?

Blaze percebeu que ele estava falando de George.

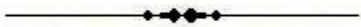
— Não. — ele disse. — Ele achou um trabalho em Nova Hampshire.

— Mesmo? — o caminhoneiro disse. — Gostaria que ele me achasse um.

Eles alcançaram o topo da colina, e agora o caminhão começava a descer pelo outro lado, ganhando velocidade ao longo da estrada esburacada,

balançando e sacolejando. Blaze quase podia sentir a carga ilegal os empurrando.

Ele mesmo já havia dirigido caminhões de cargas acima do peso; uma vez havia levado uma carga de árvores de Natal para Massachusetts que tinha meia tonelada acima do limite. Isso nunca o preocupou antes, mas preocupava agora.

Veio a sua mente que apenas ele permanecia entre Joe e a morte.

Quando chegaram à estrada principal, o motorista mencionou o seqüestro.

Blaze ficou um pouco tenso, mas não estava particularmente surpreso.

— Se acharem o cara que pegou o garoto, eles vão pendurá-lo pelas bolas.

— o caminhoneiro sugeriu. Ele mudou para a terceira com um som infernal dos motores.

— Acho que sim. — Blaze disse.

— Está ficando tão ruim quanto aqueles seqüestros de aviões. Lembra deles?

— Sim. — ele não se lembrava.

O motorista jogou o coto de seu cigarro pela janela e imediatamente acendeu outro.

— Isso tem que parar. Eles deviam ter

penas de morte mandatórias para caras como esse. Um esquadrão de fuzilamento, talvez.

— Acha que eles vão pegar o cara? — Blaze perguntou. Começando a se sentir como se estivesse dentro de um filme de espiões.

— Por acaso o Papa usa um chapéu alto? — o motorista perguntou, virando na Rota 1.

— Acho que sim.

— O que eu quis dizer é, não precisa nem perguntar. É claro que vão pegá-lo. Sempre pegam. Mas a criança estará morta, e pode anotar o que eu disse.

— Oh, eu não sei. — Blaze disse.

— Mesmo? Bem, eu sei. A idéia toda é doida. Seqüestrar com essa idade?

O FBI vai marcar as notas, ou copiar os números de série, ou colocar marcas invisíveis nelas, do tipo que você só vê com luz ultravioleta.

— Acho que sim. — Blaze disse, sentindo-se inquieto. Ele não havia pensado nestas coisas. Ainda assim, se ele iria vender o dinheiro em Boston, para o cara que George conhecia, o que importava? Ele começou a se sentir bem de novo.

— Você acha que aqueles Gerards vão realmente entregar um milhão de pratas?

O motorista assobiou.

— É o quanto eles estão pedindo?

Blaze achou que naquele momento ele poderia alegremente ter mordido a própria língua e a engolido.

— Sim. — ele disse.

Oh, George, ele pensou.

— Essa é nova. — o motorista disse. — Não vi no jornal desta manhã.

Você ouviu isso no rádio?

— Mate-o, Blaze. — George disse, muito claramente.

O motorista fez uma concha com a mão atrás da orelha.

— O quê? Não te entendi.

— Eu disse que sim, no rádio. — ele baixou o olhar para as mãos, juntas no

colo. Eram grandes mãos, poderosas. Uma delas havia quebrado o pescoço de um Collie com um único golpe, e na época ele nem era crescido.

— Eles podem conseguir o resgate. — o motorista disse, jogando o segundo cigarro e acendendo um terceiro. — Mas eles nunca vão conseguir gastá-lo. Não senhor. Nunquinha.

Eles estavam indo para a Rota 1 agora, passando por pântanos congelados e cabanas fechadas para o inverno. O motorista estava evitando a rodovia as estações de pesagem por lá. Blaze não o culpava.

Se eu acertá-lo bem na garganta, onde está seu pomo de Adão, ele

acordará no céu antes que saiba que morreu, Blaze pensou. *Então eu poderia pegar o volante e parar. Colocá-lo no lado do passageiro. Qualquer um que o vir pensará que ele está apenas tirando uma soneca. Pobre camarada, eles vão pensar, eles provavelmente esteve dirigindo a noite t…*

— …indo?

— Hã? — Blaze perguntou.

— Eu disse, para onde está indo? Eu esqueci.

— Oh. Westbrook.

— Bem, eu tenho que dar uma parada na Estrada Marah dois quilômetros

acima. Encontrar um amigo, saca.

— Oh. — Blaze disse. — Certo.

— Você tem que fazer agora, Blazer. Hora certa, lugar certo. É assim que fazemos. — George disse.

Blaze se virou para o motorista.

— Que tal outro cigarro? — o motorista disse. — Tá interessado? — ele empertigou a cabeça um pouco enquanto falava. Oferecendo o alvo perfeito.

Blaze enrijeceu um pouco. Suas mãos se contorceram em seu colo.

— Não. Estou tentando parar. — ele disse, por fim.

— Mesmo? Bom procê. Tá frio como

uma teta de bruxa, né? —o motorista mudou de marcha antecipadamente na virada, e abaixo deles veio uma série de explosões como se o motor estivesse cuspindo pelo cano de escape. — O aquecedor não funciona tão bem. O rádio tá quebrado.

— Que ruim. — Blaze disse. Ele sentiu sua garganta seca, como se alguém houvesse lhe enfiado uma colher de goela abaixo.

— Sim, pois é, a vida é uma merda, e então cê morre. — ele usou os freios. Eles gritaram como almas aflitas. — Cê tem que ser rápido; desculpe, senão ela morre na primeira.

— Claro. — Blaze disse. Agora que o

momento viera e se fora, ele sentiu seu estômago embrulhar. E ficou com medo. Ele desejou nunca ter visto o motorista.

— Diga oi pro seu amigo quando o vir. — o motorista disse, e passou outra marcha enquanto o caminhão com carga extra entrava, no que ele assumiu ser, na Estrada Marah.

Blaze abriu a porta e pulou no rebordo congelado, batendo a porta atrás dele. O motorista buzinou uma vez, e então o caminhão rugiu acima da colina e uma nuvem de exaustão fedorenta. Logo ele era apenas um som, diminuindo cada vez mais.

Blaze começou a andar pela Rota 1 com suas mãos enfiadas nos bolsos.

Ele estava na expansão sul do subúrbio de Portland, e em dois quilômetros ou três ele chegaria a um grande shopping Center com lojas e um cinema. Havia uma caixa de correio em frente a uma lavanderia, e lá ele postou sua nota de resgate.

Havia uma banca de jornal do lado de dentro. Ele entrou e pegou um.

— Olha, mãe. — um garotinho disse para sua mãe, que estava descarregando roupas em uma secadora a moedas. — Aquele cara tem um buraco na cabeça.

— Calado. — a mãe do garoto disse.

Blaze sorriu para o menino, que imediatamente se escondeu atrás da perna da mãe. Deste lugar seguro ele

olhou de baixo para cima.

Blaze pegou seu jornal e saiu. Um incêndio em um hotel havia empurrado a história do seqüestro para o fundo da página um, mas o desenho dele ainda estava lá. PROCURA POR SEQÜESTRADORES CONTINUA, o título dizia.

Ele enfiou o jornal no bolso traseiro. Isso era ruim. Enquanto cruzava pelo estacionamento até a estrada, ele viu um velho Mustang com as chaves em seu interior. Sem pensar muito, Blaze entrou nele e dirigiu para longe.

CAPÍTULO 16

CLAYTON BLAISDELL, JR., se tornou o suspeito principal no seqüestro às 4:30 da mesma tarde cinzenta de Janeiro, mais ou menos uma hora e meia após ter enfiado sua carta na caixa de correio em frente ao *Giant Kleen Kloze U-Wash-It*. Houve uma "novidade no caso", como os cumpridores da lei gostam de dizer. Mas mesmo antes da chamada telefônica que chegou ao número do FBI listado na reportagem daquele dia sobre o seqüestro, identificação se tornou apenas uma questão de tempo.

A polícia tinha uma gama de informações. Havia a descrição dada por Morton Walsh (cujo rabo seria arrebentado pelo pessoal de Boston assim que a poeira baixasse). Havia um número de fios azuis presos no topo do alambrado que cercava o estacionamento de visitantes do Oakwood, identificados como pertencentes a um jeans D-Boy, uma marca barata. Havia fotos e moldes de botas—pegadas com formatos característicos. Havia amostra de sangue, do tipo AB, Rh-negativo. Havia fotos e moldes dos pés de uma escada extensível, agora identificada como uma Craftwork Lightweight Supreme. Havia fotografias de pegadas dentro da casa,

mostrando aqueles mesmos padrões característicos. E havia uma declaração da moribunda Norma Gerard, identificando para o artista da polícia, o desenho, com uma semelhança razoável, do homem que a havia atacado.

Antes de entrar em coma, ela adicionou um detalhe que Walsh não mencionara: o homem tinha uma grande cavidade na testa, como se ele tivesse sido atingido por um tijolo ou um cano.

Pouca informação havia sido dada à imprensa.

Outra que a cavidade na testa, os investigadores estavam particularmente interessados em dois fatos. Primeiro, jeans da marca D-Boy eram vendidos

apenas em algumas lojinhas do norte da Nova Inglaterra. Segundo, e ainda melhor, Craftwork Ladders era uma pequena companhia de Vermento que vendia apenas para lojas independentes de quinquilharias. Nada de Ames, Mammoth Mart, ou Kmart. Um pequeno exército de oficiais começou a visitar estes negociantes independentes. Eles ainda não haviam alcançado a Apex Hardware ("O Lugar Mais Útil!") no dia em que Blaze enviara sua carta, mas agora era uma questão de horas até que o fizessem.

Na residência dos Gerard, equipamentos de rastreamento haviam sido instalados. O pai de Joseph Gerard IV havia sido cuidadosamente instruído

a como lidar com uma inevitável ligação, quando ela viesse. A mãe de Joe estava no andar de cima, entalada de tranqüilizantes.

Nenhum dos oficiais de lei estava sob qualquer ordem de levar o seqüestrador, ou seqüestradores, vivo. Especialistas forenses estimavam que um dos homens de quem estavam atrás (talvez apenas um homem) media pelo menos dois metros, e pesava por volta do cento e quinze quilos. O crânio fraturado de Norma Gerard oferecia testemunho, se qualquer fosse preciso, de sua força e brutalidade.

Então, às 4:30 da tarde daquele dia cinzento, o Agente Especial no Comando Albert Sterling recebeu uma ligação de

Nancy Moldow.

No momento em que Sterling e seu parceiro, Bruce Granger, pisaram na Loja de Bebês. Nancy Moldow disse: “Há algo de errado com o desenho. O

homem que vocês querem tem um buraco grande no meio da testa”.

— Sim, senhora. — Sterling disse. — Estamos ocultando isso.

Os olhos dela giraram.

— Então ele não saberá que vocês sabem.

— Correto.

Ela gesticulou para o jovem ao seu lado. Ele usava um casaco de nylon azul, e uma gravata borboleta vermelha, e um semblante excitado.

— Este é Brant. Ele ajudou aquele… aquele… o homem com as coisas que comprou.

— Nome completo? — o Agente Granger perguntou para o garoto de azul.

Ele abriu seu caderninho.

O pomo de adão do garoto subiu e desceu como um macaco numa vara.

— Brant Romano. Senhor. Aquele cara dirigia um Ford. — ele disse o ano com o que Sterling julgou ser um alto grau de

confiança. — Só que não era azul, como diz no jornal. Era verde.

Sterling se virou para Moldow.

— O que este homem comprou, senhora?

Ela, de fato, riu um pouco.

— Meu Deus, o que ele não comprou. Todas as coisas para bebê, é claro, é isso o que vendemos aqui. Um berço, uma caminha, uma mesa de trocar fraldas, roupas… tudo mais. Ele até mesmo comprou uma bandeja.

— Você tem a lista completa? — Granger perguntou.

— É claro. Eu nunca suspeitei que ele fosse fazer algo ruim. Ele na verdade

parecia um homem muito gentil, embora aquela cavidade em sua testa…

aquele buraco…

Grande assentiu simpaticamente.

— E ele não me pareceu muito inteligente. Mas inteligente o bastante para me enganar, eu suponho. Ele disse que estava comprando as coisas para seu pequeno sobrinho, e a boba da Nan acreditou nele.

— E ele era grande.

— Meu Deus, um gigante! Era como estar com um… um… — ela deu uma risada nervosa. — Um touro em uma loja de bebês!

— O quão grande?

Ela deu de ombros.

— Eu tenho um metro e sessenta e três, e eu mal batia em suas costelas.

Isso faria dele…

— Você provavelmente não vai acreditar nisto. — Brant, o garoto do estoque disse. — Mas eu acho que ele tinha uns dois metros.

Sterling se preparou para fazer a última pergunta. Ele a deixou para o final porque ele tinha quase certeza de que ela o levaria a um beco sem saída.

— Sra. Moldow, como este homem pagou por suas compras?

— Dinheiro. — ela disse prontamente.

— Entendo. — ele olhou para Granger.

Era a resposta que ele esperava.

— Você devia ter visto todo o dinheiro que ele tinha na carteira!

— Gastou a maior parte dele. — Brant disse. — E ele me deu uma gorjeta de cinco pratas, mas aí a carteira já estava, tipo, peladona.

Sterling ignorou isso.

— E já que foi uma compra em dinheiro, você não teria o registro do nome do homem?

— Não. Nenhum registro. A Hager vai colocar algumas câmeras de segurança nos próximos anos, eu suponho…

— Séculos. — disse Brant. — Este lugar é, tipo, uma pobreza.

— Certo, então… — Sterling disse, fechando seu caderninho. — Vamos indo. Mas eu quero lhe dar meu cartão em caso de você pensar em algo…

— Eu sei o nome dele. — Nancy Moldow disse.

Ambos se viraram para ela.

— Quando ele abriu sua carteira para pegar o maço de dinheiro, eu vi a carteira de motorista. Eu me lembro do nome, parcialmente porque aquela foi o tipo de venda que só acontece uma vez na vida, mas a maior parte porque era…

um nome imponente. Não parecia combinar com ele. Eu me lembro de pensar naquele homem como um Barney ou um Fred. Sabem, como nos

Flintstones.

— Qual era o nome? — Sterling perguntou.

— Clayton Blaisdell. Na verdade, eu acho que era Clayton Blaisdell, Jr.

Às cinco e meia daquela tarde, eles tinham seu homem marcado. Clayton Blaisdell, Jr., também conhecido como Blaze, havia sido enjaulado duas vezes, a primeira por atacar o diretor de um lar estatal em que vivia quando era garoto— um lugar chamado Lar Hetton—e outra vez, anos depois, por furto e fraude. Um cúmplice suspeito, George Thomas Rackley, também conhecido como Raspa, havia escapado porque Blaze não testemunhara contra

ele.

De acordo com os arquivos da polícia, Blaisdell e Rackley estiveram juntos por oito anos antes da queda de Blaisdell no golpe do furto, que havia sido um golpe religioso complexo demais para os talentos mentais limitados do garotão. No Centro de Correção de South Portland, ele havia feito um teste de QI, e sua nota fora baixo o bastante para ser colocado na categoria chamada “Limítrofe”. Na margem, alguém havia escrito, em grandes letras vermelhas: RETARDADO.

Sterling achou os detalhes do golpe bastante interessantes. Nele, havia um grande homem em uma cadeira de rodas (Blaisdell) e um pequeno homem que o

empurrava que se apresentava como o Reverendo Gary Crowell (quase certamente Rackley). O Reverendo Gary (como ele mesmo se chamava), clamava estar levantando fundos para um passeio revivalista pelo Japão. Se as vítimas—a maioria velhas com pouca grana no banco—provassem ser difíceis de convencer, o Reverendo Gary realizava um milagre. Ele fazia o grande homem na cadeira de rodas andar de novo, através do poder de Jesus.

As circunstâncias da prisão foram mais incríveis ainda. Uma octogenária chamada Arlene Merrill suspeitou e chamou a polícia enquanto o Reverendo e seu “assistente” estavam na sala de estar. Então ela voltou para a sala e

falou com eles até a polícia chegar.

O Reverendo Gary sacou a armadilha e correu. Blaisdell ficou. Em seu relatório, o oficial responsável pela prisão escreveu, “Suspeito disse que não correu por não estar curado ainda”.

Sterling pensou em tudo isto e decidiu que eram dois seqüestradores, no fim das contas. Pelo menos dois. Rackley teria de estar com ele, um cara tão idiota quanto Blaisdell com certeza não tinha feito a coisa toda sozinho.

Ele pegou o telefone, e fez uma chamada. Poucos minutos depois ele recebeu uma ligação que o surpreendeu. George Thomas “Raspa” Rackley morrera no ano anterior. Ele fora achado

apunhalado em uma área conhecida de jogo nas docas de Portland.

Merda. Alguém mais, então?

Alguém comandando o grandalhão do modo como Rackley sem dúvida fizera certa vez?

Simplesmente tinha que ser isso, não tinha?

De sete horas daquela noite, um boletim de âmbito estadual—que ficaria conhecido como BOLO alguns anos mais tarde—foi lançado sobre Clayton Blaisdell, Jr.

Por esta hora, Jerry Green de Gorham descobrira que seu Mustang havia sido roubado. O carro ficou na mira da polícia mais ou menos quarenta minutos

mais tarde.

Por volta da mesma hora, o Departamento de Polícia de Westbrook deu a Sterling o número de uma mulher chamada Georgia Kingsbury. A Sra.

Kingsbury estava lendo o jornal da noite quando seu filho olhou por cima de seu ombro, apontou o desenho da polícia, e perguntou "Por que o homem da lavanderia está no jornal? E por que não mostram o buraco na cabeça dele?"

A Sra. Kingsbury disse a Sterling: "Eu dei uma olhada e disse, Oh, Meu Deus."

Às 7:40, Sterling e Granger chegaram na residência Kingsbury. Eles mostraram à mãe e ao filho uma cópia da foto de prisão de Clayton Blaisdell,

Jr.

A cópia estava embaçada, mas a identificação dos Kingbury foi imediata e positiva. Sterling supôs que uma vez que se via Blaisdell, não dava para esquecê-lo. Que este gigante fora a última pessoa que Norma Gerard vira em seu lar fez Sterling ficar doente de raiva.

— Ele sorriu para mim. — o garotinho Kingsbury disse.

— Isso é bom, filho. — Sterling disse, e acariciou seu cabelo.

O menino se desvencilhou.

— Sua mão está fria. — ele disse.

No carro, Granger disse, “Você acha

que é estranho que o chefão mandaria um cara como esse fazer compras para o garoto? Um cara tão fácil de lembrar?”

Quando Sterling pensou ar respeito, ele não achou um pouco estranho, mas Blaisdell comprando feito louco sugeria outra coisa também. Era otimista, e então ele preferiu se concentrar nisso. Todos os objetos de bebê sugeriam que eles pretendiam manter a criança viva, ao menos por um tempo.

Granger ainda o olhava, esperando uma resposta. Então Sterling disse: “Quem sabe o porquê desses safados fazerem qualquer coisa? Vamos, vamos embora.”.

A identificação positiva de Blaisdell como um dos seqüestradores saíram para o Estado e para as agências de polícia locais às 8:05 da noite. De 8:20, Sterling recebeu uma chamada do Patrulheiro Estadual Paul Hascom, na delegacia de Portland. Hascom reportou que um Mustang 1970 havia sido roubado do mesmo shopping onde Georgia Kingsbury havia visto Blaisdell, e aproximadamente na mesma hora. Ele queria saber se o FBI gostaria de adicionar isso ao boletim. Sterling disse que o FBI gostaria muito disso.

Agora Sterling havia decidido que

sabia da resposta para a questão do Agente Granger. Era realmente simples. Os cérebros da operação eram mais brilhantes do que os de Blaisdell—brilhantes o bastante para se manterem escondidos, especialmente com um bebê para cuidar—mas não tão brilhantes.

E agora era realmente só uma questão de esperar para a rede se fechar. E torcer…

Mas Albert Sterling decidiu que poderia fazer mais do que torcer. Às 10:15 daquela noite, ele desceu o corredor e foi até o banheiro, e checou as privadas e urinóis. O lugar estava vazio. Isso não o surpreendeu. Este era apenas um pequeno escritório, realmente apenas uma corcunda provincial na

coluna do FBI. E também, estava ficando tarde.

Ele foi até uma das privadas, ficou de joelhos, e juntos as mãos como se fosse uma criança.

— Deus, aqui é Albert. Se aquele bebê estiver vivo, cuide dele, certo? E se eu chegar perto do homem que assassinou Norma Gerard, por favor, faça-o dar algum motivo para matar o filho da puta. Obrigado. Eu oro em nome do Seu Filho, Jesus Cristo.

E porque o banheiro masculino ainda estava vazio, ele rezou uma Ave Maria para dar mais força à coisa.

CAPÍTULO 17

O BEBÊ O ACORDOU às quatro e quinze da manhã, e a mamadeira não o aquietou. Quando o choro continuou, Blaze começou a ter um pouco de medo. Ele pôs a mão na testa de Joe. A pele estava fria, mas os gritos que ele produzia eram assustadores em sua intensidade. Blaze teve medo de que ele houvesse estourado algum vaso sangüíneo, ou coisa assim.

Ele colocou Joe na mesinha de trocar. Ele tirou a fralda e não viu como ela poderia ser o problema, tampouco. Elas estavam úmidas, mas não sujas. Blaze

colocou talco no bebê e trocou a fralda. Os gritos continuaram. Blaze começou a se sentir desesperado, como também assustado.

Blaze colocou o infante berrante em seu ombro. Ele começou a andar com ele em grandes círculos ao redor da cozinha.

— Calma, bebê. — ele disse. — Você está bem. Você está bem. Você está muito bem. Vá dormir. Calminha, bebezinho, calminha. Shh, bebê, shhh. Você vai acordar um urso dormindo na neve, e ele vai querer nos comer. Shhhhh.

Talvez tenha sido a andança. Talvez tenha sido o som da voz de Blaze. De

qualquer forma, os gritos do bebê diminuíram, e então pararam. Mais algumas voltas ao redor da cozinha da cabana, e a cabeça do bebê caiu contra a lateral da nuca de Blaze. Sua respiração relaxou nas longas e lentas ondas de sono.

Blaze o colocou cuidadosamente no berço e começou a balançá-lo. Joe se mexeu, mas não acordou. Uma pequenina mão encontrou seu caminho até sua boca, e começou a morder furiosamente. Blaze começou a se sentir melhor.

Talvez não houvesse nada de errado, afinal de contas. O livro dizia que eles mastigavam suas mãos daquele jeito quando estavam com fome, ou quando

seus dentes incomodavam, e ele tinha certeza de que Joe não estava com fome.

Ele olhou para o bebê e pensou, mais conscientemente desta vez, que Joe era meio que legal. Bonitinho, também. Qualquer um poderia ver isso. Teria sido interessante vê-lo crescer através de todos os estágios da qual o doutor falava em Cuidados com Crianças e Bebês. Joe estava quase pronto para engatinhar agora.

Várias vezes, desde que Blaze o trouxera para a cabana, o pequeno escroto já começara a se arrastar. Então ele andaria… e palavras começariam a surgir de todos aqueles balbucios… e então… então…

Então ele teria alguém.

O pensamento era desconfortável. Blaze não conseguiu dormir mais. Ele se levantou e ligou o rádio, mantendo o volume baixo. Ele procurou pelos falatórios da madrugada de milhares de estações rivais até que encontrou o forte sinal da WLOB.

As notícias das quatro da manhã não ofereciam nada de novo sobre o seqüestro. Parecia tudo bem; os Gerards não receberiam a carta até mais tarde naquele dia. Talvez não até a manhã seguinte, dependendo de quando o correio pegaria as cartas no shopping. Além disso, ele não conseguia ver como eles poderiam ter alguma pista. Ele fora cuidadoso, exceto por aquele cara em

Oakwood (Blaze já se esquecera seu nome), ele achou que seria isto o que George chamaria de “um golpe limpo”.

Às vezes, depois de realizarem um bom golpe, ele e George compravam uma garrafa de Four Roses. Então eles iam ao cinema, e pegavam uma Coca, que eles comprariam na banca de refrescos do cinema, para acompanhar o Roses. Se o filme fosse longo, George às vezes estaria bêbado demais para andar quando os créditos finais rolassem. Ele era menor, e a birita o capturava mais rapidamente.

Eles tiveram bons momentos. Eles faziam Blaze pensar nas vezes em que ele e o velho Johnny Cheltzman haviam andando juntos, rindo daqueles velhos

filmes que o Nórdica exibia.

A música voltou ao rádio. Joe dormia profundamente. Blaze achou que ele mesmo deveria voltar para a cama. Havia muito a se fazer amanhã. Ou talvez hoje. Ele queria mandar aos Gerards outra nota de resgate. Ele havia tido uma boa idéia para coletar a grana. Ela lhe viera em um sonho louco que ele tivera na noite anterior. Ele não conseguira se lembrar dela na hora, mas o doce e pesado sono sem sonhos, da qual o choro do bebê acabara de lhe acordar, parecia tê-la esclarecido. Ele lhes mandaria jogar o resgate de um avião. Um pequeno, que não voasse muito alto. Na carta ele diria que o avião deveria voar ao sul, ao longo da

Rota 1 de Portland à fronteira de Massachusetts, procurando por um sinal de luz vermelha.

Blaze sabia como fazer: sinalizadores de estrada. Ele compraria meia dúzia da loja de bugigangas na cidade, e os colocaria enfileirados no lugar que ele havia escolhido. Eles dariam uma boa luz, bem visível. Ele também sabia o lugar ideal: uma estrada silvestre ao sul de Ogunquit. Havia uma clareira na estrada, onde os caminhoneiros às vezes paravam para almoçar ou tirar uma soneca em suas camas que eles tinham atrás de suas cabines. A clareira era próxima da Rota 1, e um piloto voando baixo na estrada não poderia deixar de ver os sinalizadores, próximos um do

outro, e iluminando como uma grande lanterna vermelha. Blaze sabia que ainda assim ele não teria muito tempo, mas achou que teria o bastante. A primeira estrada silvestre levava a uma rede de ramificações desmarcadas com nomes como Estrada do Córrego Pantanoso, ou Estrada do Nariz Achatado. Blaze conhecia todas elas. Uma delas levava à Rota 41, e de lá ele poderia voltar para o norte. Encontrar um lugar para se esconder até a poeira baixar. Ele havia considerado até mesmo o Lar Hetton. Ele estava vazio e pregado com tábuas agora, com uma placa de À VENDA na frente. Blaze aparecera por lá várias vezes nos últimos anos, atraído de volta como uma

criancinha que está com medo de uma casa da vizinhança, supostamente assombrada.

Só que para ele, o LH era realmente assombrado. Ele deveria saber; ele era um dos fantasmas.

De qualquer forma, ficaria tudo bem, isso era o principal. Foi assustador por um tempo, e ele sentia muito pela velha (cujo primeiro nome ele havia esquecido), mas agora a coisa era um golpe limpo e…

— Blaze.

Ele olhou na direção do banheiro. Era George. A porta do banheiro estava entreaberta, do modo como George sempre deixava quando ele queria falar

enquanto soltava um barro.

— Merda saindo por ambas as pontas. — ele disse uma vez enquanto estava fazendo isso, e ambos riram. Ele podia ser engraçado quando queria, mas ele não soava como se estivesse de bom humor nesta manhã. Blaze achou que havia fechado aquela porta quando ele mesmo havia saído do banheiro da última vez. Ele supôs que o vento poderia tê-la aberto novamente, mas ele não sentiu nenhum ven…

— Eles quase te pegaram, Blaze. — George disse. Então, numa espécie de berro desesperado: — Burro de merda.

— Quem? — Blaze perguntou.

— Os tiras. De quem acha que eu tô

falando, o Comitê Nacional dos Republicanos? O FBI. A Polícia Estadual. Até os malditos tiras locais.

— Não, não estão. Eu tenho feito tudo bem, George. Honestamente. Foi um golpe limpo. Eu te direi como eu fiz, o quão cuidadoso eu fui…

— Se você não sair desta cabana, eles te pegarão por volta do meio-dia de amanhã.

— Como… o quê…

— Você é tão burro que sequer pode sair da própria frente. Eu sequer sei por que me importo. Você cometeu uma dúzia de erros. Se tiver sorte, os tiras só te acharão às seis, oito no máximo.

Blaze baixou a cabeça. Ele podia sentir

seu rosto queimando.

— O que eu devo fazer?

— Caia fora desta barraca. Agora mesmo.

— Pra onde…

— E livre-se do garoto. — George disse. Quase como se fosse um pós-pensamento.

— Como?

— Eu gaguejei? Livre-se dele. Ele é peso morto. Você pode coletar o resgate sem ele.

— Mas se eu levá-lo de volta, como eu…

— Eu não estou falando de levá-lo de

volta! — George explodiu. — O

que acha que ele é, uma merda de uma garrafa reciclável? Estou falando sobre matá-lo! Faça agora!

Blaze mudou a perna de apoio. Seu coração estava batendo rápido agora, e ele esperava que George saísse do banheiro depressa porque ele tinha que fazer xixi, e ele não conseguiria mijar perto de um fantasma fodido.

— Espere… eu tenho que pensar. Talvez, George, se você fosse dar uma caminhada… quando você voltasse, poderíamos resolver isto.

— Você não consegue pensar! — a voz de George se elevou quase como um uivo. Como se ele estivesse com dor. —

Por acaso os tiras vão ter que vir e pôr uma bala nesse pedregulho que você carrega acima do pescoço pra que você perceba isso? Você não consegue pensar, Blaze! Mas eu posso!

Sua voz diminuiu. Tornou-se razoável. Quase sedosa.

— Ele está dormindo agora, então ele não vai sentir nada. Pegue seu travesseiro—ele até tem seu cheiro, ele vai gostar disso—e coloque-o sobre o rosto dele. Segure bem firme. Eu aposto que os pais têm certeza de que isso já aconteceu. Eles provavelmente já estarão trabalhando no Republicano substituto na porra da próxima noite. Então você pode ir pegar a grana. E vá para algum lugar quente. Nós sempre

quisemos isso. Certo? Certo?

Era certo. Algum lugar como Acapulco, ou as Bahamas.

— O que me diz, Blazinho? Estou certo, ou estou errado?

— Você está certo, George. Eu acho.

— Você sabe que estou. É assim que fazemos.

Subitamente nada mais era simples. Se George dizia que a polícia estava se aproximando, nisso ele provavelmente estava certo. George sempre teve um faro bom para os tiras. E o garoto o atrasaria se ele saísse daqui na pressa— George estava certo quanto a isso também. Seu trabalho agora era coletar a porra do resgate e então se esconder em

algum lugar. Mas matar o garoto? Matar Joe?

Subitamente ocorreu a Blaze que se ele o matasse—e muito, muito gentilmente—Joe iria direto para o céu e ser um anjo bebê por lá. Então talvez George estivesse certo quanto a isso também. O próprio Blaze tinha certeza de que iria para o inferno, como a maioria das pessoas. Era um mundo sujo, e quanto mais tempo você vivia, mais sujo você ficava.

Ele pegou seu travesseiro e o carregou de volta para o aposento principal, onde Joe dormia perto do forno. Sua mão havia caído da boca, mas seus dedos, ainda ostentavam as marcas de suas mastigações frenéticas. Era um mundo

doloroso também. Não apenas sujo, mas doloroso. A dor nos dentes era apenas a primeira e menos importante delas.

Blaze aproximou-se do berço, segurando o travesseiro, seu pano ainda estava escuro com as camadas de tônico capilar que ele havia usado quando ainda tinha cabelo.

George estava sempre certo… exceto quando ele não estava. Para Blaze isso era errado.

— Jesus. — ele disse, e a palavra soou lacrimosa.

— Faça rápido. — George disse do banheiro. — Não o faça sofrer.

Blaze se ajoelhou e colocou o

travesseiro no rosto do bebê. Seus cotovelos estavam no berço, postados em ambos os lados daquela pequena caixa torácica, e ele pôde sentir a respiração de Joe inspirar… parar…. inspirar mais uma vez…parar de novo. Joe se mexeu e arqueou as costas. Ele virou a cabeça ao mesmo tempo, e começou a respirar novamente. Blaze pressionou o travesseiro com mais força.

Ele não chorou. Blaze achou que seria melhor se a criança chorasse. O

bebê morrer silenciosamente, como um inseto, parecia ser pior do que deplorável. Era horrível. Blaze afastou o travesseiro.

Joe virou a cabeça, abriu os olhos, fechou-os, sorriu, e colocou o polegar na boca. Então ele começou a dormir de novo.

Blaze respirava em fôlegos miseráveis. Suor corria em gotas por sua testa afundada. Ele olhou para o travesseiro, ainda agarrado à mão, e o largou como se estivesse quente. Ele começou a tremer, e agarrou a barriga para parar. Não parava. Logo ele estava se tremendo todo. Seus músculos vibravam como fios telegráficos.

— Acabe com isso, Blaze.

— Não.

— Se não fizer, eu faço.

— Então faça.

— Você acha que vai ficar com ele, não é? — no banheiro, George riu.

Soou como se dentro de um cano de descarga. — Seu pobre idiota. Deixe-o viver e ele crescerá para odiá-lo. Eles vão se certificar disto. Aquelas boas pessoas.

Aqueles bons e ricos milionários cuzões Republicanos. Eu não te ensinei nada, Blaze? Deixe-me dizer com palavras que até um idiota possa entender: se você estivesse pegando fogo, eles sequer se dariam ao trabalho de mijar em cima de você para apagar.

Blaze olhou para o chão, onde o travesseiro terrível descansava. Ele ainda tremia, mas seu rosto estava

ardendo agora. Ele sabia que George estava certo.

— Eu não planejo pegar fogo, George. — ele, ainda assim, disse.

— Você não planeja nada! Blazer, quando o bonequinho feliz crescer e virar um homem, ele percorrerá quarenta quilômetros só pra cuspir na porra do seu túmulo. Agora pela última vez, mate esse garoto!

— Não.

Subitamente George sumiu. E talvez ele realmente estivesse lá o tempo todo, porque Blaze teve certeza de que sentiu algo—alguma presença—deixar a cabana. Nenhuma janela abriu, nenhuma porta bateu, mas sim: a cabana estava

mais vazia do que antes.

Blaze andou até a porta do banheiro e a abriu. Nada exceto a pia. Um chuveiro enferrujado. E a privada.

Ele tentou voltar a dormir, mas não conseguiu. O que ele quase fizera ficou pendurado em sua mente como uma cortina. E o que George dissera. “Eles quase te pegaram. E se você não sair desta cabana, eles vão te pegar por volta do meio-dia”.

E o pior de tudo: “Quando ele crescer e virar um homem, ele percorrerá quarenta quilômetros só pra cuspir na

porra do seu túmulo”.

Pela primeira vez, Blaze se sentiu realmente assombrado. De modo que ele se sentia já capturado… como um inseto lutando em uma teia da qual não havia saída. Frases de velhos filmes começaram a lhe ocorrer. “Tragam-no morto ou vivo”. “Se você não sair, nós vamos entrar, e vamos entrar atirando”.

“Levante as mãos, seu puto, está tudo acabado”.

Ele se sentou, suando. Já eram quase cinco, quase uma hora desde que o choro do bebê o acordara. A aurora estava a caminho, mas por ora era apenas uma fraca linha laranja no horizonte. Acima, as estrelas giravam

em seus velhos eixos, indiferentes a tudo.

Se você não sair desta cabana, eles vão te pegar por volta do meio-dia.

Mas para onde ele iria?

Ele na verdade sabia a resposta para esta pergunta. Ele já sabia há dias.

Ele se levantou e se vestiu em espasmos rápidos: calças térmicas, camisa de lã, dois pares de meias, Levi's, botas. O bebê ainda dormia, e Blaze só teve tempo de lhe lançar um olhar. Ele pegou os sacos de papel sob a pia e começou a enchê-los de fraldas, mamadeiras, latas de leite.

Quando os sacos ficaram cheios, ele os

carregou até o Mustang, que estava estacionado ao lado do Ford roubado. Pelo menos ele tinha a chave da mala do Mustang, e colocou os sacos lá. Agora que ele estava decidido a ir, o pânico beliscava seu traseiro.

Ele pegou outro saco e o encheu com as roupas de Joe. Ele desmontou a mesinha de trocar e a levou também, pensando incoerentemente que Joe gostaria dela se fosse para um lugar novo, porque ele já estava acostumado com ela. A mala do Mustang era pequena, mas transferindo alguns dos sacos para o banco traseiro, ele conseguiu enfiar a mesa lá. O berço também poderia ir no banco traseiro, ele considerou. A comida de bebê poderia

ir no sopé do banco do passageiro, com alguns lençóis amontoados no topo. Joe realmente gostava dessas papinhas, mastigando-as como um faminto.

Ele entrou no carro mais uma vez, então ligou o Mustang e o aquecedor para fazer o carro ficar agradável e quentinho. Eram cinco e meia. A luz do dia avançava. As luzes empalideciam; agora apenas Vênus brilhava forte.

Dentro da casa, Blaze levantou Joe de seu berço e o colocou na cama. O bebê murmurou algo, mas não acordou. Blaze levou o berço para o carro.

Ele voltou e olhou em volta apressadamente. Ele pegou o rádio de seu lugar no peitoril da janela, tirou-o

da tomada, enrolou o fio em volta dele, e o colocou na mesa. No quarto, ele pegou sua velha maleta marrom—arranhada e descascando nos cantos—embaixo de sua cama. Ele empilhou os restos de suas roupas dentro dela, confusamente. No topo delas, ele colocou algumas revistas pornôs e alguns gibis. Ele levou a maleta e o rádio para o carro, que estava começando a ficar lotado. Então voltou para dentro da cabana pela última vez.

Ele espalhou o lençol, colocou Joe nele, o envolveu, e colocou tal pacote dentro de sua jaqueta. Então ele fechou o zíper dela. Joe estava acordado agora.

Ele espiou de dentro de seu casulo como um gerbil.

Blaze o carregou para o carro, pôs-se atrás do volante, e colocou Joe no assento do passageiro.

— Agora, não saia rolando por ai, meu chapa. — ele disse.

Joe sorriu e prontamente puxou o lençol para cima de sua cabeça. Blaze soltou uma risada pelo nariz, e no mesmo instante se viu colocando o travesseiro em cima do rosto de Joe. Ele estremeceu.

Deu a ré, virou o carro, e dirigiu para fora da garagem… logo ele estaria frente a frente com um longo colar que bloquearia sua estrada, em menos de duas horas.

Ele usou estradas secundárias e desconhecidas para ultrapassar Portland e seus subúrbios. O firme som do motor e do aquecedor mandou Joe de volta para a terra dos sonhos quase que imediatamente. Blaze ligou o rádio em sua estação de música country favorita, que entrou no ar ao nascer do sol. Ele ouviu a leitura matinal da Bíblia, então um relatório de fazendas, e aí o editorial da Freedom Line em Houston, que teria feito George ter ataques de profanações. Finalmente deu a hora das notícias.

— A busca pelos seqüestradores de Joseph Gerard IV continua. — o

radialista disse gravemente. — E pode haver pelo menos uma novidade.

Blaze ouviu atentamente.

— Uma fonte próxima da investigação clama que a Autoridade Postal de Portland recebeu um possível pedido de resgate pelo correio na noite passada, e mandou a carta de carro, diretamente para o lar dos Gerards. Nem as autoridades locais, e nem o Agente-Líder do FBI, Albert Sterling, quiseram comentar.

Blaze não prestou atenção nesta parte. Os Gerards haviam recebido sua carta, e isso era bom. Da próxima vez ele teria que ligar para eles. Ele não se lembrara de trazer nenhum jornal, envelope ou

qualquer coisa para fazer pasta, de qualquer forma. E telefonar era sempre melhor. Era mais rápido.

— E agora a previsão do tempo. A baixa pressão centralizada ao norte de Nova York deverá rumar para o leste, e atingir a Nova Inglaterra com a maior tempestade de neve da temporada. O Serviço Nacional Meteorológico já espalhou avisos de temporal, e a neve pode começar no início desta tarde.

Blaze virou na Rota 136, então desviou dela quatro quilômetros acima, saindo na Estrada do Pinheiro Fedido. Quando ele passou pelo lago—agora congelado—onde ele e Johnny certa vez haviam assistido os castores construírem sua represa, ele teve uma sensação

sonhadora e poderosa de *déjà vu*. Lá estava a fazenda que Blaze, Johnny, e um garoto de aparência italiana, haviam invadido.

Eles haviam encontrado um monte de caixas de sapato no armário. Havia fotos pornográficas em uma delas—homens e mulheres fazendo de tudo, mulheres com mulheres, e até mesmo uma mulher e um cavalo, ou burro—e eles ficaram lá olhando a tarde toda, suas emoções mudando do espanto para luxúria, e para o nojo. Blaze não conseguia se lembrar do nome real do garoto de aparência italiana, apenas que todos o chamavam de Polegar.

Blaze virou à direita na bifurcação, um quilômetro e meio acima, e entrou em

uma estrada terciária que havia sido descuidadamente (e estritamente) arada, então se permitiu voltar para a estrada. Quatrocentos metros acima, além de uma curva que os garotos chamavam de Curva da Gostosa (Blaze soubera a razão do nome há muito tempo, mas ela o escapava agora), ele chegou a uma corrente pendurada que cruzava a estrada. Blaze saiu do carro, foi até lá, e aplicou ao cadeado enferrujado um gentil puxão. Ele já estivera aqui antes, anteriormente meia dúzia de puxões fortes haviam sido necessários para quebrar o velho mecanismo do cadeado.

Agora ele baixava a corrente, e vigiava além da estrada. A neve não era arada desde a última tempestade, mas ele

achou que o Mustang rodaria bem se recuasse antes, e pegasse velocidade. Ele voltaria mais tarde e consertaria a corrente da estrada; não seria a primeira vez. Este lugar o atraia.

E o melhor de tudo? A neve estava chegando, e a neve enterraria seus rastros.

Ele jogou no assento do motorista, deu marcha ré, e recuou sessenta metros. Então ele mudou o seletor de marchas, e pisou fundo. O Mustang correu como o vento. O motor rosnava e o tacômetro que o dono havia instalado estava piscando, então Blaze mudou a marcha para "Drive" com a lateral da mão, imaginando que poderia descer a marcha de novo se seu poneizinho roubado

começasse a se cansar.

Ele dirigiu pela neve. O Mustang tentou derrapar, mas ele seguiu na estrada, e seu pequeno e bonito nariz se alinhou. Ele dirigiu como um homem em uma memória que é metade sonho, torcendo que esse sonho o mantivesse longe dos buracos escondidos em ambos os lados em que o Mustang poderia atolar. A neve era cuspida em migalhas em ambos os lados do carro veloz. Corvos voavam de pinheiros e batiam suas asas contra o céu branco. Ele atingiu a crista da primeira colina. Além dela, a estrada levava a uma curva para a esquerda. O carro tentou derrapar de novo, e uma vez mais Blaze o segurou, no limite do controle, o girando sob sua mão por um

momento, e então voltando à sua posição normal, enquanto os pneus encontravam tração. A neve voava e cobria o pára-brisa. Blaze ligou os limpadores, mas por um momento ele dirigiu cegamente, rindo de terror e satisfação. Quando o pára-brisa ficou limpo de novo, ele viu o portão principal à frente. Ele estava fechado, mas era tarde demais para fazer qualquer coisa, exceto pôr uma mão firme no peito do bebê adormecido e rezar.

O Mustang estava indo a sessenta e cinco por hora, e o pára-choque afundava na neve. Houve uma pancada forte que fez a estrutura do carro tremer, e que sem dúvida havia destruído o alinhamento para sempre. Tábuas se

quebraram e voaram. O Mustang derrapou, gingou… e então parou.

Blaze estendeu uma mão para religar o motor, mas ele vacilou e morreu.

Lá, a sua frente, surgia o Lar Hetton: três andares de tijolos vermelhos e sujos de fuligem. Ele olhou para as janelas pregadas com as tábuas, petrificado.

Ela estava do mesmo jeito das outras vezes em que ele estivera lá. Velhas memórias se remexeram, tomaram cor, começaram a andar. John Cheltzman fazendo seu dever de casa para ele. A Lei descobrindo. A carteira descoberta. As longas noites gastas em planos de como eles gastariam o dinheiro, sussurrando na cama após o

desligamento das luzes. O cheiro do verniz do chão e do giz. Os quadros severos nas paredes, com olhos que pareciam te seguir.

Havia duas placas na porta. Uma dizia

NÃO ULTRAPASSE POR ORDEM DO XERIFE, CONDADO DE CUMBERLAND.

A outra dizia

À VENDA OU ARRENDAMENTO – VER OU LIGAR PARA IMOBILIÁRIA GERALD CLUTTERBUCK, CASTLE

ROCK, MAINE.

Blaze ligou o Mustang, mudou a marcha, e seguiu em frente devagar. As rodas continuavam a tentar girar, e ele tinha que manter o volante virado para esquerda para mantê-lo reto, mas o pequeno carro ainda estava com gás para trabalhar, e lentamente seguiu seu caminho para o lado leste do prédio principal.

Havia um pequeno espaço entre ele a grande cabana de mantimentos ao lado. Ele deixou o Mustang lá, esmagando o acelerador para mantê-lo em movimento.

Quando ele o desligou, o silêncio foi

ensurdecedor. Ele não precisava de ninguém que lhe dissesse que o Mustang terminara seus dias de passeio, pelo menos com ele; o carro ficaria lá até a primavera.

Blaze estremeceu, embora não estivesse frio dentro do carro. Ele sentiu como se houvesse voltado para casa.

E pra ficar.

Ele forçou a porta dos fundos do prédio e levou Joe para dentro, envolto em três de seus lençóis. Ele sentiu mais frio do lado de dentro do que fora. A

sensação era de que o frio havia se integrado nos ossos do prédio.

Ele subiu com o bebê para o escritório de Martin Coslaw. O nome dele fora arrancado do painel de vidro fosco, e a sala além era um simples cubículo.

Não havia lembranças d'A Lei aqui no momento. Blaze tentou se lembrar de quem havia vindo atrás dele, e não conseguiu. Ele já havia ido embora, na época, de qualquer forma. Se fora para North Wyndham, para onde os garotos maus iam.

Ele colocou Joe no chão, e começou a perambular pelo prédio. Havia algumas mesas, alguns pedaços de madeira espalhados, bolinhas de papel. Ele catou

a madeira, e a levou de volta para o escritório, fazendo fogo em uma pequena lareira instalada na parede. Quando o fogo começou a subir, e teve certeza de que a chaminé ia começar a cuspir, ele voltou para o Mustang e começou a desempacotar as coisas.

Por volta do meio dia, ele já havia descarregado tudo. O bebê estava enfiado em seu berço, ainda dormindo (embora mostrasse sinais de que logo acordaria). Suas fraldas e alimentos enlatados foram cuidadosamente colocados em prateleiras. Blaze

encontrou uma cadeira para si, colocou dois lençóis em um canto para formar uma cama. O quarto estava um pouco mais aquecido, mas um frio fundamental permanecia. Ele vazava pelas paredes e soprava por debaixo da porta. Ele teria que manter a criança bem aquecida.

Blaze colocou sua jaqueta e saiu, descendo a estrada, na direção da corrente. Ele a colocou de volta no lugar e ficou satisfeito em descobrir que o cadeado, embora quebrado, ainda fechava. Você teria de enfiar o nariz na frente dele para perceber que havia alguma coisa errada. Então, ele voltou para o portão principal destruído. Aqui ele levantou os grandes pedaços de madeira como pôde.

Pareceu uma merda, mas pelo menos, depois de muito esforço (ele estava suando muito agora), eles se sustentaram em pé. E diabos, se alguém chegasse tão perto assim, ele já estaria encrencado, de qualquer forma. Ele era bobo, mas nem tanto.

Quando voltou, Joe estava acordado e berrava com insistência. Isto não mais aterrorizava Blaze como acontecia a princípio. Ele vestiu o garoto com sua pequena jaqueta (verde e bonitinha), e então o colocou no chão para brincar.

Enquanto Joe tentava engatinhar, Blaze pegava a comida. Ele não conseguia achar a maldita colher—ela provavelmente apareceria eventualmente, a maioria das coisas

aparecia—e então ele alimentou o garoto com as pontas dos dedos. Ele ficou feliz ao perceber que Joe ganhara outro dente com o correr da noite. Isso contabilizava três.

— Desculpe por estar frio. — Blaze disse. — Vamos arrumar alguma coisa, certo?

Joe não se importou que seu jantar estivesse frio. Ele comeu vorazmente.

Então, depois de acabar, ele começou a chorar com dor de barriga. Blaze conhecia os sintomas; ele agora sabia a diferença entre três choros de dores, o de barriga, a dor dos dentes nascendo, e o choro de cansaço. Ele colocou Joe no ombro, e caminhou pelo quarto com ele,

esfregando suas costas e cantarolando. E

então, quando ele continuou a chorar, Blaze o envolveu com o lençol, e levantou a lateral acima da cabeça de Joe, como um capuz.

Ele subiu para o terceiro andar, e foi à Sala 7, onde ele e Martin Coslaw haviam se conhecido na Aritmética. Havia três mesas sobrando, enfileiradas em um canto. Em cima de uma, quase escondidas por desenhos de grafite (corações, equipamentos sexuais dos machos e fêmeas, pedidos de boquete e para ficar de quatro), ele viu as iniciais CB, feitas com sua própria caligrafia cuidadosa.

Admirado, ele tirou as luvas e deixou

seus dedos correrem por cima dos antigos cortes. Um menino que ele mal se lembrava estivera aqui antes dele. Isso era incrível. E, de um modo estranho que o fazia pensar em pássaros solitários sentados em fios telefônicos, triste. Os cortes eram velhos, o dano à madeira aplanou com o tempo. A madeira os havia aceitado, os fizera parte dela.

Ele pareceu ter ouvido uma risadinha atrás dele, e girou.

— George?

Nenhuma resposta. A palavra ecoou, e ricocheteou. Ela pareceu lhe gozar.

Parecia dizer que não haveria nada de um milhão, que tudo o haveria era esta

sala. Esta sala onde ele fora humilhado e assustado. Esta sala onde ele havia falhado em aprender.

Joe se mexeu em seu ombro e espirrou. Seu nariz estava vermelho. Ele começou a chorar. O barulho era frágil no vazio e frieza do prédio. Os tijolos úmidos pareciam absorvê-lo.

— Pronto. — Blaze ninou. — Está tudo bem, não chore. Estou aqui. Está tudo bem. Você está bem. Eu estou bem.

O bebê estava tremendo de novo, e Blaze decidiu levá-lo de volta ao escritório d'A Lei. Ele o colocaria em seu berço, próximo a lareira. Com um lençol extra.

— Está tudo bem, querido. Tudo bem.

Tudo certo.

Mas Joe chorou até ficar exausto, e não muito tempo depois disso, a neve começou a cair.

CAPÍTULO 18

NO VERÃO SEGUINTE à suas aventuras em Boston, Blaze e Johnny Cheltzman foram catar mirtilos com alguns outros meninos do Lar Hetton. O

homem que os contratara, Harry Bluenote, era reto. Não no sentido sacana que Blaze ouviria mais tarde George usar, mas na melhor tradição Lorde Baden-Powell. Ele era dono de cinqüenta acres de pura terra de mirtilo em West Harlow, e a queimava a cada primavera. Sempre em Julho, ele contratava um grupo de duas dúzias, mais ou menos, de jovens para meter o

ancinho nela. Ele não lucrava nada de mais, a não ser o pouco que qualquer fazendeiro pequeno ganharia com a grana da colheita. Ele contratava garotos do LH e garotas do Lar Wiscassett para Meninas Problemáticas, e lhes daria três centavos por um quarto de hora; eles aceitariam e se considerariam sortudos por estarem ao ar livre. Em vez disso, ele lhes dava exatamente o que a garotada local pedia e conseguia. O dinheiro do transporte de ônibus para entrada e saída dos campos vinha de seu próprio bolso.

Ele era alto, um velho ianque magricela com um rosto profundo e olhos pálidos. Se você olhasse dentro daqueles olhos por muito tempo, você

sairia com a convicção de que ele era louco. Ele não era membro da Granja, ou de qualquer outra associação de fazendeiros. Eles não o aceitariam, de qualquer forma. Não um homem que contratava criminosos para colher seus mirtilos. E eles eram criminosos, maldição, tivessem eles dezesseis ou sessenta e um. Eles vinham para uma cidadezinha decente, e o pessoal decente achava que devia trancar suas portas. Eles tinham que ter cuidado com adolescentes estranhos andando pelas estradas. Meninos e meninas. Junte-os—meninos criminosos e meninas criminosas—e o que você terá não é melhor do que Sodoma e Gomorra. Todo mundo dizia isso. Isso era errado.

Especialmente quando você tentava criar seus próprios filhos corretamente.

A temporada durou da segunda semana de Julho até a terceira ou quarta semana de Agosto. Bluenote havia construído dez cabanas perto do Rio Royal, que corria bem perto, através do meio de sua propriedade. Havia seis cabanas para meninos e quatro para meninas em outra parte um pouco afastada. Por causa de suas posições relativas no rio, os quartéis dos meninos eram chamados de Cabanas da Cascata, e os das garotas de Cabanas da Curva. Um dos filhos de Bluenote—Douglas—ficava com os meninos. Bluenote avisava a cada Junho que ele estava à procura de uma moça para ficar nas Cabanas da Curva para

servir de “mamãe do acampamento” e cozinheira. Ele a pagava bem, e isto também saia de seu bolso.

O fato escandaloso surgiu na reunião da cidade certo ano, quando a coligação de Southwest Bend tentou forçar uma reavaliação dos impostos da propriedade de Bluenote. A intenção da idéia parecia ser de cortar sua margem de lucros o bastante para fazer de seus programas sociais de bem-estar, impossíveis.

Bluenote não disse nada até o fim da discussão. Seu garoto Dougie e dois ou três amigos da ponta da cidade haviam vindo para ficar ao seu lado. Então, antes que o Sr. Moderador desse a martelada final na discussão, ele se

levantou e pediu a palavra. Que lhe foi dada. Relutantemente.

Ele disse, “Não há nenhum de vocês que tenha perdido alguma coisa durante a época de colheita. Não houve um único roubo de automóvel, ou invasão de domicílios, ou incêndios de celeiros. Nenhum estrago maior do que uma colher de sopa roubada. Tudo o que eu quero mostrar a estas crianças é o que uma boa vida consegue. O que eles fazem a respeito, depois de verem, é com eles. Nenhum de vocês já ficou preso na lama, precisando de um empurrão? Eu não vou lhes perguntar como podem ter essa opinião e ainda se chamarem de Cristãos, porque um de vocês terá algum tipo de resposta tirada

da Bíblia que eu chamo de Santo-Zé-Faça-do-Meu-Jeito. Mas, puxa vida! Como podem ler a parábola do Bom Samaritano no Domingo, e aí dizerem na segunda-feira à noite uma coisa dessas?”.

Nisso, Beatrice McCafferty explodiu. Alçando-se de sua cadeira dobrável (que pode ter rangido em agradecimento) e sem esperar muito por um passamento de palavra do Sr. Moderador, ela berrou: “Tudo bem, vamos ao ponto! Orgias! Você fica de pé aí, Harry Bluenote, e diz que nunca houve nada entre os garotos naquele bando de cabanas com as garotas nas outras? — ela olhou em volta, ameaçadora como uma pá. — Eu me

pergunto se o Sr. Bluenote nasceu ontem. Eu me pergunto o que ele acha que acontece na calada da noite, se não for furto ou incêndio de celeiros”.

Harry Bluenote não disse nada durante esta parte. Ele permaneceu do outro lado da sala de reunião com seus polegares enganchados nos suspensórios.

Seu rosto era de uma cor poeirenta e corada que todo fazendeiro tem. Seus olhos pálidos e peculiares poderiam ter se fechado, apenas um pouquinho, nos cantos em sinal de espanto. Ou não. Quando ele teve certeza de que ela tinha terminado, que havia dito seus dizeres, ele falou calma e francamente. “Eu nunca espiei, Beatrice, mas com certeza não é estupro”.

E com essa, o assunto foi “engavetado para discussões posteriores”. O que, no norte da Nova Inglaterra, é o termo educado para purgatório.

John Cheltzman e os outros garotos do Lar Hetton estavam entusiasmados com a viagem a princípio, mas Blaze tinha suas dúvidas. Quando o assunto era “trabalhar”, ele se lembrava dos Bowies muito bem.

Polegar não conseguia parar de falar sobre encontrar uma garota “para sair vadiando”. Blaze não acreditava que

iria gastar muito tempo se preocupando com isso. Ele ainda pensava em Marjorie Thurlow, mas qual era o sentido em pensar no resto delas? Garotas gostavam de rapazes durões, caras que as protegeriam em passeios, como nos filmes.

Além disso, garotas o assustavam. Ir ao banheiro do LH com a cópia preciosa do *Girl Digest* de Polegar, para bater punheta, era fácil. Isso o fazia se sentir bem quando havia algo errado. Até então, pelo que ele havia ouvido os outros garotos falarem, a sensação que você tinha de bater uma, e a sensação de meter em uma, eram basicamente a mesma, e havia isto para se dizer a favor da punheta: você podia bater umas

quatro ou cinco vezes por dia.

Aos quinze, Blaze finalmente atingira seu crescimento máximo. Ele estava com dois metros, e a dimensão que John tomou de um ombro ao outro era de setenta centímetros. Seu cabelo era castanho, grosso e oleoso. Suas mãos eram blocos de trinta centímetros, do polegar ao mindinho, quando estavam abertas.

Seus olhos eram de um verde garrafal, brilhantes e capturadores—não eram olhos de um boboca, afinal. Ele fazia os outros meninos parecerem pigmeus, ainda assim eles o provocavam com uma facilidade descarada. Eles haviam aceitado John Cheltzman—agora conhecido comumente como JC, ou Jeca

Cagão—como o totem pessoal de Blaze, e por causa de suas aventuras em Boston, os dois garotos haviam se tornado heróis populares na sociedade fechada do Lar Hetton. Blaze alcançara um lugar ainda mais especial. Qualquer um que já tenha visto crianças se reunindo ao redor de um São Bernardo, entenderá.

Quando chegaram ao território de Bluenote, Dougie Bluenote esperava para levá-los às cabines. Ele lhes contou que iriam compartilhar as Cabanas da Cascata naquele verão, com meia dúzia

de meninos do Centro de Correção de South Portland. Bocas abriram ante tais novidades, os meninos do South Portland eram conhecidos como “garotos barra pesada”.

Blaze ficou na Cabana 3 com John e Polegar. John ficara mais magro desde a viagem a Beantown, sua febre reumática fora diagnosticada pelo doutor do Lar Hetton (um velho fumante de Camels, chamado Donald Hough) como sendo apenas um caso ruim de gripe. Este diagnóstico mataria John, mas não até o ano seguinte.

— Aqui está a cabana de vocês. — Doug Bluenote disse. Ele tinha o rosto de fazendeiro do pai, mas não os olhos pálidos e estranhos do mesmo. —

Muitos meninos a usaram antes de vocês. Se gostarem, cuidem dela para que vários outros meninos possam usá-la depois de vocês. Há um fogão a lenha se ficarem com frio à noite, mas provavelmente isso não acontecerá. Há quatro camas, então podem escolher. Se pegarmos outro camarada, ele ficará com a que sobrou. Há uma travessa quente de biscoitos e café. Desligá-la será a última coisa que farão antes de sair pela manhã, e antes de irem dormir. Ali estão os cinzeiros. Os restos de cigarro ficam lá. Não no piso. Nem lá fora. Nada de bebidas ou pôquer. Se eu, ou meu pai, pegar vocês bebendo ou jogando pôquer, estão acabados. Não há segundas chances. Café da manhã

começa às seis, na casa grande. Almoço ao meio-dia, e vão comer acolá. — ele acenou sua mão na direção dos campos de mirtilos. — Jantar às seis da noite, na casa grande. Vão começar a catar amanhã às sete. Bom dia para vocês, cavalheiros.

Quando ele se foi, eles investigaram o lugar. Não era ruim. O forno era um velho Invincible com um pequeno caldeirão Dutch. As camas estavam todas no chão—pela primeira vez em anos eles não estariam imprensados como uma moeda numa ranhura. Havia uma sala comunal grande em adição à cozinha e dois quartos. Aqui havia uma estante de livros feita de caixas de laranja. Ela continha uma Bíblia, manual

de sexo para jovens, *Dez Noites em um Salão de Bar*, e *E O Vento Levou*. Havia um carpete gasto no chão. O próprio chão era formado de tábuas soltas, bem diferentes das tábuas e telhas envernizadas do LH.

Estas tábuas gemiam quando você andava por cima delas.

Enquanto os outros faziam suas camas, Blaze foi para a varanda olhar para o rio. O rio estava lá. Ele corria através de uma gentil depressão neste ponto de seu curso, mas não muito mais acima, ele podia ouvir o trovão embalador das corredeiras. Árvores nodosas de carvalho, e salgueiros, se inclinavam sobre a água como se quisessem ver seus reflexos. Libélulas, muriçocas e

mosquitos voavam acima da superfície, ás vezes zigue-zagueando. Bem longe, à distância, vinha o zumbido de uma cigarra.

Blaze sentiu algo dentro de si afrouxar.

Ele sentou no degrau do topo da varanda. Depois de um tempo John saiu e sentou-se ao seu lado.

— Onde está Polegar? — Blaze perguntou.

— Lendo o livro de sexo. Ele está procurando por figuras.

— Achou alguma?

— Ainda não.

Eles sentaram quietos por um tempo.

— Blaze?

— Sim?

— Não é tão ruim, é?

— Não.

Mas ele ainda se lembrava dos Bowies.

Eles desceram até a casa grande às cinco e meia. O caminho seguia o curso do rio, e logo os levava às Cabanas da Curva, onde meia dúzia de meninas estava agrupada.

Os rapazes do LH, e os barras pesadas

do South Portland, continuaram a andar, como se ficassem cercados de meninas—meninas com peitos—todos os dias. As meninas se juntaram a eles, algumas retocando o batom enquanto conversavam umas com as outras, como se ficar cercada de meninos—meninos com os primeiros fios de barba—fosse tão comum quanto espantar moscas. Uma ou duas usavam meias de nylon, as outras usavam meias de lã. As meias de lã eram dobradas exatamente na posição da canela. Maquiagem havia sido aplicada exageradamente—em alguns casos de uma maneira realmente grosseira. Uma menina, muito invejadas pelas outras, usava sombras verdes. Todas elas haviam aperfeiçoado o

rebolado enquanto andavam, o que John Cheltzman mais tarde chamou de Marcha das Pavoas.

Um dos rapazes do South Portland pigarreou e cuspiu. Então ele pegou um pedaço da grama e colocou entre os dentes. Os outros meninos observaram isso atentamente e tentaram pensar em algo, qualquer coisa, que pudessem fazer, para demonstrar indiferença ante o sexo frágil. A maioria se contentou em pigarrear e cuspir. Alguns originais colocaram suas mãos nos bolsos. Alguns fizeram as duas coisas.

Os garotos de South Portland provavelmente tinham mais vantagem sobre os meninos do Hetton; quando se tratava de garotas, o suprimento era

maior na cidade. As mães dos garotos de South Portland poderiam ser gostosas, vagabundas, amantes de dez dólares, e suas irmãs, docinhos punheteiros de duas pratas, mas os barras pesadas, na maioria dos casos, pelo menos tinham uma idéia essencial de garotas.

Os rapazes do LH viviam quase que exclusivamente em uma sociedade masculina. Sua educação sexual consistia em palestras do clérigo local. A maioria destes padres caipiras informava aos garotos que a masturbação os fazia ficar mais burros, e os riscos do coito incluíam um pênis que ficaria preto de doente e cairia pelo tronco. Eles também tinham as revistas

pornôs ocasionais de Polegar (*Girl Digest*, as melhores e mais novas). A idéia deles de como conversar com garotas viera dos filmes. Sobre uma transa de verdade, eles não tinham a menor idéia, porque—como Polegar uma vez tristemente observou—eles só mostravam a sacanagem de verdade nos filmes franceses. O único filme francês que eles já haviam visto era *Operação França*.

Portanto, a caminhada das Cabines da Curva até a casa grande foi cumprida, em sua maior parte, com um tenso (mas não antagônico) silêncio. Se eles não estivessem tão envolvidos em tentar se adequar à nova situação, eles poderiam ter cedido um olhar para Dougie

Bluenote, que estava fazendo seu melhor para manter o rosto sério.

Harry Bluenote estava encostado contra a porta da sala de jantar quando eles entraram. Meninos e meninas ficaram espantados com os quadros nas paredes, com a velha mobília, e com a longa mesa de jantar com as palavras VENHAM SENTAR entalhadas em um banco e CHEGUEM COM FOME, SAIAM CHEIOS entalhadas em outro. A maioria deles olhava para um velho e largo quadro pintado a óleo na parede leste. Esta era Marian Bluenote, a

falecida esposa de Harry.

Eles podiam se considerar durões—de certo modo eram—mas ainda eram apenas crianças despontando suas primeiras características sexuais. Eles instintivamente fizeram as filas que sempre foram mandados fazer. Bluenote os deixou. Então apertou as mãos de cada um, enquanto ele, ou ela, entrava na sala.

Ele assentiu de maneira cortês para as meninas, sem esquecer que elas eram tão crescidas quanto bonecas.

Blaze veio por último. Ele passava de Bluenote por quinze centímetros, mas mudava a posição dos pés e olhava para o chão, desejando estar de volta no LH.

Isto era difícil demais. Isto era horrível. Sua língua estava pregada no teto de sua boca. Ele estendeu a mão cegamente. Bluenote a apertou.

— Cristo, como você é grandão. E não nasceu para catar mirtilos.

Blaze olhou para ele debilmente.

— Você quer dirigir um caminhão?

Blaze engoliu seco. Parecia haver algo preso em sua garganta que não queria descer.

— Eu não sei como dirigir, senhor.

— Eu te ensino. — Bluenote disse. — Não é difícil. Entre e vá jantar.

Blaze entrou. A mesa era de mogno. Ela brilhava como uma piscina. Os

lugares estavam postos em ambos os lados. Acima deles, brilhava um candelabro, que nem em um filme. Blaze se sentou, sentindo-se quente e frio.

Havia uma garota à sua esquerda, o que fez sua confusão piorar. Toda vez que ele olhava para aquele lado, seu olho caia para a saliência de seus seios. Ele tentou fazer algo quanto a isto, mas não conseguiu. Ele simplesmente… estavam lá. Tomando o espaço do mundo.

Bluenote e a mamãe do acampamento serviram. Havia bife e um peru inteiro. Havia uma grande vasilha de madeira cheia de salada e três tipos de temperos. Havia uma tigela de feijão, uma de ervilhas, e outra de cenouras cortadas. Havia uma travessa de cerâmica cheia

de purê de batata.

Quando toda a comida estava na mesa, e todo mundo estava sentado ante seus pratos brilhantes, o silêncio caiu como uma rocha. Os meninos e meninas olharam para seu banquete como se fosse uma miragem. O estômago de alguém roncou. Soou como um caminhão cruzando uma ponte de madeira.

— Tudo bem. — Bluenote disse. Ele estava sentado na ponta da mesa com a mamãe do acampamento à sua esquerda. Seu filho estava sentado no pé da mesa. — Vamos fazer uma oração.

Eles abaixaram as cabeças e esperaram pelo sermão.

— Senhor. — Bluenote começou. —

Abençoe estes meninos e meninas. E

abençoe esta comida para eles. Amém.

Eles piscaram uns para os outros sub-repticiamente, tentando decidir se era uma piada. Ou um truque. Amém significava que você podia comer, mas se esse era o caso, eles haviam acabado de ouvir a menor oração da história do mundo.

— Passe-me o ensopado. — Bluenote disse.

O grupo de colheita daquele verão caiu em cima da comida com gosto.

Bluenote e seu filho apareceram na casa grande na manhã seguinte, depois do café da manhã, dirigindo dois Fords de duas toneladas. Os meninos e meninas subiram na traseira e foram levados para o primeiro campo de mirtilos. As meninas estavam usando calças nesta manhã. Seus rostos estavam fofos pela noite de sono, e a maioria estava livre de maquiagem. Elas pareciam mais jovens, agradáveis.

Conversas começaram. Elas foram embaraçosas no começo, mas acabaram se tornando mais naturais. Quando os caminhões passaram por buracos na estrada, todos riram. Não houvera apresentações formais. Sally Ann Robichaux tinha alguns Winstons e

compartilhou o maço; até mesmo Blaze, sentado na ponta, ganhou um. Um dos barras pesadas do South Portland começou a discutir livros sobre garotas com Polegar. Aconteceu que este camarada, Brian Wick, viera para a fazenda Bluenote equipado com uma revista masculina de bolso chamada *Fizzy*. Polegar disse que havia ouvido coisas boas sobre a *Fizzy*, e os dois fizeram uma troca. As meninas conseguiram ignorar isto, e parecerem indulgentes ao mesmo tempo.

Eles chegaram. Os baixos arbustos de mirtilos estavam cheios de frutas.

Harry e Douglas Bluenote baixaram a rampa traseira do carro e todos pularam.

O campo estava dividido com flâmulas brancas flutuando em estacas baixas. Outro caminhão—mais velho e maior—parou. Este tinha altas laterais de lona. Era dirigido por um homem negro baixo chamado Sonny. Blaze nunca ouviu Sonny dar uma única palavra.

Os Bluenotes deram ao grupo um curto ancinho de mirtilos. Só Blaze não ganhou um.

— O ancinho é feito para arrancar apenas os mirtilos. — Bluenote disse.

Atrás dele, Sonny pegou uma vara de pescar e uma cesta, do caminhão. Ele colocou um chapéu de palha na cabeça, e começou a andar através do campo na direção de uma fileira de árvores. Ele

não olhou para trás.

— Mas… — Bluenote disse, erguendo um dedo. — Sendo uma invenção das mãos humanas, ele não é perfeito. Ele vai capturar algumas folhas e gramas também. Não deixe que isso os preocupe, ou os atrase. Nós os separamos lá dentro do celeiro. E vocês estarão lá, então não se preocupem em terem seus salários diminuídos. Entenderam?

Brian e Polegar, que seriam amigos inseparáveis ao fim do dia, estavam lado a lado, com os braços cruzados. Ambos assentiram.

— Agora, apenas pra que vocês saibam… — Bluenote continuou. Seus

estranhos olhos pálidos brilharam. — Eu ganho vinte e seis centavos por quarto. Vocês ganham sete. Faz parecer que eu estou ganhando dezenove centavos por quarto sobre o suor de suas testas, mas não é assim. Depois de todas os custos, eu faço dez centavos por quarto. Três mais do que vocês. Esses três centavos são chamados de capitalismo. Meu campo, meu lucro, vocês ganham uma parte. — ele repetiu: — Apenas pra que vocês saibam. Alguma objeção?

Não houve objeções. Eles pareceriam hipnotizados no brilho quente do sol daquela manhã.

— Certo. Eu preciso de um motorista; esse seria você, Chefe. Eu preciso de

um contador. Você, garoto. Qual é seu nome?

— Uh, John. John Cheltzman.

— Venha aqui.

Ele ajudou Johnny a subir na traseira do caminhão com as laterais de lona e explicou o que teria de ser feito. Havia pilhas de baldes de aço galvanizados.

Ele teria de ir passando e entregando para quem quer que pedisse um balde. Cada balde vazio tinha uma faixa de fita adesiva branca na lateral. John tinha de escrever o nome do catador em cada balde cheio. Baldes cheios eram colocados em um caixilho que evitava que caíssem e derrubassem o conteúdo enquanto o caminhão estivesse em

movimento. Havia também um velho e empoeirado quadro negro, usado para escrever os totais.

— Certo, filho. — Bluenote disse. — Coloque-os em fila, e entregue os baldes.

John ficou vermelho, pigarreou, e sussurrou para que eles ficassem em fila. Por favor. Ele parecia estar esperando que os outros se unissem e corressem para espancá-lo. Ao invés disso, eles ficaram em fila. Algumas garotas colocavam echarpes na cabeça, ou enfiavam chicletes na boca. John passou os baldes, escrevendo seus nomes nas fitas de identificação em grandes letras negras maiúsculas. Os garotos e garotas escolheram suas

fileiras, e o trabalho do dia começou.

Blaze ficou ao lado do caminhão e esperou. Havia uma grande e informe excitação em seu peito. Dirigir fora uma ambição sua por anos. Era como se Bluenote houvesse lido a linguagem secreta de seu coração. Se ele havia falado sério.

Bluenote se aproximou.

— Como te chamam, filho? Além de Chefe?

— Blaze, às vezes. Às vezes Clay.

— Certo, Blaze, vem cá. — Bluenote o levou à cabine do caminhão e sentou atrás do volante. — Este é um International Harvester de três velocidades.

Isso significa que ele tem três marcha pra frente, e uma reversa. Isso aqui saindo do piso é a marcha. Vê?

Blaze assentiu.

— Aqui onde está meu pé esquerdo é a embreagem. Viu?

Blaze assentiu.

— Pise quando quiser mudar de marcha. Quando colocar a marcha aonde quiser, solte a embreagem de novo. Solte-a devagar demais, e o motor morre.

Solte-a rápido demais, e você estará apto a derrubar as frutas e jogar seu amigo longe. Porque ela vai sacudir. Entendeu?

Blaze assentiu. Os meninos e meninas já haviam trabalhado uma pequena distância em suas primeiras fileiras. Douglas Bluenote andou de uma para outra, mostrando-os o melhor jeito de usar o ancinho e evitar bolhas. Ele também lhes mostrou o pequeno girar de pulso no fim de cada puxão; isso fazia com que a maior parte das folhagens caísse.

O Bluenote mais velho pigarreou e cuspiu.

— Não se preocupe com suas marchas. Pra começar, tudo com que você precisa se preocupar é a marcha ré e o *low range*. Agora veja isso, e eu mostro onde estão estes dois.

Blaze viu. Levara anos para que ele aprendesse adição e subtração (e descer números fora um mistério para ele até que John lhe dissera para pensar na coisa como se ele estivesse descendo uma escada). Ele aprendeu todas as habilidades básicas de direção no correr de uma manhã. O motor morreu duas vezes. Bluenote mais tarde disse ao filho que nunca havia visto ninguém aprender o delicado equilíbrio entre a embreagem e o acelerador tão rapidamente.

O que ele disse a Blaze foi, “Você está indo bem. Mantenha os pneus longe dos arbustos”.

Blaze fez mais do que dirigir. Ele também pegou os baldes de todos, os levou ao caminhão, e os passou para

John, e trouxe de volta os baldes vazios para os catadores. Ele passou o dia inteiro com um sorriso invariável na cara. Sua alegria era um germe que infectou todos.

Uma ameaça de tempestade chegou por volta das três horas. Os garotos voltaram para o grande caminhão, obedecendo ao aviso de Bluenote para terem muito cuidando onde iriam sentar.

— Eu dirijo de volta. — Bluenote disse, subindo no apoio do caminhão.

Ele viu o rosto de Blaze cair, e sorriu. — Dê tempo ao tempo, Chefe Blaze.

— Certo. Onde está aquele homem, Sonny?

— Cozinhando. — Bluenote disse

brevemente, pisando na embreagem e passando a primeira marcha. — Peixe fresco se tivermos sorte; mais ensopado se não. Quer dar uma corrida na cidade comigo depois do jantar?

Blaze assentiu, maravilhado demais para falar.

Naquela noite, ele ficou em silêncio enquanto Douglas e Harry Bluenote lidavam com o comprador da Federal Foods, Inc., e estabeleciam seus preços.

Douglas o levou para casa dirigindo uma das picapes Ford da fazenda. Ninguém falou. Assistindo a estrada correr na frente dos faróis, Blaze pensou: *Eu estou indo para algum lugar*. Então ele pensou: *Eu estou em*

algum lugar. O primeiro pensamento o deixou feliz. O segundo foi tão grande que o fez ter vontade de chorar.

Dias passaram, então semanas, e havia ritmo para tudo. Acordar cedo.

Grande café da manhã. Trabalhar até o meio dia; grande almoço no campo (Blaze ficara conhecido por consumir mais de quatro sanduíches, e ninguém lhe proibiu disso). O trabalho da tarde continuava até que as tempestades colocassem um fim nisso, ou quando Sonny tocava o grande sino do jantar,

batidas que cruzavam o dia quente e fugaz como sons ouvidos em um sonho vívido.

Bluenote começou a deixar Blaze dirigir nos campos e para fora dele, ao longo das estradas traseiras. Ele dirigiu com habilidade crescente, até ficar como um gênio. Ele nunca deixou cair um único balde dos caixilhos. Depois do jantar, ele freqüentemente ia para Portland com Harry e Douglas, e assistia Harry fazer seus negócios com várias companhias de comida.

Julho sumiu para onde quer que os meses passados sigam. Então a metade de Agosto. Em breve o verão terminaria. Pensar nisso fez Blaze ficar triste. Em breve, ele voltaria para o Lar Hetton.

Então seria inverno. Blaze mal podia agüentar pensar em passar outro inverno no Hetton.

Ele não tinha idéia de como o gosto de Harry Bluenote por ele se tornara poderoso. O garotão era um pacificador natural, e a colheita nunca se desenrolara tão docemente. Apenas uma briga acontecera. Normalmente havia meia dúzia.

Um garoto chamado Henry Gillette acusou um dos meninos do South Portland de roubar no vinte e um (tecnicamente não era pôquer). Blaze simplesmente pegou Gillette pela nuca e o separou. Então ele fez o outro garoto devolver o dinheiro de Gillette.

Então, na terceira semana de Agosto, a cereja do bolo. Blaze perdeu sua virgindade.

O nome da garota era Anne Bradstay. Ela foi para Pittsfield por causar incêndios. Ela e seu namorado haviam queimado seis armazéns de batatas entre Presque Isle e Mars Hill antes de serem pegos. Eles disseram que faziam isso porque não conseguiam pensar em nada mais para fazer. Era divertido vê-los queimar. Anne disse que Curtis ligava para ela e dizia “Vamos tacar um fogão”, e assim eles iam. O juiz—que

havia perdido um filho da idade de Curtis Prebble na Coréia—não teve qualquer entendimento de tal tédio, ou qualquer simpatia por ele. Ele sentenciou o menino a seis anos na Prisão Estadual de Shawshank.

Anne pegou um ano no que as garotas chamavam de Fábrica de Absorventes de Pittsfield. Ela realmente não se importou. Seu padrasto havia tirado sua virgindade quando ela tinha treze anos, e seu irmão mais velho a espancava quando ficava bêbado, o que acontecia constantemente. Depois de tanta merda, Pittsfield era como tirar férias.

Ela não era uma garota machucada com o coração de ouro, era apenas uma garota machucada. Ela não era má, mas

era ambiciosa, com olhos de corvo para coisas brilhantes. Polegar, Brian Wick, e dois outros garotos do South Portland fizeram uma vaquinha e ofereceram a Anne quatro dólares para ela transar com Blaze. Eles não tinham qualquer motivo, exceto curiosidade. Ninguém contou a John Cheltzman—eles temiam que ele poderia contar a Blaze, ou mesmo a Doug Bluenote—mas todo mundo no acampamento sabia.

Uma vez por noite, alguém das cabanas masculinas descia para o poço na estrada para a casa grande com dois baldes—um para beber, outro para lavar coisas. Naquela noite particular era a vez de Polegar, mas ele disse que estava com dor de barriga, e ofereceu a Blaze

vinte e cinco centavos para ir em seu lugar.

— Não, está tudo bem, eu vou de graça. — Blaze disse, e pegou os baldes.

Polegar sorriu ante os vinte e cinco centavos poupados, e foi contar tudo ao seu amigo Brian.

A noite estava escura e cheirosa. A lua estava alaranjada, acabando de surgir. Blaze caminhou impassível, sem pensar em nada. Os baldes se chocavam um contra o outro. Quando uma mão leve

caiu em seu ombro, ele não se assustou.

— Posso andar com você? — Anne perguntou. Ela carregava seus próprios baldes.

— Claro. — Blaze disse. Então sua língua ficou presa no teto de sua boca e ele começou a corar.

Eles andaram lado a lado até o poço. Anne assobiava levemente através de seus dentes apodrecidos.

Quando chegaram lá, Blaze tirou as tábuas. O poço só tinha seis metros de profundidade, mas uma pedrinha caiu em sua boca enfileirada de pedras e fez um misterioso som aguado e vazio. Grama e rosas silvestres cresciam voluptuosamente por todo o lado do

concreto. Meia dúzia de velhos carvalhos permanecia em volta, como se estivessem de guarda. A lua espiava através de um deles, jogando uma luz pálida.

— Posso pegar sua água? — Blaze perguntou. Suas orelhas queimavam.

— Mesmo? Isso seria legal.

— Claro. — ele disse, sorrindo sem pensar. — Claro que seria. — ele pensou em Margie Thurlow, embora esta garota não se parecesse em nada com ela.

Havia um pedaço de corda amarrado a uma argola no canto do cimento.

Blaze amarrou a ponta livre desta corda a um dos baldes. Ele o deixou cair

no buraco. Houve um som de algo se chocando na água. Então esperaram que o balde ficasse cheio.

Anne Bradstay não era nenhuma especialista na arte da sedução. Ela pôs uma mão na virilha do jeans de Blaze e apertou seu pênis.

— Ei! — ele disse, surpreso.

— Eu gosto de você. — ela disse. — Porque você não me come? Você quer?

Blaze olhou para ela, bobo de choque… embora, acima da mão dela, parte dele agora começava a dar sinais da velha linguagem. A garota vestia um longo vestido, mas ela o havia puxado até as coxas. Ela era magricela, mas a luz da lua fora gentil com seu rosto. As

sombras ainda mais.

Ele a beijou sem jeito, envolvendo seus braços ao redor dela.

— Caramba, você tem um pau e tanto, não é? — ela perguntou, pegando ar (e pegando no pinto dele com mais força). — Agora vá com calma, certo?

— Claro. — ele disse, e a colocou nos braços. Ele a sentou na grama, e desafivelou o cinto. — Eu não sei nada sobre isso.

Anne sorriu, não sem amargura.

— É fácil. — ela disse. Ela puxou o vestido até a cintura. Ela não estava vestindo nenhuma calcinha. Ele viu um fino triângulo de pêlo escuro à luz da lua, e achou que se o olhasse por mais

tempo, isso o mataria.

Ela apontou para lá naturalmente.

— Enfia seu pinto aqui.

Blaze abaixou as calças e montou nela. A uma distância de mais ou menos seis metros, Brian Wick olhou para Polegar com os olhos esbugalhados.

— Olha só o tamanho daquela coisa! — ele sussurrou.

Polegar deu uma tapinha no lado de sua cabeça.

Ele sussurrou:

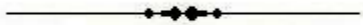
— Eu acho que o Deus tirou daqui de cima, Ele colocou lá embaixo.

Agora cale a boca

Eles se viraram para assistir.

No dia seguinte, Polegar mencionou que havia ouvido dizer que Blaze pegara mais do que água no poço. Blaze ficou quase roxo e mostrou seus dentes antes de sair de perto. Polegar nunca mais ousou mencionar o fato novamente.

Blaze se tornou o cavalheiro de Anne. Ele a seguia por todo o canto, e lhe deu um segundo cobertor em caso dela ficar com frio durante a noite. Anne gostava disto. À seu próprio modo, ela se apaixonou por ele. Ela e ele carregaram

a água para as cabanas masculinas e femininas pelo resto da colheita, e ninguém nunca disse nada a respeito. Eles não teriam se atrevido.

Na noite anterior de sua volta para o Hetton, Harry Bluenote perguntou a Blaze se ele gostaria de ficar um pouco mais depois do jantar. Blaze disse que sim, mas ele começou a se sentir desconfortável. Seu primeiro pensamento foi que o Sr. Bluenote descobrira o que ele e Anne estiveram fazendo perto do poço, e estava furioso. Isto o fez se sentir mal, porque ele

gostava do Sr. Bluenote.

Quando todos haviam ido embora, Bluenote acendeu um cigarro e andou duas vezes ao redor da mesa de jantar que estava limpa. Ele tossiu. Ele alisou seu cabelo já alisado. Então quase latiu:

— Olhe, você gostaria de ficar?

Blaze estagnou, sem poder saltar o abismo entre o que ele acreditava que o Sr. Bluenote iria dizer e o que ele realmente disse.

— Bem? Gostaria?

— Sim. — Blaze conseguiu dizer. — Sim, claro. Eu… claro.

— Bom. — Bluenote disse, parecendo aliviado. — Porque o Lar Hetton não é

para um garoto como você. Você é um bom garoto, mas você precisa de uma mão. Você é muito esforçado, mas… — ele apontou para a cabeça de Blaze.

— Como isso aconteceu?

A mão de Blaze imediatamente tentou esconder a cavidade. Ele corou.

— É horrível, não é? Olhar pra isso, eu digo. Deus.

— Bem, não é bonito, mas eu já vi pior. — Bluenote caiu em uma cadeira.

— Como aconteceu?

— Meu pai me jogou pelas escadas. Ele estava de ressaca ou coisa assim. Eu não me lembro muito bem. De todo jeito… — ele deu de ombros. — Isso é

tudo.

— Isso é tudo, hein? Bem, acho que é o bastante. — ele se levantou de novo, foi até o refrigerador no canto, pegou um copo de água. — Eu fui ao médico hoje—eu tenho adiado, porque às vezes tenho receios—e ele me disse que eu não tinha nada. Eu fiquei aliviado. — ele bebeu sua água, amassou o copo e o jogou na lixeira. — Um homem envelhece, essa é a coisa. Você não sabe nada sobre isso, mas irá. Ele envelhece e toda sua vida começa a parecer um sonho que ele teve durante uma soneca à tarde. Entende?

— Claro. — Blaze disse. Ele não havia ouvido uma palavra. Viver aqui com o Sr. Bluenote! Ele só estava

começando a compreender o que aquilo significava.

— Só queria ter certeza de que cuidaria bem de você se eu te pegasse. — Bluenote disse. Ele apontou com o polegar para o retrato da mulher na parede. — Ela gostava de meninos. Ela me deu três, e morreu dando o último. Dougie é o rapaz do meio. O mais velho está em Washington, construindo aviões para Boeing. O mais novo morreu em um acidente de carro, quatro anos atrás. Essa foi uma coisa triste, mas eu gosto de pensar que ele está com a mãe agora. Pode ser que essa seja uma idéia idiota, mas tiramos nosso conforto de onde podemos. Não é, Blaze?

— Sim, senhor. — Blaze disse. Ele

estava pensando em Anne no poço.

Anne à luz da lua. Então ele viu que havia lágrimas nos olhos do Sr. Bluenote.

Elas o chocaram e o assustaram um pouco.

— Pode ir. — o Sr. Bluenote disse. — E não se demore demais no poço, compreendeu?

Mas ele parou no poço. Ele disse a Anne o que havia acontecido, e ela assentiu. Então ela começou a chorar também.

— O que há de errado, Annie? — ele perguntou a ela. — O que há de errado, querida?

— Nada. — ela disse. — Pegue minha água, certo? Eu trouxe os baldes.

Ele pegou a água. Ela o assistiu, extasiada.

O último dia de colheita acabou à uma da tarde, e até mesmo Blaze viu que a colheita final não havia sido muito produtiva. As frutas já tinham acabado.

Ele sempre dirigia agora. Ele estava na cabine do caminhão, sem fazer nada,

quando Harry Bluenote o chamou.

— Certo, vocês! Subam no caminhão! Blaze vai levá-los de volta! Depois troquem de roupa e desçam até a casa grande! Bolo e sorvete.

Eles se amontoaram na rampa traseira, gritando como um bando de crianças, e John teve que gritar de volta para terem cuidado com as frutas. Blaze estava sorrindo. Parecia ser o tipo de sorriso que permaneceria lá o dia todo.

Bluenote deu a volta até o lado do passageiro. Seu rosto parecia pálido sob seu bronzeado, e havia suor em sua testa.

— Sr. Bluenote? Está tudo bem?

— Claro. — Harry Bluenote disse. Ele

deu seu último sorriso. — Só comi demais no almoço, eu acho. Leve-a para dentro, Bla…

Ele agarrou o peito. Tendões se esticaram em ambos os lados do pescoço.

Ele deu uma olhada completa em Blaze, mas não como se o estivesse vendo.

— O que há de errado? — Blaze perguntou.

— Coração. — Bluenote disse, então caiu para frente. Sua testa beijou o painel de bordo. Por um momento ele agarrou o velho assento rasgado com ambas as mãos, como se o mundo houvesse ficado de cabeça para baixo.

Então ele pendeu para o lado, e caiu pela porta aberta no chão.

Dougie Bluenote estivera andando ao redor do capô do caminhão. Agora ele corria.

— Papai! — ele gritou.

Bluenote morreu nos braços do filho na turbulenta volta para a casa grande. Blaze mal percebeu. Ele estava curvado sobre o grande pneu rachado do caminhão, olhando para a estrada suja que se desenrolava, como um psicopata.

Bluenote tremeu uma, duas vezes, como

um cão pego em um temporal, e isso foi tudo.

A Sra. Bricker—a mamãe do acampamento—deixou cair uma jarra de limonada no chão quando o trouxeram para dentro. Cubos de gelos se espalharam por todo o chão de tábuas, feitas de pinheiro. Eles levaram Bluenote para sala de estar, e o colocaram no sofá. Um braço caiu no chão. Blaze o pegou e o colocou no peito de Bluenote. Caiu novamente. Depois disso, Blaze simplesmente o ficou segurando.

Dougie Bluenote estava na sala de jantar, parado ao lado da longa mesa, que estava pronta para a festa do sorvete da última colheita (uma pequena lembrança havia sido colocada ao lado do prato de cada criança), falando freneticamente ao telefone. Os outros catadores se amontoaram na varanda, espiando. Todos pareciam horrorizados, exceto por Johnny Cheltzman, que parecia aliviado.

Blaze lhe contara tudo sobre a noite anterior.

O médico veio e fez um breve exame. Quando terminou, ele puxou o cobertor acima do rosto de Bluenote. A Sra. Bricker, que havia parado de chorar, começara novamente.

— O sorvete. — ela disse. — O que vamos fazer com todo aquele sorvete? Oh, puxa! — ela pôs seu avental sobre o rosto, então em toda a cabeça, como um capuz.

— Deixe-os entrar, e comê-lo. — Doug Bluenote disse. — Você também, Blaze. Pode vir.

Blaze balançou a cabeça negativamente. Ele teve a sensação de que nunca mais sentiria fome de novo.

— Deixa pra lá, então. — Doug disse,

e correu as mãos através do cabelo.

— Eu terei de ligar para Hetton… e South Portland… Pittsfield… Jesus, Jesus, Jesus. — ele pôs o rosto contra a parede e começou a chorar. Blaze ficou apenas sentado, olhando para forma coberta no sofá.

* * *

A perua do LH chegou primeiro. Blaze sentou no banco de trás, olhando pela janeira empoeirada. A casa grande diminuiu, e diminuiu, até finalmente se perder de vista.

Os outros começaram a conversar um

pouco, mas Blaze ficou em silêncio.

Ele estava começando a afundar. Ele tentou compreender isto, mas não conseguiu. Não fazia sentido, mas ele estava afundando, mesmo assim.

Seu rosto começou a trabalhar. Primeiro sua boca se contorceu, então seus olhos. Suas bochechas começaram a tremer. Ele não conseguia controlar estas coisas. Elas estavam além dele. Finalmente ele começou a chorar. Ele pôs a testa contra a janela traseira da perua, e chorou grandes soluços monótonos, que soavam como um cavalo relinchando.

O homem na direção era o cunhado de Martin Coslaw.

— Será que dá pra alguém calar esse alce? — ele disse.

Mas ninguém ousou tocá-lo.

O bebê de Anne Bradstay nasceu oito meses e meio mais tarde. Foi um colossal menino de quatro quilos e meio. Ele foi posto para adoção, e levado quase que imediatamente por um casal sem filhos de Saco, chamado Wyatt. O

menino Bradstay se tornou Rufus Wyatt. Ele foi eleito o melhor zagueiro do time de seu colégio quando tinha

dezessete anos; e do time da Nova Inglaterra, um ano mais tarde. Ele foi para a Universidade de Boston com a intenção de se formar em literatura. Ele particularmente gostava de Shelley, Keats, e o poeta americano James Dickey.

CAPÍTULO 19

A ESCURIDÃO CHEGOU MAIS CEDO, embalada em neve. Às cinco horas, a única luz no escritório do diretor era o fogo crepitante na lareira.

Joe dormia profundamente, mas Blaze estava preocupado com ele. Sua respiração parecia acelerada, seu nariz escorria, e seu peito soava carregado.

Manchas vermelhas brilhavam em cada bochecha.

O livro do bebê dizia que febre, na maioria das vezes, acompanhava a dor nos dentes, e às vezes um resfriado, ou

sintomas de resfriado. Resfriado era o bastante para Blaze (ele não sabia o que eram sintomas). O livro apenas dizia para manter o bebê aquecido. Fácil para o escritor do livro dizer; o que Blaze deveria fazer quando Joe acordasse e quisesse engatinhar por aí?

Ele teria de ligar para os Gerards hoje à noite. Eles não poderiam largar o dinheiro de um avião nesta tempestade de neve, mas a neve provavelmente iria parar por volta da noite de amanhã. Ele pegaria o dinheiro, e ficaria com Joe também. Foda-se aqueles Republicanos ricos. Ele e Joe estavam por conta própria agora. Eles teriam de escapar. De algum modo.

Ele olhou para o fogo e devaneou. Ele

se viu acendendo os sinalizadores de estrada em uma clareira. Luzes no céu, de um pequeno avião aparecendo acima. O zumbido do motor. O avião seguindo na direção do sinal, que queima como um bolo de aniversário. Alguma coisa branca é lançada no ar—um pára-quedas com uma pequena maleta presa a ele!

Então ele volta para cá. Abre a maleta. Ela está entalada de grana. Cada maço está lindamente enfaixado. Blaze conta. Está tudo lá.

Em seguida ele está na pequena ilha de Acapulco (que ele acreditava ser nas Bahamas, embora achasse que poderia estar errado quanto a isso). Ele comprou uma cabana para si, em terra alta, de onde se podem ver as ondas quebrarem.

Há dois quartos, um largo, outro pequeno. Há duas redes nos fundos, uma larga, outra pequena.

O tempo passa. Talvez cinco anos. E lá vem uma criança andando pela praia— uma praia que brilha como um músculo molhado ao sol. Ele está bronzeado. Ele tem um longo cabelo negro, como um índio guerreiro. Ele está acenando. Blaze acena de volta.

Novamente Blaze pareceu ouvir o som de uma risada fugitiva. Ele se virou bruscamente. Ninguém estava lá.

Mas o devaneio foi quebrado. Ele se levantou e enfiou os braços dentro do casaco. Ele se sentou e calçou as botas. Ele iria fazer isto acontecer. Seus pés e sua cabeça estavam prontos, e quando isso acontecia, ele sempre fazia o que havia dito que ia fazer. Isso era seu orgulho. O único que ele tinha.

Ele checou o bebê de novo, então saiu. Ele fechou a porta do escritório atrás dele, e desceu as escadas. A arma de George estava presa à cintura de suas calças, e desta vez ela estava carregada.

O vento que corria através do velho parquinho, uivava forte o bastante para fazê-lo cambalear até ele se acostumar. A neve batia em seu rosto, espetando suas bochechas e testa. Os topos das árvores balançavam para lá e para cá. Uma nova nevasca se formava nas camadas congeladas da velha neve, que agora já tinha um metro em alguns lugares. Ele não precisava mais se preocupar com os rastros que havia deixado vindo para cá.

Ele avançou, passando pela cerca, desejando ter sapatos apropriados para a neve, e a escalou desengonçadamente. Aterrissou na neve, afundado até a cintura, e começou a forçar caminho até o norte, cruzando o condado, na direção

de Cumberland Center.

Era uma caminhada de cinco quilômetros, e ele ficou sem fôlego antes de chegar à metade. Seu rosto estava dormente. Assim como suas mãos e pés, apesar das luvas e meias grossas. Ainda assim ele seguiu em frente, sem fazer qualquer tentativa de dar a volta na nevasca, mas a atravessando diretamente.

Duas vezes ele tropeçou em cercas enterradas pela neve, uma delas continha arame farpado que rasgou seus jeans e cortou sua perna. Ele meramente se levantou e seguiu, sem desperdiçar um fôlego sequer com xingamentos.

Uma hora depois de partir, ele entrou

numa fazenda de árvores. Aqui pequenas espruces azuis, perfeitamente alinhadas e podadas, marchavam em fileiras. Blaze pôde andar por um longo corredor onde a neve só tinha sete centímetros de profundidade… e em alguns lugares, não havia neve. Esta era a Reserva do Condado de Cumberland, que ficava nos limites da estrada principal.

Quando ele alcançou a fronteira oeste da floresta em miniatura, ele sentou no topo de um banco de neve, e escorregou para a Rota 289. Acima na estrada, quase perdido na neve que soprava, estava um pisca-pisca que ele conhecia bem, com luzes vermelhas em um lado, e amarelo no outro. Além dele, alguns postes brilhavam como fantasmas.

Blaze cruzou a estrada, que estava coberta de neve e sem nenhum tráfego, e caminhou até o Exxon da esquina. Uma pequena luz na lateral do prédio de concreto iluminava um telefone público. Parecendo um homem de neve ambulante, Blaze aproximou-se e o pegou. Ele teve um momento de pânico quando pareceu que não tinha moedas, mas achou duas moedas de vinte e cinco nas calças, e outra no bolso do casaco. Então—bool!—seu dinheiro foi devolvido. A Assistência à Lista Telefônica era gratuita.

— Eu quero ligar para Joseph Gerard. — ele disse. — Ocoma.

Houve uma pausa, e então o operador lhe deu o número. Blaze o escreveu no

vidro embaçado que protegia o telefone do pior da neve, sem perceber que havia pedido por um número que não estava na lista, e que o operador acabara de lhe dar por instruções do FBI. Isto, é claro, abria as portas para os trotes e brincadeiras, mas se os seqüestradores não ligassem, o equipamento de rastreamento não poderia ser usado.

Blaze discou 0 e deu à moça o número dos Gerards. Ele perguntou se teria de pagar pela ligação. Ele teria. Ele perguntou se poderia falar por três minutos por setenta e cinco centavos. A operadora disse que não; uma chamada de três minutos para Ocoma lhe custaria um dólar e dezenove. Ele tinha cartão telefônico?

Blaze não tinha. Blaze não tinha cartão de nenhum tipo.

A operadora lhe disse que poderia mandar a cobrança para seu telefone residencial, e havia um telefone na cabana (embora não tivesse tocado uma única vez desde a morte de George), mas Blaze era inteligente demais para fazer isso.

— A cobrar então? — a operadora sugeriu.

— A cobrar, sim! — Blaze disse.

— Seu nome, senhor?

— Clayton Blaisdell, Junior. — ele disse de uma vez. Em seu alívio ao perceber que não havia feito esta longa jornada apenas para se encontrar sem

dinheiro para ligação, Blaze não percebeu o erro tático que acabara de cometer, até quase duas horas depois.

— Obrigada, senhor.

— Obrigado. — Blaze disse, se sentindo esperto. Sentindo-se frio como um tolo.

O telefone só tocou uma vez do outro lado antes de ser atendido.

— Sim? — uma voz soou cautelosa e cansada.

— Eu estou com seu filho. — Blaze disse.

— Senhor, eu recebi dez ligações hoje, todas dizendo a mesma coisa.

Prove.

Blaze ficou desconcertado. Ele não esperava por esta.

— Bem, ele não está comigo, você sabe. Meu parceiro está com ele.

— Mesmo? — nada mais. Apenas “mesmo?”.

— Eu vi sua esposa quando eu entrei. — Blaze disse. Era a única coisa na qual ele podia pensar. — Ela é bem bonita. Ela estava com uma camisola branca.

Vocês têm um retrato na mesa, três retratos colocados juntos.

— Diga-me algo mais. — a voz do outro lado disse. Mas ele não soava mais cansado.

Blaze forçou o cérebro. Não havia nada mais, nada que convenceria o homem teimoso do outro lado. Então ele se lembrou de algo.

— A velha senhora tinha um gato. Foi por isso que ela desceu as escadas. Ela pensou que eu era o gato… que eu era… — ele forçou o cérebro um pouco mais. — Mikey! — ele gritou. — Sinto muito por ter batido nela com tanta força.

Eu com certeza não queria, mas eu fiquei com medo.

O homem do outro lado da linha começou a chorar. Foi súbito e chocante.

— Ele está bem? Pelo amor de Deus, Joey está bem?

Houve um falatório confuso ao fundo. Uma mulher parecia estar falando.

Outra parecia estar gritando e chorando. A que gritava e chorava provavelmente era a mãe. Armênias eram provavelmente especialmente emotivas. Francesas eram do mesmo jeito.

— Não desligue! — Joseph Gerard (tinha de ser Gerard) disse. Ele soava em pânico. — Ele está bem?

— É, ele está bem. — Blaze disse. — Ganhou outro dente. Isso soma três.

A erupção das fraldas está boa. Eu quero dizer… mantemos o traseiro dele bem limpinho. Qual o problema de sua esposa? Ela é boa demais para manter o

traseiro dele limpo?

Gerard ofegava como um cão.

— Faremos qualquer coisa, senhor. Você é quem manda.

Blaze espantou-se ante a isso. Ele quase havia esquecido a razão pela qual havia ligado.

— Certo. — ele disse. — É assim que eu quero que vocês façam.

Em Portland, uma operadora falava com o Agente Albert Sterling.

— Cumberland Center. — ela disse. —

Telefone público do posto de gasolina.

— Entendido. — ele disse, e socou o ar.

— Entre em um avião amanhã à noite de oito horas. — Blaze disse. Ele estava começando a se sentir desconfortável, começando a sentir que estivera no telefone por tempo demais. — Comece a voar pelo sul, rumo a Rota 1 na direção da fronteira de Nova Hampshire. Voe baixo. Entendeu?

— Espere… não estou certo…

— É melhor ficar certo. — Blaze

disse. Ele tentou soar como George teria soado. — Não tente me sacanear, a não ser que queira seu garoto de volta num saco.

— Certo. — Gerard disse. — Certo, eu te ouvi. Estou escrevendo tudo.

Sterling passou o pedaço de papel para Bruce Granger que começou a fazer ligações. Granger ligou para a Polícia Estadual.

— O piloto verá um sinal de luz. — Blaze disse. — Faça o dinheiro ser afixado em um pára-quedas. Jogue-o como se quisesse que ele aterrissasse nos sina… nas luzes. O sinal. Você poderá ter seu filho de volta no dia seguinte. Eu até mesmo mandarei as coisas que eu—nós, quero dizer—temos usado para limpar o traseiro dele. — uma gracinha lhe ocorreu. — Não vou cobrar por essa.

Então ele olhou para sua mão livre e viu que havia cruzado os dedos quando disse que eles poderiam ter Joe de volta. Igual a uma criança contando sua primeira mentira.

— Não desligue! — Gerard disse. — Eu não entendo muito bem…

— Você é um cara esperto. — Blaze disse. — Eu acho que entende.

Ele desligou e deixou a estação Exxon correndo, sem saber por que o fazia, apenas sentindo que parecia ser a coisa certa a se fazer. A única coisa. Ele correu sob o pisca-pisca, angulado pela estrada, e escalou o banco de neve em gigantescos saltos. Então ele desapareceu pela fileira de espruces da Reserva do Condado.

Atrás dele, um monstro gigante de olhos brancos e brilhantes chegou rosnando pela colina. Ele mergulhou no ar apinhado, mandando metros de neve

para todas as direções. O limpa-neve obliterou os rastros de Blaze de onde se angulavam pela estrada. Quando duas viaturas da Polícia Estadual chegaram ao posto Exxon nove minutos depois, as pegadas de Blaze do banco de neve até a Reserva não eram nada mais do que borrões. Mesmo enquanto os Patrulheiros permaneciam em volta do telefone com suas lanternas apontadas, o vento fez seu trabalho atrás deles.

O telefone de Sterling tocou cinco minutos mais tarde.

— Ele esteve aqui. — O policial disse do outro lado da linha. Sterling conseguia ouvir o vento soprar ao fundo. Não, uivar. — Ele esteve aqui, mas se foi.

— Se foi como? — Sterling perguntou. — Carro ou a pé?

— Quem sabe? Um limpa-neve passou por aqui bem antes de chegarmos. Mas se tivesse de dar um palpite, diria que ele dirigia.

— Ninguém está perguntando seu palpite. Posto de gasolina? Alguém o viu?

— Estão fechados por conta da tempestade. Mesmo se abrissem… o telefone está na parede da lateral do

prédio.

— Filho da puta sortudo. — Sterling disse. — Filho da puta sortudo, e nem sabe disso. Cercamos a merda da cabanazinha em Apex e apreendemos quatro revistas pornôs e uma jarra de ervilhas. Pegadas? Ou o vento as levou?

— Ainda há pegadas ao redor do telefone. — o Patrulheiro disse. — O

vento borrou as passadas, mas era ele.

— Outro palpite?

— Não. Elas eram grandes.

— Certo. Bloqueios de estrada, certo?

— Cada estrada, grande e pequena. — o Patrulheiro disse. — Está acontecendo enquanto falamos.

— Estradas fora do mapa também.

— Estradas fora do mapa também. — o Patrulheiro disse. Ele soava insultado. Sterling não se importou.

— Então ele está engarrafado? Podemos dizer isso, Patrulheiro?

— Sim.

— Bom. Vamos chegar ai com trezentos caras no momento em que o clima amenizar amanhã. Isto está demorando demais.

— Sim, senhor.

— Limpa-neve. — Sterling disse. — Pau no cu da minha irmã. — ele desligou.

Quando Blaze voltou ao Lar Hetton, ele estava exausto. Ele escalou a cerca e caiu de cara na neve do outro lado. Seu nariz sangrava. Ele havia feito seu caminho de volta em apenas trinta e cinco minutos. Ele se levantou, cambaleou em volta do prédio e entrou.

Joe estava furioso, ele soltava uivos agonizantes.

— Cristo!

Ele correu a escada saltando dois degraus por vez e invadiu o escritório de Coslaw. O fogo estava apagado. O berço fora derrubado. Joe estava caído

no chão. Sua cabeça estava coberta de sangue. Seu rosto estava púrpuro, seus olhos estavam apertados, suas pequeninas mãos, sujas de poeira.

— Joe! — Blaze berrou. — Joe! Joe!

Ele pegou o bebê nos braços e foi até o canto onde estavam as fraldas estocadas. Ele pegou uma e limpou o corte na testa de Joe. O sangue parecia sair em cachoeiras. Havia uma farpa saindo da ferida. Blaze a catou e a jogou no chão.

O bebê se debateu em seus braços e berrou ainda mais alto. Blaze limpou mais sangue, segurando Joe firmemente, e se inclinou para olhar mais de perto. O

corte era denteado, mas com a farpa tirada, não parecia tão ruim. Graças a

Cristo que não pegara em seu olho. Poderia ter sido seu olho.

Ele achou uma mamadeira e a deu para Joe, fria. Joe a pegou com ambas as mãos e começou a sugar ferozmente. Arfando, Blaze pegou um lençol e envolveu o bebê nele. Então ele deitou em seus próprios lençóis e embrulhou o bebê em seu peito. Blaze fechou os olhos e foi quase que imediatamente apanhado por uma horrível vertigem. Tudo no mundo parecia estar escorregando: Joe, George, Johnny, Harry Bluenote, Anne Bradstay, pássaros em fios telefônicos, e noites na estrada.

Então ele ficou bem de novo.

— De agora em diante, somos nós, Joey. — ele disse. — Você me tem, e eu tenho você. Vai ficar tudo bem. Certo?

Neve batia nas janelas em rajadas fortes e barulhentas. Joe tirou o rosto do mamilo de borracha, e tossiu com força, sua língua saiu com o esforço de seu peito tentando se limpar. Então ele voltou à mamadeira novamente. Entre suas mãos, Blaze conseguia sentir o pequeno coração batendo.

— É assim que fazemos. — Blaze disse, e beijou a testa ensangüentada do bebê.

Eles adormeceram juntos.

CAPÍTULO 20

O LAR HETTON INCLUIA uma larga parcela de terra nos fundos dos prédios principais, e aqui estava plantado o que gerações de garotos haviam aprendido a chamar de Jardim da Vitória. A primeira idéia da coisa era fazer uma poupança substancial do orçamento de comida do LH, fazendo os meninos plantarem seus próprios vegetais. A segunda era fazer os meninos trabalharem duro, o que era o lema da fundação.

— Trabalho e matemática construíram pirâmides. — Coslaw gostava de dizer. E então os meninos plantavam na

primavera, semeavam no verão (a não ser que estivesse "trabalhando" nas fazendas da vizinhança), e colhiam no outono.

Depois de quatorze meses do fim do que Polegar chamara de "o fabuloso verão de mirtilos", John Cheltzman ficou entre o grupo de colheita de abóboras ao norte do JV. Ele pegou um resfriado, adoeceu, e morreu. Aconteceu rápido assim. Ele foi mandado para o Hospital de Portland no Dia das Bruxas, enquanto o resto dos garotos estava tendo aulas no LH ou em "outras escolas". Ele morreu na enfermaria de caridade do Hospital, sozinho.

Sua cama no LH foi tirada, então refeita. Blaze passou a maior parte de

uma tarde sentado em sua própria cama, olhando para a de John. O longo quarto de dormir—que eles chamavam de "aríete"—estava vazio. Os outros haviam ido ao funeral de Johnny. Para a maioria deles, era seu primeiro funeral, e eles estavam bem excitados sobre isso.

A cama de Johnny assustava e fascinava Blaze. O jarro de Manteiga de Amendoim do Shedd que sempre estivera enfiado entre a cabeceira da cama e a parede se fora; ele havia olhado. Assim como as bolachas Ritz. (Depois que as luzes eram apagadas, Johnny quase sempre dizia "Tudo tem gosto melhor quando a merda sai com Ritz", o que nunca falhava em fazer

Blaze rir). A própria cama era feita no estilo do Exército, com o lençol do topo esticado. Os lençóis estavam perfeitamente brancos e limpos, mesmo embora Johnny fosse um masturbador da calada da noite. Em muitas noites, Blaze ficava deitado em sua própria cama, olhando para o escuro, e ouvindo o leve ranger das molas enquanto JC descascava a banana. Sempre havia manchas amarelas em seus lençóis. Cristo, aquelas manchas amarelas estavam nos lençóis de todos os garotos grandes. Elas estavam na sua, bem agora, abaixo dele enquanto sentava em sua cama, olhando para a de Johnny. Veio a ele, como uma revelação, que se ele morresse, sua cama seria desfeita, e

então chegaria—lençóis machados seriam substituídos com lençóis como os que estavam na cama de Johnny agora—lençóis que seriam perfeitamente limpos e brancos. Lençóis sem uma única marca nele para dizer que alguém deitara lá, sonhara lá, vivera o bastante para dar uma gozada lá. Blaze começou a chorar silenciosamente.

Era uma tarde sem nuvens no começo de Novembro, e o aríete estava inundado de luz imparcial. Quadrados de sol e cruzes de sombra jaziam na cama de JC. Depois de um tempo, Blaze se levantou e rasgou o cobertor da cama onde seu amigo dormira. Ele jogou o travesseiro do outro lado do aríete. Então ele tirou os lençóis, e empurrou o

colchão para o chão. Ainda não era o bastante. Ele virou a cama por cima do colchão, com seus pezinhos estúpidos apontando para cima. Ainda não era o bastante, então ele chutou as pernas da cama, e a única coisa em que teve sucesso nisso foi machucar o próprio pé. Depois disso, ele se deitou em sua cama, com as mãos acima dos olhos, seu peito elevando-se.

Quando o funeral havia terminado, os outros meninos deixaram Blaze sozinho, na maior parte do tempo. Ninguém lhe perguntou sobre a cama virada, mas Polegar fez uma coisa engraçada: ele pegou uma das mãos de Blaze e a beijou. Isso foi uma coisa engraçada, pode crer. Blaze pensou nisso durante

anos.

Não o tempo todo, mas de tempos em tempos.

Deram cinco horas. Era hora livre para os garotos, e a maioria deles saiu para o jardim, para brincar e trabalhar o apetite para a hora do jantar. Blaze foi ao escritório de Martin Coslaw. A Lei estava sentado atrás de sua mesa. Ele havia se trocado e colocado seus chinelos, e ele se balançava em sua cadeira, lendo o *Evening Express*. Ele levantou os olhos e disse, "O que foi?".

— Aqui, seu filho de uma puta. — Blaze disse, e o espancou até deixá-lo inconsciente.

Ele fugiu a pé na direção da fronteira de Nova Hampshire, porque ele achou que seria capturado depois de quatro horas se fosse dirigindo um carro roubado. Ao invés disso, o pegaram em duas horas. Ele sempre estava se esquecendo do quão grande era, mas Martin Coslaw não se esqueceu, e não demorou muito para que a Polícia Estadual do Maine encontrasse um jovem caucasiano de dois metros, com uma testa afundada.

Houve um curto julgamento na Corte Distrital do Condado de Cumberland. Martin Coslaw apareceu com um braço

em uma tipóia e uma enorme bandagem branca na cabeça, que havia sido entortada para cobrir um olho. Ele andava de muletas.

O promotor lhe perguntou o quão alto ele era. Coslaw respondeu que ele tinha um metro e sessenta e sete centímetros. O promotor lhe perguntou o seu peso. Coslaw disse que pesava setenta e dois quilos. O promotor perguntou a Coslaw se ele havia feito qualquer coisa para provocar, irritar, ou injustamente punir o réu, Clayton Blaisdell, Junior. Coslaw disse que não. O promotor então passou a testemunha para o advogado de Blaze, um copo gelado de limonada que acabara de sair da faculdade de Direito. O copo gelado de limonada fez um

número de perguntas furiosas e confusas, ao que Coslaw respondeu calmamente enquanto sua tipóia, muletas, e bandagem na cabeça continuavam seu próprio testemunho. Quando o copo gelado de limonada disse que não tinha mais perguntas, o Estado encerrou seu caso.

O advogado de Blaze, apontado pela corte, o chamou para a bancada e perguntou por que ele havia batido no diretor do Lar Hetton. Blaze gaguejou sua história. Um bom amigo dele havia morrido. Ele achou que era culpa de Coslaw.

Johnny não devia ter sido mandado para pegar abóboras, especialmente não quando ele estava resfriado. Johnny

tinha um coração fraco. Isso não era justo, e o Sr. Coslaw sabia que não era justo. Ele fez por merecer.

Com essa, o jovem advogado sentou-se com um olhar de desespero nos olhos.

O promotor se levantou e se aproximou. Ele perguntou o quão alto Blaze era. Um metro e noventa e oito, talvez dois metros, Blaze disse. O promotor perguntou seu peso. Blaze não sabia, exatamente, mas não era uma tonelada. Isto causou algumas gargalhadas entre a imprensa. Blaze olhou para eles com olhos intrigados. Então sorriu um pouco também, querendo que eles soubessem que ele podia agüentar uma piada tão bem quanto qualquer um. O promotor disse

que não havia mais perguntas. Ele se sentou.

O advogado de Blaze, apontado pela corte, fez um confuso e furioso resumo, então encerrou seu caso. O juiz olhou para a janela com o queixo apoiado em uma mão. Então o promotor se levantou. Ele chamou Blaze de jovem delinqüente. Ele disse que era a responsabilidade do Estado do Maine de "enquadrá-lo rápida e duramente". Blaze não tinha idéia do que isso significava, mas sabia que não era bom.

O juiz perguntou a Blaze se ele tinha alguma coisa a dizer.

— Sim, senhor. — Blaze disse. — Mas eu não sei como.

O juiz assentiu e o sentenciou a dois anos no Centro Correcional de South Portland.

Não foi tão ruim para ele como foi para alguns, mas ruim o bastante para ele nunca mais querer voltar. Ele era grande o bastante para evitar ser espancado e roubado, e evitava qualquer panelinha e seus líderes desajustados, mas ser preso por longos períodos de tempo em uma pequenina cela de barras era muito difícil. Muito triste. Duas vezes nos primeiros seis meses, ele se "rendeu ao desespero" e gritou para que

o libertassem, batendo nas barras de sua cela até que os guardas viessem correndo. Da primeira vez, quatro guardas responderam, então tiveram de chamar, a princípio, mais quatro, e então meia dúzia para controlá-lo. Da segunda vez eles lhe deram uma injeção que o nocauteou por dezesseis horas.

A solitária era ainda pior. Blaze andava a minúscula cela interminavelmente (seis passos a cada lado) quando o tempo hesitava e então parava. Quando a porta finalmente foi aberta, e lhe foi permitido voltar à sociedade dos outros garotos—livre para andar no pátio de exercícios, ou levar as trouxas que vinham de caminhões que paravam na doca de

carregamento—ele quase enlouqueceu de alívio e gratidão. Ele abraçou o carcereiro que o soltou na segunda ocasião e ganhou esta nota em sua ficha: Demonstra tendências homossexuais.

Mas a solitária não era a pior das coisas. Ele era esquecido, mas a memória da pior das coisas nunca o deixou. Era assim que eles te pegavam. Eles o levavam para uma pequena sala branca e se reuniam em volta de você em um círculo. Então eles começavam a fazer perguntas. E antes que você tivesse tempo de pensar no significado da primeira pergunta—o que ela dizia—eles já estavam na próxima, e na próxima, e na próxima. Eles voltavam, desviavam, subiam, e desciam. Era

como ser pego em uma teia de aranha. No fim, você admitiria qualquer coisa que eles te pedissem para admitir, só para fazê-los se calarem.

Então eles te traziam um papel, e diziam para você assinar seu nome, e colega, você assinava.

O homem no comando do interrogatório de Blaze fora um assistente de promotoria chamado Holloway. Holloway não entrou na salinha até que os outros houvessem bombardeado por pelo menos uma hora e meia. Blaze tinha suas mangas enroladas e o sua blusa estava solta. Ele estava coberto de suor e precisava ir ao banheiro fazer o Número Dois, muito. Era como estar no canil dos Bowies

novamente, com os Collies investindo contra ele. Holloway estava calmo e elegante em um terno azul. Ele tinha sapatos pretos com galáxias de ínfimos buracos nas frentes. Blaze nunca se esqueceu dos buracos nas frentes dos sapatos do Sr. Holloway.

O Sr. Holloway sentou-se à mesa no meio da sala, sua bunda saindo pelos lados, uma de suas pernas balançando para frente e para trás, um daqueles sapatos pretos elegantes se movendo como um pêndulo no relógio. Ele deu a Blaze um sorriso amistoso e disse, "Quer conversar, filho?".

Blaze começou a gaguejar. Sim, ele queria conversar. Se alguém quisesse realmente ouvir, e ser um pouquinho

camarada, ele queria.

Holloway mandou os outros saírem.

Blaze perguntou se podia ir ao banheiro.

Holloway apontou para uma porta do outro lado da sala que Blaze sequer percebera.

— O que está esperando? — ele disse. Ele estava usando aquele mesmo sorriso amistoso quando o fez.

Quando Blaze saiu, havia uma jarra de água gelada e um copo vazio na mesa. Blaze olhou para Holloway, e Holloway assentiu. Blaze bebeu três copos seguidamente, então se sentou com uma sensação de uma picareta plantada no centro de sua testa.

— Bom? — Holloway perguntou.

Blaze assentiu.

— É. Responder questões é um trabalho que dá sede. Cigarro?

— Não fumo.

— Bom garoto, isso nunca o deixará encrencado. — Holloway disse, acendendo um para si mesmo. — Quem é você para seus amigos, filho? Como te chamam?

— Blaze.

— Certo, Blaze. Eu sou Frank Holloway. — ele estendeu a mão, então fez uma careta e mordeu a ponta de seu cigarro, quando Blaze a apertou. — Agora me conte exatamente como você

acabou aqui.

Blaze começou a contar sua história, começando com a chegada d'A Lei no Hetton e os problemas de Blaze com Aritmética. Holloway ergueu uma mão.

— Importa-se se eu estenografar isto, Blaze? Isto é meio que o que os secretários fazem. Vai lhe poupar ter que repetir tudo isto.

Não. Ele não se importava.

Mais tarde, no fim, os outros voltaram. Quando isso aconteceu, Blaze percebeu que os olhos de Holloway haviam perdido seu brilho amistoso. Ele saiu da mesa, limpou a bunda com duas espanadas, e disse "Digitem tudo e mandem o idiota assinar." Ele saiu sem

olhar pra trás.

Ele saiu da prisão pouco antes de dois anos após entrar—sua pena fora reduzida em quatro meses por bom comportamento. Eles lhe deram um par de jeans da prisão, uma jaqueta de brim, e uma sacola para carregar tudo. Ele também ganhou uma poupança da prisão: um cheque de $43.84.

Era Outubro. O ar estava resplandecente com o vento. O guarda do portão acenou uma vez como um limpador de pára-brisa, e lhe disse para

não se meter em encrencas. Blaze passou sem olhar ou falar, e quando ouviu o pesado portão verde se fechar atrás dele, ele tremeu.

Ele andou até as calçadas terminarem e a cidade desaparecer. Ele olhou para tudo. Carros passavam, parecendo estranhamente modernizados. Um diminuiu, e ele pensou que talvez lhe dessem uma carona. Então alguém gritou, “Eeeii, PRISIONEIRO”, e o carro se foi.

Finalmente ele se sentou em uma parede de rochas que cercava um pequeno cemitério do condado, e simplesmente ficou olhando para a estrada.

Veio-lhe a idéia de que ele estava livre. Não havia ninguém para mandar nele, mas ele era ruim em mandar em si mesmo, e não tinha amigos. Ele estava fora da solitária, mas sem emprego. Ele sequer sabia como transformar o pedaço de papel, que haviam lhe dado, em dinheiro.

Ainda assim, uma suave e maravilhosa sensação de gratidão o arrebatou.

Ele fechou os olhos e virou o rosto para o sol, enchendo sua cabeça com luz vermelha. Ele cheirou a grama e o asfalto fresco onde alguns motoristas haviam recentemente causado um buraco. Ele cheirou o escapamento dos carros, que seguiam para onde quer que seus motoristas quisessem ir. Ele se

abraçou com alívio.

Ele dormiu em um celeiro naquela noite, e no dia seguinte arrumou um trabalho catando batatas, a dez centavos por cesta. Naquele inverno ele trabalhou em um moinho de lã em Nova Hampshire, estritamente independente. Na primavera ele pegou um ônibus para Boston, e arranjou um emprego na lavanderia do Brigham and Women's Hospital. Ele estivera trabalhando lá por seis meses quando um rosto familiar do South Portland apareceu—Billy St. Pierre. Eles saíram e compraram várias cervejas. Billy confidenciou a Blaze que ele e um amigo iriam assaltar uma loja de bebidas em South Boston. O lugar era uma teta para se mamar. Ele disse que

havia espaço para mais um.

Blaze mandou ver. Sua parte foi dezessete dólares. Ele continuou a trabalhar na lavanderia. Quatro meses depois, ele, Billy, e o cunhado de Billy, Dom, assaltaram um posto de gasolina e sua loja de conveniência em Danvers.

Um mês depois, Blaze e Billy, mais outro hóspede do South Portland, chamado Calvin Surks, assaltaram uma agência de empréstimos com uma sala de apostas nos fundos. Eles levaram mil dólares.

— Estamos mexendo com coisa grande agora. — Billy disse enquanto os três dividiam a grana em um quarto de motel em Duxbury. — Isto é só o começo.

Blaze assentiu, mas continuou a trabalhar na lavanderia do hospital.

Por um tempo, a vida seguiu assim. Blaze não tinha amigos de verdade em Boston. Seus únicos conhecidos eram Billy St. Pierre e a gangue de pequenos criminosos, da qual Billy fazia parte. Blaze começou a se encontrar com ele durante as folgas em uma loja de doces, em Lynn, chamada Moochie’s. Eles jogavam em máquinas de *pinball*, e vadeavam por aí. Blaze não tinha namorada, firme ou de qualquer outro jeito. Ele era dolorosamente tímido, e autoconsciente do que Billy chamava de “sua cabeça amassada”. Depois de terem sucesso em um trabalho, ele às vezes pagava uma prostituta.

Um ano depois Blaze entrou na de Billy, um cara de fala rápida, e músico nas horas vagas, o apresentando à heroína—um estouro. Ela fez Blaze ficar violentamente doente, ou de alguma alergia aditiva ou natural. Ele nunca mais tentou de novo. Às vezes ele fumava, ou se drogava apenas para ser sociável, mas ele não usava drogas pesadas.

Não muito depois de sua experiência com a heroína, Billy e Calvin (cuja posse mais orgulhosa era uma tatuagem que dizia A VIDA É UMA DROGA, ENTÃO CÊ MORRE) foram presos tentando assaltar um supermercado. Havia outros dispostos a inserir Blaze em seus golpes, entretanto. Ansiosos,

até.

Alguém lhe dera o apelido de Bicho-Papão, e a coisa pegou. Até mesmo com a máscara, para esconder sua testa desfigurada, seu imenso tamanho fazia qualquer balconista ou dono de loja pensar duas vezes antes de pegar algum trabuco que poderiam ter embaixo do balcão.

Nos dois anos que se seguiram após Billy ser preso, Blaze escapou de ser enquadrado uma dúzia de vezes, algumas dessas pela mais estreita das margens.

Em uma ocasião, dois irmãos com quem ele havia assaltado uma loja de roupas em Saugus foram capturados logo

do outro lado da esquina onde Blaze agradecera e saíra do carro. Os irmãos teriam ficado felizes em entregar Blaze para serem soltos, mas eles só o conheciam como O Grande Papão, assim dando à polícia a idéia de que o terceiro membro da gangue era um Afro-Americano.

Em Junho, Blaze foi demitido da lavanderia. Ele sequer perdeu tempo em procurar por outro trabalho honesto. Ele simplesmente perambulou por aí até que conheceu George Rackley, e quando ele conheceu George, seu futuro foi determinado.

CAPÍTULO 21

ALBERT STERLING tirava uma soneca em uma das cadeiras super estofadas na sala de estudos dos Gerards, quando os primeiros sinais da aurora apareceram no céu. Era 1º de Fevereiro.

Houve uma batida na lateral da porta. Os olhos de Sterling se abriram.

Granger estava parado lá.

— Pode ser que tenhamos algo. — Granger disse.

— Diga.

— Blaisdell cresceu em um orfanato—

bem, um lar do estado, não tem muita diferença—chamado Lar Hetton. Está na área da qual veio sua ligação.

Sterling se levantou.

— Ainda está operando?

— Não. Fechada quinze anos atrás.

— Quem vive lá agora?

— Ninguém. A cidade o vendeu para algumas pessoas que tentaram montar uma escola. O lugar foi à falência e a cidade o pegou de volta. Está abandonado desde então.

— Aposto que é onde ele está. — Sterling disse. Era só uma intuição, mas parecia verdadeira. Eles iriam pegar o bastardo naquela manhã, e qualquer um

que estivesse com ele. — Chame a Polícia Estadual. Eu quero vinte patrulheiros, vinte pelo menos, mais eu e você. E Frankland. Tire Frankland do escritório.

— Ele deve estar na cama, na verdade…

— Tire-o de lá. E diga a Norman para trazer o rabo pra cá. Ele pode ficar ao telefone.

— Tem certeza que é assim que você quer…

— Sim. Blaisdell é um trapaceiro, ele é um idiota, e é relaxado. — que trapaceiros eram relaxados, era um artigo de fé na igreja privada de crenças de Albert Sterling. — Para onde mais

ele iria? — ele olhou para o relógio. Eram 5:45. — Eu só espero que a criança ainda esteja viva. Mas não estou apostando nisto.

Blaze acordou às 6:15. Ele se virou para dar uma olhada em Joe, que passara a noite com ele. O calor humano extra parecia ter feito algum bem ao rapazinho. Sua pele estava fria, e o som bronquial de sua respiração havia diminuído. Entretanto, aquelas febris manchas avermelhadas em suas bochechas ainda estavam lá. Blaze pôs um dedo na boca do bebê (Joe começou

a sugar imediatamente), e sentiu uma nova protuberância na gengiva esquerda. Quando ele a pressionou, Joe gemeu em seu sono e afastou seu rosto.

— Maldito dente. — Blaze suspirou. Ele olhou para a testa de Joe. A ferida havia coagulado e ele não achou que ela deixaria uma cicatriz. Isso era bom. Sua testa liderava o comando de sua vida. Era um lugar torpe para se ter uma cicatriz.

Sua inspeção terminara, mas ele ainda olhava para o rosto do bebê adormecido, fascinado. Exceto pelo arranhão denteado, a pele de Joe era perfeita.

Branca, mas com brilhantes tons de

oliva. Blaze achou que ele nunca queimaria ao sol, mas chegaria a uma bela cor de velha madeira. *Ele ficaria tão escuro que algumas pessoas o tomariam como um negro*, *talvez*, Blaze pensou. *Ele não ficaria todo camarão que nem eu*. As pálpebras de Joe eram de um azul fraco, mas discernível. O mesmo azul que fazia um par de pequenos arcos abaixo de seus olhos fechados. Os lábios eram rosados e levemente carnudos.

Blaze pegou uma das mãos e a segurou. Os dedos se curvaram instantaneamente sobre seu mindinho. Blaze achou que elas se tornariam grandes mãos. Elas poderiam algum dia segurar o martelo de um carpinteiro, ou a ferramenta de um

mecânico. Até mesmo o pincel de um artista.

O despontar das possibilidades da criança o fez tremer. Ele sentiu uma grande necessidade de levantar o bebê. E por quê? Para que ele pudesse assistir os olhos de Joe se abrirem, e olhar para ele. Quem sabe o que aqueles olhos poderiam ver nos anos que viriam? Ainda assim, agora eles estavam fechados.

Joe estava fechado. Ele era como um maravilhoso e terrível livro onde a história fora escrita com tinta invisível.

Blaze percebeu que ele não se importava mais com o dinheiro. Ele se importava em ver quais palavras

apareceriam em todas aquelas páginas. Quais imagens.

Ele beijou a pele limpa logo acima do ferimento, então jogou pra trás seu cobertor e foi até a janela. Ainda nevava; ar e terra estavam branco no branco.

Ele imaginou que deveria ter subido mais vinte centímetros durante a noite. E

ainda não havia terminado.

Eles quase te pegaram, Blaze.

Ele se virou.

— George? — ele chamou cautelosamente. — É você, George?

Não era. Isso havia vindo de sua própria cabeça. E por que em nome de

Deus ele teria pensado nisso?

Ele olhou para a janela novamente. Seu cenho mutilado franziu em um pensamento. Eles sabiam quem ele era. Ele havia sido estúpido e dado à operadora seu nome de verdade, todinho até o Junior do fim. Ele achou que tinha sido esperto, mas ele fora estúpido. De novo. Estupidez era uma prisão da qual nunca te deixavam sair, nenhum desconto por bom comportamento, era perpétuo.

George teria dado sua velha risada-relincho com certeza. George teria dito, “Aposto que eles foram imediatamente cavar seus registros”. Os Grandes Sucessos de Clayton Blaisdell. Era verdade. Eles leriam sobre seu golpe

religioso, sua estadia em South Portland, seu tempo no LH…

E então, como um meteoro riscando através de sua consciência confusa: Este é o LH!

Blaze olhou em volta subitamente, como se para verificar isto.

Eles quase te pegaram, Blaze.

Ele começou a se sentir assombrado novamente, preso em um círculo estreito. Ele pensou na sala de interrogatório branca, de ter de ir ao banheiro, de ter questões jogadas em você que você não tinha tempo de responder. E desta vez não seria um pequeno julgamento em uma sala de corte meio vazia. Desta vez seria um

circo, com cada assento ocupado. Então prisão para sempre. E

confinamento na solitária se ele enlouquecesse.

Estes pensamentos o encheram de terror, mas estavam longe de serem os piores. O pior era pensar neles invadindo o local com suas armas sacadas e levando o bebê para longe. Seqüestrando-o de novo. Seu Joe.

Suor desceu por seu rosto e braços, a despeito do frio da sala.

Seu pobre idiota. Ele crescerá para odiá-lo. Eles vão se certificar disto.

Esse tampouco foi George. Esse foi seu pensamento, e era verdadeiro.

Ele começou a queimar o cérebro furiosamente, tentando fazer um plano.

Tinha de haver um lugar para onde ir. Tinha de haver.

Joe começou a despertar, mas Blaze sequer o ouviu. Um lugar para ir. Um lugar seguro. Algum lugar seguro. Um lugar secreto onde não poderiam encontrá-lo. Um lugar que até mesmo George não conhecia, um lugar…

A inspiração o engolfou.

Ele se virou para a cama. Os olhos de Joe estavam abertos. Quando ele viu Blaze, deu um sorriso e enfiou o polegar na boca—um gesto quase confiante.

— Tem que comer, Joe. Rápido. Vamos ter que fugir, mas eu tenho uma

idéia.

Ele alimentou Joe com bife picado misturado com queijo. Joe já comera uma lata inteira desta coisa de uma vez, mas desta vez ele começou a virar a cabeça para o lado depois da quinta colher. E quando Blaze tentou forçar, ele começou a chorar. Blaze trocou isso por uma das mamadeiras e Joe começou a sugar avidamente. O problema era que só restavam três.

Enquanto Joe ficava deitado no cobertor com a mamadeira presa em suas mãos em forma de estrelas do mar, Blaze correu pelo quarto pegando as coisas e empacotando tudo. Ele abriu o pacote de fraldas e as enfiou dentro de sua camisa, até que ficou estufado como

um homem gordo de circo.

Então se ajoelhou e começou a vestir Joe o mais quente que pôde: duas camisas, dois pares de calças, um suéter, um pequeno gorro cosido. Joe berrou indignado durante toda esta tribulação. Blaze não percebeu. Quando o bebê estava vestido, ele formou uma pequena algibeira com dois cobertores e colocou Joe dentro.

O rosto do bebê estava agora roxo de fúria. Seus berros ecoaram para cima e para baixo no corredor decadente quando Blaze o carregou do escritório do diretor e seguiu escada abaixo. No pé da escada, ele colocou seu próprio boné na cabeça de Joe, tomando cuidado para entortá-lo para esquerda. Isso o cobriu

até os ombros. Então ele saiu para a neve que caia.

Blaze cruzou o quintal e escalou com esforço a parede de cimento no fundo. A terra do outro lado fora uma vez o Jardim da Vitória. Não havia nada aqui agora, exceto arbustos secos (as únicas saliências arredondadas abaixo da neve) e jovens pinheiros esqueléticos que cresciam sem motivo. Ele trotou lentamente com o bebê seguro firmemente contra seu peito. Joe não chorava agora, mas Blaze podia sentir seus curtos anseios por respiração,

enquanto ele lutava contra o ar de dez graus.

No fim do Jardim da Vitória havia outra parede, esta era empilhada de rochas. Várias pedras haviam caído, deixando buracos. Blaze galgou um destes e desceu os degraus íngremes do outro lado em uma série de pulos e escorregos.

Seus calcanhares produziram nuvens de neve em pó. No fundo, a floresta começava de novo, mas um grande incêndio havia queimado o lugar trinta e cinco ou quarenta anos antes. As árvores e alguns arbustos haviam crescido novamente, lutando uns com as outras por espaço e luz. Havia árvores caídas por todo o lugar. A maioria coberta pela

neve, e Blaze teve de diminuir a despeito de sua necessidade de se apressar. O vento uivou pelo topo das árvores; ele pôde ouvir os troncos gemendo e protestando.

Joe começou a soluçar. Era um som gutural e sem fôlego.

— Está tudo bem. — Blaze disse. — Estamos chegando lá.

Ele não tinha certeza se a velha cerca de arame farpado ainda estaria lá, mas estava. Estava coberta quase até o topo, e ele quase tropeçou nela, caindo na neve com o bebê. Ele passou por cima—cuidadosamente—e desceu um grande rachão no chão. O solo se partia aqui, e o esqueleto da terra aparecia. A

neve estava menos densa. O vento estava agora uivando acima de suas cabeças.

— Aqui. — Blaze disse. — É aqui em algum lugar.

Ele começou a procurar para cima e para baixo mais ou menos na metade do caminho onde o chão nivelava, vendo a confusão de rochas, raízes expostas, bolsos de neve, e agulhas de pinheiros soterrados. Ele não conseguia achar. O pânico começou a ascender em sua garganta. O frio estaria atravessando os cobertores agora, e através das camadas de roupas de Joe.

E atravessaria mais fundo, talvez.

Ele começou a descer novamente,

então escorregou e caiu de bunda, ainda agarrando o bebê contra o peito. Houve uma chama aguda de dor em seu calcanhar direito, como se alguém houvesse enfiado faíscas dentro de sua carne.

E ele se encontrou observando uma sombra triangular entre duas rochas redondas que se inclinavam mutuamente, como seios. Ele engatinhou na direção delas, ainda segurando Joe contra si. Sim, era ali. Sim, e sim, e sim. Ele abaixou a cabeça e rastejou para dentro.

A caverna era escura e úmida, e surpreendentemente quente. O chão estava coberto com antigos galhos de pinheiros. Blaze foi varrido por um *déjà*

vu.

Ele e John Cheltzman haviam trazido os galhos depois tropeçarem neste lugar por acidente em uma proibida tarde longe do LH.

Blaze deitou o bebê em uma cama de galhos, apalpou os bolsos de sua jaqueta procurando por fósforos de cozinha que ele sempre mantinha ali, e acendeu um. Com sua luz ondulante, ele pôde ver as marcações que Johnny havia feito na parede.

Johnny C e Clay Blaisdell. 15 de Agosto. Terceiro ano no Inferno.

Estava escrito em grafite.

Blaze tremeu—não de frio, não aqui—

e sacudiu o fósforo.

Joe olhava para ele da escuridão. Ele estava arfando. Seus olhos estavam repletos de desespero. Então ele parou de arfar.

— Cristo, o que há com você? — Blaze choramingou. As paredes de rocha rebateram sua voz de volta para seus próprios ouvidos. — O que há de errado? O que há…

Então ele percebeu. Os cobertores estavam apertados demais. Ele havia os puxado em volta de Joe quando o colocara no chão, ele havia puxado forte demais. O garoto não conseguia respirar. Ele os afrouxou com os dedos trêmulos.

Joe abriu a boca para dar uma enorme inspirada no úmido ar da caverna, e começou a chorar. Era um som trêmulo e fraco.

Blaze tirou as fraldas da camisa, então pegou uma das mamadeiras. Ele tentou dar o mamilo de borracha para Joe, mas Joe virou a cabeça.

— Espere então. — Blaze disse. — Apenas espere.

Ele pegou seu boné, o colocou, o empurrou para esquerda, e então saiu.

Ele pegou boa madeira morta de um

emaranhado ao fim da ravina, e pescou o carvão abaixo dela.

Ele as colocou no bolso. Quando ele voltou para a caverna, ele fez uma pequena fogueira e a acendeu. Havia uma pequena fissura acima da entrada principal, grande o bastante para criar uma corrente de ar e jogar a maior parte da fumaça para fora. Ele não tinha que se preocupar com alguém vendo a fumaça, ao menos não até que o vento morresse e a neve parasse.

Ele alimentou o fogo, madeira por madeira, até que ele ficasse bem vivo.

Então ele colocou Joe no colo e o aqueceu. O rapazinho respirava agora mais naturalmente, mas o ruído

bronquial ainda estava lá.

— Vou te levar a um médico. — Blaze lhe disse. — Quando a gente sair dessa. Ele vai te consertar. Vai te deixar novinho em folha.

Joe sorriu para ele repentinamente, mostrando seu novo dente. Blaze sorriu de volta, aliviado. O garoto não poderia estar tão mal se ainda estava sorrindo, certo? Ele ofereceu um dedo a Joe. Joe envolveu sua mão ao redor dele.

— Bate aqui, mano. — Blaze disse, e riu. Então ele tirou uma mamadeira fria do bolso de sua jaqueta, limpou os restos de carvão do bocal, e a colocou próxima ao fogo para aquecê-la. Do lado de fora, o vento uivou e gemeu, mas

aqui dentro era quente e aconchegante. Ele desejou ter se lembrado da caverna antes. Teria sido melhor do que o LH. Fora errado trazer Joe ao orfanato. Era o que George teria chamado de péssimo lance.

— Bem… — Blaze disse. — Você não vai se lembrar. Vai?

Quando a garrafa estava morna ao toque, ele a deu a Joe. Desta vez o bebê a pegou vorazmente, e tomou a coisa toda. Enquanto ele acabava, seus olhos tomaram aquele semblante vítreo e distante que Blaze viera a conhecer tão bem.

Ele colocou Joe no ombro e o ninou para frente e para trás. O bebê arrotou

duas vezes e falou suas palavras sem sentido por talvez cinco minutos. Então ele parou. Seus olhos estavam fechados de novo. Blaze estava ficando acostumado aos horários dele. Joe dormiria agora por quarenta e cinco minutos—uma hora talvez—e então ficaria ativo pelo resto da manhã.

Blaze receou deixá-lo, especialmente depois do acidente na noite anterior, mas era vital. Seus instintos lhe diziam isso. Ele deitou Joe em um dos cobertores, colocou o outro sobre ele, e ancorou o cobertor do topo com grandes rochas. Ele achou—esperou—que se Joe acordasse enquanto ele estivesse fora, ele poderia se virar, mas não sair engatinhando. Isso seria bom o bastante.

Blaze saiu da caverna, então começou a voltar pelo caminho que viera, seguindo seus rastros. Eles já estavam começando a desaparecer. Ele se apressou, e quando o terreno abriu, ele começou a correr. Já passava das sete e quinze da manhã.

Enquanto Blaze se preparava para alimentar o bebê, Sterling estava no veículo de comando da operação de apreensão e resgate, um 4X4. Ele sentava no banco do passageiro. Um Patrulheiro Estadual dirigia. Com seu grande chapéu achatado retirado, o

patrulheiro parecia um recruta dos fuzileiros depois de seu primeiro corte de cabelo. Para Sterling, a maioria dos patrulheiros estaduais pareciam recrutas dos fuzileiros navais. E a maioria dos agentes do FBI pareciam advogados ou contadores, o que combinava perfeitamente, uma vez que…

Ele agarrou seus pensamentos alados e os colocou de volta ao chão.

— Não dá pra empurrar essa coisa mais rapidamente?

— Claro. — O patrulheiro disse. — E então podemos passar o resto da manhã catando nossos dentes em bancos de neve.

— Não há necessidade de tomar esse

tom, há?

— O clima me deixa nervoso. — o patrulheiro disse. — Esta é uma tempestade de merda. O chão está escorregadio como o inferno.

— Certo. — Sterling olhou para o relógio. — Quanto falta para Cumberland?

— Vinte e cinco quilômetros.

— Quanto tempo?

O patrulheiro deu de ombros.

— Vinte e cinco minutos?

Sterling grunhiu. Esta era uma "cooperação arriscada" entre o Bureau e a Polícia Estadual do Maine, e a única coisa que ele odiava mais do que

“cooperações arriscadas” eram canais primários. A possibilidade da merda se amontoar quando se trazia a polícia estadual para dentro do assunto. É claro que a coisa aumentava de probabilidade quando o Bureau era forçado nesta horrível “cooperação arriscada” com a polícia local, mas isto era ruim o bastante: percorrer pontos com um fuzileiro falso que tinha medo de ir a mais de cinqüenta.

Ele se mexeu no assento, e a ponta de sua pistola espetou suas costas. Mas era assim que ele sempre a levava. Sterling confiava em sua arma, seu Bureau, seu faro. Ele tinha um faro tão bom quanto um cão caçador. Um cão caçador podia fazer mais do que cheirar um perdiz ou

um peru nos arbustos; um bom cão caçador podia cheirar o medo deles, e de que modo o medo causaria seu pânico, e quando. Ele sabia quando a ânsia de voar do pássaro dominaria sua necessidade de permanecer imóvel, em seu esconderijo.

Blaisdell estava em um esconderijo, provavelmente seu lar de órfãos morto. Estava tudo bem com isso, mas Blaisdell entraria em pânico. O faro de Sterling lhe dizia isso. E embora o cuzão não tivesse asas, ele tinha pernas e poderia correr.

Sterling também estava ficando certo de que Blaisdell estava sozinho. Se houvesse mais alguém—o cérebro da operação que Sterling e Granger haviam

tomado por garantido a princípio—eles já teriam ouvido falar dele, se não fosse pela razão de que Blaisdell era burro como uma porta. Não, ele provavelmente estava nessa sozinho, e provavelmente enfiado naquele velho orfanato (como um pombo caseiro de merda, Sterling pensou), certo de que ninguém procuraria ele por lá. Nenhuma razão para acreditar que eles o encontrariam, agachado como uma codorna assustada atrás de um arbusto.

Exceto que Blaisdell estava em alerta. Sterling sabia disso.

Ele olhou para seu relógio. Acabara de passar das 6:30.

A rede cairia sobre uma área

triangular: ao longo da Rota 9 para o oeste, uma estrada secundária chamada Estrada do Mergulhão ao norte, e uma velha estrada fora do mapa ao sudeste. Quando todos estivessem em suas posições, a rede começaria a se fechar, colapsando no Lar Hetton. A neve era um saco, mas lhes daria cobertura quando eles se mexessem.

Isso soava bem, mas…

— Não pode empurrar essa coisa mais rapidamente? — Sterling perguntou. Ele sabia que era errado perguntar, errado pressionar o cara, mas ele não podia evitar.

O Patrulheiro olhou para o homem sentado ao seu lado. Para a pequena e

comprimida face e olhos quentes de Sterling. E ele pensou: Este Pirado de Primeira pretende matar o cara, eu acho.

— Coloque o cinto, Agente Sterling. — ele disse.

— Já o fiz. — Sterling disse. E o esticou com o polegar como se fosse um colete.

O patrulheiro suspirou e pisou um pouco mais no acelerador.

Sterling deu a ordem às sete horas da manhã, e as forças reunidas se moveram. A neve estava muito densa—mais de um

metro em alguns lugares— mas os homens vieram, contatando-se via rádio, uns com os outros. Ninguém reclamou. A vida de uma criança estava em risco. A neve que caia deu a tudo uma urgência pesada e surreal. Eles pareciam figuras em um velho filme mudo, um melodrama em sépia onde não se havia dúvida de quem era o vilão.

Sterling comandou a operação como um bom chefe, ficando no topo das coisas com um walkie-talkie. Os homens que viam do leste tinham o terreno mais fácil, então ele os atrasou para mantê-los em sincronia com aqueles que viam da Rota 9 e da Colina do Mergulhão até a Estrada do Mergulhão. Sterling queria o Lar Hetton cercado, mas ele queria

mais. Ele queria cada arbusto de seu pássaro, obliterado no caminho.

— Sterling, aqui é Tanner. Está na escuta?

— Recebido, Tanner. Pode falar.

— Estamos na estrada que leva ao orfanato. A corrente ainda está cruzando a estrada, mas o cadeado foi estourado. Ele está lá em cima, pode crer.

Câmbio.

— Entendido. — Sterling disse. A excitação percorreu ao longo de seus nervos em todas as direções. A despeito do frio, ele sentiu o suor correr em suas virilhas e axilas. — Você consegue ver marcas de pneus recentes, câmbio?

— Não, senhor. Câmbio.

— Continue. Câmbio e desligo.

Eles o haviam pegado. O grande medo de Sterling fora de que Blaisdell os houvesse enganado de novo—fugido em um carro com o bebê e os enganado de novo—mas não.

Ele falou suavemente no walkie e os homens se moveram mais rapidamente, arfando através da neve como um bando de cães.

Blaze escalou a parede entre o Jardim da Vitória e o quintal do LH. Ele correu

para a porta. Sua mente era um clamor aterrorizante. Seus nervos sentiam-se como pés desnudos caminhando sobre vidro quebrado. As palavras de George ecoavam em seu cérebro, vindo até ele de novo e de novo: *Eles quase te pegaram, Blaze*.

Ele correu escada acima em saltos loucos, entrou no escritório, e começou a enfiar tudo—roupas, comida, mamadeiras—no berço. Então ele desceu como um trovão pelas escadas e saiu correndo porta a fora.

Era 7:30.

7:30.

— Parem. — Sterling disse quietamente em seu walkie-talkie. — Todo mundo parado por um minuto. Granger? Bruce? Câmbio?

A voz que ele recebeu de volta soou apologética.

— Aqui é Corliss.

— Corliss? Eu não quero você, Corliss. Eu quero Bruce. Câmbio.

— O Agente Granger está ferido, senhor. Acho que ele quebrou a perna.

Câmbio?

— Como é?

— Estas florestas estão cheias de buracos letais, senhor. Ele, ah, pisou em um e ele cedeu. O que devemos fazer? Câmbio.

Tempo, correndo. A visão em sua mente era de uma grande ampulheta cheia de neve e Blaisdell escapando pelo meio. Na porra de um trenó.

— Coloque uma tala nele, deixe-o aquecido, e deixe seu walkie com ele.

Câmbio.

— Sim, senhor. Quer falar com ele? Câmbio?

— Não. Quero seguir em frente. Câmbio.

— Sim, senhor, tudo limpo.

— Ótimo. — Sterling disse. — Todos os líderes dos grupos, vamos nessa.

Câmbio final.

Blaze atravessou correndo o Jardim da Vitória, arfando. Ele alcançou a rocha arruinada no canto mais longe, escalou, e escorregou o declive, na direção da floresta, apertando o berço contra o peito.

Ele se levantou, começou a seguir em frente, então parou. Ele abaixou o berço e tirou a arma de George do cinto. Ele não havia visto nada, nem ouvido nada,

mas ele sabia.

Ele correu para trás do tronco de um grande e velho pinheiro. A neve chicoteou sua bochecha esquerda, deixando-a adormecida. Ele esperou sem se mexer. Por dentro, sua mente estava em fúria. A necessidade de voltar para Joe era como uma dor, mas a necessidade de ficar lá parado, esperando, quieto, era tão forte quanto.

E se Joe saísse dos cobertores e engatinhasse para o fogo?

Ele não faria isso, Blaze disse a si mesmo. *Até mesmo bebês têm medo de fogo.*

E se ele engatinhasse para fora da caverna até a neve? E se ele estivesse

congelando até a morte agora mesmo, enquanto Blaze ficava ali como um idiota?

Ele não vai. Ele está dormindo.

Sim, e não havia garantia de quanto tempo ele ficaria assim, em um lugar estranho. Ou se o vento mudar de direção, e a caverna ficar cheia de fumaça?

Enquanto você fica aqui parado, a única pessoa viva em quatro quilômetros, talvez oito…

Ele não era o único. Alguém estava por ali. Outra pessoa.

Mas a floresta estava silenciosa, exceto pelo vento, as árvores rangentes,

e o leve assobio da neve caindo.

Hora de ir.

Só que não era. Era hora de esperar.

Você deveria ter matado a criança quando eu te disse, Blaze.

George. Em sua cabeça agora. Cristo!

Eu nunca fui a lugar algum. Agora vá!

Ele decidiu que iria. Então decidiu contar até dez. Ele havia chegado a seis, quando alguma coisa se destacou no cinturão de árvores verdes-cinzentas mais abaixo no declive. Era um Patrulheiro Estadual, mas Blaze não sentiu medo.

Algo havia queimado seu medo, e ele estava mortalmente calmo. Apenas Joe

importava agora, tomar conta de Joe. Ele achou que o Patrulheiro não o veria, mas o Patrulheiro não deixaria de ver os rastros, e isso era muito ruim.

Blaze viu que o Patrulheiro ultrapassaria sua posição pela direita, então ele deslizou ao redor do tronco do grande pinheiro para a esquerda. Ele pensou em quantas vezes ele, John e Polegar haviam brincado nestas florestas; caubóis e índios, tiras e ladrões. Se atirassem com um pedaço de galho, você estava morto.

Um tiro terminaria tudo. Sequer tinha de matar ou ferir qualquer um deles.

O som teria sido o bastante. Blaze sentiu uma veia pulsar em seu pescoço.

O Patrulheiro parou. Ele havia visto os rastros. Tinha de ter visto. Ou um pedaço da roupa de Blaze saindo por detrás da árvore. Blaze baixou a trava de segurança da pistola de George. Se tivesse de haver um tiro, ele queria que fosse seu.

Então o Patrulheiro voltou a se mexer. Ele olhava para a neve de tempos em tempos, mas direcionava a maior parte de sua atenção para a vegetação. Ele estava a quarenta e cinco metros agora. Não… menos do que isso.

Pela esquerda, Blaze ouviu alguém topar em um buraco, ou em galhos baixos, e soltar um alto xingamento. Seu coração afundou ainda mais em seu peito. As florestas estavam infestadas,

então. Mas talvez… talvez se todos eles estivessem indo na mesma direção…

Hetton! Eles estavam cercando o Lar Hetton! Claro! E se ele pudesse voltar para a caverna, ele estaria do lado oposto ao deles. Então, mais adentro das florestas, talvez quatro quilômetros, havia uma estrada não mapeada…

O Patrulheiro havia se aproximado mais vinte metros. Blaze deslizou um pouco mais ao redor da árvore. Se alguém aparecesse agora pelos arbustos do seu lado aberto, ele estava morto.

O Patrulheiro estava passando pela árvore, Blaze podia ouvir as pisadas de suas botas na neve. Podia até mesmo ouvir o tilintar das moedas nos bolsos

do Patrulheiro. E o ranger de seu cinto. Isso também.

Blaze se moveu ainda mais ao redor da árvore, dando pequenas passos.

Então ele esperou. Quando ele espiou de novo, o Patrulheiro estava de costas para Blaze. Ele não havia visto os rastros ainda, mas iria. Ele estava pisando nelas.

Blaze saiu e andou na direção do Patrulheiro em passos largos e silenciosos. Ele virou a pistola de George, de modo que a ficou segurando pelo cano.

O Patrulheiro olhou para baixo e viu os rastros. Ele enrijeceu, então pegou o walkie-talkie no cinto. Blaze ergueu a

arma e a desceu com força. O

Patrulheiro grunhiu e cambaleou, mas seu grande chapéu absorvera a maior parte da força do golpe. Blaze lançou a coronha de novo, lateralmente, e atingiu o Patrulheiro no lado esquerdo da cabeça. O som foi surdo. O chapéu do Patrulheiro caiu para o lado oposto e ficou preso ao lado de seu rosto. Blaze viu que ele era jovem, pouco mais do que um garoto. Então os joelhos do Patrulheiro destravaram e ele desabou, espalhando neve por toda sua volta.

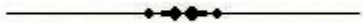
— Porra. — Blaze disse. Ele estava chorando. — Por que não podem deixar um cara em paz?

Ele pegou o Patrulheiro pelas axilas e

o arrastou até o grande pinheiro. Ele colocou o cara de pé, e pôs o chapéu de volta na cabeça dele. Não havia muito sangue, mas Blaze não se deixara enganar por isso. Ele sabia o quão forte ele podia bater. Ninguém sabia disso melhor do que ele. Havia pulsação no pescoço do Patrulheiro, mas não muita. Se seus colegas não o encontrassem rápido, ele morreria. Ora, quem pediu pra ele vir? Quem pediu pra ele meter o bedelho onde não era chamado?

Ele pegou o berço e começou a se mover. Faltava quinze para as oito quando ele voltou para a caverna. Joe ainda dormia, isso fez Blaze chorar novamente, desta vez de alívio. Mas a caverna estava fria. Neve havia entrado

e apagado o fogo.

Blaze começou a acendê-lo de novo.

O Agente Especial Bruce Granger assistiu Blaze descer a ravina e se entocar na pequena boca da caverna. Granger estivera deitado lá impassivelmente, esperando pela caçada terminar de um jeito ou de outro, para que alguém pudesse carregá-lo para fora dali. Sua perna doía como o inferno, e ele estivera se sentindo como um idiota.

Agora ele se sentia como alguém que ganhara a loteria. Ele pegou o walkie

que Corliss deixara.

— Granger para Sterling. — ele disse quietamente. — Câmbio.

Estática. Um branco estático peculiar.

— Albert, aqui é Bruce. É urgente. Câmbio?

Nada.

Granger fechou os olhos por um momento.

— Filho de uma cadela. — ele disse. Então abriu os olhos e começou a engatinhar.

8:10.

Albert Sterling e dois Patrulheiros Estaduais permaneciam no velho escritório de Martin Coslaw com suas armas sacadas. Havia um cobertor enfiado em um canto. Sterling viu duas mamadeiras de plástico vazias, e três latas vazias de leite que pareciam ter sido abertas à canivete. E duas caixas de fraldas Pampers.

— Merda. — ele disse. — Merda, merda, merda.

— Ele não pode estar longe. — Franklin disse. — Ele está a pé. Com o garoto.

— Faz dez graus lá fora. — alguém no corredor notou.

Sterling pensou: Um de vocês me diga alguma coisa que eu não saiba, caralho.

Franklin estava olhando em volta.

— Onde está Corliss? Brad, você viu Corliss?

— Acho que ele ainda está lá embaixo. — Bradley disse.

— Vamos voltar para as florestas. — Sterling disse. — O safado tem que estar nas florestas.

Houve um tiro. Foi fraco, abafado pela neve, mas inconfundível.

Eles se entreolharam. Houve cinco segundo de perfeito silêncio e choque.

Talvez sete. Então eles dispararam pela porta.

Joe ainda estava adormecido quando uma bala entrou pela caverna. Ela ricocheteou duas vezes, soando como uma abelha furiosa, fazendo voar lascas de granito. Blaze estivera preparando as fraldas; ele queria trocar Joe, certificar-se de que ele estaria seco antes de partirem.

Agora Joe começou a acordar e a chorar. Suas pequenas mãos voavam pelo ar. Uma das lascas de granito havia cortado seu rosto.

Blaze não pensou. Ele viu o sangue e

seus pensamentos cessaram. O que os substituíram foi negro e assassino. Ele irrompeu para fora da caverna e atacou na direção do som do tiro, berrando.

CAPÍTULO 22

BLAZE ESTAVA SENTADO no balcão do Moochie's, comendo uma rosquinha, e lendo um gibi do Homem-Aranha, quando George entrou em sua vida. Era Setembro. Blaze não trabalhava há dois meses, e o dinheiro estava curto. Vários dos sabichões com quem ele trabalhara haviam sido presos. O próprio Blaze havia sido interrogado sobre um assalto a um escritório de empréstimos em Saugus, mas ele não estivera neste trabalho e havia parecido tão honestamente confuso que os tiras o deixaram ir. Blaze estava pensando em tentar recuperar seu velho trabalho na

lavanderia do hospital.

— É ele. — alguém disse. — Esse que é o Bicho-Papão.

Blaze se virou e viu Hankie Melcher. Parado ao lado dele estava um rapazote de terno fino. O rapazote era pálido e olhos que pareciam queimar como carvão.

— Oi, Hank. — Blaze disse. — Não tenho te visto.

— Ah, férias penitenciárias. — Hank disse. — Eles me soltaram porque não conseguem contar por lá. Não é mesmo, George?

O rapazote nada disse, apenas sorriu levemente e seguiu olhando para Blaze.

Aqueles olhos quentes deixaram Blaze desconfortável.

Moochie se aproximou, limpando as mãos em seu avental.

— E aí, Hankie.

— Sorvete de chocolate pra mim. — Hank disse. — Quer um, George?

— Apenas café. Preto.

Moochie se foi.

— Blaze, quero que conheça meu cunhado. George Rackley, Clay Blaisdell. — Hank disse.

— Oi. — Blaze disse. Isto cheirava a trabalho.

— E aí. — George balançou a cabeça.

— Você é um puta gigante, sabia?

Blaze riu como se ninguém nunca houvesse observado que ele era um puta gigante antes.

— George é uma peça rara. — Hank disse, sorrindo. — Ele é tipo Bill Crosby. Só que branco.

— Claro. — Blaze disse, ainda sorrindo.

Moochie voltou com o sorvete de Hankie e o café de George. George tomou um gole, e fez careta. Ele olhou para Moochie.

— Você sempre caga no copo de café, ou às vezes usa a privada, Raio de Sol?

— George não quis ofender. — Hank

disse a Moochie. George assentiu.

— Isso mesmo. Eu sou uma peça rara, é só isso. Vai passear um pouco, Hankie. Vá lá pro fundão e jogue fliperama.

Hankie ainda estava sorrindo.

— É, certo. Certinho.

Quando ele se foi e Moochie voltara para o fundo do balcão, George se virou para Blaze novamente.

— Aquele retardado disse que você pode estar à procura de um trabalho.

— Isso mesmo. — Blaze disse.

Hankie colocou as fichas na máquina de fliperama, então levantou as mãos e começou a vocalizar o que poderia ser o

tema de Rocky. George apontou com a cabeça para ele.

— Agora que ele está solto, Hankie tem grandes planos. Um posto de gasolina em Malden.

— É mesmo? — Blaze perguntou.

— É. O crime da porra do século. Quer ganhar cem pratas nesta tarde?

— Claro. — Blaze respondeu sem hesitar.

— Você fará exatamente o que eu disser?

— Claro. Qual o lance, Sr. Rackley?

— George. Chame-me de George.

— Qual é o lance, George? — então

ele reconsiderou os olhos urgentes e quentes, e disse, “Eu não machucarei ninguém”.

— Nem eu. Bangue-bangue é pra covardes. Agora escute.

Naquela tarde, George e Blaze entraram no Hardy’s, uma próspera loja de departamento em Lynn. Todos os balconistas no Hardy’s usavam blusas rosas com mangas brancas. Eles também usavam insígnias que diziam “OI! EU SOU

DAVE! Ou JOHN!”. Ou quem quer que

fosse. George estava usando uma destas blusas abaixo de sua camisa normal. Sua insígnia dizia “OI! EU SOU FRANK!”.

Quando Blaze viu isso, ele assentiu.

— Isso é que nem um pseudônimo, certo? — ele disse.

George sorriu—não o sorriso que ele usava quando estava perto de Hankie Melcher—e disse: “Sim, Blaze. Como um pseudônimo”.

Algo naquele sorriso fez Blaze relaxar. Não havia nada de malvado nele.

E já que eram apenas eles dois neste lance, não haveria ninguém para cutucar George nas costelas quando Blaze dissesse algo idiota, deixando-o de fora. Blaze não tinha certeza se George

sorriria se fosse outra pessoa ali. Ele poderia ter dito algo como “guarde seu cotovelo pra si mesmo, bostão”. Blaze se encontrou gostando de alguém pela primeira vez desde que John Cheltzman morrera.

George havia arado duramente sua própria fileira pela vida. Ele nascera na ala de caridade do hospital da Providência Católica chamada St. Joseph: mãe solteira, pai desconhecido. Ela resistiu às sugestões das enfermeiras de dar o menino para adoção, e o usou como um taco para atacar a própria família como alternativa. George cresceu no lado humilde da cidade, e realizou seu primeiro golpe aos quatro anos. Sua mãe estava para lhe dar uma

palmada por derrubar uma tigela de cereal. George disse a ela que um homem havia lhe trazido uma carta e a deixara no corredor. Enquanto ela procurava pela carta, ele a trancou do lado de fora do apartamento, e fugiu pela escada de incêndio. Mais tarde, ele levou palmadas em dobro, mas nunca se esqueceu da alegria de saber que ele havia vencido, ou ao menos por um tempo; ele perseguiria este sentimento pelo resto de sua vida. Era efêmero, mas sempre doce.

Ele era um menino brilhante e amargo. A experiência lhe ensinou coisas que perdedores como Hankie Melcher nunca aprenderiam. George e três velhos conhecidos (ele não tinha amigos)

roubaram um carro quando George tinha onze anos, fizeram um passeio de Providence até Central Falls, e foram pegos. O rapaz de quinze anos que estivera atrás do volante fora mandado para um reformatório.

George e os outros garotos tiveram sua liberdade vigiada. George também levou porradas monstruosas de um babaca de rosto cinzento que vivia com sua mãe na época. Este era Aidan O'Kellaher, que notoriamente possuía péssimos rins, o que lhe rendera o apelido de rua de Kelly Mijão. Mijão o bateu até que a meia-irmã de George gritasse para que ele parasse.

— Quer um pouco também? — Mijão perguntou, e quando Tansy balançou a

cabeça, ele disse, “Então fecha a merda dessa matraca”.

George nunca mais roubou outro carro sem motivo. Uma vez era o bastante para ensiná-lo que não havia porcentagem de diversão no passeio. Era um mundo sem diversão.

Aos treze, ele e um amigo foram pegos roubando um restaurante.

Liberdade vigiada novamente. E mais porrada. George não parou de roubar, mas melhorou sua técnica, e não foi pego de novo.

Quando George tinha dezessete, Mijão lhe arranjara um emprego no jogo do bicho. Nesta época, Providence era agraciada pelo renascimento fajuto que

se passava como prosperidade nos estados economicamente exaustos da Nova Inglaterra. O jogo do bicho seguia bem. Assim como George. Ele comprou roupas boas. Ele também começou a expandir suas habilidades. Mijão achou que George era um ótimo empresário mirim; ele trazia seiscentos e cinqüenta dólares toda quarta-feira. O que seu padrasto não sabia era que George estava ensacando outros duzentos.

Então a Máfia chegou a Atlantic City. Eles fizeram as contas. Alguns dos cidadãos de nível médio foram despachados. Kelly Mijão foi despachado em um cemitério de automóveis, onde ele foi descoberto com a garganta cortada e com suas bolas

no porta-luvas de um Chevrolet Biscayne.

Com seu sustento tirado, George se mandou para Boston. Ele levou sua irmã de doze anos com ele. O pai de Tansy também era desconhecido, mas George tinha suas suspeitas; Mijão tinha o mesmo queixo frágil.

Pelos sete anos seguintes, George aperfeiçoou qualquer tipo de golpe rápido. Ele também inventou alguns. Sua mãe apaticamente assinou um papel fazendo dele guardião legal de Tansy Rackley, e George manteve a putinha na escola. Chegou o dia em que ele descobriu que ela estava mexendo com heroína.

Ela também estava, que dias felizes, grávida. Hankie Melcher estava ansioso para casar com ela. George ficou surpreso a princípio, depois não mais. O mundo era cheio de idiotas caindo em cima de si mesmos só para lhe mostrar o quão espertos eles eram.

George se juntou a Blaze porque Blaze era um idiota sem pretensões. Ele não era um drogado, um maconheiro, ou um vagabundo qualquer. Ele não usava pedras ou maconha, quanto mais heroína. Blaze era puro. Ele era uma ferramenta, e em seus anos juntos, George o usou como tal. Mas nunca do jeito errado. Como um bom carpinteiro. George adorava boas ferramentas—aquelas que funcionavam como

deveriam toda vez. Ele podia dar as costas para Blaze.

Ele podia dormir em um quarto onde Blaze estava acordado, e saber que quando ele acordasse, a grana ainda estaria debaixo da cama.

Blaze também acalmava os acessos de fúria de George. Isso não era coisa fácil. Chegou um dia em que George entendeu que se ele dissesse, “Blazer, você tem que pular deste prédio, porque é assim que fazemos”… bem, Blaze assim o faria. De certo modo, Blaze era o Cadillac que George nunca teria—ele tinha grandes molas quando a estrada ficava difícil.

Quando entraram na Hardy's, Blaze foi direto para o provador masculino, como instruído. Ele não estava carregando sua própria carteira; ele estava carregando uma imitação de plástico barata que continha quinze dólares em dinheiro, e um crachá o identificando como David Billings.

Enquanto entrava no departamento, ele enfiou a mão no bolso traseiro— como se para checar que sua carteira ainda estava lá—e puxou três quartos dela.

Quando ele se inclinou para checar algumas roupas na prateleira de baixo, a carteira caiu no chão.

Esta era a parte mais delicada da operação. Blaze dava meia-volta, mantendo um olho na carteira sem parecer estar mantendo. Para o observador casual, ele teria parecido inteiramente absorto em sua inspeção das camisas de manga longa da Van Heusen. George lhe explicara tudo cuidadosamente. Se um homem honesto percebesse a carteira, então todas as apostas estavam canceladas, e eles seguiriam para o K-Mart. Às vezes levava meia dúzia de paradas até que o golpe funcionasse.

— Caramba. — Blaze disse. — Eu não sabia que tantas pessoas eram honestas.

— Não são. — George disse com um sorriso gélido. — Mas muitas são

medrosas. E mantenha seu olho na porra da carteira. Se alguém te enganar, você perde quinze pratas e eu perco uma carteira de identidade que vale muito mais.

Naquele dia na Hardy's eles tiveram sorte de principiante. Um homem vestindo uma camiseta com um jacaré no peito andou pelo corredor e viu a carteira, então olhou para ambos os lados do corredor para ver se alguém estava vindo. Ninguém. Blaze trocou uma camisa pela outra e então a provou em frente ao espelho. Seu coração batia como uma bomba.

Espere até que ele a embolse, George dissera. *Então faça cair o inferno*.

O homem com a camiseta do jacaré chutou a carteira para a prateleira de suéteres que ele estivera olhando. Então ele colocou a mão no bolso, pegou suas chaves do carro, e a largou no chão. Ops. Ele se inclinou para pegá-la, e surrupiou a carteira ao mesmo tempo. Ele as enterrou no bolso frontal da calça, então começou a se mandar.

Blaze soltou seu touro interior.

— Ladrão! Ladrão! É, VOCÊ!

Os consumidores se viraram e giraram os pescoços. Balconistas olharam.

O responsável por aquele corredor viu a origem da confusão e começou a correr na direção deles, parando na caixa registradora para apertar um botão

etiquetado como ESPECIAL.

O homem com o jacaré na teta ficou pálido… olhou em volta… e correu.

Ele deu quatro passos antes de Blaze o agarrar.

Segure-o, mas não o machuque, George disserra. *Continue a gritar. E faça o que fizer, não deixe que ele escape com a carteira. Se parecer que ele está tentando se livrar dela, dê uma joelhada no saco dele.*

Blaze pegou o homem pelos ombros, e começou a sacudi-lo de cima a baixo como um homem com uma garrafa de remédio. O homem com o jacaré na camiseta, talvez um fã de Walt Whitman, vocalizou seu berro bárbaro. Moedas

voaram de seus bolsos. Ele enfiou uma mão no bolso em que a carteira estava, como George disse que ele faria, e Blaze lhe acertou uma nas bolas—mas não muito forte. O homem com a camisa do jacaré berrou.

— Vou te ensinar a não roubar minha carteira! — Blaze gritou na cara do homem. Ele estava chegando lá agora. — Eu vou te matar!

— Alguém tire esse cara de cima de mim! — o cara berrou. — Tirem-no daqui!

Um dos balconistas do departamento masculino meteu o bedelho no assunto.

— Ei, já basta!

George, que estivera examinando a

seção de roupas casuais, desabotoou sua camisa, tirou sem se esforçar em disfarçar, e a colocou sobre uma pilha de camisetas. Ninguém estava olhando para ele, de qualquer forma. Eles estavam olhando para Blaze, que deu um poderoso puxão e rasgou a camiseta com o jacaré na teta direita bem no meio.

— Apartem-se! — o balconista berrava. — Parem com isso!

— O filho da puta pegou minha carteira! — Blaze gritava.

Um grande grupo de curiosos começou a se amontoar. Eles queriam ver se Blaze mataria o cara que estava segurando, antes que o supervisor, o detetive da loja, ou outra pessoa com

autoridade, chegasse.

George abriu duas das caixas registradoras do Departamento de Roupa Masculina e limpou tudo. Suas calças eram largas demais, e uma bolsa—meio que um bolso escondido—estava costurado na frente. Ele colocou as notas lá, sem se apressar. Notas de dez e de vinte primeiro—havia até mesmo algumas de cinqüenta, sorte de principiante, de fato—então algumas de cinco e de um.

— Apartem-se! — o supervisor berrava enquanto atravessava a multidão.

A Hardy’s tinha um detetive de loja, e ele seguia o calcanhar do supervisor. —

Já basta! Parem!

O detetive da loja colocou-se entre Blaze e o homem com a camisa rasgada do jacaré.

Pare de brigar quando os putos da loja chegarem, George dissera, *mas continue fingindo que quer matar o cara*.

— Cheque o bolso dele! — Blaze gritou. — O filho da puta me roubou!

— Eu peguei uma carteira no chão. — o homem-jacaré admiitiu. — E

estava me virando para ver se achava o possível dono quando este… este marginal…

Blaze investiu contra ele. O homem-

jacaré recuou berrando. O puto da loja empurrou Blaze. Blaze não se importou. Ele estava se divertindo.

— Calma, grandão. Fique quieto, garotão.

Enquanto isso, o supervisor perguntava ao homem-jacaré seu nome.

— Peter Hogan.

— Esvazie os bolsos, Sr. Hogan.

— Certamente que não o farei!

O puto da loja disse, “Esvazie ou vou chamar os tiras”.

George andou na direção da escada rolante, parecendo tão alerta e animado quanto o melhor empregado da Hardy’s que acabara de bater o ponto.

Peter Hogan considerou se deveria se pegar ou não aos seus direitos, então esvaziou os bolsos. Quando a multidão viu a carteira barata marrom, houve uma chuva de “ooohs”.

— É esta. — Blaze disse. — É minha. Ele deve ter tirado do meu bolso traseiro enquanto eu estava olhando as blusas.

— Tem uma carteira de identidade nela? — o puto da loja perguntou, abrindo a carteira.

Por um momento horrível deu um branco em Blaze. Então pareceu que George estava bem ao seu lado. *David Billings, Blaze*.

— Claro, de Dave Billings. — Blaze

disse. — Eu.

— Quanto tem de dinheiro nela?

— Não muito. Quinze pratas mais ou menos.

O puto da loja olhou para o supervisor e assentiu. A multidão repetiu os “ohs”. O puto da loja passou a carteira para Blaze, que a embolsou.

— Você vem comigo. — o puto da loja disse. Ele pegou o braço de Hogan.

— Apartem-se, gente, já acabou. Hardy’s está cheia de promoções esta semana, eu peço que as compre. — o supervisor disse. Blaze achou que ele havia soado tão bom quanto um anunciante de rádio; não era surpresa ele ter um trabalho de tanta

responsabilidade. Ele se virou para Blaze. — Pode vir comigo, senhor?

— Sim. — Blaze olhou para Hogan. — Apenas deixe que eu pegue a camisa que eu queria.

— Eu acho que você perceberá que sua camisa é um presente da Hardy's hoje. Mas gostaríamos de vê-lo brevemente no terceiro andar, pergunte pelo Sr. Flaherty. Sala 7.

Blaze assentiu e se virou para as camisas novamente. O supervisor saiu.

Não muito longe, um dos balconistas estava se preparando para abrir a registradora que George furtara.

— Ei, você! — Blaze disse para ele,

acenando.

— Posso ajudá-lo, senhor. — disse se aproximou… mas não muito — Este lugar tem uma praça de alimentação?

O balconista pareceu aliviado. “Primeiro andar”, ele disse.

— ‘Cê é o cara. — Blaze disse. Ele fez uma arma com o polegar direito e o dedo indicador, deu uma piscada para o balconista, e então saiu na direção da escada rolante. O balconista o observou sair. Pela hora em que ele voltou para a registradora, onde todos os compartimentos de notas estavam vazios, Blaze já estava na rua. George estava esperando em um velho Ford enferrujada. E assim eles se foram.

Eles conseguiram trezentos e quarenta dólares. George dividiu pela metade. Blaze ficou em êxtase. Fora o trabalho mais fácil que ele já fizera.

George era um gênio. Eles fariam o golpe por toda a cidade.

George recebeu tudo isto com a modéstia de um mágico de araque que acabara de tirar o coelho da cartola em uma festa infantil. Ele não contou a Blaze que esse golpe datava de seus dias na escola de gramática, quando dois garotos começaram uma luta perto

de um açougueiro, enquanto um terceiro esvaziara o caixa enquanto o proprietário tentara apartar a briga. Ele também não contou a Blaze que eles seriam pegos na terceira vez em que tentassem isso, senão na segunda. Ele simplesmente assentiu, deu de ombros, e aproveitou a admiração do grandão. Admiração? Blaze estava impressionado pra cacete.

Eles dirigiram até Boston, pararam numa loja de bebidas, e pegaram duas garrafas de uísque. Então foram num cinema de sessão dupla no Constitution da Rua Washington e assistiram perseguições de carro, e homens com armas automáticas. Quando saíram, às dez da noite, eles estavam bêbados.

Todas as quatro calotas do Ford haviam sido roubadas. George ficou puto, mesmo embora as calotas estivessem tão fodidas quanto o resto do carro. Então ele viu que alguém havia riscado seu adesivo VOTE NOS DEMOCRATAS com uma chave e começou a rir. Ele sentou no meio-fio, rindo até que as lágrimas descessem por suas pálidas bochechas.

— Roubado por um adorador de Reagan. — ele disse. — Puta que pariu.

— Talvez o cara que tenha estragado seu adesivo de cachaceiro tenha sido o mesmo que pegou suas calotas. — Blaze disse, sentando ao lado de George.

Sua cabeça estava zumbindo, mas era

um zumbindo bom. Um bom zumbido.

— Cachaceiro! — George berrou. Ele se curvou como se tivesse câimbra no estômago, mas ele estava berrando de tanto rir. Ele batia o pé sem parar. — Eu sempre soube que havia uma palavra para Barry Goldwater! Porra, Cachaceiro! — então ele parou de rir. Ele olhou para Blaze com olhos úmidos e solenes, e disse, "Blazer, eu acabei de me mijar".

Blaze começou a rir. Ele riu até cair de costas no meio-fio. Ele nunca rira tanto, nem mesmo com John Cheltzman.

Dois anos depois, George foi preso por passar cheques sem fundo. A sorte de Blaze o salvara novamente. Ele estivera se recuperando de uma gripe, e George estava sozinho quando os tiras o pegaram do lado de fora de um bar em Danvers. Ele pegou três anos—uma pena dura para um réu primário—mas George era um criminoso conhecido e o juiz era um escroto conhecido. Talvez até um cachaceiro. Acabou sendo vinte meses, com tempo cumprido e subtraído por bom comportamento.

Antes da sentença, George conversou com Blaze.

— Eu vou para Walpole, garotão. Um

ano pelo menos. Provavelmente mais.

— Mas seu advogado…

— O idiota não conseguiria defender o Papa de uma acusação de estupro.

Escute: você fique longe do Moochie’s.

— Mas Hank disse que se eu chegasse por lá, ele poderia…

— E fique longe de Hankie também. Arranje um emprego honesto até eu sair, é assim que você faz. Não vá tentar fazer nenhum golpe sozinho. Você é burro demais. Você sabe disso, não sabe?

— Sim. — Blaze disse, e sorriu. Mas ele teve vontade de chorar.

George viu isso e deu um soco no

braço de Blaze.

— Você vai ficar bem. — ele disse.

Então, enquanto Blaze saia, George o chamou. Blaze se virou. George fez um gesto impaciente na direção de sua testa. Blaze assentiu e virou a aba de seu boné para o lado da boa sorte. Ele sorriu. Mas pro dentro ele ainda estava com vontade de chorar.

Ele tentou seu velho emprego, mas era estranho demais, após sua vida com George. Ele saiu e procurou algo melhor. Por um tempo seu trabalho foi

de “lembrar” as pessoas de suas dívidas na Zona de Combate, mas ele não era bom nisso. Seu coração era bom demais.

Ele voltou para o Maine, arranjou um emprego cortando pinheiros, e esperou por George. Ele gostava do trabalho, e gostava de levar árvores de Natal par o sul. Ele gostava do ar fresco e dos horizontes quando não havia prédios altos para escondê-lo. A cidade era legal às vezes, mas a floresta era quieta.

Havia pássaros, e às vezes você via um cervo vagando pela lagoa, e seu coração derretia. Ele com certeza não sentia falta do metrô, ou da multidão empurrando.

Mas quando George lhe enviara uma nota curta—Saindo na sexta-feira,

espero vê-lo—Blaze voltou para Boston na mesma hora.

George aprendera uma nova sorte de golpes em Walpole. Eles tentaram cada um, como velhinhas testando novos carros. O maior sucesso foi o golpe do casal gay. Aquela merda seguiu como um trem por três anos, até que Blaze foi pego no que George chamara de “o golpe de Jesus”.

George aprendera mais uma coisa na prisão: a idéia de fazer um grande golpe e parar. Porque, ele disse a Blaze, ele não conseguia se ver gastando os melhores anos de sua vista paquerando veados em bares onde todos se vestiam como os caras do *The Rocky Horror*

Picture Show. Ou vendendo enciclopédias falsas. Ou realizando pequenos assaltos. Não, um grande golpe e depois eles parariam. Isto se tornou seu mantra.

Um professor de colegial, chamado John Burgess, preso por homicídio, havia sugerido um seqüestro.

— Está viajando! — George dissera, horrorizado. Eles estavam no pátio para se exercitarem, às dez horas, comendo bananas, e assistindo alguns idiotas com grandes músculos jogarem bola.

— Isso tem um nome feio porque é um crime de escolha para idiotas. — Burgess disse. Ele era um homem levemente careca. — Seqüestre um

bebê, esse é o bilhete premiado.

— É, como Hauptmann. — George disse, e se tremeu como se estivesse sendo eletrocutado.

— Hauptmann era um idiota. Diabos, Raspa, um seqüestre de bebê bem bolado dificilmente pode sair errado. O que a criança vai dizer quando eles perguntarem quem é o culpado? Gu-gu, da-dá? — ele riu.

— É, mas a polícia vem com força.

— Claro, claro. — Burgess sorriu e puxou a orelha, Ele era um grande e velho puxador de orelhas. — Vai haver polícia pesada. Seqüestros de bebês e assassinatos de policiais, sempre têm força pesada. Você sabe o que Harry

Truman disse sobre isso?

— Não.

— Ele disse que se você não pode agüentar a força, saia da cozinha.

— Não dá pra coletar o resgate. — George disse. — Mesmo se conseguir, o dinheiro estaria marcado. Seria pego na hora.

Burgess levantou um dedo como um professor. Então ele fez aquele gesto idiota de puxar a orelha, o que meio que estragou tudo.

— Você está assumindo que os tiras serão chamados. Se você assustar a família o bastante, eles vão negociar na surdina. — ele pausou. — E mesmo que o dinheiro esteja marcado… está me

dizendo que não conhece alguns caras?

— Talvez. Talvez não.

— Tem caras que compram dinheiro marcado. É apenas outro investimento para eles, como dinheiro, ou laços com o governo.

— Mas e coletar a grana… e quanto a isso?

Burgess deu de ombros. Ele puxou a orelha.

— Fácil. Faça com que joguem de um avião. — então ele se levantou e se afastou.

Blaze foi sentenciado a quatro anos pelo golpe de Jesus. George lhe disse que seria moleza se ele mantivesse o nariz limpo. Dois anos no máximo, ele disse, e dois foram o que acabou sendo. Aqueles anos lá dentro não foram muito diferentes do tempo que ele pagou depois de espancar A Lei; a diferença era que seus colegas de prisão eram mais velhos. Ele nunca foi para a solitária. Quando ele começava a fraquejar nas longas noites, ou durantes as horas intermináveis em que passavam presos sem os privilégios de se exercitarem, ele escrevia para George. Sua caligrafia era péssima, as letras grandes. Ele imaginou que enquanto

escrevia, George estava ao seu lado, lendo por cima de seu ombro.

— Lavandiria da prizão. — George diria. — Que merda.

— Está errado, George?

— P-r-i-s-ã-o, prisão. L-a-v-a-n-d-e-r-i-a, lavanderia. Lavanderia da prisão.

— Oh, certo.

Sua escrita e mesmo sua pontuação melhoraram, embora ele nunca tenha usado um dicionário.

Outra vez:

— Blaze, você não está usando seus cigarros. — isto foi durante a era dourada em que algumas das companhias de tabaco davam pequenos

maços para teste.

— Eu nem fumo, George. Você sabe disso. Eles apenas se amontoam.

— Ouça-me, Blazer. Pegue-os na sexta-feira, então os venda na próxima quinta, quando todo mundo estiver louco por um cigarro. É assim que você faz.

Blaze começou a fazer isto. Ele ficou surpreso com quantas pessoas pagariam por um cigarro que sequer te deixava doidão.

Outra vez:

— Você não parece bem, George. — Blaze disse.

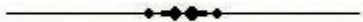
— Claro que não. Eu acabei de tirar quatro dentes. Dói como os diabos.

Blaze ligou para ele da vez seguinte em que tiveram privilégios telefônicos, sem ligar a cobrar, mas pagando com os trocados que ele ganhara vendendo cigarro no mercado negro. Ele perguntou a George como estavam seus dentes.

— Que dentes? — George disse irritado. — A porra do dentista provavelmente está os usando no pescoço como um *Ubangi*. — ele pausou. — Como sabia que eu os havia arrancado? Alguém lhe disse?

Blaze subitamente se sentiu como se estivesse para ser flagrado fazendo algo vergonhoso, como bater punheta em uma capela.

— É… — ele disse. — Alguém me

disse.

Eles se mudaram para o sul de Nova York quando Blaze saiu, mas nenhum dos dois gostou. George teve seu bolso afanado, o que ele tomou como uma afronta pessoal. Eles fizeram uma viagem para a Flórida e passaram um mês miserável em Tampa, quebrados e sem ganhar nada. Eles foram para o norte de novo, não para Boston, mas para Portland. George disse que ele queria passar o verão no Maine, e fingir que era um fodedor de Republicanos.

Não muito tempo após chegarem, George leu um artigo de jornal sobre os Gerards: como eram ricos, como o mais jovem Gerard acabara de se casar com uma moça bonita. A idéia de seqüestro de Burgess ressurgiu em sua mente— aquele grande golpe. Mas não havia bebê, não na época, então eles voltaram para Boston.

A tal coisa Boston-no-inverno, Portland-no-verão se tornou uma rotina pelos dois anos seguintes. Eles viajariam para o norte em alguma lata velha no começo de Junho, com o que quer que houvesse sobrado dos golpes de inverno, escondido no estepe: setecentos em um ano, dois mil no seguinte. Em Portland, eles faziam um

golpe, se o golpe se apresentasse por si só. De outro modo, Blaze pescava e às vezes colocava uma armadilha ou duas nas florestas. Esses foram verões felizes para ele. George deitava sob o sol e tentava pegar um bronzeado (inútil; ele apenas ficava queimado), lia os jornais, esmagava moscas, e torcia para que Ronald Reagan (a quem ele chamava de O Velho Papai Branquelo de Elvis) caísse morto.

Então, no dia 4 de Julho em seu segundo verão no Maine, ele percebeu que Joe Gerard III e sua esposa Armênia haviam se tornado pais.

Blaze estava jogando paciência na varanda da cabana, ouvindo o rádio.

George o desligou.

— Ouça, Blazer. — ele disse. — Eu tenho uma idéia.

Ele morreu três meses depois.

Eles estavam participando da jogatina de sempre, e nunca houvera nenhuma encrenca. Era um jogo honesto. Blaze não jogava, mas constantemente era a estrela do espetáculo. George era muito sortudo.

Em uma noite de Outubro, George ganhou seis vezes seguidas. O homem ajoelhado do outro lado do lençol

estendido no chão apostava contra ele toda vez.

Ele havia perdido quarenta dólares. O jogo acontecia em um armazém nas docas, e era cheio de odores: peixe velho, grão fermentado, sal, gasolina. Quando o lugar ficava quieto, dava para ouvir o taque-taque-taque das gaivotas andando pelo telhado. O homem que havia perdido quarenta dólares se chamava Ryder.

Ele clamava ser meio índio *Penobscot*, e ele parecia mesmo.

Quando George pegou os dados pela sétima vez, em vez de passá-los, Ryder jogou vinte dólares na linha de apostas.

— Vamos, dados. — George disse,

cantarolando. Seu rosto fino brilhava.

Seu boné estava virado para a esquerda. — Vamos dadões, vamos, vamos agora!

— os dados explodiram pelo lençol e somaram onze pontos.

— Sete seguidas! — George comemorou. — Pegue a grana, Blazerino, papai está pronto pra oitava. Oito, vamos molhar o biscoito!

— Você trapaceou. — Ryder disse. Sua voz era suave, observacional.

George congelou no ato de pegar os dados.

— O que você disse?

— Você mudou os dados.

— Ora, vamos, Ride. — alguém disse. — Ele não fez…

— Eu vou ter meu dinheiro de volta. — Ryder disse. Ele estendeu a mão para o lençol.

— Você vai ter um braço quebrado se não parar de merda. — George disse. — É isso o que você vai ter, Raio de Sol.

— Eu vou ter meu dinheiro de volta. — Ryder disse. Sua mão ainda estava estendida.

Era um daqueles momentos quietos agora, e Blaze podia ouvir as gaivotas no telhado: taque-taque-taque.

— Vá se foder. — George disse, e bateu na mão estendida.

Então tudo aconteceu rapidamente, como tais coisas o fazem. A rapidez é o que faz a mente bobinar e recusar. Ryder colocou sua mão brilhante de cuspe no bolso de seu jeans, e quando ela saiu, estava segurando um canivete. Ryder apertou o botão cromado no cabo de marfim falso, e os homens ao redor do lençol se afastaram.

George gritou: “Blaze!”.

Blaze atravessou o lençol na direção de Ryder, que se impulsionou com os calcanhares e colocou a lâmina no estômago de George. George gritou. Blaze agarrou Ryder e bateu sua cabeça contra o chão. Isso provocou um som de algo rachando, como o de um galho se quebrando.

George se levantou. Ele olhou para o cabo do canivete saindo de sua camisa. Ele o pegou, começou a puxar, então fez uma careta.

— Porra. — ele disse. — Oh, porra. — ele caiu sentado.

Blaze ouviu a porta bater. Ele ouviu pés correndo sobre tábuas ocas.

— Tire-me daqui. — George disse. Sua camisa amarela estava ficando vermelha ao redor do cabo do canivete. — Pegue a grana também… oh, Jesus como isto dói!

Blaze reuniu as notas espalhadas. Ele as enfiou nos bolsos com seus dedos, que estavam adormecidos. George arfava. Ele soava como um cão em um

dia quente.

— George, deixe-me tirá-la…

— Não, está maluco? Ela está segurando minhas tripas. Carregue-me, Blaze. Oh, puta que pariu, Jesus!

Blaze pegou George nos braços, e George gritou de novo. Sangue pingou na coberta e no cabelo negro brilhante de Ryder. Abaixo da camisa, a barriga de George estava dura como uma tábua. Blaze o carregou através do armazém, e então o levou para fora.

— Não. — George disse. — Você esqueceu o pão. Você nunca pega o maldito pão. — Blaze achou que George talvez estivesse falando da grana, e já ia começar a dizer que já a havia pegado,

quando George continuou… — E o salame. — ele começava a respirar muito rapidamente. — Eu peguei aquele livro, sabia.

— George!

— Aquele livro com a figura da… — mas então George começou a se engasgar com seu próprio sangue. Blaze o virou e bateu nas suas costas. Era tudo em que ele podia pensar em fazer. Mas quando ele virou George novamente, George estava morto.

Blaze o deitou nas tábuas do lado de fora do armazém. Ele recuou. Então voltou, e fechou os olhos de George. Ele recuou uma segunda vez, então voltou novamente, e se ajoelhou.

— George?

Nenhuma resposta.

— 'Cê morreu, George?

Nenhuma resposta.

Blaze correu o caminho todo até o carro, entrou e se postou atrás do volante. Ele gritou, dirigindo por seis metros.

— Devagar. — George disse do banco traseiro.

— George?

— Devagar, maldição!

Blaze desacelerou.

— George! Venha para frente! Suba ai! Espere, eu vou encostar.

— Não. — George disse. — Eu gosto daqui de trás.

— George?

— O que é?

— O que nós vamos fazer agora?

— Pegar o garoto. — George disse. — Assim como planejamos.

CAPÍTULO 23

QUANDO BLAZE DESEMBESTOU para fora da pequena caverna, aos tropeços, ele não tinha idéia de quantos homens estavam lá fora. Dúzias, ele supôs. Não importava. A pistola de George caiu de seu cinturão, e isso não importou, tampouco. Ela afundou na neve enquanto ele atacava o primeiro cara que via. O cara estava deitado na neve a uma pequena distância, equilibrado nos cotovelos e segurando uma arma com ambas as mãos.

— Mãos pra cima, Blaisdell! Fique parado! — Granger berrou.

Blaze pulou em cima dele.

Granger teve tempo de disparar duas vezes. O primeiro tiro raspou o antebraço de Blaze. O segundo não acertou nada, exceto a tempestade de neve.

Então Blaze lançou todos os seus cento e vinte quilos em cima do cara que havia machucado Joe, e a arma de Granger saiu voando. Granger berrou enquanto os ossos de sua perna quebrada batiam um contra o outro.

— Você acertou o garoto! — Blaze gritou para o rosto aterrorizado de Granger. Seus dedos encontraram a garganta de Granger. — Você acertou o garoto, seu filho da puta estúpido, você

acertou o garoto, acertou o garoto, acertou o garoto!

A cabeça de Granger estava pulando e assentindo agora, como se para dizer que havia entendido, que estava captando a mensagem. Seu rosto ficara púrpuro. Seus olhos estavam saindo das órbitas.

Eles estavam vindo.

Blaze parou de esganar o cara e olhou em volta. Ninguém à vista. As florestas estavam silenciosas, exceto pelo vento e o leve assobio que a neve fazia enquanto caía.

Não, havia outro som. Era Joe.

Blaze correu de volta para a caverna. Joe estava rolando, chorando, e socando

o ar. A lasca de rocha voadora fizera mais estrago do que quando ele caíra do berço; sua bochecha estava coberta de sangue.

— Maldição! — Blaze choramingou.

Ele pegou Joe, limpou sua bochecha, o enfiou no envelope de cobertores de novo, e colocou seu boné na cabeça do bebê, cobrindo-o. Joe soluçou e berrou.

— Temos que correr agora, George. — Blaze disse. — Fuga à toda velocidade. Certo?

Nenhuma resposta.

Blaze saiu da caverna segurando o bebê contra o peito, ele se virou na direção do vento, e saiu correndo,

seguindo em frente, para a estrada de cascalho fora do mapa.

— Onde Corliss o deixou? — Sterling arfou para Franklin. Os homens pararam no limite da floresta, respirando com dificuldade.

— Lá embaixo. Eu posso achá-lo. — Franklin apontou.

Sterling se virou para Bradley.

— Chame seu pessoal. E o Xerife do Condado de Cumberland. Eu quero aquela estrada de cascalho cercada pelos dois lados. O que há do outro lado

se ele escapar?

Bradley latiu uma risada.

— Nada, exceto o Rio Royal. Gostaria de vê-lo escapar dessa.

— Ele está congelado?

— Claro, mas não o bastante para se andar em cima.

— Certo. Vamos pressionar. Franklin, você vai pela frente. Fique perto. Este cara é muito perigoso.

Eles se moveram pelo primeiro declive. Quarenta e cinco metros pelas florestas, Sterling descobriu uma figura cinza-azulada encostada contra uma árvore. Franklin chegou lá primeiro.

— Corliss. — ele disse.

— Morto? — Sterling perguntou, juntando-se a ele.

— Oh, sim. — Franklin apontou os rastros que agora eram pouco mais do que sulcos vagos.

— Vamos indo. — Sterling disse. Desta vez ele tomou a dianteira.

Eles acharam Granger cinco minutos depois. As marcas em sua garganta tinham pelo menos dois centímetros de profundidade.

— O cara deve ser um bruto. — alguém disse.

Sterling apontou para a neve.

— Há uma caverna ali. Estou quase positivo. Talvez ele tenha deixado o

garoto.

Dois Patrulheiros Estaduais correram pelo ponto triangular sombreado.

Um deles parou, se inclinou, e pegou algo na neve. Ele a segurou.

— Uma arma! — ele gritou.

Como se o resto de nós estivesse cego, Sterling pensou.

— Deixe a maldita arma de lado, procure o garoto! E tenha cuidado!

Um deles se ajoelhou, usou a lanterna, então engatinhou seguindo o feixe.

O outro se inclinou, mãos no joelho, e ficou escutando, então se virou para Sterling e Franklin.

— Não está aqui!

Eles viram os rastros que saíam da caverna, indo na direção da estrada de cascalho, antes mesmo que o Patrulheiro, que havia entrado na caverna, houvesse saído de novo. Elas eram pouco mais do que sulcos vagos na neve, que caía rapidamente.

— Ele não pode ter mais do que dez minutos de vantagem. — Sterling disse para Franklin. Então ele levantou a voz. — Espalhem-se! Vamos cercá-lo naquela estrada!

Eles correram rapidamente, com Sterling seguindo os rastros de Blaze.

Blaze correu.

Ele seguiu em saltos trôpegos, lutando contra emaranhados de arbustos, ao invés de tentar achar um caminho em volta, segurando Joe, e tentando protegê-lo dos galhos pontiagudos. A respiração rasgava seus pulmões. Ele ouviu um fraco grito atrás dele. O som daquelas vozes encheu Blaze com pânico.

Joe chorava, lutava, e tossia, mas Blaze o segurava firme. Só um pouco mais, um pouco mais, e eles sairiam na estrada. Haveria carros lá. Carros de polícia, mas ele não se importava com isso. Enquanto houvesse chaves neles.

Ele dirigiria o mais longe e o mais rápido que pudesse, então abandonaria a viatura e pegaria outro carro. Um caminhão seria bom. Estes pensamentos vieram e se foram em sua cabeça como grandes desenhos animados.

Ele atravessou um pântano onde o gelo fino que cercava a terra, coberta de neve, cedia e o deixava pisando na frígida água, até os calcanhares. Ele continuou a ir, e chegou a uma parede alta de espinheiros. Ele atravessou, apenas se virando de costas para proteger Joe. Um deles enganchou o boné que Joe usava, e o impulsionou na direção do pântano. Não havia tempo para pegá-lo.

Joe olhou em volta, seus olhos estavam

abertos de terror. Sem o boné para deixar o ar quente na frente de seu rosto, ele começou a tossir mais forte. Agora seu choro soava fraco. Atrás deles, a fraca voz azulada da lei berrava outra coisa.

Não importava. Nada importava, exceto chegar à estrada.

A terra começou a subir. A caminhada se tornou um pouco mais fácil, Blaze apressou o passo, correndo para salvar sua vida. E a de Joe.

Sterling também seguia à toda, e ele

havia se distanciado trinta metros dos outros. Ele estava ganhando terreno. E por que não? O grande bastardo estava quebrando a trilha para ele. O walkie em seu cinto crepitou. Sterling o pegou, mas não desperdiçou fôlego, apenas segurou a tecla de chamada.

— Aqui é Bradley, câmbio?

— Sim. — Isso foi tudo. Sterling precisava do resto de seu fôlego para correr. O pensamento mais coerente em sua mente, subjugando os outros como um grande filme vermelho e brilhante, era a noção de que aquele puto homicida havia matado Granger. Ele havia matado um Agente.

— O Xerife do Condado colocou

unidades na estrada de cascalho, chefe.

A Polícia Estadual vai dar cobertura o mais rápido possível. Câmbio.

— Bom. Câmbio final.

Ele continuou a correr. Cinco minutos mais tarde, alcançou um boné vermelho caído na neve. Ele o enfiou no bolso do casaco e continuou a correr.

Blaze lutou pelos últimos cinqüenta metros acima até a estrada de cascalho, como se fosse levado pelo vento. Joe não chorava mais; ele não tinha mais fôlego para gastar com choros. A neve

decorava seus cílios e suas pestanas, fazendo-as pesar.

Blaze cedeu duas vezes, ajoelhando-se a cada vez, segurando seus braços contra seu corpo para aquecer o bebê. Finalmente ele atingiu o topo. E bingo.

Havia pelo menos cinco viaturas da Polícia Estadual vazias, estacionadas na estrada.

Abaixo dele, Albert Sterling surgiu das florestas, e olhou para a inclinação que Blaze acabara de subir. E maldição, lá estava ele. Lá estava o grande bastardo, finalmente.

— Pare, Blaisdell, FBI! Pare e coloque as mãos pra cima!

Blaze olhou por cima do ombro. O tira

parecia pequeno dali. Blaze se virou e correu para a estrada. Ele parou na primeira viatura e olhou lá dentro.

Uma vez mais, bingo. As chaves estavam penduradas na ignição. Ele estava para colocar Joe no assento ao lado do livrinho de anotações do policial quando ele ouviu um motor acelerar. Ele se virou e viu uma viatura branca virando na estrada, em sua direção. Ele se virou para o outro lado, e viu outra.

— George! — ele gritou. — Oh, George!

Ele apertou Joe contra ele. A respiração do bebê estava muito rápida e fraca agora, do mesmo jeito que a de

George, quando ele fora apunhalado por Ryder. Blaze bateu a porta do carro da Polícia Estadual, e deu a volta no capô.

Um policial da delegacia do Condado de Cumberland se inclinou para fora do carro que estava vindo pelo norte. Ele tinha um megafone seguro em uma mão enluvada.

— Pare, Blaisdell! Acabou! Fique onde está!

Blaze cruzou a estrada, e alguém atirou nele. Neve voou à sua esquerda.

Joe começou a soltar uma série de soluços engasgados.

Blaze correu para o outro lado da estrada, dando saltos gigantes. Outra bala passou zunindo ao lado de sua

cabeça, arrancando lascas e uma tora da lateral de uma árvore. No fundo, ele tropeçou em um tronco escondido pela neve fresca. Ele caiu em um escorrego, o bebê abaixo dele. Ele lutou para se equilibrar e limpou a cara de Joe. Ela estava coberta de neve.

— Joe! Você está bem?

Joe soltava ásperas e convulsivas tosses. Cada uma parecia mais envelhecida do que a outra.

Blaze correu.

Sterling alcançou a estrada e a

atravessou. Um dos carros do Xerife do Condado havia freado e parado em um desvio ao lado mais longínquo. Os policiais estavam do lado de fora e parados lá, olhando para baixo, com as armas apontadas.

As bochechas de Sterling estavam esticadas, e suas gengivas estavam frias, então ele supôs que estava sorrindo.

— Pegamos o bastardo.

Eles descerram correndo o banco de neve.

Blaze desviou de um esqueleto de

álamo em cinzas. Do outro lado, tudo se abria. As árvores e mato sumiam. Havia uma linha chata e branca a sua frente, e isso era o rio. No lado mais longínquo, massas verdes-acinzentadas de espruces e pinheiros marchavam na direção de um horizonte sufocado pela neve.

Blaze começou a andar pelo gelo. Ele deu nove passos antes do gelo quebrar, fazendo-o ficar na água gélida até as coxas. Lutando para respirar, ele voltou para o banco e o subiu.

Sterling e dois policiais surgiram atrás do último grupo de árvores.

— FBI. — Sterling disse. — Abaixe o bebê na neve, e recue.

Blaze virou à direita e começou a

correr. Sua respiração estava quente e difícil de sair pela garganta. Ele procurou um pássaro, qualquer pássaro acima do rio, e não viu nenhum. O que ele viu foi George. George estava parado setenta metros, mais ou menos, à frente. Ele estava quase totalmente obscurecido pela neve, mas Blaze podia ver seu boné, virado para o lado esquerdo—o lado da boa sorte.

— Vamos, Blaze! Venha, sua maldita tartaruga! Faça-os comer neve!

Mostre a eles como fazemos as coisas, maldição!

Blaze correu mais rápido. A primeira bala o atingiu na panturrilha direita.

Eles estavam atirando baixo para

proteger o bebê. Isso não o fez diminuir a marcha; ele sequer sentiu. A segunda atingiu a parte de trás de seu joelho, e explodiu sua rótula em um borrifo de sangue e fragmentos de ossos. Blaze não sentiu isso. Ele continuou a correr. Sterling diria mais tarde que ele nunca teria achado isso possível, mas o bastardo simplesmente continuava a correr. Como um alce perseguido.

— Ajude-me, George! Estou encrencado!

George se fora, mas Blaze podia ouvir sua voz áspera—ela chegou até ele pelo vento.

— É, mas você está quase lá. Manda ver, baby.

Blaze lançou-se em sua corrida derradeira. Ele estava ganhando terreno.

Ele estava passando sua segunda marcha. Ele e Joe iriam escapar, afinal de contas. Essa passara perto, mas tudo acabaria bem. Ele olhou para o rio, apertando os olhos, tentando ver George. Ou um pássaro. Apenas um pássaro.

A terceira bala o atingiu na nádega direita, angulou-se, e quebrou seu quadril, a bala também se partiu. O pedaço mais largo virou à esquerda e rasgou seu intestino grosso. Blaze tropeçou, quase caiu, e então continuou a correr.

Sterling estava em um joelho, com sua

arma em ambas as mãos. Ele mirou rapidamente, quase sem pensar. O truque era não se deixar pensar demais. Você tinha que confiar na coordenação dos seus olhos e de suas mãos, e deixar que o trabalho fosse feito.

— O trabalho de Jesus. Sua vontade. — ele disse.

A quarta bala—a primeira de Sterling—atingiu Blaze no pé da coluna, ferindo sua espinha. A sensação foi de ser socado por uma mão gigante em uma luva de boxe, bem acima dos rins. Ele caiu, e Joe voou de seus braços.

— Joe! — ele choramingou, e começou a se arrastar com os cotovelos. Os olhos de Joe estavam abertos; o bebê estava

olhando para ele.

— Ele vai pegar o garoto! — um dos policiais gritou.

Blaze alcançou Joe com uma mão larga. A mão de Joe, procurando por qualquer coisa, a encontrou. Os pequeninos dedos se envolveram ao redor do polegar de Blaze.

Sterling parou atrás de Blaze, arfando. Ele falou baixo, para que os policiais não pudessem ouvi-lo.

— Isto é por Bruce, doçura.

— George? — Blaze disse, e então Sterling puxou o gatilho.

CAPÍTULO 24

Fragmentos de uma conferência de imprensa realizada em 10 de Fevereiro:

P: Como está Joe, Sr. Gerard?

Gerard: Os doutores dizem que ele vai ficar bem, graças a Deus. Ele ficou sob risco por um tempo, mas a pneumonia se foi agora. Ele é um lutador, não há dúvidas sobre isso.

P: Algum comentário sobre o modo como o FBI cuidou do

caso?

Gerard: Pode apostar. Eles fizeram um bom trabalho.

P: O que você e sua esposa vão fazer agora?

Gerard: Nós vamos para Disneylândia!

[Risadas]

P: Fala sério.

Gerard: Eu quase falei sério! Assim que os doutores derem alta

para Joey, vamos tirar férias. Algum lugar quente, com praias. Então, quando chegarmos em casa, vamos trabalhar para esquecermos este pesadelo.

Blaze foi enterrado em South Cumberland, a menos de dezesseis quilômetros do Lar Hetton, e mais ou menos à mesma distância de onde seu pai o jogara escada abaixo. Como a maioria dos indigentes do Maine, ele foi enterrado na cidade. Não houve sol naquele dia, nem pessoas de luto. Exceto pelos pássaros. Corvos, em sua maioria.

Próximo aos cemitérios da cidade, sempre havia corvos. Eles vinham, sentavam nos galhos, e então voavam, para onde quer que os pássaros fossem.

Joe Gerard IV jazia deitado atrás de uma chapa de vidro, em um berço de hospital. Ele estava bem de novo. Sua mãe e seu pai voltariam neste mesmo dia para levá-lo para casa, mas ele não sabia disso.

Ele ganhara um novo dente, e sabia disso; doía. Ele deitou de costas e olhou para os pássaros acima de seu berço.

Eles estavam presos em arames, e voavam sempre que um sopro de vento os mexia. Eles não estavam se mexendo agora, e Joe começou a chorar.

Um rosto se inclinou sobre ele, e uma voz começou a falar. Era o rosto errado, e ele começou a chorar mais alto.

O rosto sugou o ar e soprou os pássaros. Os pássaros começaram a voar.

Joe parou de chorar. Ele assistiu os pássaros. Os pássaros o faziam rir. Ele se esqueceu dos rostos errados, e ele se esqueceu da dor de seu novo dente. Ele assistiu os pássaros voarem.

{1} Ao dizer isso, eu imagino que você seja como eu, e raramente senta para almoçar— ou mesmo fazer uma boquinha, sem o livro que você está lendo atualmente à mão.

{2} Com esta exceção: Bachman, escrevendo sob o pseudônimo de John Swithen, vendeu uma simples história de crime chamada "A Quinta Quarta Parte".

{3} Agora fora de circulação, isso é uma coisa boa.

{4} A novela de Bachman que seguiu estas foi *A Maldição do Cigano*, e não é de se admirar que foi por causa dela que eu fui descoberto, já que ela na verdade foi escrita por Stephen King—a horrorosa foto do autor na traseira do livro não enganou ninguém

{5} Eu acredito que eu seja o único autor na história da literatura Americana cuja carreira foi baseada em papel higiênico; essa parte de meu legado literário parece segura.

{6} Eu tive a mesma reação com *Homem Comum*, de Philip Roth, *Jude - o Obscuro*, de Thomas Hardy, e *O Guardião de Memórias*, de Kim Edwards—em certo ponto enquanto lia estes livros, eu simplesmente comecei a rir, acenei com as mãos, e berrei: "Tragam o câncer! Tragam a cegueira! Ainda não tivemos essas!"

{7} Não em um baú de verdade; numa caixa de cartolina.

{8} Novelas cujos temas são sempre violência, sexo, e crimes.

{9} Uma dama com encrenca em seus olhos. E êxtase, presumivelmente, em suas calças.

{10} Também uma viagem no tempo aos dias das velhas e péssimas brochuras. Agora que eu penso a respeito.

{11} Em minha carreira eu consegui perder não uma, mas duas novelas-em-progresso boas. Under the Dome tinha apenas 50 páginas na

época em que desapareceu, mas The Cannibals tinha mais de 200 páginas na época em que se perdeu. Não havia cópias delas tampouco. Isso foi antes dos computadores, e eu nunca usei carbono para os primeiros esboços—parecia arrogante, de algum modo.

{12} E, é claro, é uma homenagem a *Ratos e Homens*—meio difícil não perceber isso.

{13} Púrpuro, pulsante, e pintado.

{14} Para saber mais sobre a Fundação Haven, você pode ir ao meu site, http://www.stephenking.com.

{15} Eu não gostei da idéia de Clay Blaisdell crescendo em uma América pós-Segunda Guerra Mundial; tudo isso pareceu impossivelmente antigo, embora parecesse (e provavelmente era) certo em 1973, enquanto eu ainda o escrevia no trailer, onde eu e minha esposa morávamos com nossas duas crianças.

{16} Se eu o houvesse escrito hoje, certamente

celulares e identificadores de chamadas teriam que ser levados em consideração.